



ERA UMA VEZ UM BEIJO



TANYA ANNE CROSBY

TÂNIA NEZIO

ERA UMA VEZ UM BEIJO

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Elogios ao livro](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Sobre a Autora](#)



Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser usada ou reproduzida ou transmitida de qualquer maneira, por via eletrônica, por via impressa, ou de qualquer outra forma, sem a permissão prévia e por escrito de Oliver-Heber Books e de Tanya Anne Crosby, exceto no caso de breves citações, comentários e críticas.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

COPYRIGHT © Tanya Anne Crosby

Publicado por Oliver-Heber Books

[Created with Vellum](#)

Para o amor e todas as coisas que florescem a partir dele.

ELOGIOS AO LIVRO

RT Book Reviews Candidato a ROMANCE HISTÓRICO DO ANO

4 ½ Gold e Prêmio K.I.S.S.

"...um romance de primeira classe escrito por um autor de primeira classe."

RT Book Reviews

5 ESTRELAS!

Heartland reviews

"Era Uma Vez Um Beijo... vai conquistar o seu coração."

Medieval Chronicle

"Os personagens de Crosby mantêm os leitores envolvidos..."

Publishers Weekly

"Tanya Anne Crosby nos mostra uma época boa e realiza isso com humor, com

uma estória gostosa e a quantidade certa de romance."

The Oakland Press

"Um romance cheio de encanto, paixão e intriga..."

Affaire de Coeur

"Ms. Crosby mistura a quantidade certa de humor e amor...

Fantástico, tentador!"

Rendezvous

"Tanya Anne Crosby escreveu um conto que tocará sua alma e viverá para sempre em seu coração."

Sherrilyn Kenyon #1 NYT - Autor de Best-sellers

"Ela tem sido minha rainha de ficção histórica, por mais de duas décadas, e ela ainda me deixa sem fôlego e querendo mais!"

Barb Massabrook, leitor desde 1992

"Em alguns momentos seu coração vai vibrar... e você vai torcer e rir."

Leah Weller, leitora desde 1993

"Deus me ajude, estou admirado que este homem digno tenha decidido informar a meu marido da sua vergonha e sua desonra, por sua esposa ter tido dois filhos. Ambos ficaram com vergonha por causa

disso, pois sabemos o que está em questão aqui: nunca aconteceu de uma mulher ter dado à luz a dois filhos ao mesmo tempo, nem nunca vai acontecer, a menos que dois homens sejam a causa disso."
"

Marie de France, le fresne

1

Inglaterra, Reinado de Stephen

Era um pecado mortal.

Cobiçar a mulher do irmão.

Não que eles já estivessem casados ... mas logo eles estariam, e ele não tinha nenhum direito a

deixar seu coração arder como ele estava.

Era o carmesim que ela estava usando, ele disse para si mesmo, era isto que o incendiava.

Dominique Beauchamp estava flamejante enquanto saía pelos portões em seu pequeno palafrém (1).

Seu vestido era carmesim; seu manto, carmesim; seus lábios, tão suntuosos quanto à jóia de rubi que ela usava em seu peito. E o cabelo dela... queimava como um cobre cintilante ao final da tarde de sol, uma juba gloriosa que desafiava todas as regras. Como uma fada encantada, tudo nela parecia refletir luz a cada passo do seu cavalo.

Contra a vontade dele, seu corpo se acelerou com a visão dela.

Ela era ousada, ele decidiu com um estremecimento. Muito ousada. Por que ela iria montar tão

destemidamente no meio deles? O que ela esperava ganhar? Fosse o que fosse, era algo mais, ele estava certo.

Ele sentiu que ela era perigosa.

Ainda assim ele a cobiçava, e pela primeira vez em sua vida, ele cobiçava o lugar do irmão —

mas só por um momento e então ele atirou este pecado imperdoável para um poço profundo dentro

de sua alma.

Endurecendo o coração dele contra ela, Blaec d'Lucy lançou um olhar para seu irmão,

examinando a reação de Graeham para a mulher que tinha suscitado uma reação tão profunda nele.

Graeham estava impassível, aparentemente parecendo não ter sido afetado pela criatura que andava tão orgulhosamente em seu domínio, parecendo como um sacrifício pagão.

Será que ela se sentia um sacrifício?

Ele se perguntou, desejando que ele soubesse precisamente o que estava na mente do irmão. O

rosto de Graeham revelava apenas um ligeiro mal-estar. Por sua parte, Blaec não podia evitar em se perguntar como ele reagiria se ele percebesse que hoje estava recebendo uma noiva por permuta.

Impaciente? Duvidoso? Desconfiado?

Certamente não indiferente.

Se ele tivesse recebido seu lugar de direito como herdeiro... ela, na verdade, seria dele.

Sim, ele sabia. Ele sabia há muito tempo. Confidências eram raramente particulares com tantos

ouvidos atentos. E ainda assim não importava para ele ser o primogênito meramente por uma questão

de momentos, e se ele se sentia ferido era apenas por uma coisa, o simples fato de que seu pai o tinha deserdado. Não somente ele o tinha despojado de seu direito de primogenitura, mas ele tinha passado toda a sua vida sem a bênção de seu pai. Mas não importava. Ele valorizava o irmão dele e tinha jurado servir Graeham e ele iria servi-lo até o seu último suspiro.

Se qualquer raiva permanecia era o simples fato de que seu pai havia feito uma injustiça para Graeham, colocando-o como líder, pois seu irmão não sabia nada de guerra, apesar de seus anos de

formação de batalha, ou sequer tinha desejo de ir para a batalha. Só uma coisa era certa: Graeham

precisava dele. Deus sabia a verdade, que o tolo não sabia lutar. Seu irmão gêmeo nunca teria sobrevivido tanto tempo sem ele, e Blaec há muito tempo tinha como propósito de vida proteger Graeham a qualquer custo.

Se aprumando, ele se virou para ver a mulher cavalgando em direção a eles, seus ombros retos,

sua postura ereta, seus olhos — ela estava perto o suficiente agora e ele podia ver sua cor — um azul profundo.

E brilhantes... como se estivesse com lágrimas.

Relutante, foi o pensamento que primeiro veio à sua mente, e seu olhar se deslocou para o homem que cavalgava ao lado dela em cima de sua própria montaria, sua vestimenta tão luxuosa quanto à dela... e depois olhou de novo para ela.

Sim, ele decidiu relutantemente que ela tinha vindo fazer o que o irmão dela queria.

No entanto... ela tinha vindo, e com esse pensamento veio uma onda de rancor.

Na verdade, ele não confiava nela. Com certeza, ele não confiava no traidor do seu irmão.

Como seu pai antes dele, William Beauchamp era uma pessoa para se suspeitar — apesar dele ter

oferecido a paz entre eles. Especialmente quando ele tinha oferecido sua jovem irmã no acordo.

Graeham foi insensato em pensar que tudo ia acabar tão simplesmente. Estes dois estavam envolvidos em alguma intriga, e por Deus, tudo o que eles procuravam Blaec ia descobrir. Isto, ele jurou tão veementemente como ele tinha feito — ao se recusar a — cobiçar a noiva do seu irmão.

Um arrepio correu pela espinha de Dominique quando viu a fortaleza diante dela.

Esta, então, é que seria a sua prisão?

Com sua aproximação Drakewich parecia animada com os preparativos para sua chegada —

uma enxurrada de movimentos nos muros do castelo — só agora que eles estavam dentro da fortaleza, parecia um lugar mais ameaçador do que Londres tinha sido para a Imperatriz Matilda — e ela tinha sido expulsa da cidade por uma horda raivosa! Nem uma alma apareceu, para saudá-los nem

para desprezá-los, embora por este último, pelo menos, ela estava grata. Nem a torre de menagem (2) em si parecia uma coisa formidável, com suas escuras e altas janelas da torre. Ela não se admirava de William ter procurado esta aliança; nunca na vida dela ela tinha visto Drakewich, e a fortaleza de pedra parecia tão grande e tão impenetrável, por dentro e por fora.

Ela realmente tinha pensado que seria modesta? Ela tinha ousado considerar Amdel igual?

Inclinando-se discretamente para o irmão dela, ela murmurou, "eles parecem tão inóspitos..."

"Parecem?" William respondeu.

Ela olhou-o incrédulo. Santa Maria, mas como ele podia não ter reparado na recepção inóspita?

Mesmo fora dos muros, os camponeses mantiveram uma vigília silenciosa nos portais de suas casas

de sapê e cal.

Franzindo a testa, William a repreendeu. "Você se preocupa demais, Dominique".

"Não, William!" Ela deu-lhe um olhar desesperado. "E se eles não me aceitarem?"

O olhar em seu bonito rosto era de divertimento, ao invés de preocupação. "Você não esperava

que eles fossem te receber de braços abertos?"

"Não, mas —"

"Fique calada. Prometo que vai mudar com o tempo," ele disse sensibilizado, dispensando seu protesto de uma vez por todas. Ele deu-lhe uma piscadela conspiratória. "Agora pare de ficar preocupada, minha irmã."

Dominique assentiu com a cabeça, prendendo o lábio entre os dentes, reconhecendo o seu tom.

Para não despertar sua ira, ela parou de uma vez e só podia esperar que ele estivesse certo.

Instintivamente, seu olhar se desviou em direção a área em volta da torre de menagem, atraída pela figura de um homem que estava lá em pé, sua postura orgulhosa e seu semblante sombrio, e ela engoliu convulsivamente, reconhecendo-o no mesmo instante — o Dragão Negro. Ele estava

inconfundivelmente vestido de preto. Por Deus, ela tinha tentado não imaginá-lo quando pensava sobre esta união, tentando não

pensar nele, mas vendo-o agora ela bem podia acreditar em todas as

estórias que já tinha ouvido sobre sua fúria nas batalhas.

E muitas outras.

Embora ele parecesse estar desarmado, ele usava armadura e calções com meias, e para ela ninguém poderia parecer mais pronto para uma batalha. Ela tentou em vão não ficar boquiaberta, mas ali de pé, examinando sua chegada, ele a lembrava dos bárbaros invasores viking das lendas, sua postura ameaçadora mesmo em seu silêncio.

Cheia de ansiedade, ela deu outro olhar para seu irmão e encontrou-o olhando para ela com prudência. William sorriu em encorajamento, e pânico correu através dela. Não haveria nenhuma salvação, ela sabia. Ele cobiçava isso há muito tempo.

Com todo o seu coração, ela queria dar meia volta e fugir antes que eles pudessem baixar a ponte levadiça, antes de a prenderem para sempre, mas ela simplesmente retornou o sorriso de William, lembrando-se que ela fazia isso por ele. Por ele e para a paz, ela lembrou-se, tentando desesperadamente acalmar o implacável batimento dentro do seu peito.

QUANTO TEMPO TINHA PASSADO desde que William tinha sorrido tão sinceramente? Ela repreendeu a si

mesma. A verdade era que ele raramente sorria e agora — agora que ele tinha encontrado um motivo

— bem, ela não podia falhar com ele. Ela o observou por um instante e soube que isto, sem dúvida,

era a coisa certa a fazer.

Não, ela não falharia com ele.

Resolutamente ela pensou sobre o futuro dela, aconselhando-se que era isso que ela também queria. Afinal de contas, já fazia muito tempo — muitas batalhas travadas, muita morte e muita inimizade. Ela, também, queria que tudo acabasse de uma vez — por causa de William, pelo bem de

sua alma, assim como da sua própria alma. Se seu irmão estava disposto a fazer uma trégua, então,

ela também estava. Há muito tempo essa vingança o consumia.

Mesmo assim ela estava tremendo... Porque como poderia haver paz na toca do Dragão? O

pensamento atormentava-a enquanto ela cavalgava na direção do seu noivo.

"Sorria Dominique," William comandou através dos dentes cerrados. Ela se virou abruptamente para encontrá-lo inclinado discretamente para ela. "Sorria," ele ordenou para ela mais uma vez.

"Parece que você está cavalgando em direção a sua morte!"

Talvez fosse porque ela se sentia deprimida, mas Dominique fez um esforço por causa de William. "Eu... eu estava apenas procurando Lord Graeham," ela mentiu, tentando parecer ansiosa.

"Por acaso você o viu?"

William deu-lhe um olhar de lado. Seus olhos azuis, assim como os dela, a sondando, e então suas sobrancelhas franziram, com um aceno discreto, para o mesmo lugar que Dominique estava olhando. "Lá," ele falou, levantando o queixo levemente e olhou na direção do infame Dragão Negro.

"De pé ao lado seu irmão de coração negro."

Os olhos de Dominique se arregalaram, pois ele falou de um modo carinhoso. Com um suspiro

sufocado, ela olhou diretamente para o homem que estava ao lado do Dragão. Santa Maria, como ela

podia não tê-lo visto?

Ao lado do infame Dragão, o seu prometido, Graeham d'Lucy, segundo Conde de Drakewich, era quase imperceptível. Em contraste com a escuridão do seu irmão, ele era incolor: apesar de seu cabelo claro queimado pelo sol, ter uma cor que muitos cobijavam. E sua pele, embora escura, fosse pálida em comparação com a do seu irmão. Bem apessoado, apesar de suas características ao

lado de seu irmão cruel fazê-lo parecer um garoto e não um homem, porque a aparência do Dragão

em contraste era dura, com seu cabelo preto até o ombro e sua altura imponente.

Ao lado dela, a voz de William estava macia, pensativa, quando ele observou, "Eu pensei que você já o tinha visto? Você já ficou tempo suficiente boquiaberta."

Sua observação pareceu condená-la de alguma forma, e as bochechas dela se aqueceram

ferozmente. Desviando o olhar, ela alisou seu vestido dourado com as mãos trêmulas. Para seu alívio, ela foi poupada em responder por que naquele instante Graeham d'Lucy começou a avançar para recebê-los. O Dragão, por outro lado, ficou parado onde estava. Sua expressão, ela observou, era tão grave como as dos camponeses de Drakewich, que os observava das soleiras de suas portas. De

repente, uma terrível sensação de mau agouro se abateu sobre ela, mas ela inalou profundamente, e

olhou em direção do seu noivo.

"Boas-vindas!" Graeham exclamou quando parou diante deles. Sua montaria recuou um pouco, e

ela se sentiu aliviada, retornando a saudação de Graeham com um sorriso. Seu cabelo pálido despenteado suavemente pela brisa, enquanto ele lhe sorria. Seu irmão, por outro lado — bem, ela se recusava a olhar para ele de novo, se recusava até a pensar nele. Levantando levemente o queixo, ela continuou a sorrir serenamente para Graeham, apesar do fato de que ela nunca na vida tinha se sentido tão pouco à vontade.

"Meu senhor," ela disse, dando uma graciosa inclinação de cabeça. Discretamente, ela limpou as palmas da mão em seu vestido.

Ele retribuiu o aceno e virou-se para William. "Bem-vindo, Beauchamp," ele disse. "Apesar de que nós não esperávamos você."

Parecia haver uma pergunta na sua declaração, e o rosto de William se transformou em uma carranca. "O que você disse? Meu mensageiro não chegou a Drakewich?"

Houve um momento de silêncio tenso enquanto Graeham olhou rapidamente em direção a seu irmão — o Dragão abanou a cabeça, quase imperceptivelmente — e em seguida Graeham respondeu

com uma nota de preocupação genuína. "Ele não chegou. Quando você o despachou?"

William imediatamente desmontou, com uma expressão grave quando ficou de pé diante de

Graeham d'Lucy. Ele olhou para Dominique. "Mais ou menos no meio da manhã, eu diria?"

Dominique pensou que talvez ele pudesse estar à procura de confirmação, mas no instante em que seus lábios se separaram para falar, as sobrancelhas dele se uniram em reprovação. "Talvez ele tenha encontrado alguns bandidos?" ele falou, com crescente angústia. "Ouvi falar que ultimamente você está tendo com problemas com eles?"

As sobrancelhas de Dominique se levantaram enquanto ela inspecionava sua comitiva, querendo

saber quem era o homem que o irmão dela tinha enviado para anunciar a chegada dele. Ninguém estava faltando, que ela pudesse se recordar. No entanto, se William alegou que ele tinha enviado um mensageiro, certamente ele tinha enviado um mensageiro. Que razão ele teria para mentir sobre algo tão trivial?

"William," ela ousou dizer, esperando não perturbá-lo, "se o arauto tivesse sido atacado pelos bandidos, você não acha que haveria sinais de violência ao longo do caminho? Nós não vimos nenhum," ela disse.

Como fogo azul, o olhar de William se deslocou para encontrar o dela, seus olhos brilhantes irados — apesar dela não saber por que. Talvez ele temesse ter perdido outro homem quando Amdel

não podia ter mais uma perda. E ainda assim para sua perplexidade, ele simplesmente olhou para ela por um longo momento, como se a alertasse para ficar calada. Ela inclinou a cabeça,

silenciosamente, questionando o que foi que ela tinha dito que tão facilmente o tinha feito ficar com raiva, mas ele não disse nada, apenas olhou para ela com fogo em seu olhar.

O silêncio entre eles se alongou.

"Por acaso ele pegou outro caminho?" interrompeu uma voz profunda.

Um arrepio correu pela espinha de Dominique, como se estivesse zombando dela. Sem ter visto nada, ela soube imediatamente quem tinha falado, e seu rosto corou quando ela viu o olhar do Dragão. Por alguns momentos ele ficou olhando para os olhos dela, como se ele estivesse avaliando-a. Por Deus, ela tinha a sensação de estar sendo seduzida em suas profundezas verdes claro — e se ela não se libertasse, ela estaria eternamente perdida. Abruptamente ele desviou o olhar, e ela sentiu uma libertação física como se ele tivesse colocado seu corpo de lado.

Abalada pelo seu exame, Dominique evitou olhar para seu irmão e ao mesmo tempo, ouviu o Dragão chamar um dos seus homens para vir se apresentar.

"Sim," William concordou, olhando para ela ainda irado. "Talvez ele tenha pegado outro caminho..."

Enervada, embora não pelo olhar do irmão — ela teria resistido a qualquer coisa — mas por causa da presença do Dragão, Dominique correu nervosamente os dedos ao longo das rédeas de sua

égua. Ela não ousava olhar para cima novamente com pavor de encontrar seus olhos.

Como uma lâmina terrível, o som de sua voz cortou o ar, arrepiando os minúsculos pêlos de sua

nuca. Ele ordenou a seus homens, "pesquisem todas as rotas entre Drakewich e Amdel.

"Levem quantos homens vocês acharem necessário e pesquisem cada pedacinho de grama," ele reiterou sem a menor pretensão de civilidade. Era evidente para Dominique, que ele não se preocupava

a mínima se ele os estava ofendendo, ou se suas ordens pareciam um desafio implícito ao seu irmão.

"Pesquisem completamente a área," ele ordenou, "após isso façam um relatório para mim.

Por que William mentiria? Ela pensou novamente. Claro, fazia sentido seu irmão enviar um homem para anunciar a sua chegada. Por que William mentiria sobre algo tão inútil?

"Eu não gostaria que falassem que nós deixamos um homem — um hóspede — morrer nas nossas terras," Graeham disse. "Você entende, Beauchamp," ele falou. "Talvez você queira enviar alguns dos seus homens para ajudar na busca?"

MAIS UMA VEZ, William olhou para ela, apesar de Dominique manter seu olhar longe. Ela ainda não

conseguia entender o que ela podia ter dito para perturbá-lo tanto.

"É claro," William respondeu firmemente, revertendo seu olhar para Graeham. "Vocês são muito gentis." E então ele se virou para o Dragão. "Você serve muito bem, seu irmão d'Lucy," ele disse, dando ênfase a palavra "servir" e deixando Dominique sem saber se o irmão dela estava provocando o Dragão. Certamente que não! Não quando ele tinha pressionado tanto por esta trégua? Ainda assim, era uma pílula amarga para ele engolir, ela sabia, e seu coração doeu por ele.

O Dragão não disse nada, simplesmente ficou parado, e quando ela se aventurou a olhar na direção dele, ela viu que seus olhos eram de aço, já não eram verdes brilhantes, mas escuros, cinza chumbo. Senhor, a visão dele, o tamanho dele, ela pensou que William estava sendo imprudente por

deixá-lo tão irritado. E a julgar pelo olhar selvagem em seus olhos, ela pensou que ele poderia atacar a garganta de William a qualquer

segundo. Ela queria gritar, para avisar William para segurar sua língua, mas não se atreveu a dizer nada.

Para seu alívio, foi Graeham quem falou primeiro. "Ele me serve muito bem," ele concordou com um sorriso modesto, e seus olhos ficaram momentaneamente tristes com esta confissão. Ele colocou uma mão sobre o ombro de William. "Ora, Beauchamp," ele falou para o irmão dela. "Nós dois temos muito que falar." Ele olhou para Dominique, para seus suaves olhos escuro. "Lady Dominique... com sua licença?"

Ela certamente ficou satisfeita, porque parecia haver um acordo entre seu irmão e Graeham, mas

ela achou um pouco indelicado descartá-la tão facilmente — e tão diretamente! "Certamente, meu

senhor," ela conseguiu dizer. "Eu garanto que ficarei muito feliz em descansar antes da refeição da noite." Ainda mais feliz por ficar longe da presença do Dragão, ela acrescentou silenciosamente. "Se você puder ter a gentileza de me dizer para onde devo me dirigir?"

Graeham acenou com empatia. "A viagem desde Amdel deve ter sido cansativa," ele reconheceu.

"Meu irmão ficará feliz em mostrar-lhe o seu ninho, minha senhora." E ele deu-lhe um sorriso, um com tanta sinceridade que ela levou um instante para perceber a quem Graeham a havia confiado, e

então seu coração começou a bater mais rápido. Mas ela não teve nenhuma chance para protestar, porque assim que seu noivo disse isso, virou-se para ir embora e William o seguiu, deixando-a inteiramente a mercê do Dragão.

Ela engoliu convulsivamente enquanto se virava para enfrentá-lo, pois ela já havia determinado

que o Dragão de Drakewich, não tinha nenhuma compaixão para dar.

(1) Palafrejm - cavalo elegante e bem adestrado, e específico em mente de ser tirado às horas .

(2) Torre de Menagem - e m arquitectura militar, é a estrutura central de um castelo medieval, de finalidade como os principais pontos de poder e último reduto de defesa, podendo em alguns casos servir de recinto habitacional do castelo.

2

Cada história aterrorizante que Dominique já tinha ouvido sobre o Dragão Negro correu pela sua

mente naquele instante enquanto ela olhava para seus olhos penetrantes. Como uma boboca, ela estava

sentada em seu cavalo, seu coração acelerado e descontrolado, e ela temia que ele estivesse tentando adivinhar seus pensamentos, por causa de seus lábios curvados com desprezo.

"Ao contrário do que é dito," ele informou, "Eu *não* vomito chamas." Os olhos dele zombavam dela quando ele se dirigiu para ela, oferecendo sua ajuda. "E principalmente não para jovens inocentes."

Ele enfatizou a palavra "inocente" como se fosse uma luva, e Dominique sentada olhava com terror para sua mão estendida. Claro que ela era inocente! Ela não tinha noção do que ele queria dizer com essa insinuação — se, com efeito, era o que era — nem ela queria que ele a tocasse — não nesta vida ou na próxima!

"Demoiselle?" ele solicitou. Uma sobrancelha escura estava arqueada diabolicamente. "Você tem planos para desmontar alguma hora hoje, ou você pretende descansar em cima da sua montaria?"

Dominique enfureceu-se com a sua arrogância. Esquecendo seu pavor por um instante, ela segurou as rédeas com mais força e perguntou incisivamente, "Você é sempre tão mal educado, meu senhor?"

"Sempre," ele respondeu seus lábios curvados ainda mais arrogantes.

Na verdade, Dominique pensou que ele poderia estar sorrindo exceto pelo frio invernal que permanecia em seus olhos inquietantes, contundentes. Ela queria acabar com a condescendência em seu rosto.

" *Demoiselle*," ele persistiu, "você quer que eu te ajude, ou não? Eu não tenho o dia todo."

Dominique amaldiçoou-o sob sua respiração, sabendo que estava ao alcance dele fazer tudo ficar mais fácil para todos. Mas não! Ela tinha a impressão que ele faria tudo infinitamente mais difícil porque assim ele tinha escolhido.

Ao diabo com ele! Tudo o que realmente importava era que Graeham d'Lucy devia fazê-la sentir-se bem, ela lembrou-se. Seu colérico irmão podia arremessar-se da janela mais alta da torre!

Ele avançou para ela abruptamente e o coração de Dominique pareceu se dirigir para a garganta

dela.

"Posso conseguir desmontar sozinha, obrigada!" Instigada pela mera ameaça de contato físico

— o pensamento de suas mãos sobre a cintura dela— ela prontamente escorregou para o chão. Mas

em sua pressa, a bainha do seu vestido ficou presa no estribo. Com um pé no estribo e outro quase no chão, ela congelou no instante em que ela sentiu brisa sobre as pernas dela. O olhar dela voou para ele, e seus olhos se arregalaram em horror com o olhar sombrio no rosto dele. Ele estremeceu — em

repulsa, ela pensou — e o coração dela disparou. "Oh!" ela gritou.

Ele se moveu rapidamente para ajudá-la, como se ele não pudesse suportar a visão dela nem um

instante mais do que necessário e a respiração dela se prendeu dolorosamente em seu peito, enquanto ela assistia os dedos dele trabalhando habilmente para libertar seu vestido. Somente quando ela estava solta ela ousou respirar novamente.

Mas para seu espanto, uma vez que ele tinha libertado seu vestido, ele segurou a bainha, trazendo-a para mais perto como se para inspecioná-la. Dominique deu um grito assustado quando o

vestido subiu enquanto ele testava o tecido entre as pontas dos seus dedos, examinando-o, seu semblante sombrio.

"Meu senhor, por favor!" ela exclamou. "Por favor!"

Como se lembrando dela de repente, ele esmagou o tecido violentamente dentro de seu punho e

jogou-o para os pés dela. A bainha caiu sobre os tornozelos dela e o olhar dele perfurou-lhe mais uma vez. Um arrepio entrou em erupção em sua pele enquanto ela deslizava o resto do caminho até o

chão sob o controle do seu olhar.

"Este é um tecido muito fino," ele disse com seus olhos fixos nos dela.

SANTA MARIA, mas eles eram tão profundos e tão verdes — parecendo sombras escuras e sinistras que margeavam seu rosto. Elas lhe convinham, ela decidiu, porque eram os olhos de um homem que

nunca descansava, nunca confiava em ninguém. Eram os olhos de um dragão, ela decidiu, e ele tinha

mentido quando afirmou que não vomitava chamas. Ele vomitava chamas, mas não de sua boca. Os

olhos dele queimavam-na e a consumiam — e ainda assim ela não conseguia parar de olhar para ele.

Ela estremeceu, observando o músculo de sua mandíbula, e de repente, abruptamente, ele se virou.

Dominique deu uma inspiração, porque assim que ele se afastou ela se sentiu cambaleante.

"Por aqui, demoiselle!"

Por um instante Dominique ficou parada, estupefata, vendo-o se afastar, antes que ela entendesse

que ele queria que ela o seguisse. E mais uma vez ela ficou arrepiada. Patife arrogante!

Por que ela de repente sentiu-se compelida a proteger seu vestido, ela não estava certa, mas algo

em seu tom parecia acusá-la. "Meu irmão queria que eu me apresentasse da melhor maneira possível," ela informou-lhe, mal mantendo o ritmo com seus longos passos. "Não é todo dia que uma mulher celebra seu casamento e paz para seu povo!"

"É verdade," ele zombou, virando abruptamente aqueles olhos sinistros sobre ela. "Então você está alegre com esta união com meu irmão?"

Ela levantou o queixo. "Claro!" ela respondeu. Mas ele simplesmente continuou a andar em direção a torre de menagem.

Dominique praticamente tropeçava em seu vestido na tentativa de manter o ritmo, desejando ardentemente ser um homem, para que pudesse desafiá-lo. Deus, ela adoraria tirar o sorriso arrogante do rosto dele — que vinha direto de seus olhos!

"Em prol da paz, eu presumo?"

Ele não se incomodava nem de olhar para ela para tomar consciência da sua resposta, nem mesmo para ter certeza de que ela o seguia — ela amaldiçoava seus passos! "Sim!" ela falou. "Porque existe outra razão, meu senhor?"

"Talvez," ele respondeu, ainda sem se virar para olhá-la, "isso é algo que você poderia me esclarecer, demoiselle?"

"Você não confia em nós!"

Ele parou diante dos degraus de pedra que levavam para o salão, e Dominique quase colidiu com o peito dele quando ele se virou para enfrentá-la. Abafando um suspiro, ela olhou para ele, impressionada pela sua notável altura. Deus, ela era alta para uma mulher, mais alta do que alguns homens, mas a cabeça dela nem ao menos alcançava seus ombros.

"Deixe-me simplesmente dizer que eu não sou tão facilmente convencido como meu irmão," ele disse. "Diga-me, Lady Dominique..."

Um arrepio atravessou seu corpo quando ele falou o nome dela, profundamente, sensualmente,

intimamente, como se ele estivesse saboreando-a e a violentando ao mesmo tempo.

"O que te fez vir tanto tempo antes da cerimônia," ele perguntou. Sua voz baixou cheia de

inimizade. "Quando nem os proclamas ainda saíram."

Dominique corou profundamente, pois era a única pergunta que ela tinha feito a ela mesma durante a viagem para Drakewich. A única explicação que ela podia ter era que o irmão dela desejava não permitir que Graeham tivesse a oportunidade de repudiá-la antes da cerimônia. Ela sabia como

ele almejava esta união. "É tão simples, que você não pode compreender," ela disse, "mas meu irmão está ansioso pela paz!" Ela levantou o queixo, ganhando confiança com a sua convicção. "Nem todo mundo aprecia derramamento de sangue, como você, meu senhor!"

"Não?" Mais uma vez sua sobrancelha diabólica se arqueou e então seu rosto se torceu e um som escapou, algo semelhante a um rosnado. Dominique se encolheu — foi demais o seu show de coragem, ela repreendeu-se. E sem mais uma palavra, ele girou e saiu, desta vez sem avisá-la para segui-lo.

"NÃO!" ela exclamou e apressou-se a ir atrás dele. Se ele pensou que poderia lançar calúnias sobre ela e seu irmão sem ouvi-la falar o que ela achava, ele devia pensar novamente. "Meu senhor, com todas as disputas, Amdel perdeu muitos soldados," ela falou irritada. "A matança deve cessar! Você não vê isso?"

"De fato?" Ele parou mais uma vez e desviou-se abruptamente para enfrentá-la.

Desta vez Dominique colidiu com ele, agitada que ela estava pela sua maneira de tratá-la. Com

um suspiro assustado, ela se afastou, como se estivesse se queimado pelo contato inesperado. Ela deu um passo para trás na defensiva, endireitando seu vestido com as mãos tremendo. "Pelo amor de Deus! V-você não tem nenhum tipo de cortesia?" ela perguntou. Os joelhos dela de repente ficaram fracos demais, mas ela se recusou a se acovardar diante dele.

Ignorando seus protestos irritados, ele disse, "como eu vejo, demoiselle, Amdel estava em uma situação precária, e você não revelou nenhuma notícia nova para mim. No entanto, você tem esse direito, a carnificina *tinha* que cessar, e por causa disso, eu estou disposto a aceitar de boa fé você e seu irmão."

Ele estava disposto a aceitá-los de boa fé?

Por Deus, mas o homem era despótico! Os olhos dela se estreitaram. "Quão amável da sua parte, meu senhor."

Ele deu um passo colérico em direção a ela, alcançando-a com um único passo, e Dominique fez

de tudo para não gritar de medo e fugir. Dobrando-se até que seus lábios quase beijaram sua testa, ele rosnou para ela. "Seja como for, demoiselle, saiba; ficarei de olho em vocês dois porque não, na verdade, não confio em vocês!"

Um arrepio passou por todo o seu corpo.

"Estamos entendidos?"

O olhar no rosto dele não deixava nenhuma dúvida quanto à veracidade de suas palavras.

Dominique percebeu que ele poderia até matar uma mulher para proteger seu amaldiçoado irmão.

Paz, ela lembrou-se. Ela estava aqui pela causa da paz. E se ela dissesse para esse bruto exatamente o que ela pensava dele, ela arriscaria esse vínculo provisório que o irmão dela estava ocupado em forjar. "Sim," ela respondeu, engolindo, tentando soar tão feroz quanto ela era capaz, mas falhando miseravelmente. Ela engoliu o orgulho dela, bem como a sua raiva. "Meu senhor... você não encontrará nada desagradável em nenhum de nós, isso eu garanto."

Seus olhos verdes se afundaram em seus olhos azuis, novamente numa invasão tão tangível, que

ela foi forçada a dar mais um passo para trás.

"Só o tempo dirá, demoiselle."

3

Dominique tentou em vão acalmar seus nervos.

Já no quarto que seria dela até o casamento, ela encontrava-se fervendo sobre a forma que Blaec

d'Lucy a tinha acusado. Nem ela esqueceria tão facilmente a maneira que ele a tinha abandonado aqui no quarto dele — sim, o quarto *dele*, ela o amaldiçoava por isso! Como ela poderia suportar, com todos os seus pertences a assombrando?

"Desculpe o inconveniente," ele disse com muito pouco remorso, "mas como você já sabe, nós não esperávamos você tão cedo. Não há nenhuma outra acomodação disponível. No entanto, você deve se sentir livre para fazer do meu quarto como se fosse o seu próprio porque eu não preciso dele." Os olhos dele estavam zombando-a.

"Preciso dos meus baús," ela informou-lhe.

"Claro," ele disse. "Por acaso você tem algum outro pedido? Diga-me, demoiselle, existe mais alguma coisa que eu possa fazer para

ajudá-la a ficar mais confortável?" O sarcasmo escorria pelo tom da sua voz.

Ela se sentia como uma prisioneira condenada, fazendo seu último pedido naquele momento.

"Não," ela respondeu petulante. E então, "nada salvo me enviar a minha empregada."

Os dedos dele estavam apertados sobre a borda da porta, as juntas brancas — mais uma prova de

seu descontentamento.

"Por favor," ela acrescentou.

Ela podia ver que lhe doía ter que ajudá-la. "Mais alguma coisa, demoiselle?"

"Não!" ela disse, porém, na verdade, ela desejava poder pensar em algo só para perturbá-lo.

"Então que você tenha um agradável descanso," ele falou friamente e com isso, retirou-se, praticamente batendo com a porta de madeira pesada na cara dela. O som sacudiu todos os ossos dela.

Patife arrogante, bastardo.

Quando ela fosse a senhora daqui, ela falaria com Graeham; talvez Graeham enfrentasse seu irmão e o removesse para longe de sua presença de uma vez por todas!

E talvez não... eles pareciam bastante ligados um ao outro, ela refletiu, mordiscando seu lábio.

Particularmente ela se lembrou da pouca voz que sua mãe tinha tido em sua própria casa.

Verdadeiramente ela esperava mais.

Olhando cansada, Dominique não pôde deixar de notar a simplicidade do quarto. Embora fosse

grande para a maioria dos padrões, tudo o que ocupava o quarto eram uma cama, uma bacia e um braseiro, juntamente com alguns baús. Ainda assim, estava cheio com *ele* — tudo o que ele possuía: seu escudo, sua armadura, seu cheiro...

Mas isso era ridículo! Ela reprovou sua atitude, estremeando de raiva. Como ela podia conhecer seu perfume? Mas de alguma forma, ela conhecia.

Ela se sentou em cima de sua cama, testando, tentando desesperadamente não pensar nele em sua

cama. Em vez disso, ela voltou seus pensamentos para a mãe dela. Na verdade, ela pouco pensava em

sua mãe — ou em seu pai — pois sua mãe tinha morrido de febre quando Dominique era nada além

de uma criança. Seu pai tinha morrido muito antes de ela chegar à idade adulta — assassinado pelo

senhor de Drakewich em uma disputa sobre terra no décimo primeiro ano do reinado de Stephen. Ela

acenou com a cabeça para a injustiça do que estava acontecendo — ser oferecida agora em casamento

ao filho do assassino do pai dela! Era quase demais para suportar.

E ainda assim ela não tinha coragem de ter a inimizade que o irmão dela tinha pelos d'Lucys —

pelo menos não por Graeham. Seu noivo parecia amável o suficiente, e ela era muito jovem para sentir, muito menos entender, a perda que ela teve na infância. Ou melhor, ela não podia ter ódio dele.

Já o Dragão era outra questão inteiramente diferente.

Por ele, apesar dela não conhecê-lo bem, Dominique sentia apenas inimizade. Apesar do que as

pessoas falavam, ela imaginava ele parecido com o seu desprezível pai — se não fosse pela cor, então no temperamento.

FOSSE COMO FOSSE, ela estava determinada a fazer o necessário em prol da paz. Muitas pessoas em Amdel dependiam dela. Além disso, ela queria seu irmão de volta — o William que tinha compartilhado confidências com ela, aquela alma doce que tinha ela amado e tinha rido com ela quando eles eram crianças, o menino que vivia para algo que não fosse vingança.

A última coisa que ela pretendia era permitir que o Dragão atrapalhasse seus planos. Se ele quisesse procurar motivos para desconfiar deles, então ela jurava que ele nunca iria encontrar nada.

Ela faria tudo ser como deveria. E de agora em diante, até que ele achasse dentro de seu coração confiança neles, ela iria sobrecarregá-lo com bondade.

Ela só esperava que ele se arrependesse quando a verdade viesse a ser conhecida. Ela bateu no

colchão com um punho fechado, pensando que o bastardo do Dragão provavelmente não sabia nada

sobre escrúpulo, e ela provavelmente estava perdendo tempo.

Com um suspiro sincero, ela caiu para trás em cima da enorme cama para aguardar Alyss e a

chegada de seus baús.

Para seu espanto, ela esperou muito tempo.

"Senhora!" Alyss exclamou com surpresa, horas mais tarde ao encontrar Dominique deitada em

silêncio, olhando para o teto. "Você está acordada?"

"Sim," disse Dominique. "Eu não consegui dormir."

Quem conseguiria dormir rodeada por suas coisas?

Alyss entrou, fechando a porta suavemente atrás dela e Dominique se sentou.

Alyss era jovem e bonita, com cabelo escuro que caía trançado até a cintura dela e um rosto que

roubava as atenções dos homens, mas ela na verdade não era uma dama de companhia. Na verdade,

até uma semana antes, ela era amante do irmão dela, e nenhum deles estava à vontade com o novo arranjo, pois Dominique nunca tinha tido o luxo de ter alguém para servi-la. O irmão dela, no entanto, não pretendia deixar Alyss para trás, nem ele achava que seria adequado sua irmã chegar sem uma acompanhante.

"Perdoe-me," suplicou Alyss, sua expressão desgostosa. "Eles me disseram que você estava descansando e que eu não deveria lhe incomodar."

Dominique suspirou cansada. "Eu tentei, mas não consegui," ela repetiu. E então, recordando a promessa de despedida do Dragão,

que ele mandaria Alyss sem demora, ela perguntou, "o Dragão não foi falar com você?"

O rosto de Alyss pareceu se animar de repente com a menção do Dragão de Drakewich. Os ombros dela subiram e ela se abraçou como uma menina mal-amada. "Oh, sim, senhora! Mas William... meu senhor... como eu disse, ele me pediu para não perturbá-la. "Ela veio para frente, animada e sentou-se sobre a cama ao lado de Dominique. E embora Dominique estivesse lentamente

se acostumando com os modos de Alyss, ela teve uma surpresa. "Oh, minha senhora!" Alyss exclamou. "Ele não é magnífico!"

As sobrancelhas de Dominique se encontraram e o rosto dela fechou. "O Dragão?"

Claramente elas não falavam do mesmo homem.

"Sim!" Alyss declarou. "Aquele rosto!" Ela mordeu seu lábio inferior e estremeceu. "Ele tem o rosto de um homem de verdade, minha senhora. E aqueles olhos..." Ela sorriu para Dominique.

"Olhos solitários, é o que eles são — mas compassivos também."

A sobrancelha de Dominique se levantou. "Compassivos?"

Será que elas poderiam estar falando do mesmo homem?

"Ora, Alyss! Como pode dizer uma coisa dessas quando você nem o conhece direito? Aquele homem é um filisteu!"

As sobrancelhas de Alyss colidiram. "Um filisteu, Milady?"

"Sim, um filisteu — um —" Alyss pareceu tão perdida que Dominique abanou a cabeça em frustração, pensando que seria melhor não esclarecê-la desta vez. Ela parecia muito tomada pelo diabo para que Dominique a desapontasse. "Não se preocupe," ela cedeu. Ela

simplesmente não queria estragar o bom humor de Alyss. Se Alyss achava o homem compassivo, que assim fosse. Ela tinha

achado ele passional. Mas paixão estava longe de compaixão, ela lembrou-se.

ENCOLHENDO OS OMBROS, Alyss sussurrou, "Oh... conhecer um homem tão gentil." E a expressão dela era melancólica.

Dominique achou a observação estranha quando Alyss e o irmão dela tinham sido amantes há tanto tempo. Ela não achava William cruel, e na verdade ela o achava gentil com sua amante, pois ele poderia ser generoso quando ele desejava. De qualquer forma, não era sua preocupação, ela disse para si mesma.

"Muito bem," Alyss falou, pulando da cama. "O que devemos fazer Milady? Vamos trançar seu cabelo, ou o que?"

Dominique nunca deixou de se surpreender com o fervor com o qual Alyss a servia. Era como

se fosse uma grande aventura para ela, mas para falar a verdade, Dominique às vezes pensava que era uma coisa servir o mestre da propriedade e uma afronta ser diminuída para servir a sua irmã. Ainda assim, Alyss nunca reclamou.

E Dominique também não, porque Alyss se esforçava tanto e a tratava tão gentilmente — muito

mais como uma irmã que ela nunca teve.

"Eu suponho que eu devo mudar de roupa para a refeição da noite?" Dominique sugeriu. O fato de que seu vestido *o* tinha enfurecido tanto não tinha absolutamente nada a ver com seu desejo de mudar de roupa, ela disse a si mesma. Ela simplesmente queria.

"Oh, sim, senhora!" Alyss exclamou animadamente. "E nós vamos nos esforçar para que você fique absolutamente irresistível para seu noivo. Ele também é bonito," ela disse e suspirou. "E você, minha senhora, é uma mulher muito, muito feliz, na verdade!" E com isso, Alyss resolveu explorar os baús, à procura de algo adequado para Dominique vestir.

Dominique estava relutante em decepcionar, então ela não disse nada, mas a verdade é que neste

momento ela se sentiu afortunada. Ela permitiu Alyss escolher o vestido e ajudá-la a se vestir, e então quando ela não mais podia se atrasar, se dirigiu para o grande salão, as pernas tremendo vergonhosamente com a mera noção de enfrentá-lo novamente.

4

Que ele se danasse se a moça não estivesse usando um vestido roubado! Era por isso que ela podia

usar um maravilhoso vestido bordado com ouro que brilhava como as estrelas! Mas ele manteve sua

boca fechada até que ele tivesse certeza.

Sentado à mesa, ouvindo William Beauchamp e seu irmão trocarem amabilidades — algo que ele nunca teria imaginado — Blaec dificilmente poderia acreditar na ousadia da bruxa — ou na de seu irmão idiota, porque certamente William era o ladrão.

Talvez Beauchamp tivesse achado que já havia passado tempo suficiente para Blaec se esquecer

dos panos que foram pilhados de suas caravanas em rota para Londres há um ano, mas Blaec raramente se esquecia de alguma coisa. Mas mesmo que ele tivesse se esquecido, a seda carmesim com bordados de ouro era inconfundível. Ele tinha comprado de um

mercador de Londres, simplesmente porque era tão extraordinário, e ele não tinha visto nada parecido desde então. Era improvável que William Beauchamp tivesse encontrado o mesmo comerciante, nem ele achava que William tivesse fundos para comprar tal preciosidade, pois ele tinha passado muito do seu tempo e

gasto muito do seu dinheiro numa guerra irracional contra Drakewich. Parecia que Beauchamp preferia infligir sua ira sob a noite encoberta como um covarde filhote inocente — aparentemente, da mesma forma que ele adquiriu a sua mercadoria.

Ele pôs sua taça na mesa e tentou relaxar. Realmente ele esperava que Graeham fosse capaz de

ver através do artifício, embora no momento não parecesse que ele estava. Por Deus, às vezes ele se preocupava com seu irmão.

"... você deveria se preocupar em consumir a união antecipadamente," ele escutou William sugerindo, "eu não ficaria ofendido." Ele fez um gesto caridoso com a mão.

E pela primeira vez desde sua chegada intempestiva, Graeham pareceu estar revoltado como Blaec, porque esta proclamação conseguia colocar um lapso imediato no intercâmbio entre os dois.

Com o maxilar rígido, Graeham balançou a cabeça. "Eu..." Ele parecia confuso e continuou a balançar a cabeça, em seguida, se engasgou com suas próximas palavras, tossindo e gaguejando enquanto William aguardava sua resposta.

Tanto quanto Blaec soubesse, não havia nenhuma caridade nesta oferta. Fúria atravessou seu corpo, pois ele estava certo de que William não era uma pessoa boa. O que ele estava pretendendo,

ele não podia compreender completamente — ainda — mas ele ia compreender em pouco tempo.

Graeham continuou engasgado.

"Você está tão ansioso para se livrar dela?" Blaec o interrompeu, seu tom repleto de desafio. Ao mesmo tempo Graeham levantou uma mão para que ele parasse de falar, mas Blaec o ignorou, pressionando-o a dar uma resposta. Era sua responsabilidade descobrir o propósito de William, se fosse ou não da vontade de Graeham.

William endireitou-se na sua cadeira. " *Nós* estamos ansiosos *somente* pela paz," ele respondeu, ao mesmo tempo soando afrontado pela insinuação de Blaec. Seus olhos se estreitaram e naquele instante, Blaec foi recompensado, pois ele viu o ódio que ele tentava com tanta dificuldade esconder.

Não, sem dúvida, não tinha havido nenhuma caridade em sua oferta.

"É claro," Graeham falou imediatamente, tendo ganhado de volta seu controle. "Estamos *todos* ansiosos pela paz". Ele deu uma tosse mais discreta. "Nós estamos não é, Blaec?"

Graeham soou tão esperançoso, Blaec assentiu com a cabeça, embora com relutância, mas seu olhar não saiu do seu inimigo. Sim, seu inimigo — mesmo a adorável irmã do demônio sendo ou não a noiva de seu irmão. Olhando para baixo brevemente para sua taça de vinho, ele levantou-a lentamente para fazer um brinde. Outro desafio — que a alma de William apodrecesse com o juramento. "A paz," ele disse de um modo soturno. "Que ela possa vir —"

COMO O METAL em um veio de ouro, os olhos de Blaec foram atraídos para a entrada do grande salão.

Com a visão dela, tudo o que ele pode fazer foi encontrar sua língua, sem conseguir completar o seu brinde. Ela já não usava o vestido de seda carmesim roubado, mas um vestido de cendal (3) esmeralda que brilhava e tremulava em conjunto com o fogo nas tochas

enquanto ela flutuava através da sala. Nem ouro nem prata podiam fazer o tecido do vestido ficar mais bonito do que ela fazia, com sua imponente altura e sua forma esbelta, graciosa. Embora ela não fosse magra, não havia nada de

errado na plenitude de seu seio, e por mais fino que o cendal fosse, ele pendia de seu seio como um amante cheio de inveja. O pensamento o despertou mesmo contra sua vontade.

Blaec tentou encobrir seu lapso momentâneo, limpando a garganta ressecada. "— o mais rápido

possível," ele concluiu rispidamente. "Que isso aconteça rápido." Ele trouxe o copo à boca, engoliu o vinho, saboreou com a língua, enquanto ele a observava sobre a borda de sua taça.

Como uma rainha altiva, ela pegou seu olhar, levantou seu queixo e então lhe deu um olhar gelado antes de levantar a saia e se dirigir para a mesa. Verdade fosse dita, ele pensou que ela podia lutar com a própria imperatriz pela coroa naquele momento. Ela teve o cuidado, ele observou, em não encontrar com seus olhos novamente. Embora ele fosse gostar, embora ela não soubesse e ela nunca mais se dignasse a olhar para ele novamente.

"Você está bem, d'Lucy?" William perguntou com preocupação trocista. "Você parece tão...

moderado de repente?"

Blaec atirou-lhe um olhar raivoso, mas não se incomodou em responder. Era tudo que ele podia

fazer para não estrangular o bastardo — ou olhar para sua sedutora irmã, enquanto ela ia para o seu lado. Um estremecimento estranho passou através dele como se seu vestido sussurrasse para ele, o som dele tão atraente quanto o perfume dela que insistia em ficar

no ar após sua passagem. Ele deu-lhe as costas quando Graeham se levantou junto com William para saudá-la, mas ele foi incapaz de levantar seu rosto para buscar novamente sua fragrância doce e delicada. Ela cheirava... a algo muito tentador.

Ele ouviu um beijo e imaginou William bicando-a levemente sobre a face lisa, alta— seu pulso

se acelerou — e, em seguida, outro beijo e ele ficou tenso ao se lembrar em quem ela ia se tornar.

Noiva do seu irmão.

Virando-se de soslaio e fechando os olhos brevemente, ele silenciosamente repetiu: *Tu não cobiçarás a noiva do teu irmão.* '

"Como você está adorável, Milady," ele ouviu Graeham declarar, no seu habitual tom diplomático. "Eu devo me considerar um homem de sorte!" Ele a guiou para onde Blaec estava sentado à sua direita — como se Blaec preferisse. "Não estávamos certos de que você iria se juntar a nós hoje, você parecia tão cansada," ele disse como se pedisse desculpas. "Seu irmão e eu já compartilhamos nosso jantar. Por acaso a agradaria compartilhar seu jantar com o meu irmão, Blaec?"

Atordoado, Blaec virou a tempo de vê-la dar um passo assustado.

A última coisa que ele desejava era compartilhar um jantar com Dominique, ele preferia jantar

com o próprio diabo. Ela gostaria de lhe falar a maldição de Hades (4), mas todos os olhos estavam sobre eles, então ela deu um passo para frente, embora relutante. Mas ela não conseguia se sentar ao lado dele.

"Eu lhe asseguro, demoiselle, eu não mordo," Blaec disse sombriamente, sua voz baixa, mas ressonante.

Graeham riu com bom humor. "Claro que não," ele garantiu.

"Assim como eu não vomito chamas," acrescentou Blaec, reduzindo sua voz. "Nem como jovens no jantar... ou, por falar nisso... não sacrifico virgens." Seus lábios ligeiramente curvos, e seus olhos verdes profundos e escuros como esmeraldas, dizendo a ela sem palavras exatamente que sacrifício

de virgem ele estava se referindo.

DOMINIQUE SE ENGASGOU com a sua grosseria, mas ele não se preocupou em pedir desculpas, nem ele

se levantou do seu lugar, como era costume. Ele apenas olhou para o irmão dele com algo parecido

como descrença — e desgosto, se ela o estivesse lendo corretamente. Bem, ela com determinação, lançou-lhe um olhar afrontado, achando que deveria ocorrer a ele que isso não seria nenhum prazer

para ela também! Ela pensou em contar-lhe isso, mas então se lembrou da sua promessa — matá-lo

com bondade.

Por Deus, isso não ia ser uma tarefa fácil.

Tentando manter-se calma, Dominique sorriu para Graeham. "Claro, meu senhor, seria um prazer," ela mentiu, seu coração batendo mais rapidamente enquanto ela ia se sentar ao lado do Dragão.

"Será mesmo um prazer?" Blaec perguntou para ela, o tom cheio de sarcasmo.

Graeham deu-lhe uma cotovelada discreta, mas não tão discreta que Dominique não tenha visto,

e então ele sorriu para ela se desculpando. O Dragão nem se mexeu, muito menos se preocupou com

um pedido de desculpas, e para seu espanto, Graeham permaneceu apenas mais um instante só para

ver se ela estava confortavelmente sentada antes de abandoná-la de novo à mercê do seu intragável

irmão.

Por um longo momento Dominique ficou ciente apenas do silêncio do homem ao lado dela, porque parecia permear a largura e o comprimento do corredor. Santa Maria, mas se era esse tamanho ou não, ela sentia todos os olhos em cima deles.

Uma jovem camareira veio oferecer-lhe água para lavar suas mãos. Dominique prontamente

aceitou, ao mesmo tempo certificando-se em se manter tão distante quanto possível do homem sentado ao lado dela. O mero pensamento de tocá-lo deixava seu estômago se torcendo. De onde ele

estava, ela sentia perfeitamente o calor do corpo dele.

Do canto do olho ela viu suas mãos grandes fatiando a carne ao meio, oferecendo-lhe um pedaço, e a única coisa que ela conseguia pensar era a destreza que ele tinha liberado seu vestido mais cedo.

Mais uma vez ele fatiou a carne e ela olhou para ele, mas foi um erro, porque olhar para os seus

olhos verdes profundos não deixavam qualquer dúvida sobre seus pensamentos; ele a desprezava como desprezava o irmão dela e sem dúvida teria grande prazer em acusá-los. Do que, ela não sabia.

Mas parecia que ele estava procurando por algo. Bem, ele não iria encontrar, ela prometeu.

O salão estava limpo e em ordem — como a jovem camareira — bem diferente de Amdel. O

irmão dela nunca tinha sido exigente, ainda assim ela podia dizer que Graeham d'Lucy era, porque as mesas estavam dispostas com capricho, em perfeito arranjo. Os juncos debaixo dos seus pés pareciam ser novos, e as tapeçarias penduradas nas paredes estavam imaculadas. O Dragão, ela sabia, também era excessivamente meticuloso, porque a arrumação do seu quarto disse-lhe isso; o quarto,

tão grande como era, estava completamente desprovido de desordem. E mesmo nesta noite a refeição

era simples, mas meticulosa: queijos, pães...

"Carneiro?" Blaec perguntou ao lado dela. O tenor profundo de sua voz enviou um arrepio pela coluna dela. Por Deus, ela não tinha percebido que o serviçal com a carne estava bem atrás dela. Ela corou com sua própria desatenção. Mas como ela poderia se concentrar com Blaec d'Lucy sentado ao

lado dela?

"Não... obrigada," ela disse com tanta desenvoltura como ela podia, e o olhar dela foi atraído momentaneamente para o Dragão. Ela não podia se ajudar... — era impossível sentar com o diabo e

não senti-lo tão profundamente. Seu coração acelerou quando ela realmente notou sua tez morena.

Ele era tão escuro, ele lhe fazia lembrar os sarracenos. E a cicatriz em seu queixo... ela se perguntou como ele tinha conseguido, e porque ela não tinha notado antes. Ela podia facilmente ser confundida com uma covinha se não fosse tão alta, pois aparecia apenas quando ele sorria.

Dominique endureceu, percebendo que ele agora estava sorrindo, sarcasticamente, embora

pudesse ser muito provavelmente à sua custa.

"LADY DOMINIQUE?" ela o ouviu sussurrar, e viu seus lindos lábios se moverem, e seu coração pulou dentro da sua garganta. Esses mesmos lábios se curvaram tão arrogantemente. "Se você estiver satisfeita —" ele fez um gesto para o serviçal — o rapaz quer saber se você gostaria de algo mais."

Seu rosto com sarcasmo olhando para ela.

As bochechas de Dominique coraram tanto que ela até temeu que fosse desmaiar. "Não," ela engasgou e evitou o olhar dele, pensando que ele era o pior vilão que ela já tinha conhecido. E ela pensou que ele era igual ao seu pai? Ou melhor, o homem era pior! Infinitamente pior. Bastava olhar para ele, sentado a mesa insultuosamente vestido para guerra.

E ela faria bem em se lembrar.

Ela olhou-o com circunspeção. Havia rumores que ele era bastardo — concebido no mesmo dia que seu irmão, embora por outro homem — ainda que Gilbert d'Lucy o tenha aceitado apesar desse fato. Ela se perguntava se era verdade. Parecia uma estória incrível, no entanto, de fato, alegaram que era possível para dois homens engravidar uma mulher ao mesmo tempo... assim podiam nascer gêmeos que tinham pouca semelhança um com o outro. Ela se perguntava se isso era

realmente possível, porque os dois irmãos eram totalmente diferentes como eram esses dois.

Ela o ouviu rir sob sua respiração — e ela o amaldiçoou outra vez, ela o amaldiçoou mil vezes!

— o som parecia um trovão em seus ouvidos. Ela se agitou até sua própria alma. Verdade fosse dita, se ela não soubesse, ela pensaria que ele tinha adivinhado seus pensamentos — embora isso fosse ridículo. Ainda assim, a maneira como ele olhou para ela a fez se sentir como se ele conhecesse os pensamentos dela.

Ela não se importava a mínima com ele, ela disse a si mesma. Se ele levasse uma vida amaldiçoada, não era do interesse dela... ou se ele confiava nela, ou não. Graeham parecia que confiava, e isso era *tudo* o que importava.

A refeição começou em um silêncio desconfortante. Tentando em vão ouvir o discurso do seu

irmão e se esforçando para ignorar o homem ao lado dela, Dominique fincava seu punhal em seu pedaço de carne. Mas por mais que ela tentasse, ela não podia remover o Dragão de seus pensamentos. Santa Maria, mas quando ele comia, ela podia ouvir o barulho dos seus dentes — e não

podia parar de imaginar a força daquelas mandíbulas masculinas... a maleabilidade enganosa, a aparência suave de seus lábios. O som da sua mastigação só intensificou-se com seu silêncio, até que Dominique não conseguia mais suportar. Os nervos dela já estavam em frangalhos. E então a refeição continuou até que ela sentiu o calor da sua respiração sobre o pescoço dela, e ela congelou.

"Você pode parar agora," ele informou-a. "Acho que ele já está morto, demoiselle."

Dominique levou um instante para perceber o que ele quis dizer, e então ela colocou o punhal

sobre a mesa, chateada por ter sido apanhada mutilando sua refeição. E novamente ela o ouviu rir baixinho e finalmente perdeu a compostura. Ela se levantou da mesa e foi tudo que ela podia fazer para não gritar. Nunca em sua vida ela tinha sido tão afetada por qualquer homem!

Se desculpando ela olhou para William primeiro, depois para Graeham. "Se — se você me perdoar, meu Senhor — William... Eu-eu me encontro demasiado cansada para jantar esta noite.

Simplesmente não estou com fome."

"Claro," Graeham permitiu, sua expressão um pouco surpreendida. "Talvez pela manhã você se sinta mais descansada?" ele sugeriu com preocupação.

Ela assentiu com a cabeça muito rápido demais. "Sim... pela manhã," ela concordou.

Graeham assentiu com a cabeça e fez um movimento com a mão, dizendo que ela podia sair.

"Blaec, leve a senhora para seus aposentos."

O olhar de Blaec foi direto para seu irmão, seu rosto furioso.

"Não!" Dominique exclamou ao mesmo tempo. "Obrigada, mas eu sou perfeitamente capaz de encontrar o meu caminho." Ela não se preocupou em esperar que Graeham e William lhe dessem licença — nem ela fez uma pausa para recuperar o seu punhal, de tanto que ela temia sua companhia.

Na mesa, eles assistiram sua impetuosa partida com alguma perplexidade, e então quando ela se

foi, William virou-se para Blaec, "o que você disse a ela, d'Lucy?" Ele estava irado, batendo a mão em cima da mesa.

BLAEC NÃO DISSE NADA, apenas sentou-se, olhando contemplativamente para seu irmão e depois para

William.

"Por favor," Graeham apelou, na tentativa de manter a paz. "Estou certo de que meu irmão não fez nada para ofender a senhora. Blaec, por favor, tranquilize-o."

Blaec não disse nada, apenas olhava para eles, seu rosto uma máscara impenetrável. E então ele

foi salvo de responder, porque naquele instante um guarda apareceu, ficando ao seu lado. Com um senso de urgência, o homem inclinou-se para sussurrar no ouvido dele, e a mensagem sussurrada causou palidez no rosto do Blaec.

Ele parou abruptamente, segurando a mesa com os dedos que se clarearam por causa da sua raiva. "Parece que aconteceu outro ataque," ele informou para Graeham, lançando um brilho letal para William. "Perdoem-me."

"Certamente, entendo que você deva ir," William interrompeu ao mesmo tempo, a raiva deixando seus olhos perante a crise inesperada. "Talvez você pudesse usar meu —"

"Não!" Blaec explodiu, lançando um rápido olhar sobre Graeham, que retornou para ele com um brilho de alerta. Levou algum tempo para Graeham temperar sua fúria, mas ele o fez. "Você é muito amável," ele cedeu pegando as palavras de William com má vontade, "mas você está cansado, estou certo, e você ficará bem dentro da segurança das paredes de Drakewich."

Ele não se preocupou em especificar com cuja segurança ele estava preocupado, mas pela sua expressão, era mais do que evidente que não era de William — nem, aliás, de sua preciosa irmã.

William visivelmente tenso que pudesse ser nada menos do que uma ordem, e os olhos de Blaec

brilhavam. "Como você descobriu sozinho," ele disse em um esforço para agradar, por causa do seu irmão, "temos tido muitos problemas com bandidos... Gostaria de ver nossos hóspedes seguros até podermos prender os bastardos. Afinal, você não pode conhecer nossas terras tão intimamente como

nós."

William abanou a cabeça, sua expressão tão feroz quanto a de Blaec; e mesmo assim ele não desviou o olhar.

Blaec não cedeu. "Estou satisfeito que entendemos um ao outro," disse Blaec com um sorriso

mais leve, e com essa acusação mal velada, ele se virou e saiu.

Ao mesmo tempo Graeham se desculpou com William e apressou-se para acompanhar os passos

raivosos de Blaec.

William, por sua parte, apenas assistiu os dois saírem

(3) Ce ndal - te ci do de s e da ou l i nho, mui to us ado no s é cul o IX ao XVII e m ve s tuári os de l ux o.

(4) Hade s – na mi tol og i a g re g a é o de us do mundo i nfe ri or e dos mortos .

Pegando displicentemente o punhal abandonado por sua irmã, William sentou-se contemplando os dois irmãos, enquanto saíam do salão lado a lado.

Com uma expressão de raiva no rosto, ele examinou a lâmina e em seguida pensou que talvez

Blaec d'Lucy fosse uma ameaça maior do que ele esperava.

E então seus lábios se viraram ligeiramente enquanto ele examinava a lâmina polida do pequeno

punhal, e uma resposta veio em sua mente e que era excessivamente agradável... e simples. Sua linda irmãzinha, sem perceber, parecia ter-lhe dado uma vantagem. Seu sorriso aprofundou-se, porque Blaec d'Lucy provaria não ser páreo para ele de maneira alguma. Apesar dele se achar tão formidável

— apesar de muitos acharem que ele fosse invulnerável.

E, finalmente, se tudo corresse bem... o Dragão Negro de Drakewich partiria desta vida muito mais cedo do que ele esperava.

Este pensamento o agradou imensamente e ele imediatamente se viu esfomeado. Espiando em volta do salão para se certificar de que ninguém o estava observando, ele se levantou e reuniu parte da comida intocada da irmã e a colocou em seu embornal. E então ele ousou pegar a de Graeham —

e sim, a do Dragão, também.

Ele riu para si mesmo, ninguém iria impedi-lo agora. Ninguém. Nem mesmo o temido e todo poderoso Dragão.

"O que, pelo amor de Deus, você está tentando fazer?" Blaec explodiu uma vez que eles saíram do corredor.

"Não tenho idéia do que você está falando."

"Sim, você tem!" Blaec sustentou, mas ele não disse mais nada e eles se separaram.

Blaec esperou Graeham no solar, ele já estava usando a armadura, e não tinha intenção de submeter-se a presença da jovem simplesmente para recuperar seu elmo. Quando o alarme tinha tocado para sinalizar a chegada de Beauchamp, ele não tinha noção do que esperar e então tinha se

blindado mais cedo. Depois ele simplesmente não se preocupou em mudar de roupa, porque ele não

confiava no bastardo — e sua boa causa, ou assim ele dizia.

Sua ira chegou a um ponto extremo quando Graeham reapareceu totalmente blindado, com seu

elmo embaixo do braço.

Vendo a falta do capacete de Blaec para proteger sua cabeça, Graeham olhou furiosamente para

ele. "Da próxima vez que você tiver raiva das *minhas* tolices, eu vou te lembrar disto," ele advertiu, olhando para Blaec com desaprovação.

Blaec estava por demais enfurecido para reconhecer preocupação na voz de seu irmão. Ficando

ao lado de Graeham, ele ignorou a acusação e jogou para ele sua própria acusação. "Maldição, Graeham! Por que você persistiu em jogar para mim a carcaça da bruxa como se estivesse jogando

um osso para um cão sarnento? Se você não quer se casar com a cadela, porque então não manda ela

— juntamente com o chacal de seu irmão — de volta para sua infernal Amdel?"

Juntos, eles desceram as escadas e correram pelo corredor, saindo da torre de menagem juntos.

Através do ar de uma noite temperada, eles se dirigiram aos estábulos: Graeham silencioso e perturbado e Blaec irado.

À distância, apesar deles terem que sair de Drakewich, a chama laranja do fogo acendia o

horizonte parecendo veludo e era como o prenúncio do próprio inferno.

"Bastardos!" Blaec explodiu mais uma vez. "Nós apenas acabamos de construir essas cabanas depois da última vez. Devia lançar-me sobre e a garganta do chacal enquanto ele fica radiante em nosso salão!"

"Blaec," Graeham advertiu, "não sabemos com certeza se foi Beauchamp."

BLAEC VIROU um olhar amargo na direção do seu irmão. "Quem mais se atreveria?" ele perguntou, e Graeham não tinha nenhuma resposta, porque agora, no vigésimo verão do reinado de Stephen, quando Stephen tinha finalmente chegado a um acordo com a Imperatriz, não havia ninguém que ousasse disputar uma reivindicação de território uma vez que Stephen e a Imperatriz se apoiavam equivalentemente. Nem qualquer homem apreciava o pensamento de se defrontar com o Dragão Negro, e Blaec estava bem ciente disso, porque eles pensavam que ele ficava possuído durante a batalha — e provavelmente era isso que acontecia, e se estivesse determinado que seu irmão devesse morrer pela espada, Blaec duas vezes mais estava determinado a mantê-lo longe da morte.

Só Beauchamp em sua vingança cega ousaria desafiá-los.

Embora, na verdade, o senhor de Beauchamp fosse um dos homens de Henry — um daqueles que tinham sido erguidos do pó e recompensados com as propriedades de um deserdado — Stephen

achou melhor não confirmar todas as terras para Beauchamp e as restabeleceu como pertencentes a

coroa. Tendo conhecido os d'Lucys como os proprietários de terras na Normandia e os Beauchamps

com excesso de terras inglesas — terras estas que tinham pertencido legitimamente aos d'Lucys para começar — Stephen tinha escolhido colocar os d'Lucys como aliados, tentando apaziguar os dois lados. Só que agora parecia que o julgamento de Salomão não tinha sido tão sábio, afinal de contas, porque nenhuma das partes tinha sido verdadeiramente apaziguada — Beauchamp, porque ele tinha sido despojado das terras, e achava que elas eram dele porque ele as tinha ganhado durante o reinado de Henry e os d'Lucys, porque os Beauchamps eram um espinho nas suas traseiras, sempre um desafio, apesar de nunca ser abertamente. Esta condição não podia levar a nada menos do que hostilidade, uma rixa de sangue que Blaec tinha certeza que nunca terminaria em paz — não a qualquer preço — não quando muitos já tinham morrido por esta causa — incluindo o pai de William

pelas mãos do pai do próprio Blaec.

"Guarda-te bem, Graeham," Blaec advertiu, "garanto que aquele sacana veio não porque ele está ansioso para sua irmã levar o nosso nome."

"Ele diz —"

"Não dou a mínima para o que ele diz!" Blaec interrompeu irritado quando eles entraram nos estábulos. "Eu não confio nele."

As sobrelanceiras de Graeham se uniram num gesto de derrota quando ele se levantou e colocou

seu elmo sobre sua touca. "Nem eu," ele finalmente confessou.

Suas montarias já estavam prontas os aguardando, e Blaec rapidamente sentou-se em sua sela.

Graeham, também, montou rapidamente.

"Cristo, que maldição!" ele exclamou sem nenhum desespero. "Nós não temos esperança?"

As feições de Blaec se amoleceram quando ele se virou para olhar por cima do ombro para seu

único parente restante. "Sim, Graeham," ele se rendeu, girando seu corcel com raiva. Indo para trás, ele colocou seu elmo e então ajustou o *ventail* (5) sobre o seu rosto — uma proteção insuficiente, mas melhor do que nada. "Você pode aguardar," ele disse sombriamente. "Mas por sua causa, eu não posso. Olhe a sua volta," ele comandou uma vez mais e com isso estimulou seu corcel para fora dos estábulos.

Graeham o seguiu, seus olhos fixos em seu irmão, sua expressão sombria. "Porque," ele

murmurou suavemente sob sua respiração, "Quando eu tenho você para cuidar de mim, meu irmão?"

Dominique tinha acabado de ir para a cama quando ouviu os gritos de raiva embaixo de sua janela. Imediatamente ela se levantou, indo em direção as imensas janelas. Ela sabia muito bem como a ilusão de segurança podia ser enganosa.

MOVENDO seus baús na escuridão no quarto do Dragão, ela correu em direção à janela. Destrancando

as persianas, às pressas, ela as abriu e se encolheu quando uma delas fez um barulho enorme quando bateu contra a pedra. Olhando para baixo, ela viu o Dragão e seu irmão voando como cães do inferno em direção aos estábulos, suas vozes enfurecidas, sobrecarregando o ar da noite. Mas apesar do barulho que ela tinha feito abrindo a janela, em sua pressa eles pareciam completamente alheios a ela, e não demorou muito para ela perceber por que. À distância o sinistro brilho de fogo chamou sua atenção, e foi só então que os gritos distantes e frenéticos tornaram-se perceptíveis aos seus ouvidos.

Longe o suficiente que parecia não mais do que uma visão do fogo do inferno, era uma pequena

ameaça para a torre de menagem em si. E ainda assim, Dominique sabia muito bem que a devastação

de tal incêndio podia trazer perigo para as cabanas simples e para as pessoas que as habitavam. Os ouvidos dela quase podiam perceber o rugido das chamas enquanto elas devoraram tudo por onde passavam; a palha dos telhados desmoronando, queimando, deixando pouco mais de cinzas pretas e

restos carbonizados.

Quem, por amor de Cristo, podia ter feito uma coisa tão desprezível?

Com horror, ela viu os irmãos montarem e saírem pelos portões até que eles não eram mais do

que silhuetas distantes contra o inferno carmesim. Ainda assim... ela sabia em qual montaria estava o Dragão — aquela na liderança — porque sua postura na sela era inconfundível por causa de sua arrogância. Uma rajada de vento soprou, rodopiando sobre ela, levantando seu cabelo trançado, dando-lhe um estremeamento.

Mas não foi o frio que a fez tremer, porque o ar da noite estava quente e abafado. Era a lembrança do Dragão de olhos verdes... do jeito que ele a olhou durante o jantar. O homem era implacável. Perigoso — tudo nele era perigoso, da cicatriz alta em seu queixo até a cínica curva de seus lindos lábios.

Ela se surpreendeu ao ver que Graeham parecia tão disposto a ceder o comando de seu exército

para seu irmão, no entanto, ela tinha visto o suficiente para saber que as alegações eram verdadeiras; a maneira que ele tinha ordenado a busca pelo mensageiro do seu irmão sem se preocupar em deixar

Graeham dar essa ordem, era prova suficiente. O Dragão estava no comando da guarnição de Drakewich, e se os boatos fossem corretos, então o Conde se segurava em seu assento relutantemente.

Era demais esperar que ela estivesse errada, por mais difícil que se pudesse pensar, mesmo seu

irmão tinha instintivamente reconhecido o Dragão como senhor, porque quando ele falou com Graeham, tinha sido simplesmente Graeham, enquanto ao falar com o Dragão, ele o tinha chamado

d'Lucy. Ela se perguntava se William percebia o que tinha feito —ela pensou também, se Graeham tinha observado, porque ele não parecia objetar.

Então o que isso importava para Dominique?

Não importava, ela não tinha nenhuma escolha a não ser cumprir o seu dever.

Dominique não tinha noção de quanto tempo ela ficou, assistindo o terrível incêndio da janela,

mas ela não podia fazer nada. Eles ainda não eram o seu povo, e ela não se sentia bem-vinda para oferecer ajuda. Mesmo assim seu coração chorava por eles, porque esse era precisamente o horror que ela esperava acabar com seu casamento com o conde.

Graças a Cristo todo-poderoso seu irmão não era responsável por isso! Ela sabia que em algumas ocasiões ele tinha executado este tipo de retaliação contra Drakewich, mas não desta vez.

Graças a Deus que ele estava seguro de suspeita aqui dentro dos muros de Drakewich, porque ela tinha pouca dúvida que o odioso Dragão colocaria a culpa sobre os ombros do seu irmão. E então, um terrível pensamento ocorreu-lhe...

E se William já tivesse partido de Drakewich? Certamente ele não teria ido sem se despedir? E se

por ventura ele já tivesse ido embora? Ela sabia como era difícil para ele compartilhar a mesma terra, e muito menos o mesmo teto, como os d'Lucys. E se ele não estivesse mais suportando e tivesse ido embora após a refeição?

PÂNICO JORROU DENTRO dela e ela se virou e correu em direção à porta. O pensamento de estar abandonada deixou suas entranhas cheias de medo. Com certeza William nunca faria uma coisa dessas? Mas e se eles tivessem discutido? E se, em sua ira, ele tivesse se esquecido dela? Ela conhecia muito bem seus ataques de raiva e sabia do que ele era capaz quando ficava irado. Ela precisava falar com ele de uma vez. Ela não tinha idéia de onde ele iria dormir esta noite, ela só sabia que devia encontrá-lo. Ela *devia*. Ela tinha que ordenar sua mente. Ela sabia que Alyss poderia ajudá-la.

Ela tinha acabado de chegar à porta de madeira maciça do quarto dela quando ouviu vozes vindas da antecâmara. Ao mesmo tempo

ela pressionou seu ouvido à porta e ouviu Alyss sussurrando, "Sim, meu senhor, ela está deitada."

"Bom," ela ouviu. Era a voz de William, e Dominique sufocou um grito de alívio. Afastando-se da porta, seu coração batendo como raios de uma tempestade de verão, ela sentiu a cama materializar-se por trás de seus joelhos e sentou-se fracamente, segurando a palma da mão contra seu peito, sentindo o bater do seu coração.

"Graças a Deus," ela sussurrou, e seus olhos se encheram com lágrimas de alívio. Eles tinham vindo de muito longe para perder tudo agora. Havia muita coisa em risco. Ela se deitou na cama e derramou lágrimas silenciosas, agradecendo a Deus pela presença de William em Drakewich.

Certamente nem o Dragão o culparia simplesmente por despeito?

(5) Ve ntai l - pe ça do e l mo que cobri a parte do ros to.

6

Do outro lado do quarto, o sebo das velas queimadas emitia um espiral de fumaça cinza que se

enrolava em direção do teto sombrio. William sorriu, pensando no incêndio que assolava além das

paredes do castelo, e suas narinas aspiraram para sentir o cheiro de queimado. Ele puxou Alyss para mais perto, apesar dela resistir. Não importava ela resistir, porque ele gostava ainda mais quando ela se esquivava.

"Senhor," ela protestou fracamente. "Eu pensei que..."

"Cala-te, Alyss," ele exigiu, pois ele sabia precisamente o que ela tinha pensado, e ele gostava desse pensamento. Ele se amaldiçoaria

se ele se abstinhasse de seus prazeres caruais simplesmente porque agora, ela era empregada de sua irmã.

Claro, ela não era uma substituta a altura de Dominique — nunca tinha sido — e silenciosamente

ele a amaldiçoou por isso.

Pena que sua adorável irmã valeria tão pouco sem sua virtude, porque há muito tempo ele cobiçava tê-la em sua cama. Muito ruim, também, era que a idiota da igreja se sentisse ofendida com *incestus* (6), caso contrário ele a teria feito sua noiva.

Era como deveria ser.

Ou melhor, ele não se sentia culpado por suas fantasias privadas — de alguma forma, era ressentimento o que ele sentia, porque sua irmã mais nova era muito linda para os gostos de Graeham d'Lucy. O tolo provavelmente era muito casto para entender o que fazer com uma mulher

como Dominique. Ele não ia saber apreciá-la.

Não como William saberia.

Bom, isso lhe convinha bem o suficiente, porque quando tudo fosse dito e feito, Dominique estaria de volta aos seus cuidados, e quanto menos ela fosse caluniada, melhor.

Sim e então ele contaria tudo para ela. Ele sabia exatamente o que ele diria...

Se a beleza de Dominique não tivesse trazido tantas ofertas, ele há muito tempo a teria proclamado uma bastarda e a reivindicado para si próprio. Ainda agora ele ia receber um bom valor

pela noiva, e ele sorriu interiormente com a perspectiva. E no final, ela seria sua novamente... e ele ficaria completo novamente. Só de pensar nisso ele se enchia de gratificação.

Algo em sua expressão deve tê-lo ajudado, porque depois de um momento Alyss cedeu e parou

diante dele, finalmente calada. Isso era o que ele mais gostava sobre ela... ela aprendia rapidamente.

Ainda assim, ela tinha lhe resistido, e ele não podia se arriscar com sua rebeldia agora. Não quando ele precisava de sua total obediência a ele.

Colocando, sem nenhum tipo de gentileza, a empregada no espaço entre suas pernas, ele se curvou, na altura de sua bota para pegar o punhal de Dominique. Os olhos de Alyss se arregalaram

com a visão da pequena lâmina, mas ela não se atreveu a dizer nada, e ele começou a cortar a frente do seu vestido, sorrindo com satisfação com sua expressão de angústia.

"M-meu senhor," ela gaguejou.

Sua pele se arrepiou em antecipação. "Cala-te, Alyss," ele sussurrou mais uma vez, mas o comando não era menos ameaçador apesar da maciez da sua voz. Alyss obedeceu e ele olhou para ela, seu sorriso se confundindo com as sombras do quarto. Ele a trouxe para mais perto ainda, jogando a lâmina reluzente em cima da cama. Com satisfação, ele assistiu os olhos dela seguindo o

punhal, e então ele começou a tirar seu vestido grosseiro, rasgando-o, até que ela ficou totalmente exposta aos seus olhos.

"Devolva o punhal para a minha irmã," ele ordenou para ela suavemente, e depois enquanto ela assistia, ele colocou seus lábios em seu peito. Ele sentiu uma grande satisfação com o suspiro que

ela deu, e apesar do brilho de medo nos olhos dela, sua carne tinha um tom róseo sob a luz da vela. Sua cabeça caiu para trás sem poder fazer nada, e ele riu profundamente com a reação dela. Puxando um

mamilo firmemente em sua boca, ele o rolou entre seus dentes até que ela gritou. Ele sentiu-se endurecer com o seu grito de dor e sorriu suavemente contra a carne quente de seu peito, quando viu os olhos dela novamente cheios de apreensão.

"WILLIAM," ela resmungou, olhando para ele com medo, no entanto, ela não se mexeu, pois ele segurava seu mamilo firmemente entre os dentes. Ela era inteligente, e ele sentiu que ela o compreendia perfeitamente.

"Você está com o frasco?" ele perguntou entre os dentes. Ela assentiu com a cabeça, e ele podia sentir o bater do seu coração contra seus lábios. Ele apreciava isso. "E você entende quando é que eu desejo que você o use?" Ela assentiu com a cabeça mais uma vez, e ele fez com que sua língua fizesse uma incursão delicada por sua carne jovem, uma recompensa, por sua aquiescência. "Muito bem," ele sussurrou, liberando-a. "Muito bem. Assim que eles estiverem casados, você deve esvaziar o frasco dentro do vinho dele," ele sugeriu. "Não vou voltar até que isso seja feito."

"E sobre o Dragão?" Alyss perguntou timidamente. "E se ele suspeitar?"

"Eu vou lidar com o Dragão," ele sussurrou com repugnância e sentiu-a tremer contra ele. Isso, também, o satisfazia, porque garantia que ela ainda tinha medo dele.

Seu plano era infalível. Já, hoje, com o fogo, eles suspeitariam de outras pessoas — e não importava se d'Lucy suspeitava dele ou não, só mais tarde Stephen seria capaz de olhar para trás e ver que havia outro adversário possível. Afinal, que homem seria idiota o suficiente

para sabotar os d'Lucys e depois dormir em sua própria casa?
Certamente ele não. Ele riu silenciosamente com está idéia.

Para Stephen seria improvável William ser suspeito quando já havia a promessa de aliança entre

ele e d'Lucy. Nem ele acreditava que Stephen iria se preocupar, pois era de conhecimento comum que após sua morte, a Inglaterra seria do herdeiro da Imperatriz. Por que então deveria Stephen se preocupar com guerras mesquinhas?

E então... quando Alyss envenenasse Graeham logo após a cerimônia, mais uma vez ele estaria

seguro da suspeita pela corte de Stephen. Claro, ele agiria como o irmão ferido e afirmaria que ele nem sequer tinha sido informado da cerimônia. Talvez ele sugerisse — com grande pesar, claro —

que Graeham ainda podia ter alguma inimizade por ele. E só então ele iria expressar sua tristeza.

Depois, com as bênçãos de Stephen ele iria recuperar sua irmã como sua protegida. E junto com ela, suas legítimas terras.

Simples assim.

Ainda assim, parecia uma eternidade antes de tudo acontecer. *E Alyss não era Dominique.* Não importava, era fácil o suficiente fingir na escuridão do quarto. Suspirando contra o peito de Alyss, ele se lembrou de uma época em que ele e Dominique eram próximos. Ela era tão nova e gentil... a

única pessoa que o tinha feito sentir-se amado. Todas as vezes que ele tinha treinado durante os verões sufocantes — seu maldito pai, pois ele nem sequer tinha a consideração de lhe encorajar —

Dominique tinha limpado sua testa com carinho fraternal.

Seu rosto se aquecia mesmo depois de tantos anos quando ele se lembrava que ele nos primeiros

anos da sua adolescência se atormentava de culpa por causa da luxúria que ele tinha por sua jovem

irmã. E seu pai ironicamente o tinha confrontado — porque ele tinha sido tão óbvio em seu suspirar.

Por Deus, mas o pai dele tinha aproveitado a oportunidade para dizer-lhe que ele, também, às vezes imaginava Dominique dentro de sua própria cama. Sim e isso foi quando Henry Beauchamp primeiro expressou sua dúvida de que ele tinha procriado Dominique — talvez para aliviar sua consciência, pois era demais esperar que fosse verdade. Era evidente para qualquer um ao olhar pai e filha, os dois juntos, como eles se pareciam. A mesma coisa era olhar William e Dominique, porque

os dois eram também muito parecidos.

Ouvir os desejos desprezíveis dos lábios de seu pai tinha dado nojo a William porque ele denunciava seus próprios anseios escuros. Enfurecido, ele tinha se atrevido a atacar seu pai na barriga pelo gracejo. E em seguida para provar o contrário, William tinha tido uma conversa com Dominique à parte — como se ela não significasse para ele mais que sua mãe que ele desprezava.

COM A SUA INFIDELIDADE, sua maldita mãe tinha feito seu pai amargo e insaciável... ainda assim foi uma salvação ela ter tido Dominique antes de sua morte... porque a única coisa que William amava

com uma paixão maior do que seu ódio pelos d'Lucys... era a sua linda irmãzinha.

Ele já não sentia culpa. Pelo contrário, há muito tempo ele tinha aceitado ser filho do seu pai.

Sim, porque isso queria dizer ter Dominique, e por isso ele não se importava. O mero pensamento de qualquer um dos d'Lucys tocando nela queimava suas entranhas, e a única coisa que o mantinha são o suficiente para continuar com esta farsa era o pensamento de que nem Graeham nem Blaec ficaria muito tempo neste mundo. E pelos olhos de Lúcifer, o próprio pensamento de suas mortes o compensava.

Era quase amanhecer, quando os irmãos voltaram. Graeham, cansado como estava, foi em

direção a capela. Quanto a Blaec, ele achava que quem precisava de oração não era seu irmão, mas

William Beauchamp, porque se ele se encontrasse com o demônio agora, ele poderia mandá-lo direto

para o inferno, onde ele pertencia.

Fúria lhe deu forças para ir até seu quarto. Sujo e encharcado de suor das provações da noite, ele amaldiçoou sob sua respiração, porque neste momento, ele sentia agudamente o peso da sua armadura.

O fogo tinha sido contido, mas tinha levado toda a noite para apagar as chamas e salvar o que

podiam das cabanas da vila. Apesar de ter tido poucas vítimas, muitos ficaram sem casas então ele e Graeham se sentiram obrigados a permanecer com eles durante toda a noite, oferecendo proteção e

ajuda no que podiam enquanto seus parentes reunidos os ajudavam a salvar seus pertences.

Embora sua proteção tenha sido desnecessária, porque os bastardos covardes que tinham

colocado fogo tinham fugido para a floresta à noite, sem deixar nenhuma pista. Não importava. Blaec não tinha necessidade de provas quando sua intuição lhe dizia exatamente quem tinha feito a sabotagem. Beauchamp. O nome fez os pêlos na parte de trás de sua nuca ficar em pé. E enquanto isso, o sacana dormia pacificamente sob o teto de Drakewich. Se Blaec pudesse provar sua culpa... ele ia arrancar o coração de seu corpo e dar aos bichos como alimento.

Cego de raiva, ele não se incomodou em bater quando entrou no quarto, mas assim que entrou,

ele desejou que tivesse dado um aviso. A empregada, Alyss, embora sozinha na cama dela, estava deitada sem nenhuma cobertura para escondê-la. O vestido dela tinha sido rasgado na frente, expondo

seus seios abundantes, e pela aparência deles, machucados e inchados, eles tinham sido bem usados

na noite anterior. Provavelmente por Beauchamp, porque Blaec sabia que nenhum de seus próprios homens se atreveria a deixá-la tão machucada. Cada um deles entendia que os Beauchamps — inúteis

como eram — estavam sob sua proteção. O que incluía seus servos. Maldito Beauchamp, ele pensou

amargamente. O desgraçado parecia estar se sentindo em casa, mesmo quando ele causava estragos

fora destas paredes.

A empregada não se mexeu mesmo quando ele fechou a porta, e ele evitou olhar para onde ela

estava a fim de dar-lhe privacidade. Ele não ia se demorar, mas passou direto para o próprio quarto, abriu a porta para encontrar alguém dormindo. Desta vez na sua própria cama.

Ele não estava preparado para vê-la, deitada tão serenamente nos seus lençóis e cobertores. Ele

recebeu uma carga através do seu corpo que ele nunca tinha experimentado em sua vida. Ele se esforçou para ignorá-la, se recusando a olhar de soslaio para a cama e indo até a janela. As janelas estavam abertas — sem dúvida para que ela pudesse ver a obra do seu irmão, ele se lembrou amargamente. Ele as fechou, e ao se virar ele a viu se alongando como um gato enquanto dormia.

Contra sua vontade, ele podia sentir seu sangue deslizando em suas partes baixas, quente e vibrante.

Ela gemeu baixinho, e ele não pode deixar de imaginar os sons que ela deveria fazer durante o

ato sexual. Ela deveria ser sedutoramente tranquila, mas violenta em sua paixão? Ou ela seria sensual e vocal, dizendo-lhe em sons suaves e gestos provocantes precisamente o que ela queria dele?

Este mero pensamento enviou uma luxúria quente que explodiu em suas veias, mais quente do que o fogo que ele tinha acabado de lutar. Só que este era muito mais perigoso, e ele mentalmente via as imagens em sua mente.

CRISTO! Ele não tinha o direito a ter esses pensamentos — nem deveria ter vindo aqui, ele reconheceu.

Ele deveria ter enviado um servo para pegar suas vestes, em vez disso. Ainda assim, ele estava aqui agora, e ele não se conteve; ele foi até a cama e ficou olhando para ela.

Vestida com uma cambraia plissada macia, branca, ela parecia à noiva virginal que o irmão desejava que ela fosse. E o cabelo dela... enquanto ele parecia queimar como cobre sob o sol, agora parecia escuro como o crepúsculo e tinha um brilho saudável que ficava

evidente na pele dela. Até mesmo suas sobrancelhas — escuras e perfeitamente arqueadas — eram uma obra de arte contra sua carne cremosa.

Não admirava que William tivesse esperado tanto tempo para oferecê-la em casamento, porque

com toda a sua beleza, ela era um prêmio tão grande como a própria Jerusalém. Sem dúvida isso tinha feito William se assegurar do melhor contrato, porque envelhecer, como o vinho fino, podia apenas fazê-la ainda mais valiosa. Apenas a antecipação do leito conjugal podia desestruturar até mesmo o melhor dos homens.

Mas, novamente... ele não era o melhor dos homens... e ele não era tolo o suficiente para fingir

que era. Um músculo tremeu em seu queixo, enquanto ele a observava.

Desamarrando os laços do *ventail*, ele deixou parte da máscara cair do seu rosto e então ele empurrou o capuz da armadura de seu cabelo molhado de suor.

De acordo com o seu pai, ele não era nada além de um bastardo. E se ele pensava que não tinha

inveja ou amargura, ele sabia agora que não era verdade, porque enquanto ele ficou encarando a mulher na sua cama, o mero pensamento de seu irmão tocá-la, amá-la, encheu-o com uma grande ira,

maior até do que ele tinha experimentado ao ver as cabanas em chamas na véspera.

Descontente com ele próprio, ele saiu de perto da cama e foi em direção aos seus baús, abrindo

o maior e retirou uma túnica preta e calças curtas. Por Deus, mas ele estava precisando de um banho para conseguir pensar melhor — para esfriar seu ardor. E era exatamente o que ele pretendia fazer — quanto mais cedo ele deixasse este maldito quarto, melhor.

(6) Incesto - Incesto é quando se possui uma relação sexual ou marital entre parentes próximos ou al g uma forma de relações sexuais dentro de de terminadas ocidentais . É condenado em quase todas as culturas humanas . O

incesto é punido como crime e malgumas jurisprudências , e é considerado um pecado pelas maiores religiões do mundo.

7

Dominique não tinha certeza o que a tinha despertado do seu sono, mas ela sentiu a presença dentro do quarto, mesmo antes de abrir os olhos. Seus olhos se abriram, e ela espiou — a juba negra do diabo era inconfundível. Ele estava inclinado sondando um dos baús em um canto do quarto, ela sentou-se e deu um grito, levando os cobertores até seu peito.

"O que você veio fazer aqui?" ela exigiu dele.

Ele se virou — irritado com sua lentidão deliberada — ainda que ela não estivesse preparada para vê-lo, quando ele olhou finalmente para ela. A malícia nos olhos dele enervou-a — embora não

mais do que a escura fuligem na sua carne. Sujo de fumaça e seu cabelo despenteado com suor, ele

parecia um demônio do eterno Reino de Satanás.

"Mais uma vez, demoiselle," ele disse para ela preguiçosamente, "eu poderia perguntar o mesmo para você."

Seu queixo levantou. "Foi você quem me trouxe aqui," ela lembrou-lhe. "Eu não escolhi este quarto. Infelizmente, o mínimo que você pode fazer é me dar à privacidade que eu mereço."

"Não, demoiselle. Foi ganância que a trouxe aqui para Drakewich," ele respondeu, "ganância e nada mais — se você achar por um instante que está enganando alguém, você está enganada."

Dominique se enfureceu. Como ele ousava começar com isso de novo! "Não estávamos falando

de Drakewich, senhor, mas do seu quarto, e bem, você sabe disso!"

Sua mandíbula tremia e seus olhos brilhavam. "Então você confessa?" ele perguntou, se segurando enquanto aguardava sua resposta — como uma besta negra, antecipando o ataque, ela pensou amargamente.

Dominique estreitou os olhos para ele, ficando de joelhos e tirando as cobertas em sua raiva.

"Como você ousa distorcer as minhas palavras! Não confesso absolutamente nada, meu senhor, e se você não deixar este quarto neste instante," ela aconselhou-o, "eu juro que eu vou gritar!" Apesar de que tudo o que ela queria era se esconder debaixo das cobertas, ao invés de enfrentá-lo, ela não ia se acovardar agora. Se ele pensou por um minuto que ela ia tremer cada vez que ele colocasse os olhos em cima dela, era ele quem estava totalmente enganado.

Seus olhos brilhavam divertidos, à custa dela, e isso a irritou ainda mais. Assim como a maneira

que ele a avaliava dos joelhos até o topo da cabeça, como se ela não fosse mais do que um bem a ser inspecionado.

"Gritar?" ele zombou, levantando uma sobrancelha. "É precisamente quem você acha que vai vir lhe ajudar, demoiselle?"

Dominique levantou o queixo, apesar de que a pergunta tenha enviado pavor por sua coluna —

apesar de que o olhar dele fez seu coração disparar e ela pensou que ele iria saltar para fora do peito dela. "Graeham," ela respondeu um pouco incerta, e então evitou seus olhos, porque ela se pegou avaliando-o — a largura de seus ombros, o comprimento do seu corpo tão completamente envolvido

em sua armadura. O que se passava com ela que ela o olhava amorosamente? Ele era um demônio desprezível, vicioso. E irmão de seu noivo.

Ele fez algum som no fundo de sua garganta, algo semelhante a riso, e quando Dominique ousou olhar de novo, a diversão que tinha estado lá anteriormente tinha desaparecido. Ele veio para frente, arremessando suas roupas em cima da cama, e ela vacilou quando elas caíram na frente dela.

"Graeham?" ele zombou. "Então, eu devo poupar a nós dois o desgosto de descobrir a resposta," ele disse para ela, "e responder a sua pergunta, pois você parece ter esquecido que está ocupando o *meu* quarto, demoiselle."

Havia pouca necessidade de lembrá-la, pois como ela podia esquecer? "Gostaria que não fosse"

ela respondeu levianamente. "Ainda não tenho uma escolha, meu senhor, e o mínimo que você pode fazer é oferecer-me o respeito que mereço como noiva do seu irmão."

ELE RESPONDEU sua raiva com calma e um aceno determinado de cabeça. "Ainda não, demoiselle, e se a escolha fosse minha... você não se casaria com Graeham."

"Sim, bem," Dominique retornou atrevida, "a escolha não é sua — graças a Deus todo-poderoso, pois caso contrário o derramamento de sangue não terminaria! Não pode dar uma trégua, eu não te

fiz mal nenhum. Nem mesmo por causa de seu próprio irmão será que você não pode ficar em paz

comigo!" Ela não tinha noção que a voz dela tinha aumentado, até que a porta se abriu e Alyss entrou tropeçando no aposento.

A empregada olhou assombrada de Dominique para o Dragão, e depois de volta, e Dominique

percebeu que Alyss estava segurando seu vestido de renda timidamente e estava olhando com medo

para o Dragão.

"M-Milady?" Alyss falou. O olhar dela reverteu para Dominique, seus olhos arregalados.

Um alarme tocou na cabeça de Dominique quando ela viu à aparência maltratada de Alyss. Ela se

levantou para ficar de pé em cima da cama, olhando com raiva para Blaec. "Em nome de Deus o que você fez com ela?"

Blaec não se preocupou em olhar para a empregada, pois já tinha visto as evidências e tinha achado horrível. Nem ele respondeu, porque ele não se preocupava a mínima se Dominique pensasse

que ele era o responsável. Ele sabia que não era.

"Oh, não... ou melhor, Milady!" exclamou Alyss. "Não foi ele!"

Ele assistiu Dominique se levantar da cama, para ficar ao lado da moça, olhando com atenção

para a roupa dela. Ele tinha que dar crédito a ela, pelo menos, por sua preocupação com a empregada, porque ela parecia genuinamente perturbada sobre a perspectiva de Alyss ter sido ferida.

"Quem, então?" ela exigiu, voltando a olhar para ele com ira.

Blaec engatilhou uma sobrancelha com sua acusação silenciosa. Por Deus, tudo o que ele podia

fazer para não ficar estupidamente boquiaberto com a visão que ela apresentava. A roupa dela era muito fina, deixando muito pouco à imaginação. Pernas longas, magras e deliciosas, que eram reveladas a ele pelo contorno, e acima delas uma cintura tão estreita que ele experimentou uma vontade incrível de medi-la com as mãos, para ver se ela era realmente tão pequena. E os seios; por uma questão de decência ele tentou não observar a forma dos mamilos escuros tensos contra o tecido.

Nunca em sua vida ele havia cobiçado tanto alguma coisa. Ele sentiu sua boca ficar seca e ele engoliu, querendo saber por que foi que Graeham parecia tão determinado a evitá-la. Para ele, ele quase não podia suportar o pensamento de ter que vê-la, mas pelo menos ele tinha uma razão, porque ela não era dele e ele não queria ser tentado.

Deus, ela não era dele.

O que ele estava fazendo?

Ao mesmo tempo, ele evitou seus olhos.

Ele pensou que ele não podia suportar ficar com Graeham, uma vez que eles estivessem casados.

Ainda por causa de Graeham, ele não podia nem pensar em deixá-lo. Sem ele, Graeham não ia durar,

ele sabia — embora ele ficasse arrasado sem entender por que poderia ser assim, pois Graeham não

era um sujeito desajeitado. Na verdade, Blaec pensava que ele apenas tentava, pelo menos Blaec e ele

eram iguais em habilidade, e Graeham tinha a mesma força e o mesmo tamanho.

Na verdade, ele tinha pensado muitas vezes que seu irmão tinha vontade de morrer... como se através de seu martírio, ele pensasse em expiar algum grande pecado. Ele certamente passava muito

tempo em penitência, rezando por longas horas na capela, como se ele fosse um monge piedoso. E

Blaec não podia se recordar a última vez que seu irmão tinha olhado com desejo para uma mulher.

Ele tinha ficado bastante surpreso quando Graeham informou-lhe de sua decisão em aceitar uma

aliança com Beauchamp. Ele tinha aceitado, e Blaec finalmente acolheria o feudo que Graeham tinha

querido dar-lhe há tanto tempo... conceder-se um benefício tão caro que parecia uma lesão recebê-lo, mas agora os bens dos cofres de Drakewich ficariam cheios, porque agora eles tinham pouca necessidade de gastar dinheiro com guerra.

FOSSE COMO FOSSE... agora talvez fosse o tempo certo, para ele finalmente ir...

"... diga-me quem faria uma coisa dessas com você," Blaec ouviu Dominique perguntar para a empregada.

Balançando a cabeça e sussurrando sua resposta, a moça pegou seu vestido rasgado, como se para esconder as evidências de seu amante. Só agora Blaec notou que seus lábios estavam inchados. E

havia um machucado negro no alto do seu rosto, como se ela tivesse levado um golpe. Seus lábios se curvaram sombriamente, pois as provas estavam muito claras para ele simplesmente se afastar agora.

Se um dos seus homens houvesse cometido tal crime, Blaec iria descobrir o nome desse canalha. Ele

foi em direção a elas, lembrando-lhes de sua presença.

A empregada se virou para encará-lo com um grito de alarme, como se, de alguma forma, ela

tivesse se esquecido dele.

Suas sobrancelhas colidiram com desagrado da reação dela. "Eu, também, gostaria de saber o nome dele," ele falou para ela.

A moça abanou a cabeça mais freneticamente ainda. "Oh, não meu senhor! Por favor!"

Os olhos de Blaec se fixaram nela, e ele manteve a calma apesar de sua recusa. "Você não tem

nenhum direito de me negar a fazer justiça na minha própria casa," ele lembrou a ela.

"Você não quer dizer a casa do seu irmão?" Dominique o interrompeu, seu tom sarcástico.

Blaec a olhou intensamente, mas a ignorou, sabendo muito bem que ela estava tentando irritá-lo.

Ele se recusava a ser manipulado. Ele virou-se para a empregada, persistindo, "eu exijo o nome."

Para seu desgosto, a jovem começou a tremer diante dele. "Oh, m-meu senhor... por favor..."

"Por Deus, mulher, não acredito que você permitiria que o demônio ficasse impune," ele disse para ela diabolicamente.

"Não foi ninguém, meu senhor," a empregada declarou fervorosamente. Ela apontou a bochecha dela ansiosamente, desviando o olhar dela. "Eu-eu juro! Eu simplesmente caí da minha cama, e foi o que aconteceu."

"Caiu de sua cama, o cacete!"

"Como ousa falar com ela dessa maneira," Dominique interrompeu.

Com esta censura, Blaec olhou-a mais uma vez, embora com pouco escrúpulo. Ele dificilmente

poderia acreditar que a moça não estava disposta a dizer o nome do culpado. Ele sabia muito bem que ela não tinha caído da cama dela e estava prestes a dizer-lhe isto, pois ele tinha visto os hematomas, mas então ele olhou para Dominique — verdadeiramente olhou para ela — e viu que ela estava calma. Só se a empregada estivesse protegendo seu senhor é que ela poderia mentir, ou para proteger seu senhor, ou talvez ela quisesse proteger seu amante. Olhando para os olhos de Dominique, inexplicavelmente ele descobriu que ele não poderia acusar William vendo-a tão aflita.

Seus lábios se curvaram em desprezo, embora ele estivesse indeciso do que mais lhe dava nojo:

sua fraqueza súbita por causa de Dominique, ou a devoção cega da empregada ao seu mestre. "E o vestido?" ele realmente queria saber, e se virou para a empregada. "Ele se rasgou sozinho ou se rasgou quando você caiu no chão?"

Alyss olhou para o vestido em questão, embora em estupor e então balançou a cabeça quando ela

viu seu olhar mais uma vez. "Eu-eu não sei," ela insistiu. Em pânico com uma expressão duvidosa, ela disse um pouco mais histericamente "Eu-eu não sei, meu senhor!"

"Deixe-a em paz, agora!" Dominique exigiu com uma expressão feroz. Blaec assistiu com um desgosto crescente enquanto ela abraçava a mulher suavemente nos seus braços e lhe acariciava.

"Você não vê que a está deixando angustiada?"

Sua sobranalha se levantou. "Ao contrário de seu amante, ao que parece, a moça se assusta muito facilmente, demoiselle, porque eu não a ameacei. Apenas pedi para saber o nome do malfeitor

que abusou dela, para que eu possa lidar com ele com justiça."

Os cílios de Dominique se fecharam momentaneamente. "Sim, bem... ela diz que não sabe."

ELE PODIA DIZER quando os olhos dela se encontraram com os dele que ela tinha tido a mesma conclusão que ele. Ainda assim, ele achou que não podia dizer nada para acusar o irmão dela, porque em seus lindos olhos azuis — aqueles olhos que eram tão iguais aos olhos do seu desprezível irmão

— ele reconheceu tanto seu reconhecimento como sua negação.

Ela sabia.

Ela tinha que saber.

Mesmo assim ela levantou seu queixo, negando, e ao mesmo tempo se atreveu a lhe ordenar,

"deixe-a em paz, meu senhor."

Ela tinha sido rápida o suficiente para falar, mas agora ele sentia que ela estava com medo de que a possibilidade pudesse ser falada. O que o levou a se perguntar se ela sabia... ou se ela apenas suspeitava...

Será que possivelmente ela não sabia quão detestável o irmão dela era?

Para seu desgosto, ele tinha o desejo irresistível de ir até ela. Os olhos dela se alargaram e de

repente estava com lágrimas.

Hipnotizante. Deus, mas ele poderia se perder naquelas piscinas de azuis brilhantes.

"Se você tem algo a dizer, meu senhor, diga e vamos terminar de falar sobre esse assunto," ela disse sem fôlego, seu peito arfando suavemente.

Com medo? Dor? Raiva?

Ela parecia que ia explodir em lágrimas, mas não o fez, e ele achou que de repente não importava. Se ela queria proteger o irmão dela, então que assim fosse. Ele balançou a cabeça, disposto a continuar com o assunto.

Mesmo assim, ele quase não podia conter o impulso de tê-la em seus braços... como ela havia feito com a empregada... tolo que ele era, porque ela não era dele para ele confortá-la.

Nem ela precisava dele para confortá-la, ele lembrou-se. Era apenas sua fantasia ele achar que

ela estava magoada com o acontecimento, porque ela provavelmente era tão desprezível quanto seu

irmão — e com o mesmo coração negro.

Esta probabilidade endureceu seu próprio coração.

"Muito bem," ele cedeu. "Vou falar claramente." Ele fez um gesto em direção a empregada. "Os homens da minha guarnição não cometem tais atos desonrosos, porque eles conhecem muito bem as consequências."

O sangue parecia fugir do rosto dela enquanto ele a olhava, no entanto, ela o surpreendeu por

defender sua posição. Endireitando os ombros, ela perguntou-lhe, "precisamente o que você está

dizendo, meu senhor?"

Apesar da coragem com que ela perguntou, Blaec viu em seus olhos um súbito arrependimento

por ter feito a pergunta, e então ele apenas balançou a cabeça, simplesmente dizendo-lhe, "a resposta é simples, demoiselle. Apenas abra seus olhos e você saberá." Ele virou-se para a empregada. "E

você... se a sua memória voltar, não hesite em procurar-me," ele disse para ela. E então ele se virou e deu um aceno na direção de Dominique. "Bom dia, demoiselle."

Dominique lhe não deu nenhuma resposta, e ele não esperou para tê-la. Sem mais uma palavra,

ele se despediu dela, pegando sua túnica e suas calças da cama e batendo com a porta atrás dele —

antes que ele pudesse ficar tentado a dizer para a rapariga insolente precisamente o que ele tinha querido dizer com a frase; que o irmão dela era um bastardo ignóbil que não apenas tinha a vileza em queimar as barracas dos camponeses enquanto eles dormiam como ele também era depravado ao ponto de bater na empregada da sua própria irmã.

Blaec não queria nada mais do que estrangular Beauchamp com suas próprias mãos.

Ele fechou seu punho com raiva, e mais do que isso, e mais do que antes, ele estava determinado

a ver esta farsa terminada de uma vez por todas. Graeham não ia se casar com Dominique Beauchamp — nem se Blaec morresse tentando impedi-lo. Ele se recusava a considerar os motivos

dele próprio que podiam ser um pouco menos puros.

Ele só sabia que, a todo o custo, ele estava determinado a manter a irmã do Beauchamp fora da

cama do irmão.

A todo o custo.

8

Por tudo que era sagrado, Graeham pretendia manter Dominique Beauchamp fora da sua cama. O

problema era... ele não sabia como fazê-lo — não quando seu próprio irmão estava forçando ele ficar com ela.

Ele passou a maior parte da manhã em oração, e agora quando ele ia para o seu quarto, seu coração estava pesado e cheio de incerteza. Verdadeiramente, ele pensava ter feito a decisão certa.

Seu povo não podia suportar mais traição. Ele acreditava que esta aliança com Beauchamp acabaria

com os ataques, mas agora parecia que ele estava enganado. Blaec tinha certeza de que Beauchamp

tinha sido o responsável, e Graeham não podia argumentar contra isto.

Além de Beauchamp, ele não podia entender quem mais poderia conduzir ataques contra suas aldeias. E ainda assim Beauchamp parecia ter pouco motivo, quando, através de sua irmã, seu próprio sangue, algum dia ele seria dono destas terras. Graeham simplesmente não podia conceber que William arriscaria tudo, pois isso fazia pouco sentido, jogar fora o ouro que estava na mão meramente para arrebatar a possibilidade de mais ouro. Ainda assim não parecia ter qualquer outra

pessoa.

A única coisa que estava clara para ele agora era que ele descobriu que não podia suportar quebrar seu juramento, não quando parecia que nada de bom viria disso. Apesar do voto de celibato, ele tinha concordado com a aliança com Beauchamp, porque ele tinha que considerar o bem maior;

um fim para a guerra deles. Era a cabana de sapé dos pobres camponeses que pegava fogo com cada

retaliação, e então se era para passar toda a eternidade no inferno por causa de seu povo, ele alegremente passaria. Mas ele ficaria arrasado se fizesse isso por nada.

Seu peito doía com a fumaça remanescente em seus pulmões e por causa da angústia de sua incerteza, ele abriu a porta do seu quarto e encontrou o irmão afundado na banheira esculpida em madeira que uma vez pertenceu a seu pai e ao seu pai antes dele — seus antepassados nobres que tinham cavalgado ao lado do Conquistador. Foi ele quem primeiro chamou esta terra inglesa de lar. E

então o Conquistador morreu, e sob seu filho mais novo a terra tinha sido banhada no sangue da traição — uma traição que até mesmo Graeham tinha se contaminado, apesar de que a traição não pertencia a ele.

Bastava que ele vivesse a mentira.

Vendo Blaec agora, se banhando num quarto emprestado, sem nenhum empregado para ajudá-lo

como deveria, Graeham sentiu seu estomago se torcer com culpa, mas ele fez uma cara alegre, mascarando do seu irmão fatigado, com sombra nos olhos, o tormento que ele sentia. Novamente, ontem à noite, Blaec tinha guardado suas costas com a mesma determinação feroz, como um javali

selvagem enfrentando um caçador.

"Estou feliz em ver que você seguiu o meu conselho," disse Graeham.

Cansado, Blaec lançou um olhar sobre seu ombro e sorriu. "Como você tão indiscretamente apontou... não queremos ofender nossos hóspedes, não é verdade? Por sua causa, meu irmão, um banho era o mínimo que eu poderia fazer."

Graeham riu enquanto jogava seu elmo em cima da cama. "Você faz muita coisa," ele comentou,

removendo suas manoplas (7) e batendo-as levemente contra a perna. Ele as lançou ao lado do seu elmo. "De qualquer forma... desde quando você me ouve?"

Blaec deu uma risada. Ele passou uma mão pela sua juba negra, suspirando e então colocou sua cabeça contra a borda da banheira para olhar o teto.

Graeham sentou em cima da cama. Ela se encolheu sob seu peso com um rangido agourento.

"Ainda não podemos saber com certeza se foi Beauchamp," ele disse depois de um momento.

Blaec continuou a olhar para o teto. "Não," ele concordou. "Ainda não... mas pretendo descobrir antes que o dia acabe."

"Verdade?" Os olhos de Graeham se estreitaram com interesse. "Como?"

"Um dos aldeões alega ter ferido um dos bastardos durante sua fuga."

FINALMENTE BLAEC VIROU-SE para enfrentá-lo, descansando seu queixo com a cicatriz na borda da banheira. A memória do golpe que tinha estragado o rosto do seu irmão era outra fonte constante de arrependimento para Graeham. Seu pai tinha tido um grande prazer em oferecer para Blaec o *colée*, o tradicional primeiro golpe de um cavaleiro, atacando-o impiedosamente com o punho da espada que

ele mais tarde tinha presenteado para Graeham. O corte foi profundo, e embora o sangue tivesse banhado sua bochecha, Blaec se ajoelhou orgulhosamente, as costas em linha reta e recebeu o golpe

sem nem mesmo uma palavra de queixa. Mas Graeham tinha visto a angustiante tristeza em seus olhos. E por trás desses olhos... ele

tinha visto o menino que há muito tempo ansiava abraçar seu pai.

Mas isso nunca aconteceu. Para sua angústia, Graeham sempre tinha sido o favorito do pai e Blaec não era mais do que uma inconveniência. Não importava que Graeham tivesse tentado mudar

isso, porque ele não conseguiu. Ele colocou a mão no punho da espada, e levantou a relíquia, passando seu polegar sobre a inscrição ao longo da lâmina. INNOMINEDOMINI: Em Nome de Deus.

Um grande absurdo.

"Então... a quem devemos tal dívida de gratidão?" Graeham perguntou. Ele não podia entender como Blaec podia olhar para ele com carinho, muito menos ter a devoção que ele lhe dava. Ele não merecia isso.

O sorriso de resposta de Blaec foi astuto. "A mulher do carpinteiro," ele revelou.

"A doce Maude?" o tom de Graeham estava incrédulo.

Blaec riu. "Ela mesma. Parece que ela pegou o marido com as calças na mão."

As sobrancelhas de Graeham se encontraram. "Certamente você está brincando?"

De novo Blaec riu, só que desta vez com considerável mais humor. "Não, e como Adam contou,

ela desceu em cima dele como uma louca, empurrou suas saias para baixo e correu para a janela com

um machado, jogando ele para fora em cima do cavaleiro mais próximo." Seu sorriso se alargou.

"Aparentemente deixou uma marca incorporada no rosto do cavaleiro."

"Meu Deus!" Graeham estremeceu quando a imagem veio a sua mente.

"Meus sentimentos precisamente."

"Eu acredito que eu não devo provocar a moça novamente," jurou Graeham, estremeecendo novamente. "Na verdade, talvez nós devêssemos recrutá-la."

Blaec sorriu melancolicamente. "Certamente ela tem se saído melhor contra os demônios do que

qualquer um dos nossos homens tem conseguido até agora."

Graeham suspirou. "Um fato bastante triste, mas é verdade."

"De qualquer forma," Blaec continuou, "ontem à noite estava muito escuro para pesquisar o bosque adjacente, mas pensei que talvez hoje... nós poderíamos convidar nossos hóspedes para uma...

caçada?"

As sobrancelhas de Graeham se levantaram. Ele assentiu. "Eu gostaria muito de ver a cara de Beauchamp se nós esbarrássemos com um corpo," ele admitiu.

"Está resolvido então."

"Sim," Graeham concordou. Levantando-se da cama, e foi até a porta, embainhando de novo sua espada. "Suponho que vou fazer o convite ao nosso convidado," ele propôs. E rezar para que ele encontre-se sem culpa, ele pensou em silêncio. Pelo bem de todos, ele esperava que Beauchamp não

fosse o responsável.

"Certifique-se de convidar *sua noiva*," Blaec falou para ele, seu tom sarcástico.

Graeham parou e virou-se. "Claro" ele disse, mas suas sobrancelhas estavam fechadas.

Algo sobre a maneira como Blaec tinha falado *sua noiva* chamou a atenção dele, e ele ficou parado, olhando para seu irmão por um longo momento. Ele tinha observado os dois juntos e até um

cego podia detectar a faísca entre eles. E ele sorriu, porque de repente ele soube precisamente como se desvencilhar da sua confusão. Inadvertidamente ele tinha encontrado a resposta. Blaec tinha razão, embora Graeham nunca fosse admitir isso. Sem culpa, ele tinha inadvertidamente colocado os dois juntos.

MESMO QUE WILLIAM FOSSE CULPADO, ele raciocinou com toda a probabilidade a irmã dele não era, pois ela não parecia ser uma víbora traiçoeira. Ela podia ser fiel ao seu irmão, mas sua explosão ontem à noite quando eles tinham considerado onde estaria o mensageiro de William lhe dissera muito.

Sim... qual seria a melhor maneira dele eliminar o seu fardo?

Se tudo se resolvesse bem, então seria consideravelmente mais fácil quando ele falasse com Stephen mais tarde. Ele há muito tempo queria fazê-lo, e quando ele fechou a porta atrás dele e Blaec se estabeleceu de volta na banheira maciça, Graeham se sentiu notavelmente mais leve de espírito.

Mais leve do que ele tinha estado há anos.

Dominique conseguiu esperar até que ela e Alyss estivessem vestidas, mas ela não conseguia esperar por mais tempo. Quando Alyss pegou um pente de Dominique para pentear o cabelo dela, Dominique tirou a mão dela, devolvendo-o para mesa.

"Alyss," ela começou, seu tom grave, "você deve me dizer quem fez isso com você."

Delicadamente, estremeando ao ver o machucado, ela tocou a face de Alyss. "Eu sinto muito," ela sussurrou.

Alyss estava nervosa e desconfortável. "Não, senhora... não há nada para você se desculpar.

Suavemente ela afastou a mão de Dominique do rosto dela, visivelmente desconfortável com o gesto.

"Obrigada, mas é como eu disse... Eu caí da cama enquanto dormia."

Soltando a mão ao lado dela, Dominique evitou olhar para Alyss, se virando para as venezianas.

"Querido Deus, Alyss... como pode você esperar que eu aceite essa estória? Como me dói concordar com uma única palavra que Blaec d'Lucy proferiu, eu não acredito neste conto mais do que ele."

"Foi bondade dele em ficar preocupado comigo," Alyss interrompeu.

As sobrancelhas de Dominique se colidiram quando ela girou para enfrentar a empregada.

"Bondade? Lembro-me de várias palavras para me lembrar daquele homem, mas esta não é uma delas!"

Alyss assentiu com a cabeça inflamada. "Sim, senhora! Na verdade, ele não teria ficado tão zangado se ele não estivesse preocupado. Pense nisso... ele passou longas horas sem dormir, combatendo o incêndio, quando poderia mandar seus homens, e ir para a cama sem pensar em nada?"

Será que ele não poderia ter lidado com os estragos do fogo esta manhã? Sim," ela afirmou, vendo que Dominique considerava as palavras dela, "o fogo não ameaçou a torre de menagem, ele estava preocupado com o seu povo!" Ela pareceu melancólica um momento, torcendo as mãos e então disse,

"é uma sorte, você se casar com Graeham que é bondoso e bonito, mas também é gentil. Só que eu..."

Ela parou com um soluço, o olhar dela indo em direção a Dominique.

Dominique hesitou com seus olhos enevoados, mas apenas um instante, pois não importava se ela temia a resposta, ela tinha que perguntar, "foi meu irmão, Alyss? Foi William?" Sua mão fez um carinho no ombro dela. "Ele fez isso com você?"

Os olhos de Alyss se alargaram. "Oh, não minha senhora!" Ela deu um pequeno grito e abanou a cabeça veementemente. "Não!" E ela fez o sinal da Cruz. "Deus nos preserve — não, minha senhora

— como pode pensar isso?"

Alívio cercou Dominique. Ainda assim, ela tinha que perguntar, ela tinha que saber com certeza,

"você está me dizendo à verdade, Alyss?"

Alyss abriu a boca para falar e então fechou, abaixando o rosto dela, como se tivesse ficado ofendida com a pergunta. Um instante mais tarde, ela levantou seu queixo e disse com os olhos desprovidos de emoção, "não foi meu senhor, seu irmão, senhora."

"Quem então?"

Alyss determinadamente abanou a cabeça. "Perdoe-me, não posso dizer."

Uma batida soou na porta, interrompendo-as.

Dominique e Alyss se viraram com o ranger da porta. Era uma coisa que os dois irmãos pareciam compartilhar em comum, Dominique pensou quando o rosto de Graeham apareceu na porta. Também não parecia se importar nem um pouquinho em demonstrar cortêsias. Por Deus, mas

ela estava começando a se arrepender verdadeiramente desta aliança profana.

DOMINIQUE DEU a sua criada um olhar furtivo. "Você entende que eu tenho que saber?" ela perguntou baixinho, com a intenção de abordar o assunto com Graeham. Nem mesmo o Dragão infernal poderia impedi-la de descobrir o nome do canalha responsável por esta ofensa.

Ela realmente iria persegui-lo, embora mais tarde. Porque esta era, de fato, a primeira vez que

seu noivo tinha se incomodado em procurá-la. Ela forçou um sorriso, não querendo bombardeá-lo

com queixas. "Meu senhor," ela disse docemente em saudação. Levantando o vestido dela, ela foi em direção a ele. "Eu esperava poder falar com você hoje."

Ele sorriu para ela e Dominique viu que sua raiva se dissipou com o calor dele. Ele era, na verdade, um homem gracioso, ela disse a si mesma, e Alyss estava certa; ela tinha sorte. "Bem, aqui estou," ele disse jovialmente. "Eu confio que você está se sentindo melhor esta manhã?" Ele procurou a mão dela e segurou-a, suavemente pressionando os lábios na palma de sua mão.

Não estando acostumada com tal graciosidade, Dominique observou o gesto com ceticismo.

"Sim, meu senhor," ela cedeu e apesar de seu desconforto, ela ao mesmo tempo sentiu-se um pouco tonta e culpada pelas coisas que tinha pensado dele. Ele não era nada parecido com seu irmão, ela garantiu a si mesma. Ou melhor, era mais do que evidente que o homem de pé diante dela era um lord, um nobre — ela lançou um olhar irritado para a porta — pelo menos, na maioria dos aspectos.

Seu irmão, por outro lado, era nada mais do que um bruto incivilizado.

"Esplêndido," Graeham declarou. A covinha na sua bochecha aprofundou-se com seu sorriso, e Dominique encontrou-se a pensar se ele e Blaec tinham essa característica peculiar em comum. E

mesmo quando ela pensou nisso, ela ficou horrorizada. Por que, pelo amor de Deus, deveria ela pensar naquele homem. Ela só precisava se preocupar com Graeham. Recuperando a mão dela, ela abaixou os olhos com culpa.

"Estou satisfeito por ouvir isso, porque eu esperava persuadi-la a se juntar a mim na caçada de hoje." Seus olhos estavam brilhantes quando ela viu seu olhar novamente. "Por favor, considere em ir," ele continuou, "vou me sentir um homem de sorte."

Com cada palavra que ele proferiu, Dominique se sentiu mais à vontade. Ela não estava acostumada a tanta cortesia, ou, melhor dizendo, ela não estava acostumada a mel nas palavras de

qualquer homem. Ela deu-lhe um sorriso hesitante. "Não há necessidade de considerar, meu senhor,"

ela respondeu, levantando o queixo ligeiramente. Outra maneira em que estes dois irmãos eram iguais — sua altura incomum. "Ficaria encantada de andar ao seu lado," ela disse... e não podia deixar de pensar se o Dragão iria lhes agradecer com sua presença.

Com este pensamento, seu estômago se embrulhou. Ela disse para si mesma que ela não tinha absolutamente nada a ver com a perspectiva de voltar a ver Blaec d'Lucy. Na verdade, ela esperava que o demônio do Dragão se preocupasse em se juntar a eles em tudo.

Não que isso importasse, é claro. Sua presença, ou sua ausência não lhe dizia respeito.

Suas sobrancelhas se fecharam, e ela mordeu em seu lábio inferior.

Virgem Maria, mas ela não parecia ser capaz de parar de pensar naquele animal. Assegurando-se

que era meramente porque ele tinha conseguido aborrecê-la esta manhã, ela forçou seus pensamentos

para assuntos mais graves. "Meu senhor," ela começou, "há uma coisa que eu gostaria de falar com você..." Ela olhou por cima do ombro para a empregada dela e depois de volta para ele. "Alyss," você vê..."

"Não, Milady!" Alyss implorou.

Assustada pelo protesto, Dominique virou-se para interrogá-la silenciosamente e viu que ela tinha dado um passo para frente. Na verdade, parecia como se ela fosse desmaiar e a expressão no rosto dela era de medo.

"Eu imploro, por favor!"

DOMINIQUE PENSOU que ela pudesse estar horrorizada de trazer um assunto tão sensível diante de Graeham, e ela deu um aceno, resolvendo perguntar-lhe mais tarde, quando Alyss não estivesse presente. Talvez eles nem tivessem um momento privado durante a caça quando ela poderia falar com

ele em particular.

As sobrancelhas de Graeham se levantaram, avaliando as duas. "Se houver alguma coisa que eu

possa ajudar demoiselle, você precisa apenas pedir."

Demoiselle. O som nos lábios de Graeham era estranhamente desagradável depois de ouvir nos lábios de seu irmão — mas era um absurdo porque Blaec d'Lucy tinha usado esta palavra apenas com

raiva e nunca com afeto.

Por um momento atrapalhado ela não podia encontrar sua voz para falar, recordando como ele

tinha olhado para ela, com tal fúria potente e silenciosa, e ela se perguntou novamente o que a afligia e se ela deveria se importar se ele a desprezava injustamente, ou não. Este homem de pé diante dela seria seu marido. *Este* era o homem com quem ela deveria preocupar-se, este homem e nenhum outro. *Este homem* e não seu irmão.

Graeham olhou-a com a expressão mais peculiar no rosto dele. "Muito bem, então," ele disse.

"Se há mais alguma coisa..." Ele esperou que ela falasse, e quando ela não o fez, ele acrescentou,

"agora há algo que eu quero que você faça por mim..."

Ela se sentia aborrecida, irracional. Ela queria agradá-lo. Ou melhor, era seu dever agradá-lo, e

ela faria tudo o que pudesse para ter o seu lugar na sua casa. Ela inclinou seu rosto e orou que ele não pudesse ver a confusão que enchia sua alma. "Nada, meu senhor," ela disse.

Seu sorriso era amável, e ela pensou no mesmo instante que Graeham d'Lucy era o homem mais

gentil que ela já tinha conhecido. Por Deus, nem mesmo seus parentes, suas próprias carnes e sangue tinham sido tão carinhosos com ela — nunca. Ela devia se lembrar de contar suas bênçãos.

"Meu irmão," ele disse baixinho.

O coração de Dominique cambaleou. Ela baixou seus olhos de uma vez.

Graeham "Ele está tomando banho no meu quarto," ele salientou. Ele levantou o queixo dela

com um dedo para que ela tivesse a certeza de ver seus olhos enquanto ele falava. "Como minha noiva... eu gostaria que você fosse até lá agora e concedesse a ele a honra de banhá-lo."

"Não!" A palavra explodiu de seus lábios, surpreendendo até mesmo Dominique, porque ela nunca tinha ousado negar um pedido antes. Ainda assim, tendo-o feito, ela não conseguia encontrar

em si mesma um pedido de desculpas por sua explosão. Ele franziu a testa para ela, e colocou a mão longe do seu rosto, e ela deu um passo em pânico para trás. "Meu senhor! Você não pode querer que eu —"

"Ah, mas eu quero," ele disse, sua expressão endurecida com sua recusa. "Ele é meu irmão, senhora Dominique. E como meu irmão, nenhum outro nesta casa merece mais do que ele. Nem mesmo você," ele ressaltou insensivelmente. "Então você vê... você vai até lá e vai dar-lhe banho, porque eu não quero uma esposa desobediente."

Dominique engoliu a saliva amarga que veio aos seus lábios.

"Estamos nos entendendo, Lady Dominique?"

O coração de Dominique parecia que tinha parado de bater. Ela tinha verdadeiramente ousado pensar que ela pudesse ser mais do que uma refém política nesta permuta desprezível? Ela tinha ousado pensar que Graeham seria diferente de seu irmão, só porque o sorriso dele era tão angelical?

Que Deus tivesse misericórdia, mas ela não sabia quem era pior: Blaec, que abertamente a detestava, ou Graeham, que permitiu a ela ter esperança e depois tão facilmente a triturou sob seu calcanhar.

"Sim, meu senhor," ela se rendeu, tentando o melhor que podia impedir ira no seu tom. "Nós estamos nos entendendo muito bem." E ela pensou naquele instante que ela não sabia qual dos dois ela mais desprezava. E então ela franziu a testa, violentamente enquanto seu coração esmurrava suas costelas, ela sabia que a resposta era Blaec.

(7) Manoplas - luva de ferro, que protege a os gladiadores e que passava a noite girando as armaduras de guerra.

9

Era uma cortesia comum uma mulher cuidar dos banhos dos hóspedes e poderia ter sido um pedido

perfeitamente razoável se Dominique não abominasse o pensamento de ter que ficar na presença de

Blaec d'Lucy.

Além disso, ela nunca tinha ajudado um homem a se banhar, porque o irmão dela nunca tinha permitido. Ele tinha avisado a ela veementemente contra sua luxúria, salientando que sua própria mãe tinha caído nas presas de tal ação carnal. E era verdade, porque

enquanto Dominique recordava-se pouco de sua mãe, ela se lembrava vividamente da raiva e das acusações do pai dela.

Então, compreensivelmente, Dominique estava nervosa.

Não foi difícil encontrar o quarto do senhor da propriedade. Ficava depois do solar das mulheres — ou pelo menos o que deveria ser o solar das mulheres. Aqui, como na casa do irmão dela, não havia nenhuma mulher exceto aquelas que os serviam. Com esta percepção, a tristeza sangrou em sua raiva, pois ela tinha imaginado participar de passatempos, compartilhando segredos

com as esposas e as filhas dos homens da guarnição do marido — e não ficar escravizada por dois

irmãos implacáveis, mal-humorados. Talvez Graeham não fosse o demônio que era seu irmão, mas

ele tinha deixado perfeitamente claro qual era o lugar dela em sua casa. Ela não tinha nenhum lugar.

No solar, ela fez seu caminho pelos espectros dos sonhos dela, tentando tirar as visões que ela

tinha de mulheres gracejando durante a costura, crianças rindo e brincando aos seus pés, perseguindo gatinhos impertinentes com a boca cheia de fios roubados. Ela ergueu a cabeça, recusando-se a ceder à tristeza. Ela sempre tinha feito o que era necessário, e este momento não era diferente de qualquer outro. Se ela tivesse que banhar a besta, que assim fosse. Ela ia banhar a besta.

Ela parou na porta, a mão sobre a madeira, olhando por cima do ombro para o solar vazio. Um

dia, ela jurou, ele estaria cheio de riso — por Deus, ela faria isso! E reforçando sua coragem, ela bateu na porta.

Apertado na banheira, Blaec colocou uma perna sobre a borda quando soou a batida na porta.

Suas sobrancelhas se fecharam, pois claramente não era Graeham. Enquanto seu irmão parecia determinado a conceder-lhe honras indevidas, Blaec tinha certeza de que ele nunca faria o absurdo de bater na porta do seu próprio quarto. Nem alguém ciente de sua presença aqui por vontade própria

viria a este quarto — certamente não sem ser convidado.

" *Entrez, (8)*" ele disse, esperando uma encantadora empregada, por cortesia de seu irmão. Ele não se preocupou em esconder-se.

Droga Graeham, pois ele gastava metade do seu tempo cuidando dele, em vez de tentar

compensar algo que tinha ficado há muito tempo fora de suas mãos, Blaec então poderia ser capaz de continuar com sua própria vida. Ele sempre servia seu irmão — ele tinha jurado fazer isso — mas

por Deus, Drakewich parecia estar ficando menor a cada instante. Devido à chegada da Raposinha mal-humorada, e seu irmão tinha dado sua palavra que iria se casar com ela.

Quando a porta se abriu, ele na mesma hora se endireitou dentro da banheira, empurrando a perna para dentro, jogando água sobre o chão. Ele não estava preparado para este visitante.

Não para esta.

Seus olhos se estreitaram. Certamente não com esse vestido. Ele se agarrou na banheira, preparado para saltar para fora — que a modéstia se danasse — e maldito era seu irmão que ia se

casar com ela.

"O que você está fazendo aqui?" ele perguntou para ela incrédulo.

Enquanto ele a observava, as bochechas dela se iluminaram com desgosto ou indignação — ou

talvez ambos, ele decidiu, pois ela lhe deu um brilho feroz antes de desviar seu olhar.

"O que você acha que eu estou fazendo aqui?" ela falou sarcasticamente.

Com os dentes cerrados ele disse. "Porque você não me esclarece demoiselle."

ELA COROU e de repente parecia ter grande interesse no teto. Com o pescoço arqueado, revelando um

pulsar forte no pescoço dela, o próprio batimento cardíaco dele se acelerou dolorosamente. Ele tentou ignorar a tentação, mas apesar de sua raiva, tudo o que ele podia fazer era não se levantar da banheira e ir até ela, sacudi-la até que seu bom senso voltasse e então satisfazer sua fome pelo aroma dela e o sabor da sua carne.

Disposto a permanecer sentado dentro da banheira, ele se deixou imaginar como seria sentir o

pulsar de seu pescoço contra sua língua. Suas narinas se alargaram.

Pelo amor de Cristo, seu irmão era demente em mandá-la aqui.

"Vim te banhar, é claro," ela revelou amargurada.

Seus lábios se curvavam. "Verdade?"

"Não pela minha própria vontade, eu garanto, meu senhor."

Ela deu-lhe um brilho rápido, deixando-o com uma impressão de olhos azuis claros e ardentes.

Cristo, mas ele podia se queimar nesses olhos por uma eternidade. Ele mal se continha, pois ele estava se queimando mesmo agora. Imagens e sons de corpos entrelaçados, membros emaranhados e gemidos exóticos, abordou-o... suor...calor... o pulsar do pescoço dela.

Com o perigo de sua própria alma, ele tentou pensar em seu irmão a abraçando, mas não conseguia; os lábios que ele viu sugando o peito dela eram os dele.

Droga Graeham vá para o inferno.

Praguejando baixinho, Blaec deslocou-se desconfortavelmente dentro da banheira, levantando o

joelho como uma barreira entre aqueles olhos azuis extraordinários e a evidência de sua excitação.

Podia seu irmão realmente não ter noção do que ele estava fazendo enviando a moça quando ele estava fraco e desarmado? Pelos olhos de Cristo, ele podia ser fiel a Graeham, mas ao contrário de seu irmão, ele estava longe de ser um santo.

Sim e na verdade, ele nunca chegaria perto.

Neste momento ele estava perdendo rapidamente a paciência. A melhor coisa que ele podia fazer

agora era mandá-la sair do quarto.

Ele fechou os olhos, apertou a mandíbula e ouviu-se dizer, "Venha cá, Dominique".

Dominique estremeceu ao som da sua voz. Crua e primitiva enviava medo através dela. E Santa

Maria, parecia que o ar úmido de alguma forma aspirava o ar de seus pulmões, porque de repente ela viu que não conseguia respirar de jeito nenhum. "Eu... eu acho que não," ela falou.

"Entendi." Quando ele reabriu seus olhos, eles estavam verdes, febris. Arrogantemente viajaram por todo o corpo dela, avaliando-a e a seu vestido. Bom, ela estava feliz por que ele não tinha gostado do seu vestido. A última coisa que ela queria fazer era agradar o bastardo.

"E você acha que pode banhar-me de onde você está?" ele falou suavemente. "Ou você planeja simplesmente assistir, demoiselle?"

"Claro que não!" A própria noção. Mesmo percebendo que ela tinha sido instigada, Dominique deu um passo relutante para frente e então parou sem achar que seria possível chegar até onde ele estava.

Sim, ela era uma covarde!

Para seu espanto, ele levantou um pano da água e entregou-o para ela, seu olhar corajosamente enviando-lhe um desafio. O corpo dela tremia diante da mera possibilidade de tocá-lo — o pano que

tinha compartilhado a mesma água do banho com ele — pegando tão intimamente de suas mãos.

Tocando-o. Ela mal podia acreditar que isso estava acontecendo. E ela não conseguia pensar claramente com ele segurando o pano tão insistentemente.

Foi desta maneira que a mãe dela tinha se sentido? Essa tinha sido a maneira como sua traição

havia começado?

Ela mudou-se para frente, buscando o pano com cautela, pois ela imaginava-o fechando a mão

para que ele não lhe escapasse.

O QUE ELA deveria fazer em seguida? Gritar? Virar e fugir?

Ela não se achava capaz de fazê-lo, mas vê-lo a fazia ficar fascinada. Esta noção a deixou nervosa e então ela arrebatou o pano das mãos dele, determinada a não descobrir, só para vê-lo abaixar sua mão na água nebulosa, para recuperar o sabão. Ele também o entregou para ela.

Outro desafio.

Um desafio jogado aos seus pés.

Não obstante, à vista disso, Dominique encontrou que ela não podia se mover, mesmo para salvar seu orgulho.

Cuidado com ele!

Ele engatilhou uma sobrelha. "Como já lhe assegurei uma vez, senhora Dominique... Eu não

mordo."

Dominique estremeceu, pois ela não estava tão certa. O inconfundível predatório brilho nos olhos dele levou-a a se perguntar se ele não comia bebês e se ele não sacrificava virgens, afinal.

"Sim, bem..."

"Se você não tem medo de mim, não há nenhum motivo para permanecer nesta distância..."

"Eu — não — tenho — medo — de você!" Dominique disse tão ferozmente quanto ela foi capaz, levantando o queixo. *Suíno*

arrogante. Ela olhou sua mão estendida que ele estava oferecendo como se fosse um punhal traiçoeiro. Tentando engolir o caroço que apareceu de repente na garganta dela, ela chegou mais perto para pegar o sabão, apenas para descobrir que ela estava nervosa, e o sabão

escorregadio e molhado, ela não conseguiu segurá-lo bem o suficiente para tirá-lo da sua mão.

Não importava as palavras inteligentes que ela tinha pensado proferir porque elas fugiram inteiramente de sua mente enquanto lutava para segurá-lo. Vindo em seu auxílio, sua mão segurava o sabão, com força, mas seus dedos poderosos sobre o pequeno pedaço a tocaram. Os dedos dele, quentes como pequenas chamas, mandavam solavancos através dela, deixando-a tonta. Que Deus a ajudasse, mas ela podia apenas olhar para baixo para ele sem expressão enquanto seu coração batia

descontroladamente contra seu peito. Os dedos dela finalmente conseguiram pegar o sabão. Como este homem podia afetá-la, quando seu irmão não a afetava? Algo devia estar errado com ela, com

certeza. Graeham era um homem bonito.

O sorriso de resposta de Blaec foi frio, gelado, era como se ele tivesse vislumbrado nos olhos

dela sua fraqueza com relação a ele. E naquele instante, Dominique podia imaginar que, na verdade, era com grande prazer que ele se deleitaria em cima de seu corpo e da sua alma. O pensamento a fez tremer com... certamente não com antecipação? Sua testa se franziu. Medo, ela disse a si mesma. Era medo e nada mais.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ele parecia ler seus pensamentos, porque ele pediu, "Certamente você não tem medo de mim, senhora Dominique?"

"Que idéia ridícula," ela disse, mas um tremor em seu corpo demonstrou sua mentira. "Porque

eu deveria ter medo de você, meu senhor?"

Apenas tardiamente ela percebeu que não tinha retirado sua mão. Com a palma da mão, ele pressionou o sabão na palma da mão dela com os dedos impiedosamente fechados sobre sua mão, apertando-o. Dominique não conseguia pensar em nada naquele momento. Não conseguia pensar direito. Piscando, ela olhou para as suas mãos unidas, seu coração batendo violentamente batendo no peito dela. Seu olhar estava fixo nela. A curva de seus lábios parecia zombar dela. Havia algo que ela devia fazer, ela sabia, mas não podia conceber o que poderia ser.

Entre eles, a barra de sabão deslizou como veludo molhado, quente, entre suas palmas quando

ele torceu a mão, colocando seus dedos entre os dela, puxando firmemente e trazendo-a para mais perto. Dominique meramente poderia ir, sua vontade tendo fugido inteiramente, todo o pensamento dela escapando da vontade dela.

Blaec disse a si mesmo que sua intenção era assustá-la, para que ela fugisse do quarto e o deixasse em paz, de uma vez por todas, mas mesmo quando ele a trouxe mais perto, e forçou a mão

em cima do seu peito, ele sabia que sua vontade tinha sumido. Como uma loucura, seu único pensamento era que ele iria morrer se ele não sentisse seus dedos pequenos, delicados, dançando em cima de sua carne. Eles queimavam onde eles tocavam-lhe tão timidamente, e ele tremeu com o desejo feroz que tomou conta dele, de repente, enchendo seu corpo com calor.

A ingestão de ar era audível. "Meu senhor!"

Ela tentou se afastar com este contato, mas ele viu que ele não podia libertá-la.

"Lave-me, então, Dominique," ele a desafiou. "Se, de fato, você não tem medo..."

Ela endureceu, mas não removeu imediatamente a mão dela, e ele contou isso como uma

vitória... mas foi um fracasso. Deus, ele era fraco. Seu irmão merecia coisa melhor do que ser traído por seu próprio sangue, e ainda assim ele não podia evitá-lo. Ele sentia-se um homem possuído.

Obcecado. Ela estava em seu sangue tão certo como o vestido pertencia a ele. *Pertencia a ele.* Mesmo que ela não pertencesse. Em sua ira, ele queria rasgar o vestido pedaço por pedaço... e então se enterrar dentro dela como a lâmina de sua espada; com rapidez e uma doce vingança.

"Lave-me," ele sussurrou ferozmente, seus olhos brilhantes.

Ela não se mexeu, e seus olhares se encontraram, trancados, presos.

"Eu *não* tenho medo de você," ela jurou. O peito dela se levantou, puxando seu olhar para os picos de tensão que apareciam tão deliciosamente contra sua túnica. "Não tenho medo de você," ela repetiu como se fosse uma ladainha. Os olhos dela estavam arregalados, as pupilas dilatadas, enfatizando o azul intenso.

"Não?"

"Não," ela exclamou sem fôlego e passou sua pequena língua nos seus lábios cor de rosa.

Ele queria sentir aquela respiração em cima de sua pele, chupar essa língua com a sua própria,

atraí-la para a banheira em cima dele e esmagá-la sobre sua excitação dolorosa, aliviar-se da pressão que estava rapidamente se tornando intransponível.

"Dominique," ele resmungou.

Que Deus o salvasse, pois não lhe sobrava nenhuma vontade.

Nenhuma vontade.

Ele era fraco. Desprezível. E pior, sem honra — seu pai tinha estado certo todos esses anos. Cada

músculo do seu corpo estava tenso, a ponto de se romper. Ele queria mandá-la embora, mas de repente as mãos dela começaram a se mover sobre o peito dele e ele ficou tão perdido quanto o anjo Lúcifer em pessoa.

"Dominique." A palavra era um apelo para que ela visse a besta dentro dele, que ela a reconhecesse e fugisse em terror, porque ele não podia fazer nada a não ser ficar sentado na água fumegante, saboreando a sensação de sua mão sobre ele, acariciando o peito dele, massageando seus

mamilos com o sabão.

"Cristo." Outro apelo. Ela o afetava profundamente e ele não conseguia ter um pensamento racional. Ela deveria ir, ele sabia, mas ele fechou os olhos e deitou sua cabeça contra a borda da banheira, soltando a mão dela finalmente.

Como um adolescente, ele gemeu e estremeceu com um prazer enorme enquanto ela continuava.

(8) Entre z – e ntre (e m francê s).

10

Ela era filha da mãe dela.

Que Deus tivesse piedade de sua alma.

A verdade horrorizou Dominique, porque apesar dela desprezar este homem, ela secretamente estava emocionada com a sensação do seu corpo sob seus dedos trêmulos, a reação dele ao seu toque.

Ela realmente nunca tinha entendido como a mãe dela podia ter arriscado tanto pela atenção de um

estranho... até agora. *E agora ela entendia tudo.* No entanto, a mãe dela tinha sido levada para os braços de outro homem, e Dominique não tinha nem essa desculpa, ela só estava aqui em Drakewich

apenas um dia, e certamente não tinha suportado o sofrimento que a mãe dela tinha suportado.

Isto era de longe pior do que a mãe dela tinha feito.

Ele deitou de volta dentro na banheira, seu peito musculoso, revelando-se a ela completamente,

magnificamente esculpido por anos de batalhas. E a maneira que seus músculos estremeeceram com

seu toque... deu-lhe uma inebriante sensação de poder, apesar de ela sentir-se consternada, como podia Graeham testá-la? Ela não entendia.

Era sua intenção compartilhá-la com seu irmão? Eles eram tão depravados?

Esta pergunta fez seu corpo vibrar, e ela acenou com a cabeça, porque era ela quem era depravada — ela, já que o mero pensamento deste homem a excitava como nenhum outro. Graeham,

afinal, a tinha mandado para homenagear seu irmão.

Blaec estava apenas curtindo seu banho.

E ela?

Seus olhos, brilhando como jóia perfurava sua compostura.

Ele suspeitava de seus pensamentos?

O coração dela batia descontroladamente contra suas costelas quando ela ousou explorar seus ombros, atenta para não olhar para baixo, para as profundezas escuras da água. Ela não ousava, porque ela não queria que ele compartilhasse sua depravação. Jesus, o que ela devia fazer em seguida?

Deitar-se com seu inimigo?

Ela não era tão ignorante que não compreendesse o que o seu corpo estava sentindo; ele estava

acordado, excitado... ela se sentia tentada... Ela fechou os olhos, afastando as imagens que se levantavam como a serpente que seduziu Eva.

Mas não, ele não era seu inimigo, mas o noivo dela. Ah, Deus, mas não era assim... seu irmão

era seu noivo. Cristo misericordioso, mas ela estava tão confusa. E ela estava tremendo. Ela devia se controlar o mais rápido possível. Parar de pensar nestas coisas.

Ela não devia desonrar a si mesma como sua mãe tinha feito.

Sim, ela simplesmente devia cumprir o seu dever e ir embora.

Mais do que tudo, Dominique queria ficar de pé e correr para a porta, mas continuou de joelhos

em vez disso, suas mãos trêmulas como as folhas antes de uma tempestade. Ela gritou quando deixou

o sabonete cair na água e fechou seus olhos, empurrando a mão para baixo tentando recuperá-lo, agarrando freneticamente.

Como um raio na escuridão, a mão dele serpenteou para fora para prender seu pulso, travando

sua busca. Dominique gritou com o aperto doloroso no seu pulso. Os olhos dela se abriram para

encontrar o dele; verde e safira em confronto. Por um instante nenhum dos dois falou, porque o ar estava muito pesado entre eles.

Quando finalmente ele falou, sua voz era tensa e cheia de malevolência. "Não precisa procurar,"

ele a advertiu, seus olhos em chamas, "ou eu garanto que você não vai apreciar o que vai encontrar."

Dominique sentiu que o ar tinha saído dos seus pulmões. Ela entendeu o significado do que ele

tinha falado e seu coração começou a bater violentamente. Ela balançou a cabeça, evitando seus olhos. "C-certamente, meu senhor... Eu... Eu não tenho nenhuma noção do que você está falando."

Ela sentiu os olhos dele sobre ela. Ela estava tão desesperada para fugir dele que se ela tivesse

uma lâmina, ela sacrificaria com prazer o braço dela.

"MEU SENHOR!"

Ele não disse nada, mas continuou a segurar o pulso dela como se ele fosse parti-lo em dois se

ela se atrevesse a se mover.

"Eu-eu só estava procurando o sabão," ela explicou um pouco histericamente.

"Estava?"

Com o seu tom duvidoso, o olhar dela voou para o dele.

Os olhos dele brilhavam friamente, zombando dela. "Verdade?"

Por um instante, Dominique não tinha noção de como responder. Seu olhar a acusava. Ela engoliu convulsivamente. Ele tinha adivinhado seus pensamentos! A fúria em seus olhos fazia com que ela sentisse que ele tinha adivinhado. Ela começou a arfar baixinho, mentalmente entendendo, sua cabeça batendo. O que ela tinha feito? Apenas procurado o sabão — nada mais. Ela balançou a cabeça. Mesmo que seus pensamentos tivessem sido caprichosos, ela não tinha feito nada errado.

Disso, ela estava certa.

E ele a estava machucando.

"Solte-me," ela exigiu de repente, seus olhos queimando com lágrimas. Ele não o fez, e Dominique lutava para libertar-se, parando somente quando ela viu que não ia conseguir. Ela olhou

para ele com malícia, o peito arfante com o esforço. "Como ousa me acusar!" ela gritou. "Como se atreve, quando é você que está tendo tanta alegria com esse banho! Você," ela gritou, "e não eu!"

A mandíbula dele contorceu-se tão imperceptível que se Dominique não estivesse observando suas feições tão atentamente, ela teria perdido o movimento.

Inconscientemente, ela tinha alcançado a verdade.

Ele estava gostando muito.

Furioso consigo mesmo, Blaec a soltou. Na mesma hora ela se afastou e ficou de pé. Ele a deixou ir, sem dizer nada, pensando melancolicamente quão perto ele chegou a desonrar a si mesmo

e seu irmão. Ele queria tanto pegar aquele punho fino e suave dela e enrolar a suavidade aveludada em torno de seu pênis. Até agora, ele não sabia de quem era o maior pecado: de Graeham por enviar

a jovem, dela por tentá-lo tão completamente, ou dele próprio por sucumbir tão facilmente.

Ele não tinha que pensar muito tempo: o pecado era somente dele.

Porque até agora, ele a queria muito.

Mesmo agora.

Isso torcia seu estomago, o revoltava.

"Lave-se você mesmo e espero que você seja amaldiçoado!" ela o acusou, arremessando o pano para ele furiosamente e virando-se para fugir.

O pano bateu-lhe bem no meio do seu rosto e ele reagiu instintivamente, surgindo da água com

uma fúria negra e capturando-a, empurrando-a com raiva.

Contra seu melhor julgamento, ele segurou-a demasiado perto.

O perfume dela o atormentava.

A sensação dela o queimava.

Seu corpo reagiu violentamente. Rangendo os dentes, ele avisou, "É dito, demoiselle, que se alguém brinca com fogo... pode acabar queimado. Você está brincando perigosamente perto da chama."

Ela levantou seu queixo desafiadoramente. "Você não me assusta," ela disse ferozmente, lutando para se libertar.

"Não?"

"Não. Eu sei que você está em dívida com seu irmão. Você não faria nada para prejudicar sua noiva. Agora, solte-me," ela exigiu. "Você está molhado — e você está me molhando!"

Ele levantou uma sobrancelha. "Você acha que eu não sou capaz de me comportar com desonra,

demoiselle?"

"Eu *sei* que você preferiria não —"

ELE A AFASTOU VIOLENTAMENTE. Ela tropeçou para trás, caindo em cima da cama. "Então você não sabe nada," ele rosnou, foi até onde ela estava e pulou em cima dela, fixando-a na cama antes que ela pudesse fugir.

"Você está molhado," ela protestou ofegante, com falta de ar. "Saia!"

A água escorria dele, encharcando sua túnica. Contra a sua vontade, seus olhos se dirigiram para

o tecido úmido na altura do seio dela, e ele viu como seus mamilos estavam tensos, duros, arfando, provocando. "Eu quero me arriscar, demoiselle —" seu olhar voltou-se para o rosto dela "— ficar

encharcada de água é a menor das suas preocupações agora." Ele encontrou seu olhar safira com uma honestidade abjeta.

"Deixe-me sair!"

Deixá-la ir? A sedutora sangrenta. Ela se contorcia como se ela pretendesse seduzi-lo. E ela estava conseguindo, por que de repente ele ficou enlouquecido. Uma loucura como nunca antes, tão

consciente ele estava do corpo macio debaixo dele. Apanhando um punhado de seu cabelo, ele esticou a cabeça dela para trás, forçando-a ainda mais, e em seguida, incapaz de ajudar a si mesmo, ele cobriu a boca dela com a sua própria, pressionando seus lábios completamente contra os dela, sua boca fechada, seus lábios tremendo, alguma parte dele ainda dolorosamente ciente de que ele não podia sucumbir ao seu desejo.

Pelo amor de Cristo, ela era noiva do seu irmão.

Ele murmurou uma maldição através dos dentes cerrados, mas a maldição quase não foi

perceptível — pareceu mais um rosnado selvagem. Tremendo, sua boca cobriu a dela, pressionando

até que seus dentes cortavam o interior de seus próprios lábios, ele viu a imagem do irmão diante dele, e ele não ousou separar seus lábios traidores, que ousavam beijá-la tão intimamente. Em vez disso, ele estava deitado em cima dela. Seus olhos fechados, ele estremeceu com a impossibilidade de conter-se. Estremecendo com a necessidade de tê-la.

Seu sexo estava duro entre eles, prova que nenhum deles poderia negar.

Ele não se preocupou em tentar esconder. Ela choramingou e ele murmurou febrilmente contra

seus lábios, "Diga-me agora que você está sem medo, demoiselle." Como ela podia não estar, quando ele estava de repente com medo de si mesmo? Os olhos dela estavam atormentados. "Diga-me, também, que isto não te afeta," ele ouviu-se perguntando, sua voz estranha aos seus ouvidos.

Ela não disse nada, apenas olhou para ele, com os olhos arregalados.

Mas ela não podia negar. Deus...

Ele orou para que ela estivesse gostando tanto quanto ele.

Maldição, mas ele não podia ajudar a si mesmo. Ela não o afastou. Seu desejo era grande demais para suportar, ele esticou sua língua para as profundezas da sua boca, divertindo-se com o sabor doce e inebriante dela, mesmo por um instante... o menor instante... o instante mais extraordinário. Ele estava perdido.

Seria tão fácil ceder à loucura, levantar a saia e se enterrar dentro dela. Seria tão fácil. Que Deus o ajudasse, ele quase podia imaginar a maneira que ele ia se sentir. Ela inclinou sua pélvis, e ele gemeu com a dor aguda, seguindo-a, muito consciente de sua própria nudez.

Ciente que por baixo do vestido dela, não haveria barreiras entre eles além de sua virgindade.

E que pertencia a seu irmão.

Dominique nada podia fazer a não ser clamar.

Apesar dela não ter sido fixada tão impiedosamente na cama, a rigidez dele contra ela era chocante. Muito real. Ela fechou os olhos, seduzida pelo bater do seu coração contra suas costelas, tropeçando no seu próprio coração, a boca dele colada na dela. Fechando seus

olhos, ela sentiu cada polegada aquecida e poderosa dele. Nunca antes ela tinha experimentado um momento tão assustador

e emocionante.

"Na verdade," ele virou o rosto e começou a zombar, como se para voltar a ter controle de si mesmo, "apesar de nada ter acontecido aqui entre nós... nenhum de nós pode negar que algo aconteceu." Gotas de suor apareceram em seu lábio superior. Ela sabia que era o suor de seu corpo, porque ela podia ainda senti-lo em sua língua. Os olhos dele, quando ele a enfrentou mais uma vez, estavam cheios de tormento. Ela lambeu os lábios nervosamente, engolindo quando ele olhou para ela. "Podemos negar demoiselle?"

Dominique não conseguia encontrar sua voz para negá-lo, porque ele tinha falado a verdade. Ela

era a última a entender o que havia entre eles, mas havia algo... algo impossível de negar. *Algo que ela devia negar.*

"Não," ele continuou com desprezo, seu corpo tremendo, seu rosto quase sem sangue. "Mas nós nunca mais falaremos sobre isto," ele ordenou, "porque você está correta em uma coisa, senhora Dominique. Não vou desonrar meu irmão. Isto não vai acontecer novamente. Fique longe de mim, pois eu sou apenas um homem — e você — você é uma maldita sedutora!" Dito isso, ele se afastou para bem longe dela.

Se endireitando, ele saiu de cima dela, gloriosamente nu, e o choque de vê-lo nu foi tão grande

quanto à sensação dele em cima dela.

Ela não o tinha tentado, mas ela não conseguia falar para negá-lo. Nem ela se atrevia a se mexer.

Ela não podia fazer nada além de olhar, de olhos arregalados, quando ele começou a se vestir, apesar de que os olhos dele a condenavam. Quando ela não tirou seu olhar de cima dele, ele virou o olhar

dele como se a visão dela lhe desse nojo, no entanto, ela estava totalmente ciente de que seu corpo tinha se declarado de outra forma.

Ele não era mais imune a ela do que ela era imune a ele.

Desnorteada, ela colocou os dedos em seus lábios. Eles já tinham começado a inchar e estavam

sensíveis ao toque.

Quando ele estava totalmente vestido, ele se virou para falar com ela, seus olhos resplandecendo

perigosamente. "Mais uma coisa, demoiselle... Se você usar aquele vestido de novo, eu juro que eu vou rasgar tira por tira do seu corpo — independentemente de onde possamos estar.

Independentemente de você ser a noiva do meu irmão. Entendido?"

Ainda atordoada pelo o que tinha acontecido entre eles, Dominique disse, com a voz trêmula,

"por quê? Por que meu vestido te ofende tanto? Por que você se preocupa com o meu vestido?"

"Porque foi roubado de mim!"

Ele se virou para ir, e ela achou que ela podia se mexer de novo. "Você mente!" ela o acusou.

"Foi um presente do meu irmão!" Tremendo, seus membros se sentindo fracos, ela começou a se levantar da cama, apenas para se

ver presa quando ele se virou para encará-la novamente. Por um instante, ele apenas olhou para ela, e então ele se virou e seguiu em direção a ela.

"Eu *nunca* minto, demoiselle, e eu nunca faço uma ameaça sem intenção!"

Dominique não esperou para descobrir sua intenção. Ela se virou e fugiu, pulando da cama, mas

ele era muito rápido. Ela deu um berro quando ele a apanhou pela cintura e de repente levantou-a, em seus braços.

"Solte-me de uma vez, você! Você! Ayeeahh —" o protesto terminou abruptamente, quando ela foi jogada sem a menor cerimônia na banheira. A água da banheira parecia uma cascata em torno dela, envolvendo-a, sugando-a para as suas profundezas, embebendo-a completamente. Ela olhou para ele, cheia de raiva. "Besta! Como se atreve!"

Sua boca curvou-se com os primeiros traços de humor genuíno, que ela já tinha vislumbrado em

seus lábios. Não obstante, Dominique estava longe de se divertir. Ela queria amaldiçoá-lo à danação, se apenas ela pudesse, pois ele tinha arruinado seu vestido — o tecido bonito que seu irmão tinha trazido para ela de Londres, o único presente que ele já lhe tinha dado. Ela sentiu como se tivesse juntado os olhos do demônio quando ele pairou sobre ela tão presunçosamente.

"Uma pequena garantia," ele disse, o sorriso que se seguiu, aprofundou a cicatriz em seu queixo e revelou sua covinha. Outra característica que eles compartilhavam, ela pensou irracionalmente.

Sem mais delongas, ou explicação, ele se virou e deixou-a, rindo às suas custas.

"Canalha!" ela gritou, enquanto ela escorregava mais para dentro da banheira. Embaixo dela, ela empurrou o odioso pedaço de sabão, olhando para ele com ira, e então o atirou na porta-fechada, tendo uma grande satisfação em imaginar a cabeça do Dragão como seu destino, em vez disso.

11

Cerrando os punhos com a visão de seu irmão lutando com Nial, seu arrogante jovem escudeiro,

Blaec foi em direção a eles, mal reconhecendo a multidão de curiosos que se separava diante do brilho colérico do seu olhar. Suas emoções estavam em guerra, mas ele estava satisfeito por ver que Graeham estava treinando ao invés de estar de joelhos na capela, ele também tinha o desejo irresistível de dar um soco na cara do irmão. Por causa dela, pois desde os seus dias de nariz-escorrendo ele nunca tinha experimentado um desejo tão sem sentido.

Nial foi o primeiro a vê-lo. O sorriso desapareceu do rosto dele e ele baixou sua espada — um

testemunho da feroz expressão de Blaec, porque apesar do rapaz estar habituado com seu espírito indomável, ele tinha ficado intimidado. A prova era a maneira que ele estava brincando tão descuidadamente com seu lord apenas segundos antes. Mas não agora.

Graeham espiou o semblante nervoso de Nial, virou-se para Blaec, mas ao contrário do jovem,

sua expressão demonstrou uma indisfarçável diversão. "Meu Deus!" ele exclamou, enquanto balançava a cabeça encharcada de suor molhando a túnica de Blaec. "Por Deus, o que aconteceu com você?"

Com algum esforço, Blaec relaxou o punho ao lado dele. "Porque é que você acha que aconteceu

alguma coisa?" ele perguntou com uma calma enganosa.

"Oh... bem..." Graeham deu de ombros e parecia estar lutando contra a vontade de rir.

Blaec não estava de bom humor. Ele o amaldiçoou silenciosamente.

"Talvez seja porque parece que você foi mastigado e cuspidor," Graeham disse e soltou uma risada saudável.

Uma fúria renovada subiu através de Blaec. "Eu estava inquieto," ele disse laconicamente.

Apenas o músculo batendo em sua mandíbula o traiu quando ele olhou a espada que seu irmão carregava. "Na verdade, eu desci para treinar com você." Ele engatilhou uma sobrancelha em desafio, um sorriso sarcástico curvando seus lábios, "pode-se dizer que eu não pude resistir." E ele se perguntou ironicamente se Graeham tinha entendido o duplo sentido.

Por um instante a expressão de Graeham ficou desnorteada. "Sim, bem... isso explica tudo," ele anunciou com humor considerável. "Você estava tão ansioso para se juntar a nós que não teve tempo para se secar?"

Nial começou a rir, era um som assustado que rapidamente diminuiu para um gemido nervoso

quando Blaec lançou-lhe um olhar. Sem confiar em si mesmo para falar, ele sorriu para o jovem. Ele virou-se para Graeham. "Assim parece," ele se rendeu.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Graeham. Ele virou-se para Nial. "Bem, então, rapaz, afaste-se! Tempo para você assistir e aprender," ele declarou com uma risada. E com um sussurro à parte, acrescentou, "ele quer chicotear meu traseiro, eu acho."

Riso masculino ecoou sobre eles. Nial assentiu com a cabeça rapidamente, fazendo

imediatamente como tinham lhe mandado, sua expressão claramente confusa porque alguém devia brincar sobre tal provável perspectiva — irmãos ou não. Mas os olhos de Graeham cintilavam quando ele virou seu rosto para Blaec. E então de repente a expressão dele estava séria. Ele dobrou a cabeça, um pequeno brilho estava ainda evidente em seus profundos olhos castanho. "Em primeiro lugar," ele disse, "você deve compreender que nenhum dano foi feito..."

Pela primeira vez em suas vidas, o silêncio foi uma barreira entre eles.

"Você é meu irmão."

Blaec ficou imóvel, totalmente consciente do fato de que havia muitas testemunhas presentes para ele falar a verdade. Culpa o atormentava. *O dano já tinha sido feito*. Era uma asserção que somente os dois compreendiam. Uma absolvição. Isso só serviu para enfurecer Blaec ainda mais. *O*

dano já tinha sido feito. Ele engoliu o nó que sentia em sua garganta, enquanto enfrentava seu irmão...

seu amigo. Que Deus o ajudasse, ele tinha provado a traição e o sabor era amargo. Embora Graeham

não percebesse, ele tinha todo direito de parti-lo em dois. E se ele não quisesse experimentar, Blaec bem que podia fazer.

"COMPREENDO PERFEITAMENTE," disse Blaec, forçando um sorriso alegre. "Você é muito, muito fraco para levantar sua espada contra mim."

Graeham riu e balançou a cabeça. "Carente, talvez... mas fraco, nunca." Ele levantou sua espada como prova. "Você pode se arrepender," acrescentou.

"Sério?"

"Sério. Eu tenho praticado." Ele riu quando Blaec não fez nenhum movimento para desembainhar sua espada. "Eu vejo que você está tremendo nas suas botas."

Blaec riu. "Dê o seu melhor," ele acusou com calma enganosa e desembainhou sua espada.

Aos olhos de qualquer homem, isso seria um simples concurso de habilidades, mais não, Blaec

sentiu uma violência subjacente pela noção de que seu irmão tinha propositadamente o testado. *E*

culpa. Ele nunca poderia descartar a culpa. Preparando-se, ele balançou a cabeça, mandando salpicos da água do banho dele direto na cara de Graeham.

"Por Deus, Blaec, tente se secar na próxima vez!" Graeham falou tirando os pingos do seu rosto.

A expressão de Blaec estava sóbria. "Graeham," ele disse, "se eu te dissesse que foi o contrário?

E se eu dissesse que o mal foi feito?"

Testando o peso, Graeham balançou sua espada e então deu de ombros. "Eu suponho, então, que

eu devo perguntar se você gostou." Ele riu com a expressão de Blaec com a pergunta, e mudou de assunto. "Eu sou covarde?" Ele

riu com vontade. "Então, que você acha disto?" Sorrindo, ele deu um primeiro golpe hábil.

Com facilidade, Blaec se desviou retornando um golpe implacável. Por Deus, mas a leveza de Graeham tinha lhe escapado. A última coisa que ele precisava era a inabalável confiança de Graeham, ou sua sanção — e sua fúria, embora moderada, estava longe de ser dissolvida. Mais rapidamente do

que ele poderia ter previsto, Graeham se desviou, a sua expressão ficando séria com a força do impacto.

Como se ele lesse os pensamentos de Blaec, Graeham disse entre suas respirações, "eu confio em você, Blaec."

Blaec deu outro sorriso sinistro. Orgulho e prazer apareceram em seu rosto ao ver seu irmão

exibindo sua maestria. Ele ficou furioso momentaneamente até se lembrar da sensação da noiva do

seu irmão embaixo dele, e tanto culpa quanto raiva encheu suas veias novamente. Com um grito selvagem, ele girou, atingindo outro golpe, menos controlado desta vez, embora ainda com certeza

de que Graeham poderia gerenciá-lo. Ele sorriu quando Graeham se defendeu tão habilmente. "Vejo que você *tem* praticado."

"Estou satisfeito que você tenha observado," disse Graeham, com seu sorriso envolvente.

"Como eu não poderia quando você faz questão de dizer?"

"Pelo amor de Deus," lamentou Graeham. "E eu pensei que tinha sido a minha habilidade que o tinha alertado para o fato."

Blaec riu baixo. "Que pena que você pensou assim," ele retornou incapaz de resistir ao gracejo esportivo. Muitos anos de zombaria existiam entre eles.

Mais uma vez as lâminas colidiram, se emaranhando, provocando. Eles se atacavam e se

defendiam, e a luta continuava até que ambos ficaram sem fôlego. Blaec, emocionalmente machucado, e por isso faltava-lhe sua sutileza típica. Ele sabia muito bem que permitir que as emoções entrassem na luta obscurecia o julgamento e podia provar ser um erro letal para mostrar ao seu oponente. Ainda assim, ele não conseguia parar de pensar na a sensação de seus lábios esmagando os seus próprios lábios porque isso ainda o assombrava, debochando sobre o seu autocontrole. Por Deus, ele não tinha mais autocontrole!

Agora não.

Não mais.

E droga que ele fosse para o inferno por isso!

NOVAMENTE ELE ATACOU, descontroladamente desta vez, cego pelo auto-desprezo. Outro golpe. E

outro.

Graeham se defendeu a cada golpe e conseguiu pegar a lâmina de Blaec, atacando forte e batendo a espada nas mãos de Blaec mais facilmente do que ele deveria ter sido capaz. A espada voou, atingindo o chão com um baque, sua lâmina prata refletindo o sol com um brilhantismo doloroso.

Murmúrios atordoados encheram o ar.

Por um momento seus olhares se encontraram, ficaram fixos um no outro, e em seguida Blaec

virou-se, incerto do porque ele tinha perdido a luta tão facilmente. Talvez ele esperasse que Graeham fosse acabar com ele de uma vez por todas. E talvez ele soubesse que suas emoções estavam ficando fora de controle.

"Confio em você," reiterou o Graeham, arfando com um suspiro cansado e jogando a espada do seu pai no chão entre eles.

Blaec encarou a espada, seus dedos inconscientemente indo em direção a sua bochecha.

Apoiando as mãos sobre as coxas, ele engoliu, murmurando uma maldição enquanto ele limpava o

suor do rosto com a manga, desviando o rosto dele. Ele estava plenamente consciente de que todos

olhavam para eles. Ele estava louco. Não podia haver nenhuma outra explicação. Ele estava cansado, sim, mas Graeham também estava. Malditos os dois. A noite tinha sido muito longa... e ele ainda estava muito irritado com a traição do Beauchamp.

Para não falar na sua própria traição.

Cristo... se ele pudesse provar a culpa de Beauchamp...

"Muito bem!" veio uma alegria indesejável. "Muito bem para vocês dois!"

Blaec não tinha necessidade de se virar para ver a quem pertencia à voz. Os pêlos na parte de trás da sua nuca se arrepiaram.

William estava nas suas costas. "Especialmente para você, Graeham." Ele riu sem rodeios.

Graeham se endireitou.

Blaec também se endireitou, encontrando o olhar de Graeham brevemente, reconhecendo o

olhar cauteloso do irmão dele, antes de enfrentar o homem que ele estava começando a odiar.

O que ele não esperava era encontrá-la acompanhando o irmão, e ele se enrijeceu visivelmente

com a visão dela.

O cabelo dela ainda estava úmido, mas agora entrançado para se manter longe do seu rosto.

Enrolado sobre a cabeça, ele parecia mais escuro, embora os cachos mais secos se destacassem como

ricos veios de cobre. Alguns escapavam do confinamento e caíam em cachos úmidos sobre o rosto

dela. Suas bochechas estavam rosadas e mais brilhantes — uma prova de sua culpa, ele pensou. *Era*

sua autoria. Seus olhares se encontraram, e ela afastou seus olhos rapidamente.

Ele não lhe deu o gosto de virar-se. Ele se encheu de satisfação em ver que ela tinha mudado de

vestido. Ainda assim, ele só podia ficar satisfeito com a vitória, porque o seu novo vestido deixava pouco à imaginação. O fino *cedal* bordado em ouro estava tão fino por anos de uso que se agarrava a ela como orvalho sobre uma folha na grama — o efeito não era menos místico e deixava cada pedaço dela sedutor. Como minúsculos grânulos aos olhos de um homem sedento. E o cinto que ela

usava apenas servia para enfatizar sua cintura estreita. O cinto, com suas extremidades em seda, penduradas até a bainha, defrontava-se com seus membros enquanto ela caminhava, acentuando o comprimento das suas pernas e até mesmo delineando-as.

A visão o fez estremecer com a lembrança.

Graeham deve ter observado a reação dele e dela, porque no mesmo instante, ele se colocou atrás de Blaec. "Você não pode usurpar o que livremente gerou."

Blaec virou-se para considerar o que o irmão dele tinha falado e encontrou Graeham pensativo.

Suas sobrancelhas fechadas. Certamente ele não podia ter dito...

"Não deixe ele lhe provocar, Blaec. O homem é um cafajeste intrometido."

BLAEC ASSENTIU COM A CABEÇA, surpreso com o que ele pensou que tinha ouvido, Graeham colocou

seu sorriso político no rosto, e passou por ele para cumprimentar seus desprezíveis convidados.

"Beauchamp," Graeham rugiu em saudação. Mas o olhar estava em sua noiva, Blaec observou com algum desconforto. Ele cruzou os braços, quando seu irmão levantou a mão de Dominique e a

beijou com todo o respeito. A princípio ela não olhou para Graeham, e quando olhou, estava nervosa, seu olhar ia lentamente em direção a Blaec.

Blaec apertou a mandíbula, mas não desviou o olhar. Ele não podia, pois ela o enfeitava mesmo agora, mesmo sabendo dos perigos. Ela desviou o olhar, mas ele continuou a olhando, incapaz de parar. Na luz brilhante do sol da manhã. Ela era não menos adorável —

apesar dela não ter uma beleza notável. Nem ela era escura como as mulheres das cidades do leste. A beleza dela era indescritível... um tipo de brilho que convidava qualquer homem a dar uma segunda olhada. Algo sobre ela hipnotizava, embora nenhuma característica em particular se destacasse. Mesmo sabendo que o irmão dela os observava, ele não conseguia afastar seu olhar. Como um animal de rapina, ele

sentia o olhar afiado de William sobre ele, olhando com astúcia.

"Eu declaro..."

Blaec levantou a cabeça, encontrando o olhar azul de gelo, olhos que eram demasiado familiares

a semelhança dos da sua irmã.

William sorria, um sorriso frio apesar do brilho. "Eu pensei que eu nunca seria testemunha de ver o poderoso Dragão derrotado tão intensamente," ele disse secamente, seus lábios torcidos com sua alegria. "Se os trovadores pudessem te ver agora, d'Lucy."

Blaec não disse nada. Ao contrário de Graeham, ele não tinha nenhum uso para a diplomacia.

Nem ele tinha paciência para isso. Nem ele dava a mínima o que as idiotas letras dos trovadores tinham a dizer dele. Na verdade, ninguém podia negar que seu irmão era muito mais adequado como

conde — não mesmo — mas como seu pai, Graeham tinha nascido para a política. Ainda assim ele

absteve-se de responder, apesar de que parecia que William estava esperando uma resposta.

Graeham falou, na tentativa de mudar de assunto. "Agora que estamos todos aqui presentes," ele disse, voltando-se para Blaec,

suas sobrancelhas arqueadas como se fizesse uma pergunta. Blaec, instintivamente, compreendeu o que ele queria. Eles pensavam sempre as mesmas coisas. Ele assentiu com a cabeça quase imperceptivelmente, e o sorriso de Graeham retornou quando ele novamente olhou para seus hóspedes. "Bem, então," ele anunciou, "Vamos caçar!"

12

Dominique só desejava saber o que exatamente eles estavam caçando.

O olhar de Blaec estava gelado. Até agora isso a fazia estremecer. E o irmão dela — ela olhou

suas costas brilhantes cheias de ceticismo — insistiu que ela levasse uma besta (8) quando ela não tinha a mínima noção de como usar uma. Por que, ela não podia compreender, pois mesmo que sua

vida estivesse em perigo, ela não poderia usá-la para salvar a si mesma. Ela a segurava desajeitadamente, tentando não perdê-la quando ela se dirigiu para a montaria e tentou com toda sua força não cair para fora da sela com a sua arma.

Na verdade ela estava começando a pensar que esta aliança não era uma aliança, mas um jogo

traçoeiro que eles estavam jogando, em vez disso. Na verdade, parecia uma guerra. A tensão entre o pequeno grupo da caçada era palpável, aumentando a cada instante, e Dominique quase não podia suportar.

E outra vez, seu olhar foi atraído para Blaec. Ele andava na frente dela, ignorando-a, mas ela sabia muito bem que ele estava ciente de tudo o que ela fazia.

Ele não confiava nela, ela sabia. Que ele a odiava era evidente pela maneira como ele a tratava...

de uma maneira que parecia que ele não podia suportar até mesmo olhar para ela. Ele obviamente queria mantê-la dentro da sua visão, e ele não conseguia tirar o olhar dela. Nem uma vez ele tinha feito isso. Estranho... era como se ele a observasse com olhos atrás da cabeça.

A própria noção fez calafrios subir em todo o seu corpo... até os seios. Era desconcertante, mesmo assim, ela o odiava, o próprio pensamento dele fazia seu corpo reagir peculiarmente.

Ela tentou não pensar nele. Determinadamente, ela voltou sua atenção, em vez disso, para a beleza das matas diante dela. Era uma terra exuberante de bosques e campos tão abundantes em sua

vegetação que parecia surreal. Pelo menos um *furlong* (9) além das paredes do castelo, englobando-o totalmente, e havia apenas pastagem, uma grama tão verdejante que surpreendia os sentidos. Além da aldeia queimada, um cenário de fundo verde marcava o início das florestas. Profunda, escura e por

causa da neblina, demorou perto de uma hora de cavalgada para eles passarem através dela inteiramente.

E agora, mais uma vez, estendendo-se diante deles, a terra rolava suavemente, azul-esverdeada

em sua riqueza e polvilhada com lírios selvagens amarelos e brancos. Uma explosão violeta marcava

o horizonte distante, embora ela não soubesse diferenciar a fonte da cor — urze, talvez. Era hipnotizante. Tanto assim que por um instante Dominique conseguiu esquecer seu casamento iminente, bem como o odioso irmão, esquecer que ela carregava em suas mãos uma arma

repugnante, que ela não tinha intenção de usar e simplesmente ela estava enfeitiçada por tudo. Tudo a enchia com um senso de beleza e homenagem tão profunda que era quase um peso tangível em seu peito.

Por Deus, mas vendo agora, ela bem podia imaginar porque qualquer homem cobiçava esta terra, lutava por ela..., simplesmente pela chance de respirar seu ar. Fechando seus olhos em puro prazer, ela enchia os pulmões com o cheiro da terra, o ar mais doce que ela já tinha respirado.

Ela estava tão cativada pela visão diante dela que nem percebeu que tinha parado seu cavalo para

admirá-la mais plenamente.

Era como se a vista simplesmente tivesse roubado o ar de seus pulmões.

Ela se admirou como duas extensões da mesma terra podiam ser tão díspares. Com um toque de amargura, ela podia compará-la com Amdel, uma extensão verde da terra que tinha transformado seu

pai e o feito tão amargo como o solo que ele viria a ser enterrado.

Não admirava que o irmão dela cobiçasse este domínio tão ferozmente, enquanto o pai deles tinha estimado, e o conde tinha lutado desesperadamente para mantê-lo. A simples visão a levou às lágrimas... agora, finalmente, era concebível que a paz reinaria nele.

Para seus filhos.

E para os filhos dos seus filhos.

DE REPENTE, desesperadamente, esta aliança fazia sentido. Se não fosse por esses homens de guerra em torno dela — incluindo seu

irmão — então certamente seria com ela.

Ela olhou o taciturno Dragão. De alguma forma era fácil vê-lo como a raiz de todo mal. Agora

sem se lembrar das coisas que ele a fazia sentir, ela não conseguia olhar para ele. Até agora, ela podia se lembrar do toque de seus lábios sobre os seus — pura imaginação, talvez, mas mesmo assim

vergonhosamente real. Ela temia que nunca mais ela fosse capaz de esquecer.

Sim, na verdade, ela se sentia marcada.

E estranhamente quente — um calor que tinha pouco a ver com o calor do sol, pois parecia irradiar de algum lugar que estava profundamente dentro dela. Era um calor que se intensificava com o mero pensamento dele — os dedos dela foram para seus lábios — lembrando-se de seu beijo, seus

lábios trêmulos, a fúria e paixão que tinha passado através dela enquanto ela estava embaixo dele, a sensação de sua masculinidade endurecer contra sua coxa... o calor dele. Seu coração pulou com a lembrança.

Sim, ela estava marcada.

Pelo amor de Deus, mas o tanto que ela o detestava — e ela, ela certamente o detestava — ela

ansiava por seus lábios novamente. Pelo amor de Cristo, que tipo de mulher que ela era tendo luxúria pelo irmão do seu noivo? Aquele beijo foi uma tentação do próprio Lúcifer, a mordida condenatória

da fruta da serpente. E ela era certamente tão fraca como Eva... tão fraca como a mãe dela tinha sido.

Ela estava destinada a ser como elas?

A mãe dela tinha cometido um erro; ela tinha tido anseios escuros, mas não merecia a vida que

ela tinha sofrido posteriormente. O pai dela a tinha torturado e ela tinha morrido uma mulher atormentada, quebrada.

Dominique não tinha se esquecido dela, mas ela se sentia como se tivesse... porque ela a tinha esquecido em seu coração... e em seus pensamentos.

O pior de tudo foi que ela duvidava que isto nunca pudesse ser esquecido. Se ele tivesse ficado...

mas ele não o fez... ela pensou que ela se lembraria para sempre. Ela o desejava. Na verdade, ela estava grata, que ele parecia tão pouco afeito a olhar para ela, pois ela duvidava que ela jamais pudesse enfrentá-lo novamente sem corar ferozmente. E não importava que ela nunca fosse quebrar

seus votos, uma vez que eles fossem feitos — em seu coração ela já tinha traído Graeham, porque ela não podia se imaginar deitada com ele agora, sem querer pensar em Blaec.

Por Deus, mas ela não era nenhuma inocente aos prazeres compartilhados entre homens e mulheres. Ela tinha ouvido muita obscenidade na casa do seu irmão para não entender. Sim e ela tinha espiado também muitos amantes em abraços sensuais para achar-se ignorante. Mesmo agora, seu coração acelerava quando ela via Blaec, elevando-se acima dela, desavergonhadamente nua... Ela não podia fazer nada a não ser se perguntar qual seria a sensação de ser possuída por ele. Se sentir total.

Ela sacudiu a imagem para fora da sua mente e apertou as coxas dela, tentando tirar as sensações

que ameaçavam se espalhar através de suas partes baixas. Ela era devassa e descrente. E ela nem

gostava do homem com quem ela desejava deitar-se — que Deus tivesse piedade de sua alma.

Os olhos dela voaram para as costas dele.

Como se sentisse seu olhar, ele se virou pela primeira vez para espreitar por cima do ombro e o

coração dela pareceu parar violentamente. Ninguém parecia ter notado que ela ficou para trás. O

restante do grupo continuou a cavalgar, conversando. Ele não. Ele parou, deixando as pessoas passarem por ele, e então se virou para atender seu olhar a distância. Naquele instante, foi como se existisse apenas os dois.

Dominique sufocou um suspiro com o olhar intenso dele, e o ardor em seus olhos — um infinito olhar que fez o coração dela dar voltas em sua garganta. Como um piloto macabro, ele girou seu cavalo e trotou na direção dela, seus ombros retos e duros, apesar do peso da sua armadura.

Mais uma vez ele usava a maldita armadura — como um tapa na cara, pois ele rudemente proclamou que ele considerava isto uma questão de guerra. A única coisa que lhe faltava era seu elmo e seu escudo, pois ele usava tanto os calções quanto o capuz de escamas como se fosse sua veste diária.

A PRIMEIRA INCLINAÇÃO de Dominique era virar sua montaria e fugir. Mas era ridículo. Não havia razão para fugir dele. Ela não tinha feito nada de errado. Pelo menos nada que ele pudesse dizer...

certo?

Ela deu um pequeno grito de socorro quando ele parou diante dela.

Seus olhos estavam duros, avaliando. "Achando a caçada agradável, senhora Dominique?"

Por um instante, Dominique não pode encontrar sua voz para falar. Uma brisa dançava entre eles, envolvendo-os com o doce cheiro de madressilva... e outro perfume mais evasivo. Cheiro de suor masculino. Gotas de suor pontilhavam seu lábio superior e outras escorriam sua testa, e ela passou a língua em seus lábios, degustando o beijo dele até agora.

Por Deus, era agradável vê-lo desconfortável, ela pensou com satisfação. Afinal, tinha sido escolha dele se vestir tão opressivamente. Mas ele parecia não notar, e esse fato dava-lhe um pouco de prazer. Com um toque de amargura, ela pensou que o homem amaldiçoado, devia ser feito de pedra, por tudo o que ele parecia sentir.

Igual ao coração dele.

Uma pedra fria e dura.

Igual ao seu corpo, que ela não podia ajudar, mas podia se lembrar.

Seu rosto se aqueceu. "Eu não percebi que você se importava em demasia pelo meu prazer, ou a

falta dele, meu senhor." Na mesma hora ela se lamentou ter feito a observação, temendo que ele pudesse interpretá-la mal. Com certeza ela não estava se referindo a provação desta manhã.

Ele sorriu friamente. "E o que te faz pensar que eu perguntei por que me importo demoiselle?"

O cavalo se mexeu impacientemente. "Simplesmente gostaria de saber se você tem alguma razão para estar ansiosa sobre esta

caçada... Você parece tão... perturbada."

Dominique viu-se olhando para os seus lábios, incapaz de manter-se longe deles; lábios cheios,

pálidos contra sua tez morena e ligeiramente voltados para baixo, apesar de uma eterna carranca, —

uma tez que ficava mais escura pela sombra de sua barba. E seu cabelo preto era tão feroz quanto o próprio homem.

Se ela achou que o rosto dela estava quente antes, estava muito mais quente agora. As bochechas

dela queimavam como se ela estivesse com febre. Ela evitou seu olhar, incapaz de vocalizar a verdadeira fonte de seu sofrimento.

Ele era a causa de seu descontentamento.

Ele era a ruína de sua existência.

Ela acenou com a cabeça, seu coração batendo dolorosamente.

O tom dele era puro sarcasmo. "Sua culpa faz você ficar ruborizada."

O olhar dela voou para o dele. "E você é um demônio de aparência estranha, sem coração —

como ousa acusar-me mais uma vez!"

Os olhos dele se estreitaram, condenando-a. "Os inocentes não têm nada a temer das perguntas

simples," ele respondeu.

Dominique se endireitou, tentada a atirar a besta na direção dele. Se ao menos ela conseguisse

levantá-la. Os dedos dela estavam ficando dormentes por estar segurando-a a tanto tempo. "Eu *sou* inocente," ela mantinha o tom irado. "Por Deus, eu não fiz nada de errado!"

"Você é inocente, demoiselle?"

Dominique na mesma hora sentiu seus pelos se eriçarem, seu queixo se levantou contra a sua própria vontade. "Meu senhor, eu nem mesmo sei do que você me acusa, mas parece-me que desde o momento em que você colocou os olhos em cima de mim, ficou inclinado a acreditar no pior. Diga-me, o que você tem contra mim que o faz me desprezar assim?" Mesmo que ela dissesse a si mesma que ela não se importava, Dominique susteve a respiração, esperando por sua resposta.

O rosto dele estava fechado como se ela o tivesse golpeado com um inesperado golpe físico.

Seus lábios se afinaram. "Menos do que eu deveria, demoiselle — mais do que você precisa saber,"

ele disse com raiva.

Dominique sentiu seus olhos em cima dela. "Não fiz nada para merecer este tratamento de você,"

ela insistiu. Santa Maria, mas onde ela tinha se metido? Como ela poderia trazer a paz que ela ansiava? Não ia funcionar.

"TALVEZ AINDA NÃO," ele cedeu, seu rosto uma máscara impenetrável. "Cavalgue mais rápido," ele pediu para ela, girando sua montaria, "ou você pode se perder. É uma terra vasta, traiçoeira," ele falou rudemente, dando-lhe as costas. "Nós não queremos vê-la morta como o seu mensageiro."

Como se ele se importasse.

Cerrando os dentes, Dominique assistiu-o galopar para longe sem nem mesmo olhar para trás,

um espectro sombrio de prata, uma abominação contra a paisagem perfeita, pacífica. Ainda assim havia uma beleza macabra sobre ele, com o sol brilhando na sua armadura parecendo jóias de diamantes.

Ela olhou até ele ter chegado a meia distância entre ela e o resto do grupo, ao mesmo tempo xingando silenciosamente as suas costas — palavras que ela não tinha o direito de saber, mas ela ficou satisfeita no momento em que ela o fez. E então os sufocou, de uma vez por todas, ela estimulou a montaria ao encontro do grupo de caça.

(8) Be s ta - anti g a arma portáti l que cons i s te e m um arco de made i ra, chi fre ou aço, montado e m uma coronha, cujas e xtre mi dade s s ão l i g adas por uma corda que s e re te s a por me i o de mol a e que , ao s e r s ol ta, arre me s s a s e tas curtas .

(9) Furl ong - é uma uni dade de compri me nto do s i s te ma i mpe ri al de me di das . O nome compl e to da uni dade é s urve yor furl ong , e e qui val e a 201,168 me tros

13

Eles tinham cavalgado a maior parte da tarde e ainda não tinham encontrado nada — nenhum sinal

dos atacantes, nem do cavaleiro que Maude tinha ferido.

Blaec olhava para os rostos dos seus hóspedes enquanto caçavam. Ou Beauchamp era realmente

inocente... ou ele era o mais arrogante bastardo que ele jamais tinha conhecido. Provavelmente era a última opção, porque Lady Dominique parecia tão ansiosa quanto o urubu que Nial tinha

empoleirado em seu braço, se contorcendo em antecipação de um banquete de carniça... e como ele

pensava, sua aflição os afastava dos seus propósitos.

Ele não se preocupava em olhar para ela. Ele sabia que ela estava lá, rosto branco por causa do

estresse. Nem lhe escapava que o irmão dela tivesse insistido que ela carregasse uma besta. Ele se perguntava o que ele estava planejando. Fosse o que fosse ele jurou que ele não ia conseguir.

Ainda assim, a constante vigilância estava começando a desgastá-lo.

Nem ele podia por de lado tão facilmente o incidente da manhã — a culpa seria sua companhia

na cama por muitas noites que ainda estavam por vir.

E para piorar, o urubu era estridente, seus gritos cortantes estavam começando a aumentar. O

som, como os gritos dos feridos depois de uma batalha, perturbava seus nervos. Por Deus, não era de admirar que no início os falcoeiros usassem esta besta mal-humorada, porque eles não eram a escolha de um caçador. Eles freqüentemente eram preguiçosos, optando por se banquetear com carniça, ao invés de encontrar a própria caça fresca — precisamente por isto Blaec tinha trazido um urubu hoje.

Ele estava contando com isso, na verdade.

Ele sorriu sombriamente, imaginando a reação de Beauchamp, quando ele visse a ave revelar a

caça. Havia certa satisfação nesta isca sutil — mesmo se não fosse o mesmo prazer que ele teria em estrangular o bastardo sem rodeios. No entanto ele apreciava o pensamento de deixar Beauchamp

angustiado, até porque ele tinha ficado relutante em segurar a ave. Ele esperava não precisar utilizar esta tática, pois ele esperava descobrir as provas por conta própria. Acidentalmente.

Agora, porém, isso era passado, pois ele estava ficando cansado do jogo... assim como Graeham. Seu olhar mais uma vez foi atraído em direção ao seu irmão. Ele podia dizer que pela maneira que Graeham estava sentado na sela dizia que ele estava querendo voltar para casa... embora ele continuasse a conversa fiada com William... rindo quando era apropriado... concordando quando

ele achava prudente.

Por Deus, mas seu irmão devia ter uma quantidade infinita de paciência.

Blaec, no entanto, não tinha essa virtude e então ele não ouvia a conversa, ficando para trás e andando ao lado de Nial, sabendo instintivamente que isso seria muito pouco para provocá-lo em seu estado atual.

"Acredito que já perdemos bastante tempo," ele disse calmamente para Nial, seu tom cheio de aborrecimento.

"Meu senhor..."

Recuperando a luva protetora em cima da sela, Blaec colocou-a. Ele se certificou se o acolchoamento duplo de couro na parte interna da luva estava na posição correta sobre o polegar e

os dois primeiros dedos e então puxou as rédeas. Nial imediatamente fez o mesmo. Blaec estendeu o

braço. "Passe-me a ave."

O cavalo de Nial parecia sentir a tensão, pois ele deu uma ligeira empinada. "Meu senhor..."

Blaec olhou para o jovem bruscamente.

"Tem certeza?"

"Sinceramente, Nial, eu não dou a mínima se eu tenho certeza. Passa-me a ave, rapaz e não me

questione novamente."

Nial ficou ruborizado. "Sim, meu senhor." Rapidamente, mas com cuidado, ele guiou seu arisco cavalo para mais perto e transferiu a ave para o braço de Blaec, certificando-se que a correia estava bem segura na mão de Blaec antes de liberá-lo completamente aos seus cuidados. O urubu guinchou

se balançando com agitação — um estado que Blaec totalmente compartilhava no momento.

OUVINDO GRITOS ESTRIDENTES DA AVE, William virou-se para espreitar por cima do ombro, assim como Graeham. Ambos, ao mesmo tempo, viraram suas montarias para assistir Blaec lançar a ave no

ar.

"Bem, bem! Já era hora," William gritou, seu espírito aparentemente alegre e ele indo para frente, deixando Graeham nas suas costas. "Eu pensei que nunca começaríamos esta caçada," ele disse rindo.

Blaec deu-lhe um olhar superficial e então simplesmente o ignorou. Nem ele se incomodou em

se importar que Lady Dominique tivesse finalmente se aproximado deles, segurando seu cavalo a uma distância prudente... mas ele sabia que ela estava lá. Como um homem cego levado pelo calor do fogo, ele sentia seu olhar safira brilhante em cima dele.

Se ele os encontrasse... eles estariam cheios de ódio? Ou eles estariam com o mesmo desejo confuso que ele tinha visto esta manhã? Não, ele não tinha se enganado com o olhar nos olhos dela...

o apaixonado rubor da pele dela.

Uma visão de seus lábios, inchados da selvageria de seu beijo, surgiu dentro da mente dele. Pelo

sangue de Deus, mas ele era como um bêbado buscando vinho, atraído pela loucura contra a sua vontade. Ele apertou sua mandíbula. Sem dizer nada, ele começou a retirar o capuz da ave —

ignorando também, sua dureza, porque seu corpo de Judas reagia à sua mera presença. Ele não tinha

o direito de se sentir assim, embora Deus o tivesse salvado, ele continuava a queimar por ela, apesar de tudo.

A tensão continuava apenas dentro dele mesmo.

No entanto, se tinha acontecido algum abrandamento das tensões entre o grupo de caça, desapareceu no momento que o urubu ficou totalmente descoberto. Ele ouviu sua inspiração imediata

de ar e olhou para encontrar seus lábios macios se separarem em estado de choque.

Dominique mal podia acreditar em seus olhos.

Até agora, ela não tinha se importado com a ave, embora ela ouvisse seus gritos estridentes. Mas

agora não havia nenhum erro. Era um urubu horroroso, e ela estava chocada por eles terem trazido

essa ave revoltante.

"Algo de errado, Lady Dominique?"

Ela estava estupefata, quando ela encontrou o olhar do Dragão, e ciente de que seus próprios olhos mostravam sua repulsa.

"Meu Deus!" Exclamou William, e sua expressão espelhava os sentimentos de Dominique. "Qual é a vulgaridade que você pretende nos servir hoje, d'Lucy?" Ele estimulou sua montaria para frente, invadindo o espaço entre eles. Sua montaria protestou, ligeiramente, e empinou, girando como se estivesse dando uma resposta silenciosa. William virou-se para encarar Blaec, seu rosto vermelho de raiva. "Que insulto é este?"

Blaec não deu nenhuma explicação, embora pela sua expressão, Dominique suspeitasse que ele estivesse apreciando imensamente. Os olhos dele brilhavam e seus lábios estavam ligeiramente curvados. Ele abriu a boca para falar, mas no mesmo instante Graeham foi para frente, intercedendo.

"Nenhum insulto, eu lhe asseguro, Beauchamp. Os falcões ainda estão trocando as penas. O

urubu foi tudo o que ficou disponível para nós."

Ainda assim Dominique não conseguia encontrar sua voz para falar. Ela sabia muito pouco sobre caçar com bestas, mas ela sabia bastante sobre falcoaria. Quando era criança, ela tinha sido fascinada por aves. A explicação de Graeham era provavelmente verdade, porque as aves mudavam

de penas rapidamente, recebiam alimentos para incrementar o crescimento da plumagem, um processo que levava meses, e uma vez terminado, a ave frequentemente, estava muito robusta para voar e precisava de treinamento de novo.

Era uma tarefa demorada, com certeza, a manutenção das aves. No entanto, o urubu era desvalorizado na caçada, por isso quase não

era utilizado. Como os abutres, eles pairavam olhando

suas caças e se lançavam para o solo, levando suas pequenas presas, como insetos e roedores, pois

eles não tinham força ou inteligência para uma presa maior — nem se indispunham a pegar as carniças.

WILLIAM ESTAVA CLARAMENTE desconfiado e isso se revelava em sua expressão, no entanto, ele não disse nada, simplesmente assistiu, com o rosto impassível, enquanto Blaec lançava o urubu. Com um

grito horrível, ele saiu da sua luva, planando alto sobre as árvores, produzindo um ruído forte e assustador na brisa suave.

Enquanto Dominique assistia fascinada, seu vôo morbidamente gracioso, dedos frios tocaram a

carne dela. Uma sensação de mau agouro se abateu sobre ela, se intensificando a medida que a ave

pairava acima, uma preta silhueta contra o céu azul claro... um silêncio com prenúncio de morte.

Como o abutre.

Ou o Dragão Negro... como estava escrito nos contos.

Seu olhar foi atraído por sua figura prateada. O perfil dele enquanto ele olhava para cima para o

urubu era duro, mas impressionante — como a lâmina reluzente de uma espada, ela lembrou-se, que

ele era apenas traiçoeiro. Convinha a ela se lembrar.

Foi-lhe dito que ele se tornava possuído durante a batalha, que ele lutava com a fúria e a força de três homens, que ele apreciava o cheiro de sangue, e arrasava qualquer homem que chegasse muito

perto de seu irmão. Na verdade houve rumores de que Graeham governava mais pela graça das proezas na batalha do seu irmão do que pela suas estimáveis realizações na Normandia, e que, quando o Dragão enfrentava um inimigo durante a batalha, alguns tinham morrido de medo.

Dominique sempre tinha considerado estas estórias balelas, mas sabendo o que ela sabia dele agora... ela podia acreditar nisso tudo... mas ela se perguntava mais uma vez como ele havia recebido a cicatriz no seu rosto. Alyss tinha lhe dito que ele tinha conseguido durante uma batalha sangrenta no dia em que foi sagrado cavaleiro — mais do que isso era um mistério. Na verdade, tudo o que se sabia era que ele tinha recebido tanto as esporas como a cicatriz naquele dia predestinado.

Como se ele sentisse suas deliberações, ele olhou para ela, seus lábios, curvando-se suavemente,

arrogantemente, e Dominique evitou seus olhos, seu rosto em chamas em mortificação. Santa Maria,

mas por que parecia que ele sempre soubesse o que ela estava pensando? Na presença dele, ela se sentia tão transparente — como se não houvesse nada dela que ele não pudesse discernir.

Dominique fez força para não olhar para ele novamente e manter seus pensamentos bem longe

dele, também.

Eles seguiram o voo do urubu mais ou menos um *furlong*, e então ele circulou uma última vez

antes de precipitar-se em algum lugar além da linha das árvores. Assistindo sua descida proposital, Dominique sentiu seu estômago se retorcer. Ela olhou para o irmão dela e notou que ele estava carrancudo quando eles entraram de novo na floresta em busca do pássaro e sua presa. Fosse o que

fosse, Dominique jurou que não faria parte disso — que todos eles fossem atrás dos ratos do campo!

Ela preferia morrer de fome.

Como o caminho de folhas se estreitava, William ficou atrás dela que estava diretamente atrás de

Blaec. Uma fila única que andava pela floresta sombria. Em silêncio sinistro. Um silêncio tão cruel como seu ambiente tenebroso.

Mesmo ela desprezando o homem cavalgando na sua frente, ela ousou olhar para nada além de

sua armadura enquanto eles permaneciam entrando na floresta. De alguma forma, ela reconheceu com tristeza que sua presença a fortificava, pois ela tinha ouvido demasiadas histórias de emboscadas na floresta para se sentir à vontade. Nem ela podia olhar para as sombras e para a névoa sem ver todo o tipo de tramas. Ter o notório Dragão na presença deles fazia com que ela se sentisse mais segura, porque apesar dele ser celebrado, ele também era famoso e parecia ridículo ela ter medo quando ele era um guerreiro temido e capaz.

De qualquer forma, era ridículo ela temer o desconhecido, quando sua maior ameaça cavalgava

diretamente na frente dela.

A IRRITAVA VER que Graeham não tinha lhe dado nem um momento de interesse. Na verdade, ela tinha

cavalgado a maior parte da manhã em silêncio, sem nem mesmo falar com seu irmão, embora isso

não tivesse a incomodado nem um pouco, mas agora roia seus nervos. Parecia para Dominique que

seu noivo estava determinado a ignorá-la. Então o que ela devia fazer? Ele iria se dirigir a ela quando tivesse vontade? A arrogância dos homens! Parecia incrível que a única pessoa a lhe mostrar qualquer atenção era o mesmo homem que ela desprezava — o homem que a desprezava também.

Suas emoções estavam em tumulto. Como ela deveria sentir, pensar, quando num momento

parecia ter uma grande esperança para o futuro... e no próximo parecia não haver nenhum tipo de esperança? Nem ela tinha tido ocasião para discutir o calvário de Alyss com Graeham, apesar de que ela estava atenta por uma oportunidade para falar com ele em particular. De alguma forma ela acharia uma maneira de falar com ele. Se não fosse agora, então seria mais tarde — ou ela tentaria falar com Alyss novamente, porque pensar que o homem que tinha abusado de Alyss estava livre para prejudicar outra a sufocava com uma fúria impotente. Quanto mais ela pensava sobre o encontro desta manhã, quanto menos ela podia tirar sua atenção do irmão odioso e da raiva que ela tinha dele.

Dele.

Dela mesma.

O que estava errado com ela? Por que ela não parava de pensar nele?

Porque ela era infiel e devassa. Como a mãe.

E porque nenhum homem nunca a tinha beijado antes...

Dominique fechou os olhos, mais uma vez bloqueando a memória ardente de seus lábios

tremendo em cima dela.

Por Deus, mas por que ela não podia fantasiar sobre Graeham em vez disso? Por que ela devia

ansiar o proibido?

Seus olhos se fecharam firmemente, e ela levantou seu rosto em direção ao céu, sem fôlego, com desespero, sentindo nada a não ser o frescor da sombra sob o dossel das árvores. Ainda assim,

ela queimava por dentro, um calor que fazia o coração dela se acelerar. A mão dela vibrava na garganta dela enquanto ela tentava tirar para longe esses pensamentos traiçoeiros. Ela teve que lutar contra o desejo de fazer o sinal da Cruz. Santa Maria, mãe de Deus, ela entoou silenciosamente, rogai

por nós pecadores, agora e —

"Algo a aflige, Lady Dominique?"

Os olhos de Dominique voaram para encontrar Blaec olhando para ela por cima do ombro. Seu

coração bateu violentamente. "Eu..." Ela balançou a cabeça, confusa. "Não," ela resmungou, abanando-se com uma mão. "Não mas... Eu... Eu estou com calor..." O rosto dela ficou vermelho.

Ansiosa, ela abaixou a mão para a besta que ela segurava no colo dela.

Seus olhos piscaram com divertimento. "Aqui na sombra da floresta?"

O coração dela continuou a martelar. "Eu-eu não gosto de florestas," ela respondeu rapidamente, segurando a besta com mais força agora.

O olhar dele continuava inabalável. "Você está com medo, Lady Dominique?"

Ele a estava testando agora, ela sabia. Dominique cerrou os dentes, recusando-se a ser fisgada.

Seus lábios se curvaram com arrogância. "Diga-me do que você tem medo?"

Ela não podia suportar. "Certamente não de você!"

O sorriso dele se aprofundou. "Verdade?"

"Sim."

"Ah... mas você deveria ter... se fosse sábia, demoiselle."

Coração negro, bastardo suíno! Patife! Por mais que ela desejasse xingar ele em voz alta, Dominique segurou a língua dela, rangendo os dentes enquanto forçava um sorriso. "Está tentando me dizer algo, meu senhor?" ela perguntou da maneira mais doce que ela foi capaz.

"MEU DEUS, como você é sábia," ele comentou suavemente, ironicamente, embora ele não dissesse mais nada, apenas virou as costas para ela mais uma vez, rindo baixinho. Dominique na mesma hora

ficou arrepiada. Mais do que tudo, ela queria voar para cima dele e enterrar suas unhas em suas costas como seu odioso urubu faria com sua presa, se tivesse oportunidade. Nunca na vida dela alguém a tinha enfurecido tanto. Nunca uma única pessoa suscitou nela

tantas emoções. Que Deus tivesse piedade, mas ela iria enlouquecer se tivesse que sofrer com sua presença eternamente!

Em sua raiva, ela estava vagamente ciente que ele tinha enviado dois homens para andarem na

frente — o escudeiro, Nial, acompanhado por outro homem. Seu sentimento de mal-estar se intensificou quando ela os viu entrando na floresta escura.

Eles não retornaram, um fato que Dominique tentou não se interessar.

Parecia uma eternidade que eles montavam num silêncio inquietante... até que na frente deles, apareceu uma auréola de luz solar perfurando o reino sombrio. Um mero instante mais tarde, o grito de Nial os alcançou, e apesar de Dominique não ter entendido as palavras, ela ficou apreensiva imediatamente.

Ao mesmo tempo Blaec estimulou sua montaria, passando por seu irmão, seu cavalo trotando enquanto ele entrava ainda mais para dentro da floresta nublada apesar da luz solar brilhante.

14

Apesar de Dominique já não poder mais vê-los, ela podia ouvir as vozes claramente: Blaec xingando e o rápido discurso de Nial. Voltando-se instintivamente para procurar seu irmão, ela encontrou William inquieto.

Um instante depois, protegendo os olhos com a mão, Dominique seguiu Graeham na perfurante

luz solar e William foi atrás dela. Como se fosse uma música horrível, ela ouviu o tilintar frenético das asas do urubu mesmo antes de avistá-lo. Quando sua visão se clareou, ela os encontrou

reunidos, resmungando para si mesmos, olhando para baixo enquanto o urubu se fartava com a sua carcaça.

Demorou um instante para Dominique compreender a atrocidade da cena que se desenrolava diante dela. Quando Nial desceu de sua sela a fim de recuperar o urubu, ela teve uma visão clara, e se segurou para evitar desmaiar de onde ela estava sentada em cima do seu palafrém. Ela gritou horrorizada e ao mesmo tempo, evitou olhar, sentindo a bile ir para a sua garganta.

Meu Deus! Se ela não estava vendo coisas — se seus olhos não estivessem pregando peças nela

— era um homem que tinham encontrado! Um homem e não um animal. Ela engoliu

convulsivamente, girou seu cavalo e saiu para longe da cena sangrenta, incapaz de suportar o pensamento de ficar próxima.

William, ela observou, não fez nenhum movimento para se juntar aos outros, e por um longo instante, Dominique também ficou paralisada pensando por que ele estava tão recuado. Ela ficou sentada, segurando a besta na mão, seu coração martelando e seu estômago revoltado enquanto ela lutava com uma incrível onda de náusea.

Um homem, meu Deus... um homem... A enormidade do fato a oprimia.

William pareceu despertar, finalmente, enviando para ela um olhar mal-humorado enquanto ele

se dirigia para a cena macabra. E ainda assim Dominique não podia se mexer. Ela queria, mais do que tudo, fugir. Ela queria estimular a montaria e voar de volta para o castelo, mas ela permaneceu onde estava, seu corpo tremendo, gelada, apesar do calor do sol.

"Sim. Este é o meu mensageiro," ela ouviu William dizer baixinho, evidentemente, reconhecendo o homem morto. Choque passou por seu corpo. "Pelo sangue de Deus, eles o massacraram, não?"

Silêncio; ele era ensurdecedor.

"Você está certo?" ela ouviu Graeham perguntar, rompendo finalmente o silêncio. "é muito difícil reconhecê-lo com essa ferida no rosto."

Dominique não tentou imaginar que tipo de ferida ele tinha no rosto.

"Sim," William falou sombriamente. "Esta é a minha farda que ele veste."

"Meu Deus, homem, como você pode dizer?" Ela estremeceu ao ouvir a voz profunda e ressonante de Blaec. "Parece que ele caiu de seu cavalo e foi arrastado. Sobrou muito pouco de suas vestes para limpar minha bunda." Havia uma violência reprimida no seu tom, mas Dominique atribuiu à situação em questão. Não era como se qualquer homem — até mesmo o mais duro dos homens — pudesse ser afetado pela visão horrível, independentemente de quem estivesse deitado diante deles.

"É um dos meus homens," William persistiu.

"Meu senhor," Nial se aventurou. "Olhe para lá... você ainda pode espiar as marcas onde ele foi

arrastado. Você as vê? Estranho que elas venham da direção da vila," ele comentou.

Por acaso, Dominique olhou para baixo, espiando as marcas que levavam diretamente por baixo

do seu cavalo, marcas que espalhavam folhas e arbustos à parte, deixando uma trilha ininterrupta de terra interrompida... e... e

sangue. Enquanto ela seguia com os olhos, em direção a aldeia queimada no horizonte distante, outra corrida de náusea a ameaçou, e ela teve que se firmar para não cair.

"Estranho, de fato," William concordou.

"De fato," ecoou Blaec. "Talvez você tenha uma explicação para isso, Beauchamp?"

"POR ACASO NÃO, e você?" William rebateu, e Dominique não teve necessidade de espionar seus rostos para entender a batalha silenciosa que era travada entre eles — ambos prontos para lançar a culpa no outro. Ela se sentiu doente.

Muito atordoada para se afastar da evidência recentemente detectada, ela sentou-se apaticamente.

Atrás dela, ouviu a aproximação de cascos, e logo depois Blaec passou por ela, inspecionando o chão atentamente, levantando seu olhar apenas brevemente para lhe lançar um olhar de ódio — como se a

culpasse de alguma forma. Que audácia do homem!

A perda era do irmão dela e não dele. Era William quem deveria estar se sentindo chateado.

Parecia que Blaec d'Lucy estava determinado a desconfiar deles. Ainda assim, ela segurou a língua, não dizendo nada, pois era o irmão dela que devia falar e não ela. E ela também não sentia que William gostaria que ela se intrometesse. O olhar que ele tinha dado a ela na noite anterior quando ela tinha especulado em voz alta sobre o destino do mensageiro era suficiente para manter a língua dela dentro da boca até agora. E ela estava errada. William estava certo.

Tinha apenas passado um dia desde a sua chegada? Parecia uma eternidade, porque nesse período tanto tinha acontecido.

Um por um, o resto do grupo passou por ela, seguindo Blaec enquanto ele procurava no chão

por indícios reveladores da identidade do homem. Só o irmão dela permaneceu ao lado do corpo, encarando a visão horrível em silêncio contemplativo, seu rosto com raiva.

Dominique guiou sua montaria para trás, para fora da trilha, e para fora do caminho deles para

que eles pudessem pesquisar sem preocupar-se. Sua posição entre eles ofereceu uma visão clara de

seu irmão e do resto do grupo — embora ela ainda não pudesse suportar olhar totalmente para o irmão dela e o corpo do homem morto.

Parecia que ela estava sentada no cavalo por uma eternidade, cada som ampliado... cada momento de tensão esticado até ela poder senti-los intensamente.

O coração dela martelava impiedosamente, a batida dele era uma cacofonia dentro da cabeça dela. E de repente os sons implodiram dentro de sua mente, porque com sua visão periférica, ela viu o irmão dela, levantando sua besta...

Santa Maria! Ela sabia que ele estava furioso, mas claramente ele não estava pensando.

Claramente, ele reagia com raiva.

Antes que ela pudesse falar com ele... para detê-lo... uma flecha voou. Terror encheu seu coração

com o som da flecha lançada. Ela passou zunindo pela sua cabeça, o som de um rugido impiedoso em

suas orelhas. Dominique não parou para pensar o que ela estava fazendo. Ela sabia apenas que William não podia ser apanhado no meio desses homens que não confiavam nele — que ficariam felizes por qualquer oportunidade para espetar-lhe uma lança.

Ele não podia ser a pessoa que teria lançado a flecha. Não, tinha que ser ela!

Aconteceu tão rápido, que ela não teve tempo para pensar. Na mesma hora, ela levantou a besta

pesada, as mãos tremendo violentamente e ficou aliviada ao ver que o irmão dela tinha abaixado sua própria mão. No instante seguinte a flecha voou e se alojou no tronco de um carvalho, por pouco

perdendo a cabeça de Blaec em seu vôo mortal. O som do seu impacto foi como o primeiro trovão em uma violenta tempestade.

Blaec virou sua cabeça, seu olhar foi instintivamente para seu irmão e depois para ela. Os olhos

dele se estreitaram quando ele viu a besta nas mãos dela, e ele virou sua montaria avançando em cima dela.

Dominique não tinha noção do que dizer quando confrontada com a sua fúria. Nem, em seu estado de choque, ela abaixou seu ombro. Ainda assim, ela não lamentou sua decisão, porque William provavelmente estava muito emocional para que suas ações fossem consideradas. Ela estava certa de que ele não tinha querido atirar.

Desesperada, ela rezou que ele não quisesse ter desafiado os irmãos.

PELO CANTO DO OLHO, ela viu que ele parecia estar vigiando. Ele não fazia nenhum movimento para

carregar outra flecha.

Blaec não disse nada, apenas olhou primeiro para a besta e, depois, para seu rosto, seu olhar firme, seus olhos verdes tremendo em fúria. Dominique engoliu convulsivamente, desejando que ele

falasse, que ele dissesse algo — alguma coisa.

"F-foi um acidente," ela aventurou-se, sua voz vacilante. Ela rezou que o irmão dela não a desmentisse.

"Um acidente, demoiselle?" O tom do Blaec a acusava. Ele olhou para a besta e depois de volta para o rosto dela.

Dominique assentiu com a cabeça, rezando para que ele acreditasse nela — tentando não imaginar o que ele faria com eles se ele não acreditasse. Ela não ousou olhar para o irmão dela até mesmo para reforçar a coragem dela — com medo de voltar atrás.

Blaec parecia sentir seus pensamentos, ele olhou diretamente para William e disse suavemente,

ameaçadoramente, "Como Rufus em New Forest?" ele perguntou incisivamente, "Esse tipo de acidente, Lady Dominique?"

Por um instante Dominique não entendeu o significado e então, se recordou dos rumores sobre a

morte de William Rufus, que tinha sido assassinado por seu irmão num acidente de caça, um acidente que tinha ocorrido muitos anos antes de seu nascimento, e ela balançou a cabeça freneticamente.

"Não, meu senhor! Não! Eu simplesmente estava com medo, é tudo. Eu-eu pensei que os atacantes podiam ainda estar à espreita e reagi

sem pensar."

Quando seus olhos se encontraram com os dela novamente, eles estavam brilhantes em sua fúria.

Verdade fosse dita, Dominique, pensou que ela não podia não ter outro minuto de vida, porque ela podia imaginá-lo matando-a onde ela estava sentada — mulher, ou não!

"Meu senhor", ela disse se aproximando, "eu... eu lamento sinceramente..."

"Realmente?" ele perguntou, mais uma vez observando a besta, seus olhos verdes prudentes. Ele lançou outro olhar para William antes de retornar o olhar para ela. "E você realmente achou que estava se protegendo com o arco, demoiselle?"

Os olhos de Dominique se estreitaram: ela sabia instintivamente que se acovardar agora era loucura. "Você não acha que eu seja capaz, meu senhor?" perguntou indignada.

Seus lábios se curvaram, e seus olhos estavam duros como jóias brilhantes. Ele acenou de um

modo quase malcriado. "Alguma coisa me deu essa idéia."

"Realmente, meu senhor! Porque eu sou uma mulher?" ela perguntou agora se tornando irritada.

A verdade era que Dominique não sabia como usar uma maldita besta, nem sabia como carregar uma,

mas o que ele disse simplesmente a enfureceu além da razão.

"Não, demoiselle!" Ele avançou sobre ela mais uma vez, até que seu cavalo ficou ao lado dela e

ele a encarou, inclinando-se para frente, os lábios dele tão perto dos dela que Dominique podia sentir o calor da sua respiração. "Isto porque você está segurando o maldito arco de cabeça para baixo," ele informou para ela. "Deus preserve a humanidade das fêmeas ignorantes!" ele disse e arrebatou furiosamente a besta descarregada de suas mãos.

15

Horas mais tarde as bochechas de Dominique ainda estavam quentes com a lembrança. Por Deus,

ela nunca tinha sido tão humilhada em toda a sua vida. Seu único conforto era o fato que Blaec d'Lucy tinha aparentemente acreditado na sua estória — tinha aceitado a mentira como verdade.

Um pequeno conforto, porque ele a tinha achado uma imbecil também.

Nem ela tinha ainda entendido por que William tinha atirado a flecha, apesar de que ela acreditava que ele provavelmente tinha feito isso por raiva. Por ver o corpo de um dos seus homens, morto, deitado na terra... Dominique abanou a cabeça, incapaz de trazer esta cena à sua mente de novo, tão terrível era a visão. E se ela não podia nem sequer pensar bem... quanto pior seria para seu irmão?

Sim, ela podia muito bem entender a sua fúria. E conhecendo William, foi notável ele ter tido sucesso e ter moderado sua raiva o suficiente para não desafiar Graeham no local, e ela não se arrependia de ter levado a culpa por ele. Ela não poderia suportar a visão de execução do irmão dela, e ele não teria vencido, em desvantagem como eles estavam.

Nem que realmente fosse culpa de Graeham, ela pensou — não quando ele nem mesmo estava

consciente da iminente chegada deles. Como ele poderia enviar guardas para proteger seu homem, quando o mensageiro nunca tinha chegado para solicitá-lo? Com esse pensamento, ela enviou uma oração silenciosa para o céu, agradecendo a Deus por sua passagem segura. Como facilmente o destino dela poderia ter sido o mesmo. Ela estremeceu com o pensamento.

Se ao menos ela pudesse falar com William... se ela pudesse ver seu rosto...

Eles tinham voltado para o castelo com humor sombrio, todos eles, ninguém violou o tenso silêncio — nem mesmo Graeham, que era sempre tão diplomático. E então seu irmão juntamente com Graeham e Blaec d'Lucy tinham se fechado ao mesmo tempo, falando em tons baixos por trás de

portas fechadas. Por sua vez, Dominique tinha ido rapidamente para o santuário do seu quarto — ela fechou os olhos — o quarto de Blaec, ela se corrigiu. Não era dela.

Ela sentou-se agora, seu estômago rodando quando ela imaginou as conversas que deviam estar

acontecendo no salão. Pelo olhar nos olhos de Blaec d'Lucy, ela pensou que talvez ela e William pudessem estar em perigo mortal. Não, ele não a tinha responsabilizado lá na floresta, mas ela sentia que isto aconteceria em breve.

Ela não podia suportar a espera.

Pareceu que tinha passado horas desde que ela tinha se sentado na cama, torcendo suas mãos, olhando para a porta. Foi com grande alívio que ela cumprimentou William quando ele entrou no quarto, finalmente. Embora a expressão dele fosse grave, Dominique ficou tranqüilizada porque ele

estava diante dela ileso.

"William!" ela exclamou, dando um salto da cama. Ela correu para abraçá-lo — algo que ela não fazia desde que eles eram crianças. Mas ela estava tão feliz em vê-lo que ela não pode conter um soluço de alívio. "Oh, William," ela chorou, abraçando-o firmemente. "Eu estava preocupada!"

Seu gesto pareceu assustá-lo, pois ele retornou o abraço sem jeito no início e depois com moderação, olhando para ela com uma expressão estranha em seu rosto bonito. "O que aconteceu?"

ela perguntou. "Diga-me!"

Ele limpou a garganta e então a abraçou com mais força, colocando seu rosto em cima da

cabeça dela. "Eu... Eu acho melhor ir embora, Dominique."

Dominique deu um pequeno suspiro de surpresa com o que ele tinha dito e tentou se afastar, mas

ele segurou-a firmemente contra ele com uma mão em volta dela, como se ele não pudesse suportar

deixá-la ir. Ouvir o martelar poderoso do seu coração só conseguiu aumentar seus medos. Que Deus

ajudasse os dois, porque se alguma coisa acontecesse, ela sempre estaria ao lado do seu fiel irmão.

Dominique pensou que sua situação devia ser terrível para ele estar ficar tão perturbado agora. Suas mãos suavam. Ela podia sentir a umidade nas suas costas, mesmo através de seu vestido, e um medo

correu através dela, dando arrepio em todo seu corpo.

"Meu Deus... Dominique..." Sua voz estava rouca.

DOMINIQUE OLHOU PARA ELE. "Diga-me, William, fale!" Ela segurava sua túnica. "Não me deixe no escuro... por favor..."

Mais uma vez, ele limpou a garganta.

Ela não podia suportar a espera. "Eles pediram para você ir embora?"

"Não, Dominique, eles não pediram." Ele segurou o queixo dela, levantando o rosto dela com uma ternura que ele nunca tinha demonstrado antes — uma ternura que ela nunca tinha conhecido.

Nunca. O gesto a sufocou. "Você foi muito corajosa hoje," ele disse suavemente. "Fiquei muito orgulhoso de você." Sua expressão, pela primeira vez em muito tempo, era sensível, carinhosa, como se ela tivesse feito algo que pudesse ser medido. Quanto tempo tinha passado desde que ele a tinha olhado desta maneira? O coração dela saltou e como uma criança carente por afeto, lágrimas encheram os olhos dela. Que ironia de vida, que eles tenham se encontrado agora quando ele tinha

que deixá-la.

"Não suportaria que eles lhe fizessem mal," ela disse-lhe com sinceridade.

"Sim, bem, é precisamente por isso que acho melhor eu ir," ele disse para ela. "Hoje, você foi capaz de salvar o dia, Dominique. Amanhã, talvez não seja."

"Não, William... por favor!" Há quanto tempo ela ansiava por uma família de verdade? Por Deus, há quanto tempo ela implorava pelos braços do pai, da mãe, do irmão? Qualquer um deles, sem sucesso. Quanto tempo? Não, ela não poderia perdê-lo agora. Agora não. "Não suporto a idéia de ficar aqui sozinha," ela disse para ele, rogando-lhe com os olhos. "Não sem você. Não me deixe."

"Dominique... meu amor... minha irmãzinha querida..." A voz dele agora era quase um sussurro.

E então ele franziu a testa, parecendo recuperar sua segurança.

"Minha presença aqui não faz nada além de desfazer o bem, que nós trabalhamos tão duro para conseguir. Não vê isso?"

Relutantemente, Dominique assentiu com a cabeça.

"A verdade é que enquanto anseio por esta aliança acima da própria vida, eu não posso confiar em mim e permanecer sob o mesmo teto de Blaec d'Lucy. Você testemunhou esta verdade hoje —

nem eu confio no sacana mais do que eu confio em mim na presença dele. Não suporto o homem.

Não, é melhor eu ir embora. Há muita coisa a perder. E você verá... tudo dará certo no final," ele assegurou-lhe, liberando seu queixo abruptamente e empurrando-o, como se de repente o

perturbasse.

"Você deve confiar em mim," ele disse. E então ele agarrou os braços dela de repente, assustando-a. "Você confia em mim, Dominique?" Ele apertou seu braço suavemente quando ela não respondeu imediatamente. "Você confia?"

Dominique assentiu com a cabeça e se permitiu lhe abraçar mais uma vez, embora agora ele a

segurasse demasiado firme, com intensidade. Por Deus, mas ela pensou que ele iria tirar o ar de seus pulmões! Ofegante, ela sentiu a necessidade repentina e inexplicável de se afastar, distanciar-se, mas ela não o fez. Ela segurou-o, apesar de um pouco rígida, dizendo-se apenas que ela não estava

acostumada a tais afetos entre eles. Ela franziu a testa... Isso era bom... era isso o que ela queria... não era?

"Bom," ele disse e suspirou pesadamente, liberando-a.

Aliviada, Dominique imediatamente saiu de perto dele, e deu um suspiro trêmulo.

Ele franziu a testa com a reação dela, e disse: "me escute bem, Dominique... Você deve encontrar uma maneira de acelerar a cerimônia. Você deve levar Graeham ao altar logo que possível. Esse casamento simplesmente não pode demorar a se realizar, tenho medo que Blaec d'Lucy possa frustrar-nos se ele puder. Você me entendeu?"

Dominique assentiu com a cabeça. "Ele não confia em nós," ela concordou e então afastou seu olhar. Suas sobrancelhas se fecharam. "Na verdade, acredito que ele nos despreza." Ela não se atreveu a olhar para William neste momento... por medo de que ele visse como isso doía.

Não quando ela mesma não compreendia. Santa Maria, mas o que importava a ela o que Blaec

d'Lucy sentia por ela? No entanto, de alguma forma... de alguma forma... ela se importava.

"Eu entendo," ela disse, olhando para ele enquanto lágrimas jorravam mais uma vez dos olhos dela. Por Deus, mas ela estava tão confusa. "Eu juro que não vou decepcioná-lo, William." Ela balançou a cabeça. "Eu juro, que não vou."

ELE A ESTUDOU por um momento e Dominique se sentiu nervosa sob seu intenso escrutínio. "Não," ele concordou, sua expressão endureceu abruptamente, "você não vai." Seus olhos a perfuravam quando ele a advertiu, "faça o que tiver que fazer para não me decepcionar."

Por mais que ela tentasse, muito tempo depois que William partiu de Drakewich, Dominique ainda não conseguia tirar de seus pensamentos a advertência do brilho no seu olhar. O jeito que ele tinha olhado para ela enquanto ele saía pelos portões encheu-a de espanto, e isso a fez ter uma sensação de desgraça iminente.

Após a conversa, William não tinha nem permanecido tempo suficiente para comer a refeição da

noite com ela: em vez disso, ele e seus homens retornaram para Amdel, na esperança de aproveitar o restante do dia para sua viagem.

No jantar, Dominique estava especialmente tranquila e discreta, ouvindo o gracejar dos homens

e tentando não se sentir como uma refém no tribunal do inimigo. Na verdade, era assim que ela se

sentia, apesar de Graeham d'Lucy parecer ter a intenção de suavizar a vida dela. Ele a entreteve com as suas estórias e as do seu irmão durante a juventude, enquanto Dominique tentava não se perguntar o que o diabo do seu irmão estava fazendo, uma vez que ele não apareceu para o jantar.

Difícilmente capaz de suportar a tensão de aguardar sua inevitável chegada e o fardo de ter que

sorrir quando ela não sentia vontade, Dominique foi incapaz de ter apetite. Ela desculpou-se cedo e escapou para a solidão de seus aposentos.

Com a ajuda de Alyss, ela se preparou para deitar e se enfiou debaixo das cobertas, fatigada pela

provação do dia. Embora, mesmo na escuridão da noite, o sono a tenha iludido.

Desamparada e com o medo que ela sentia, o senso de desgraça se intensificou.

Algo não estava certo, ela sabia.

Ela podia sentir tão certo como ela podia respirar.

Ou talvez fosse simplesmente culpa... culpa porque junto com o rosto do irmão dela, outro rosto

também dançava diante seus olhos.

E não era o de Graeham d'Lucy.

Este rosto era moreno... com cicatriz... os olhos contundentes... e ainda — que Deus tivesse piedade de sua alma malvada e sem remorso — ela ansiava por aqueles bonitos, e exigentes lábios

em cima dos dela...

A memória agitava calor dentro do seu corpo. Ela se contorcia em cima da cama, sem fôlego e suando, traída por seu corpo traidor, incapaz de encontrar descanso. Nem ela podia ver o homem que Alyss falava com o que ela conhecia. Gentil? Compassivo? Ela não podia conceber isso, a mesmo assim as palavras de Alyss tinham alguma verdade, embora parecesse que era somente Dominique que inspirava tal maldade em Blaec d'Lucy, porque ele *tinha* se preocupado com Alyss Dominique estava confusa.

E que Deus a ajudasse, quando finalmente ela conseguiu dormir, foi com o Dragão que ela sonhou.

16

O esmoler (10) havia coletado e distribuído muito das ofertas da noite anterior, mas Dominique

achava que era seu dever fazer com que os aldeões recebessem a maior parte. Afinal de contas, eles logo seriam seu povo — independentemente do que ela sentia pelo senhor das terras — e de alguma

forma ela se sentia responsável por eles depois de ver suas casas em chamas no meio da noite. Muitos ainda trabalhavam diligentemente para reparar suas cabanas incineradas, enquanto outros

procuravam por seus animais dispersos, reunindo-os para reconstruir suas cercas e gaiolas.

No início desta manhã, Dominique pediu permissão a Graeham para lhe dar alguns itens de necessidade: cobertores, roupas e comida. Fechado com seu irmão odioso, ele recusou-se a vê-la, mas tinha concedido sua permissão para ela levar o que fosse necessário para eles. Ele tinha sido generoso, e de alguma forma ela sabia que ele seria, mas o fato dele continuar a evitá-la fazia com que ela se sentisse menos bem-vinda em sua casa. Dominique não podia evitar, mas se perguntar, amargamente, que se ele achava-a tão repulsiva, isso talvez pudesse arriscar a aliança. Como ela podia inspirar tal ódio para um homem e para o outro tal indiferença?

Por Deus, mas ela estava cada vez mais confusa.

Livre para ir e vir como quisesse, ela entregou o que podia para a aldeia e ficou surpresa deles

receberem suas ofertas com desconfiança. Na verdade, eles olharam para ela como se esperassem receber veneno em vez do conforto que ela lhes deu. Dominique não se importou. Que eles desconfiassem dela se eles quisessem. Por agora. Em breve eles veriam que ela pretendia ser a senhora daqui em todos os sentidos — e isso significava cuidar deles de uma maneira que ela nunca

tinha sido capaz de cuidar dos aldeões de Amdel. Isto era algo que ela aspirava e ela ia mostrar a que veio para todos eles.

Sem ser perguntada, ela começou a fazer um refogado de alho-poró e repolho para uma das famílias mais numerosas, mostrando para a mulher, Maude, como usar as especiarias mais comuns

para dar mais sabor ao caldo. Apesar de Dominique não ser uma excelente cozinheira, ela certamente sabia o suficiente para ensinar o básico. Alyss, por outro lado, era bastante habilidosa, e Dominique prometeu trazer a empregada na sua próxima visita. Tinha muita coisa que Alyss poderia ensiná-los, Dominique estava certa — incluindo como plantar algumas ervas úteis para eles cozinharem. Maude,

por sua vez, a espiava por cima do ombro, como se ela esperasse que Dominique pudesse adicionar

na comida uma pitada de mandrágora (11). Não importava que ela dissesse a si mesma que ela não

estava ofendida, porque ela estava. Ela não podia evitar.

Depois, cansada de tentar mostrar para os pais quem ela era, ela resolveu brincar de pique esconde com as crianças, mantendo-as ocupadas enquanto suas mães e pais tentavam arrumar suas casas. Das crianças, ela recebeu uma recepção mais calorosa. Na sua inocência, elas não tinham nenhum preconceito contra ela, e ela encontrou-se, pela primeira vez em dias, capaz de esquecer que ela era uma estranha indesejável no meio deles.

Ainda assim, a honestidade deles era surpreendente, desconcertante.

"Meu pai disse que seu diabólico irmão queimou nossa casa," disse um garoto mais velho.

O riso morreu na garganta de Dominique. Ela estava começando a amarrar um lenço sobre os

olhos do garoto, então ela desvendou o nó e girou o rapaz para enfrentá-la. "Não! Isto não é verdade," ela disse para o garoto, segurando-o pelos ombros, tentando fazê-lo ver a verdade. "Seu

pai não está certo! Meu irmão estava comigo durante o incêndio — dentro do castelo! Você me entende? Ele certamente não queimou suas casas!"

Ela largou-o quando ele assentiu mudo, mas sua própria expressão manteve-se inalterada, porque o estrago já tinha sido feito. Ela não podia mais brincar com o coração tão pesado. Deus sabia a verdade, mas parecia que quando o irmão dela era inocente, ele ainda era culpado. Era injusto!

ELA SE DESPEDIU com um sorriso, embora o sorriso não atingisse seu coração. Mesmo com os abraços das outras crianças e um olhar penitente do rapaz que tinha acusado o irmão dela, ela não conseguiu recuperar sua antiga determinação e leveza. Nem ela podia voltar para o castelo tão cedo.

Em vez disso, ela montou seu palafrém e procurou um santuário no campo distante. Lá ela desmontou e cansadamente sentou-se na grama, e antes que ela pudesse detê-las, as lágrimas saltaram dos seus olhos.

Parecia impossível. Essas pessoas nunca iam esquecer as amargas batalhas travadas por seus pais e aceitá-la como ela era? Ela estava disposta a colocar seu rancor de lado e descansar. Foi seu pai, afinal de contas, quem tinha morrido nas mãos de Gilbert d'Lucy! Se ela podia esquecer estas coisas em prol da paz... porque essas pessoas não podiam tentar?

Dominique sabia que era inútil sentir pena de si mesma. Ela sabia que não ia resolver nada, e ainda, ela mal podia manter a tristeza e

o sentimento de perda — uma perda que ela não tinha nem experimentado com a morte de seu pai, pelo menos não tão agudamente — de envolvê-la. E depois havia a solidão. Com William longe de Drakewich, ela realmente não tinha ninguém.

Absolutamente ninguém.

Nem William poderia verdadeiramente cuidar dela quando a deixou aqui sozinha para viver da

melhor maneira possível, na casa do seu inimigo. Nem ele tinha prometido que iria voltar para o seu casamento. Pelo contrário, ele admitiu que não pudesse tolerar a visão dela com Graeham d'Lucy. Era como se ela tivesse sido exilada. Então, em seguida, ele iria sacrificá-la e abandoná-la tão facilmente?

Ele nunca mais seria capaz de suportar a visão dela? Que tipo de aliança era para ser?

Não era uma aliança, mas guerra, uma voz interna respondeu.

E ela era a vítima.

Arrancando uma lâmina de grama, ela a estudou, virando-a entre os dedos. Então, de repente atirou a lâmina para a brisa e a observou enquanto ela ia sendo levada embora pelo vento.

Levantando seu olhar em direção a Drakewich, ela pensou que, como a lâmina solitária, ela estava perdida, presa no vento entre o céu e a terra... ou melhor, o inferno.

Quando a lâmina caiu no chão ao longe, ela soube que seu destino seria o mesmo.

Era o inferno que a aguardava.

Um soluço escapou, mas foi abafado quando ela olhou para trás para ter certeza de que estava

sozinha, e avistou uma figura a cavalo, observando silenciosamente as sombras da floresta.

Ofegante ela se esforçou para ficar de pé, seu coração acelerou quando ela se virou para enfrentar o cavaleiro.

Ela pensou — pelo amor de Deus — ela não podia estar certa, mas parecia ser William!

Incomum como era ela podia reconhecer seu elmo de qualquer distância. Feito de um metal mais escuro, com rebites e um protetor de nariz que caía bem abaixo do queixo, dividindo seu rosto no meio, era uma visão que podia tê-la assustado se não fosse tão familiar. A possibilidade de ser William levantou seu espírito na mesma hora.

Ele tinha mudado de idéia? Ele tinha voltado?

Acenando, Dominique saudou o cavaleiro, mas a pessoa não se mexeu. No entanto, ela sabia que

era ele — ela sabia! Por que ele não a saudava de volta? Era ele, ela sabia. Esquecendo de ser

cautelosa, ela levantou a saia e começou a correr em direção a ele, mas mesmo quando ela estava chegando perto dele, a pessoa entrou ainda mais na floresta. Dominique chamou pelo seu nome e correu mais rápido.

"William! Espere! William!"

Ela gritou sem sucesso, parando para respirar, quando o cavaleiro sumiu completamente da vista

dela, engolido pelas árvores. Ainda assim, ela estava perto demais para simplesmente parar de ir atrás dele. Era ele. Ela sabia que era. Tinha que ser! Mais uma vez, ela levantou a saia e correu, parando para recuperar o fôlego, somente quando ela entrou no limiar da floresta. Não era possível ir mais longe, então ela se inclinou contra uma árvore, ao invés de cair de joelhos, buscando algum sinal do cavaleiro.

Ele tinha desaparecido.

SUAS PERNAS DOÍAM, e ela estava sem fôlego e desanimada.

A área estava imperturbável, como se o cavaleiro não tivesse sido nada além de uma miragem.

Mas não podia ser...

Os pêlos na sua nuca se arrepiaram. Ela não podia ter imaginado que era ele.

Ela *tinha* visto um cavaleiro.

Sacudindo a cabeça, ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar histericamente. Ela tinha desejado tanto a volta do seu irmão que ela podia tê-lo imaginado aqui? Por Deus, mas ela estava achando que ia enlouquecer sozinha neste lugar!

"Procurando alguém, demoiselle?"

Surpreendida pela voz, Dominique se esticou no mesmo instante, para enfrentar Blaec d'Lucy.

Ela franziu a testa. Atormentada. Por um instante houve somente silêncio entre eles enquanto ela se recompunha. "Você!" ela exclamou de repente.

Com uma aparência chateada, ele estava sentado em seu cavalo, olhando para ela, sem falar, embora suas sobrancelhas estivessem levantadas, zombando dela mais uma vez.

Os cabelos dos braços dela se eriçaram, e as mãos dela foram para os quadris em ultraje. "Era você!" ela o acusou. "Era você todo esse tempo! Que direito você tem de perseguir-me desta maneira?"

Ele olhou para ela fixamente. "É isso o que estou fazendo?"

Ele parecia aborrecido, como se ele não desse a mínima que ela o tivesse visto espionando-a.

Dominique ficou vermelha com sua indignação. "Você sabe muito bem o que está fazendo, meu senhor! Diga-me o que é que você esperava descobrir, seguindo-me — me espionando!" ela o acusou de imediato. Que ele ficasse ofendido, se ele quisesse, pois ela não tinha nenhum desejo de medir palavras.

"O que você esperava a esconder?" ele perguntou, desmontando, jogando as rédeas do cavalo sobre sua cernelha (12).

Dominique olhou para ele com cautela quando ele se aproximou. E então lhe pareceu que pela

primeira vez, ele não estava vestido com suas vestes de guerra. Nem ele usava uma de suas roupas preta sinistra. Em vez disso, ele usava uma túnica cinza curta com um simples bordado azul. Nada de notável. Mas ao contrário da calça que ele tinha usado no dia anterior, a de hoje era mais curta, mais imperceptível sob a túnica, deixando suas pernas expostas. Dominique tinha visto este tipo de roupa sendo usada, mas nunca tão indecentemente. Nunca tendo estado na corte para testemunhar a mudança

da moda, ela raramente era submetida a tais visões reveladoras. E os homens do irmão dela — e o

irmão dela, incluído — não tinham dinheiro para as tendências mais recentes. Que Deus fosse louvado por isso, porque a visão dele com as pernas nuas deixava-a estupefata.

De pé diante dele agora, afrontada com sua roupa, ela esqueceu sua acusação mal velada, esqueceu sua desconfiança, esqueceu sua raiva, esqueceu mesmo sua boa criação. O olhar dela foi direto para as suas panturrilhas musculosas, para suas coxas perfeitamente delineadas, e ela ficou sem palavras. "Eu..." Ela engoliu e seu olhar retornou brevemente para o rosto dele e depois de volta para seus membros.

Um arrepio correu através de Blaec por causa do olhar que ela lhe deu. "Você o quê, demoiselle?" Sua voz parecia estranha para seus próprios ouvidos. Deus o tinha amaldiçoado, ela não sabia que estava atijando-o com aquele olhar. Se ele fosse qualquer outro homem... e ela qualquer outra mulher...

Cristo... se ela não fosse se casar com seu irmão...

Não importava o que ela usava, ou se ela estava suja depois de servir na aldeia e de ter brincado

com as crianças, ela era linda — bonita demais para seu próprio bem. Ele a tinha observado desde as muralhas do castelo, pois lhe pareceu estranho que ela desejasse ajudar os aldeões quando tinha sido seu próprio irmão, que tinha causado tanta destruição... ou talvez fosse por isso que ela queria ajudar.

A culpa era um motivador eficaz. Ou pelo menos, ele tinha começado a acreditar que era assim até

que ele a viu aqui, esperando — ele não tinha deixado de ver o cavaleiro. Dominique deve ter reconhecido ele, pois ela tinha acenado para ele. Mas o cavaleiro tinha desaparecido assim que Blaec estava quase o abordando. Ela não tinha percebido que ele cavalgava em direção a eles, pensou Blaec só que ela tinha se

esquecido de tudo ao ver-lhe... seu amante? A mera possibilidade parecia como ácido dentro da sua barriga.

"VOCÊ PARECE ESTAR ATÔNITA, de repente, Lady Dominique." Seu rosto demonstrava desagrado. "Foi algo que eu disse?"

O olhar dela permanecia fixo sobre seu corpo. "Algo que disse," ela repetiu. Suas sobrancelhas se fecharam, e a língua dela se arremessou para fora para os seus exuberantes lábios carnudos.

Calor subia por suas veias. "Lady Dominique..." Blaec fechou os olhos, pedindo a seu próprio corpo para se conter. Quando ele reabriu-os novamente, encontrou seu olhar, e ele estremeceu, vendo o desejo tão evidente em seus olhos azuis brilhantes. Olhos que ele já conhecia muito bem. Era um

olhar que seduzia e esmiuçava, porque ela sabia muito bem que ele não podia tê-la.

Não poderia.

Ela o provocava de propósito? Ele se perguntava.

Isso o levou pensar, também, embora ele não tivesse esse direito, quantas vezes ela tinha enviado

tal convite antes. E ele se perguntou quantas vezes tais tentações surgiram. Mais uma vez, ele ficou com raiva.

E então ele se lembrou que ele tinha todo o direito de considerar o interesse do seu irmão. A última coisa que ele queria era permitir ela impingir algum bastardo para Graeham. Graeham aceitaria esse tipo de coisa. A raiva dele aumentou, e assim veio sua determinação de descobrir a verdade sobre a raposinha matreira de pé diante dele.

Quem ela pretendia encontrar... o amante dela, por Deus, ou o espião do irmão dela?

Qualquer uma dessas possibilidades queimou seu estomago.

Ela não era nenhuma inocente, ele tinha certeza. Nada sobre ela era — nem os seios maduros,

nem suas pernas longas, magras, feitas para prender um homem ao redor de sua cintura num prazer

obsceno. Outra vez ele estremeceu mais afetado pela visão do que ele gostaria.

Era por isso, então, que William queria apressar a cerimônia? Ela não era inocente? Foi por esse

motivo que eles vieram para Drakewich sem aviso prévio? Eles esperavam garantir a aliança antes da sua barriga crescer com uma criança? Malditos os dois!

Ele não tinha percebido que tinha avançado sobre ela, até que ele viu que ela tinha ido para trás, de volta para a árvore e com pressa para fugir dele. Ela gritou e tentou se apressar, mas antes que ela pudesse fugir, ele atirou-se para frente, prendendo-a entre seus braços. "Eu já avisei, demoiselle..."

quando você brinca com fogo, você se arrisca a ser queimada por suas chamas."

Dominique estremeceu quando ele a apertou contra a árvore, mas algo vibrou dentro dela com a

sensação íntima do seu corpo de pedra contra o seu próprio corpo. Cada nervo no seu corpo se tornava vivo com suas palavras de advertência. Seu toque.

"Esse seu olhar é uma coisa perigosa," ele disse friamente, suavemente.

O coração de Dominique começou a bater mais forte. "Eu... Eu não tenho idéia do que você está dizendo. Se eu olhei para você de alguma forma diferente, meu senhor foi com desdém e nada mais!"

"Verdade?"

Seu sussurro rouco enviou um arrepio de alarme pelo seu corpo. Dominique sentiu a voz dela

deixando-a mesmo enquanto seus lábios se separavam para falar. "Sim," ela resmungou. "E-Esta é a verdade..."

Ele abaixou o rosto até seus lábios. Dominique sentiu-se ficar vesga enquanto ela olhava para eles com terror. Querido Deus, ele planejava beijá-la agora? O coração dela quase parou com este pensamento.

Certamente ela não queria que ele fizesse isso... ou ela queria?

Os olhos dele escureceram como uma fumaça verde. "Você me acha tão idiota – que acreditaria

em você, demoiselle?" Ele a forçou mais firmemente contra a árvore, seus lábios roçando os dela enquanto ele falava.

DOMINIQUE VIBROU ao breve toque dos seus lábios, evitando o rosto dela. Na mesma hora um calor se

espalhou através de seus membros como fogo, queimando... assim como ele tinha avisado que seria.

Que Deus tivesse misericórdia, ela não podia estar se sentindo assim... com este sentimento! Não devia... não podia... Ela balançou a cabeça em perplexidade. Ela queria beijá-lo, que Deus fizesse sua alma apodrecer. Ela era infiel... devassa...

"Quem você planejava encontrar aqui hoje?" ele perguntou, mudando de assunto abruptamente.

Dominique mal podia separar seus lábios — muito menos responder.

"Lady Dominique!" ele surtou. "Quem planejava encontrar?"

O significado das palavras dele finalmente penetrou a névoa de sua mente. Mais uma vez ele desconfiava dela, quando ela não tinha lhe dado nenhuma razão para fazê-lo. Dominique virou a cabeça bruscamente para enfrentá-lo.

"Eu não planejava me encontrar com ninguém!" ela jurou veementemente. "Ninguém, ouviu?"

Por que você me acusa novamente? Parece-me que você é obrigado a acreditar o pior de mim, meu

senhor. Qual a maldade que você acha que eu estou planejando?"

"Um número de coisas," ele murmurou com raiva, seu olhar grande e arregalado, impenitente.

O bastardo! Ele não se preocupava a mínima que suas palavras a magoavam.

Dominique estreitou os olhos e olhou para ele. Ela queria tão desesperadamente atacá-lo. E ela

teria, se as coxas dele contra as suas não tivessem prendido as pernas dela tão impiedosamente. Ela se mexia furiosamente, tentando se libertar, sem sucesso.

"Deus vos maldiga, Blaec d'Lucy," ela protestou. "Deus vos maldiga e que você apodreça no inferno!"

Ele fez algum som com a língua, admoestando-a como se ela não fosse nada mais do que uma

criança desobediente. "Isso não é linguagem para uma senhora," ele disse, olhando-a fixamente. "Se eu não lhe conhecesse melhor, demoiselle, acharia que você não é uma lady."

"Oh!" Dominique se virou conseguindo apenas prendê-lo mais contra ela, pois ele continuava imóvel como pedra sólida. "Você — é — realmente — tudo o que eles dizem que você é! Você é desprezível! Me larga, sua besta arrogante!" Ela bateu no peito dele, mas ele não se moveu.

"Acho que não," ele disse, ficando mais perto ainda. Sua proximidade fez seus pulsos baterem descontroladamente. "Não até eu certeza que você veio para meu irmão, pura e intocada."

Dominique gritou indignada. Suas sobrancelhas colidiram. "Pura? Intocada! Bastardo de coração negro! Deixe-me ir! Saia —"

Os lábios dele cobriram os dela com uma brutalidade rápida enviando relâmpagos através de todo o seu corpo, terminando seus protestos de uma vez por todas. Dominique quis empurrá-lo, ela

realmente queria, mas as mãos dela o agarraram, em vez disso. Para seu espanto, ela não podia fazer nada mais do que isso, porque seus joelhos traidores cederam abaixo dela enquanto ele firmava sua

boca com uma ferocidade que ela não estava preparada.

Ela só podia chorar enquanto a língua dele traçava um contorno em seus lábios, exigindo entrar.

Blaec estava determinado. Ele sentia uma loucura dentro dele. Ele não conseguia parar a si mesmo, apesar dele saber que não era direito ele fazer isso. A visão dela, a sensação dela contra ele, despertava-lhe além do pensamento racional. Quando ela colocou os braços sobre o pescoço dele e

os dedos dela se enrolaram na sua nuca, ele só podia pensar na luxúria, uma necessidade que subia

através dele como uma explosão de fogo.

Deus... quando ela separou os lábios dela... ele experimentou o triunfo como uma explosão de raios ao longo de suas veias. A sua língua dentro da boca dela, degustando, roubando — não era uma invasão suave, mas uma punição. O sabor dela era muito, muito doce. Pressionando-se mais ainda contra ela, ele permitiu que ela sentisse sua excitação, pedindo a Deus que ela o afastasse. Que Deus salvasse os dois, porque agora que ele a estava tocando... beijando-a... finalmente... ele não sabia se ele ia conseguir parar.

Nunca mais.

ELA SE SENTIA MUITO, muito bem em seus braços.

Por Deus, ele não conseguia nem lembrar o motivo que ele tinha começado isso, nem o que ele

esperava provar. E ela não resistiu. Ele gemeu em tormento... de puro prazer. Sua mão escorregou para sua nádega, levantando-a contra ele ainda mais.

Dominique gemeu baixinho, pouco ciente de que sua mão penetrava mais baixo ainda, pelo comprimento da perna dela, levantando sua saia acima de sua coxa. Como ela podia tão imprudentemente sentir-se atraída por este homem?

Como ela podia parar? Ela estava certa de que estava perdida. Ela estava marcada pelas chamas

da respiração do Dragão... sua alma, seu coração, seu corpo...

Ou melhor... mas não... não... como podia? Como podia ela ansiar por um homem que ela tinha

conhecido fazia tão pouco tempo e principalmente um que ela desprezava? Como era possível? Não,

ela disse para si mesma.

"Isto não," ela murmurou, mas o corpo dela chamou-a de mentirosa quando ela disse, porque ela se abandonou contra ele sem vergonha em total abandono, rogando por seu toque. Lágrimas apareceram nos olhos dela, queimando, deslizando silenciosamente por seu rosto. Ela era malvada como sua mãe e até pior, porque ela não amava este homem. Ela não podia. Como ela podia desejar o

toque do infame Dragão Negro, o homem sem coração? Um homem que sempre a insultava e desconfiava dela?

O irmão de seu noivo.

"Blaec... não... por favor..."

Com um sussurro, alguma parte de Blaec ouviu a voz que o chamava de volta à razão. *A voz dela.* Ainda assim ele não conseguia encontrar seu caminho através da luxúria que arranhava o corpo dele, levando-o à beira da insanidade.

E de repente sua mente clareou e ele a empurrou ofegante. Se afastando dela como se ela fosse o

pecado encarnado, ele limpou a boca com as costas da mão. Como um veneno inebriante, o sabor dela permanecia para atormentá-lo. E como algumas feiticeiras sedutoras, a visão dela ainda o enlouquecia. Fraca e de olhos vidrados, ela inclinou-se contra o carvalho, seu peito arfando sob sua túnica azul e seus lábios rosados do seu beijo, inchados, enquanto ele assistia. Evidência de quão perto ele tinha estado...

Cristo, o que ele tinha feito?

Demais, e não o suficiente.

Ele balançou a cabeça, resistindo, pois até agora, mesmo sabendo que ele devia ir embora, ele

não queria nada mais do que pegá-la novamente em seus braços e deitar com ela bem aqui.

Que Deus o ajudasse... agora... e se ele a tocasse novamente... ele sabia que ele iria...

Seus olhares se encontraram, revelando muitas coisas.

Muitas coisas.

O coração de Dominique aproveitou o que viu e de repente... ela entendeu tudo. Cada momento

que tinha acontecido entre eles. Cada palavra. Cada olhar.

Tudo.

Desde a primeira vez que eles tinham se visto na muralha, ele também tinha sentido. E ele tinha

resistido, sem sucesso.

As pernas dela quase falharam. Ela estava tão agitada pelo conhecimento que ela mal conseguia

respirar.

Seu rosto de repente ficou vermelho com raiva. "Dane-se você, vá para o inferno," ele murmurou. "Maldito seja eu, também!"

Ele foi em direção a sua montaria, chegando com apenas alguns passos, recuperando as rédeas e

remontando às pressas. Dando um último olhar funesto, ele virou sua montaria, estimulando-a em direção a Drakewich. Ele andava como se lobos corressem em seu encalço.

Para longe dela.

ENGOLINDO o nó que subia por sua garganta como se fosse estrangulá-la, os olhos com lágrimas, Dominique assistiu Blaec indo embora... sabendo em seu coração que a partir deste momento... ela estava diferente. *Marcada*. Não tinha como negar agora... ela o odiava — um som cortante baixo escapou da garganta dela quando ela reconheceu que ela o queria também. Santa Maria, mas ela queria! Ela deslizou para baixo da árvore, sem se importar que a casca da árvore pudesse arruinar seu vestido, perguntando a Deus como isso podia ter acontecido.

Ela nunca poderia ter previsto isso — nunca!

Nem ela nunca, nunca o teria.

Entorpecida com o choque e tremendo, ela deslizou para o chão, os seios arfando com soluços

que ela não tinha tido coragem de soltar.

Com nada mais do que um simples beijo... seus destinos tinham sido selados.

E que Deus tivesse piedade da alma dos dois.

(10) Es mol e r - pe s s oa que te m a i ncumbê nci a de di s tri bui r e s mol as .

(11) Mandrág ora - e rva tóxi ca, nati va da Europa, de fol has ovai s , fl ore s campanul adas e purpúre as , e frutos bacáce os , outrora us ada e m fe i ti çari as .

**(12) Ce rne l ha - parte do arre i o que fi ca próxi ma ao pe s
coço da caval g adura.**

17

Desesperada por solidão — se por nenhuma outra razão ela tinha que dar tempo para sua boca e se

curar do beijo implacável de Blaec — Dominique procurou os *mews* (13) em vez de seus aposentos, pensando que este seria o único lugar que ela poderia escapar de olhos curiosos — Alyss, em particular.

Nem ela queria se encontrar cara a cara com Graeham.

Assim como o castelo, a instalação era impecável, abrigando um número de aves preciosas: alguns *açores* (14), um par de falcões-peregrinos, um *merlin* (15). Mas um único *gyrfalcon* (16) branco foi a maior surpresa de todas, pois era um pássaro caro. Na verdade, Dominique só tinha visto esta ave uma vez, pois era uma ave muito rara. Como ela tinha ouvido, todas estavam na época da muda — um fato que parecia ser verdade. Talvez mais tarde ela emprestasse sua própria experiência para cuidar delas, para que houvesse uma maneira dela minimizar seu tempo ocioso. No

momento, no entanto, ela somente queria meditar.

Ela ficou olhando para o *gyrfalcon*, perdida em suas reflexões, até que o som da voz *dele* mais uma vez, a incomodou. Será que ele tinha ficado na espreita à espera dela? Ou isso, ou seus homens correram para lhe informar de cada movimento dela, ela pensou amargamente.

"O que você está fazendo aqui, demoiselle."

Dominique se recusou a enfrentá-lo, com a esperança que ele simplesmente fosse embora. Ainda

assim ela não conseguia deixar de irritá-lo. "Roubar seus falcões, é claro, meu senhor."

Silêncio.

Mais do que sua raiva, ele a perturbava. Incapaz de pensar claramente, ela chegou perto do *gyrfalcon*, precisando de algo para ocupar suas mãos trêmulas, mas ela chegou perto demais. A ave guinchou, tentando bicá-la, pegando o dedo dela. Dominique gritou de surpresa, tirando a mão, embora ela tenha ficado mais assustada do que ter sentido dor. Para seu espanto, ele estava ao lado dela no mesmo instante, levantando a mão dela para inspecioná-la.

"Não foi nada!" ela disse petulante e tentou tirar a mão, mas ele não a libertou. Uma gota de sangue caiu da ponta do dedo dela, e ela ficou olhando ressentidamente, incapaz de olhar nos olhos dele — ela não aguentaria, não conseguia parar de se lembrar do que tinha passado entre eles na floresta. Nem ela podia suportar o calor de seus dedos sobre sua carne mais uma vez.

Por que ele estava aqui?

Tudo o que ela queria fazer era deixar sua mão livre e ir embora. Doce Jesus, mas ela não podia

ter outro confronto com ele tão cedo — não quando ela ainda se recuperava do último.

"Você parece ter uma afeição por perigo," ele ressaltou com a voz traiçoeiramente macia, enviando um arrepio de alarme pelo seu corpo — porque sim, ele era o perigo encarnado, e ela era

atraída para ele.

"Será?" Dominique respondeu baixinho. Ela levantou o rosto, finalmente encontrando seu olhar

estranhamente verde, totalmente consciente de que ele segurava a mão dela muito intimamente.

"Diga-me, senhor," ela lhe perguntou, "você vai me seguir por todo lado e vai ficar me fazendo perguntas?"

Os olhos dele se estreitaram e os lábios se curvaram sensualmente — aqueles lábios que ela já

havia provado. O calor começou a penetrar suas bochechas. "Se isso for o que eu preciso para

descobrir seus segredos," ele respondeu.

Os dedos trêmulos de Dominique foram para a boca, limpando os lábios da lembrança —

ocultando-os, também, porque o calor impregnava sua lembrança. "Não há nenhum segredo," ela jurou.

"É o que você diz."

Na verdade, Blaec tinha vindo para pedir perdão por seus atos na floresta, mas olhando para ela

agora, ele não conseguia dizer nada.

"Você está sangrando," ele apontou e não se conteve; ele estendeu a mão livre, tirando os cabelos de seu rosto. Deus, ela era bonita demais para sua paz de espírito. Alguns fios caíram, cobrindo a boca dela.

ELA ENGASGOU por causa do seu toque e tentou remover os dedos da mão dele, o olhar dela parecendo

selvagem e confuso; as mesmas emoções ingovernáveis que assolavam seu interior. No entanto, ele

descobriu que ele não podia libertá-la.

"Meu senhor!"

Ele abaixou sua cabeça, trazendo seus lábios para o pequeno corte em seu dedo, ciente de que ele

estaria condenado com o sabor de sua carne em cima de seus lábios. Ele beijou seu dedo, tragando a gota de sangue, estremecendo com um prazer primitivo. Com o coração dele martelando, ele colocou o dedo em sua boca, sugando-o suavemente, intimamente, disposto a curá-lo com seu beijo.

Por um instante ela deixou, muito atordoada para protestar e então recuperando a sua razão, ela

gritou "meu senhor! O que está fazendo?"

Se ele ao menos se conhecesse.

"Nada menos do que um animal ou uma mãe faria por sua cria," ele disse para ela sem rodeios, ainda chupando o dedo dela, sabendo muito bem que era um instinto perigoso — ele queria protegê-

la, sim, no entanto, isso não era tudo o que ele desejava. Nem mesmo um fraco grau do que ele desejava.

"Sim, bem, você não é minha mãe — nem somos animais!" ela informou-lhe arrogante, tirando o dedo da boca dele, mas não antes dele observar o arrepio que correu através dela quando ela retirou o dedo.

"Ah," ele respondeu, seu tom repleto de autocensura, "mas você está errada, demoiselle.

Totalmente sem razão —" como ela tivesse feito alguma coisa para ele — e somos, de fato, animais," ele garantiu. "Pelo menos um

pouco." Ele ficou em silêncio por um momento, deixando-a digerir seu aviso e então disse, "Acredite." Estendendo-se mais uma vez, ele tirou o cabelo de sua boca, querendo avaliar os danos que ele tinha infligido. Como ele temia, seus lábios estavam inchados e mais vermelhos com o seu beijo e ele se encheu de culpa. Ele engoliu, restringindo-se.

"Você deve ir," ele disse com tristeza. Os dedos dele permaneceram no rosto, acariciando-lhe. Ela teria, ou ele deveria, porque eles não podiam continuar assim. Ele era impotente para resistir a ela.

"Ah-sim!" Ela saiu para longe de seu toque, desviando o olhar dela e estremecendo. "Eu-eu devo, na verdade!" E com isso ela levantou a saia para passar por ele — como uma lebre assustada fugindo, ele pensou. Ele não se voltou para olhar para ela, em vez disso, ele olhou para os olhos do *gyrfalcon*, lutando contra todos os instintos dentro dele para se virar e investir para cima dela como fez a ave antes dele. Era seu dever deixá-la ir, ele disse para si mesmo. Era seu dever.

Na manhã seguinte, Incapaz de suportar enfrentar Blaec novamente, Dominique agiu como os covardes. Ela fingiu estar doente e ficou de cama, com as persianas fechadas durante todo o dia, o quarto totalmente escuro. Desde a sua infância, quando o pai dela tinha os seus ataques de raiva ela não tinha se portado como uma covarde. Ela não se atreveu a ter oportunidade de vê-lo. Se as

persianas estivessem entreabertas, ela raciocinou, ela seria inevitavelmente atraída para a janela, e se ela fosse atraída para a janela, então ela o veria lá embaixo. E por Deus, ela não desejava ver seu rosto novamente — embora como ela fosse conseguir tal façanha, ela não tinha idéia.

No entanto, ela tinha a intenção de tentar.

Até agora ela não tinha conseguido banir a sensação da boca dele — a memória dele chupando o

dedo dela, cuidando dela como um animal faria com seus filhotes. Ainda assim o olhar nos olhos dele tinha sido tudo menos benevolente. Ele tinha olhado para ela como dando um aviso, embora suas ações estivessem em desacordo com suas palavras. Ele agia como se ele a desprezasse, no entanto,

ele correu em seu auxílio quando ele pensou que ela estava machucada.

Nunca na vida dela ela tinha ficado tão confusa.

Para o desespero dela, Graeham veio uma vez para saber por que ela estava acamada, falando

com Alyss da antecâmara. Ela ouviu-o perguntar sobre o seu bem-estar, e ouviu Alyss responder que

era apenas seu fluxo mensal que a mantinha na cama, e então ele partiu e não voltou.

ELA DETESTAVA FAZER Alyss mentir por ela, mas ela estava ganhando tempo. Para pensar. E foi com grande alívio que ela recebeu a notícia da partida de Blaec dois dias depois. Só então ela ousou deixar seus aposentos.

Ela ficou sabendo que ele tinha ido para fortificar as fronteiras do irmão, pois parecia que não

havia motivos para crer que os invasores da aldeia tinham permanecido na província. Esta possibilidade fez Dominique estremecer quando ela pensou que tinha deixado o santuário das paredes de Drakewich, enquanto esses bárbaros ainda podiam estar por perto — e evidentemente insatisfeitos pelos danos que eles tão brutalmente tinham infligido.

Graeham, por sua vez, continuava a evitá-la, mas Dominique se prometeu a falar com ele quando uma oportunidade se

apresentasse. Parecia que seu noivo era mais um estranho para ela agora do que tinha sido quando ela o conheceu, porque na época ela o tinha visto por uma luz lisonjeira.

Enquanto ele a tratava gentilmente e com todo o respeito, ele também tinha revelado um lado de si

mesmo que era menos amável, particularmente quando seu irmão estava preocupado.

Se apenas o mesmo pudesse ser dito de seu irmão.

Mesmo depois que ele esteve fora por uma semana, a imagem de seus olhos verdes fumegantes

quando ele a tinha olhado nas sombras da floresta ainda a assombrava.

Ela estava tentando esquecer.

Na manhã seguinte, depois de procurar por quase todas as dependências, Dominique encontrou

Graeham na capela, de joelhos em oração. Ele não notou sua presença, nem ele virou para descobrir

quem tinha invadido seu santuário, apesar do eco de seus passos terem reverberado por toda a capela.

O som era como uma blasfêmia na quietude da câmara santificada. Ainda assim, ela não sairia, não

sem finalmente falar com ele.

Então, também, ela estava relutante em se intrometer, ela se sentou, observando, esperando. Para

sua incredulidade, ele estava ajoelhado sobre a pedra sólida, mantendo-se imóvel, sua cabeça curvada em oração. Se ela não soubesse melhor — soubesse que ele era de carne e osso — ela teria pensado

numa bela criação, uma efígie de um anjo, com seu cabelo dourado e seu perfil impecável, ele parecia irreal.

E então talvez ele fosse, pois apesar de Dominique ter ficado sentada por mais de uma hora, ele

ainda não tinha se virado para falar com ela. Ela estava irritada, pois se era sua intenção ferí-la com sua indiferença, então ele estava sendo muito bem sucedido. Era como se ele sentisse que era ela e se recusava a olhar para ela. Ou talvez ele realmente estivesse alheio à sua presença, tão profundamente ele se encontrava em meditação. De qualquer forma, ele não se importava com ela.

Lágrimas saltaram nos seus olhos, quando ela começou a sentir com uma certeza inegável que esta aliança era pouco mais que uma farsa. Embora não da mesma forma que seu irmão, mas Graeham aparentava estar destemperado. Como uma louca, ela queria voar nele e surrá-lo com seu

punho, queria lhe ordenar para dar-lhe algumas respostas. Ela estava destinada para ele e seu irmão a tratava com mais carinho do que ele? Ela nunca seria valorizada? Ela nunca poderia se atrever a ter esperança?

Engolindo o caroço que subia na garganta, sufocando-a, ela se levantou e fugiu da capela antes

que ela pudesse fazer alguma coisa que pudesse se arrepender depois.

"Não tenho idéia do que fazer, Alyss. Ele é como uma estátua, insensível!"

"Perdoe-me, senhora," Alyss sugeriu, "mas talvez você devesse tentar com mais força quando estiver com ele, em vez de espreitá-lo? Se ele não estiver preparado para vê-la, talvez ele seja indelicado?"

Dominique se virou da janela para olhar para a empregada dela, as bochechas vermelhas com raiva. "Não, Alyss, mas ele é muito político para ser indelicado! Ele fere com suas ações, em vez disso." Seus ombros caíram cabisbaixo.

"MINHA SENHORA, me perdoe, mas acho que você o confundiu." As sobrancelhas de Dominique se levantaram, embora ela não tenha dito nada, e Alyss continuou destemida. "Sabe... Eu tenho reparado nele," ela disse um tanto melancolicamente. "Ele é simpático e gentil para aqueles que o servem.

Sim," ela insistiu, quando Dominique continuou a olhar para ela descrente. "Eu acho que ele não quer lhe causar nenhuma dor. Há algo sobre esses dois irmãos, embora eu não consiga entender ainda...

alguma coisa... e me parece você é simplesmente a última gora que fez o cálice transbordar."

"Como você sabe?"

"Como eu disse, minha senhora... Eu tenho observado," seu rosto estava avermelhado. "Se você tiver sorte você vai tê-lo," acrescentou rapidamente, abaixando a cabeça. Ela mostrou o hidromel (17) que ela estava mexendo dentro do pequeno jarro. "Ah!" ela exclamou, fazendo cara azeda. "Esta é a mistura mais horrenda que eu já experimentei na minha vida! Temos que comer alguma coisa para mascarar o gosto."

Dominique achou difícil se preocupar com a bebida, porque ela era muito usada para temperar e

esquentar as bebidas em Drakewich.

"Talvez um homem goste deste sabor," ela sugeriu com algum ressentimento e absteve-se de acrescentar que ela não se preocupava nem um pouco sobre o assunto. Se ela era amarga, então ela

combinava com o temperamento do senhor de Drakewich — independente do que Alyss alegava.

"Não, Milady," Alyss rebateu. "Seu irmão prefere doce. Na verdade, eu uso *pearmain* (18) e mel para aquecer." Ela parou de mexer e suspirou, parecendo de repente aflita, e em seguida rapidamente ela começou novamente a mexer, com uma expressão fechada.

Dominique se perguntou o que ela devia estar pensando, mas absteve-se de perguntar. Ela sabia

que a empregada tinha tido uma vida difícil, pois seu pai a tinha dado para William antes dela completar treze anos, em troca do quê, Dominique não sabia. Mas ir de filha de um nobre, para amante, e depois empregada, não podia ser um fardo fácil de carregar. Quando na verdade ela deveria ter se casado e devia ser a senhora da sua propriedade.

Dominique suspirou. Ela tinha ouvido falar, mas não por William, que seu irmão tinha se encantado por Alyss durante uma visita que ele tinha feito ao seu pai em Kester. Alyss tinha ido para Amdel no verão seguinte, após seu primeiro sangramento.

"De qualquer forma," continuou Alyss, invadindo seus pensamentos. A empregada olhou para ela, sorrindo. "Eu deveria compartilhar com você algo que uma mulher muito sábia me disse uma

vez."

Dominique não pode fazer nada além de retribuir o sorriso da empregada, embora ele não alcançasse seu coração. "Que mulher sábia é essa?" ela perguntou.

O sorriso de Alyss se aprofundou, atingindo seus olhos marrons suaves. "Minha mãe," ela respondeu baixinho e com reverência. E mais uma vez a expressão dela era sonhadora. "Ela me dizia... Alyss, querida... às vezes uma mulher deve tomar as rédeas em suas próprias mãos. Ela deve fazer o que for necessário." Com os olhos ligeiramente vitrificados, ela assentiu com a cabeça, encontrando o olhar de Dominique. "Isto foi o que ela me disse, embora eu não tenha entendido na época."

Dominique sentiu uma pontada de perda; por Alyss e por ela mesma. A mãe dela não tinha vivido tempo suficiente para dar-lhe qualquer conselho. E Alyss... Dominique não sabia o que era pior, ter o amor de uma mãe e depois perdê-lo, ou nunca ter conhecido este amor. "E agora? Você entende?"

Os olhos de Alyss se escureceram quando ela voltou sua atenção para o aquecimento do hidromel. "Às vezes sim," ela disse sem olhar para cima novamente, a voz sem inflexão.

"Alyss..." O coração de Dominique estava trêmulo por fazer a pergunta que ela se sentia obrigada a fazer. Se tinha sido o irmão dela que tinha machucado Alyss... ela só não achava que poderia suportar a resposta. "Eu estava pensando..." O olhar dela foi para a janela e depois voltou para Alyss. "As marcas," ela perguntou. "Como —"

A cabeça de Alyss caiu para o lado, e seus olhos pareciam os olhos de um animal enjaulado. Ela

balançou a cabeça. "Não me pergunte, minha senhora, eu não vou falar —"

"Senhoras?"

SURPREENDIDAS PELA INESPERADA VOZ MASCULINA, Alyss e Dominique olharam de relance para ver Graeham ali de pé, com sua expressão de surpresa. O coração de Dominique se apertou um pouco.

Ela sabia que ele tinha que passar pelo quarto dela para ir para o seu, e ela queria falar com ele. Mas ele não parecia muito satisfeito com a sua presença. No entanto, ela se forçou a ficar, sabendo que eles não podiam continuar desta maneira por muito mais tempo.

"Meu senhor," ela começou, "eu... eu esperava..." O olhar dela foi lentamente em direção a Alyss.

Com os olhos, Alyss acenou-lhe, incentivando-a a continuar. "Sim, bem..." Seu olhar voltou-se para Graeham. "Você vê, nós... nós..."

"Nós estamos aquecendo o hidromel para você, meu senhor," Alyss interrompeu suavemente, sem tirar o olhar da sua tarefa.

"Sim!" Dominique exclamou logo depois. "Por favor, por favor, meu senhor, entre e fique um pouco." Ela correu para frente quando ele removeu seu manto e ela se ofereceu para segurá-lo. Ele hesitou, segurando-o. Dominique olhou para ele, recusando-se a derramar uma única lágrima se ele

recusasse que ela o segurasse, mas sua mão apertou o rico pano de lã com um desespero que a envergonhou. Para seu alívio, ele o lançou em sua direção, sem dizer nada, acenando. Ela correu com ele para o quarto dele, e o colocou em cima da cama, retornando em segundos.

Esperança surgiu dentro dela, quando ela ficou ali parada olhando o seu noivo que ia se tornar

seu marido. Talvez eles fossem dar certo, afinal? Talvez não estivesse tudo perdido. "Estávamos pensando, meu senhor... se-se você tem especiarias... para o vinho?"

Ele soltou um suspiro. "Na despensa," ele cedeu. E então ele se virou e se sentou na cadeira mais próxima, enfrentando-as.

Excitada, Dominique correu até a despensa, fazendo uma pesquisa superficial e removendo mel

e noz-moscada e, com um pouco de relutância, um recipiente pequeno de *vin aigre* (19) na ausência

de *pearmain*, ou frutos amargos. Correndo de volta, ela os trouxe para Alyss, mas Alyss, para sua surpresa, recusou-os. Em vez disso, a empregada se levantou, solicitando sua licença, queixando-se de uma dor de estômago e murmurando algo sobre as mulheres fazerem o que elas deveriam fazer. E

então, sem nenhuma outra palavra, ela saiu do quarto. Dominique sorriu olhando Alyss saindo do quarto, a cabeça se curvou e ela pensou que Alyss tinha, de fato, uma alma astuta.

"Bem..." O olhar de Dominique se dirigiu para Graeham. Ela sorriu timidamente. "Meu senhor..."

Eu peço a Deus que você tenha um estômago saudável," ela disse numa tentativa de fazer uma piada.

"Eu fico pesarosa em dizer que eu não tenho os talentos de Alyss."

Graeham sorriu com uma expressão abatida. "Posso tentar," ele respondeu com um aceno lacônico. Ele se sentou, olhando para ela, como se doesse ficar sozinho no mesmo quarto com ela.

Não importava. Dominique se recusava a ser contrariada. Se isso lhe doía, que assim fosse. Ele

teria que suportar — assim como ela tinha suportado sua falta de atenção nas últimas semanas. "Sim, bem... isso tem que ser feito em algum momento," ela prometeu e sorriu. Rapidamente ela

assumiu no lugar de onde Alyss tinha parado, levantando o pote de madeira e colocando-o cuidadosamente sobre

a chama. Enquanto Graeham estava sentado, assistindo, ela colocou a noz-moscada e em seguida o mel, provando algumas vezes para sentir o gosto.

Para seu espanto, o silêncio entre eles ficou maior e tornou-se estranho, mas Dominique estava

determinada a encontrar algo comum entre eles.

"Desculpe, senhora Dominique, se tem sido difícil para você," Graeham disse de repente.

Colocando o jarro na mesa com as mãos tremendo, Dominique parou sua tarefa para enfrentá-

lo, incerta sobre o que dizer. Seus olhos pareciam tão atormentados quanto ela própria. Com certeza, ele era um homem bonito, ainda mais quando ele sorria. Por que ela não podia fazê-lo sorrir da maneira que ele tinha sorrido aquela primeira vez?

"Meu senhor... Só não entendo."

Seu suspiro foi triste, cansado. "Eu sei."

"Por acaso eu —"

"NÃO É nada que você tenha feito," ele falou. "Na verdade, eu queria poder explicar —" ele balançou a cabeça "— mas eu não posso."

"Eu entendo," Dominique disse, mas ela não entendia. Ela abaixou a cabeça, levantando o pote de hidromel, experimentando-o. "Está muito doce," ela disse suavemente, tentando manter a compostura.

Silêncio.

Dominique engoliu seu orgulho. Sua voz vacilou. "Meu senhor... Eu gostaria de ser uma boa esposa para você."

Ele ficou em silêncio por um momento e então disse com tranquilidade, "você vai ser uma boa

esposa, Lady Dominique. Eu nunca duvidei disso."

Sensibilizada pela sua observação, Dominique olhou para ele mais uma vez, e viu que seus olhos

estavam cálidos, mas desgostosos.

"Tudo vai acabar como deve ser," ele prometeu, seus olhos se enchendo com alguma emoção que ela não podia decifrar. "Eu nunca quis te magoar, senhora Dominique. Por favor, lembre-se disto."

O espírito de Dominique morreu. Por que ela achou que era um pedido de desculpas por algo

que ainda estava por vir? Acenando, com medo de ouvir mais, ela levantou, embora com relutância,

o pote de *vin aigre*. Com as mãos tremendo, ela derramou uma quantidade pequena dentro... e então...

que Deus a ajudasse, ela ouviu a voz *dele* e seus passos, enquanto ele subia as escadas.

Seu coração pulou dentro do seu peito.

Uma miríade de emoções varreu Dominique enquanto ela aguardava sua aparição na porta: decepção, terror e sim... e se ela desejasse negá-lo, ou não... antecipação. A barriga dela vibrava com nervoso.

Graeham levantou-se imediatamente para cumprimentá-lo, abraçando-o na porta e batendo em suas costas com entusiasmo.

Blaec lhe respondeu com carinho... até que ele viu Dominique atrás de

Graeham... e a mão dele ficou parada em pleno ar.

Seus olhares se encontraram.

O mesmo olhar passou entre eles: medo, agitação, negação... culpa... muitas emoções diferentes

para enumerar.

Ele se virou abruptamente, afagando o irmão, abraçando-o mais plenamente.

"Esta é uma cena aconchegante que vejo aqui," ele disse, lançando para Dominique um olhar desapaixonado. Ela engoliu convulsivamente, pois com pouco esforço ele mostrou toda a emoção no

seu semblante escuro — pelo menos até onde ela entendeu. Os olhos dele, enquanto ele olhava para

seu irmão, estavam cheios de afeto genuíno.

Que tolo ela era de se sentir presa a este homem! Ela evitou olhar para ele, embora seu coração

continuasse a bater traidoramente.

"Pelo sangue de Deus," queixou-se Blaec, "sem nenhum remorso, você me manda dormir em folhas e pedras, enquanto você continua aqui no conforto com sua noiva." Em sua visão periférica, ela viu que ele segurava o braço de Graeham levemente. "Muito bem," ele disse. "Já era tempo."

"Culpado," Graeham falou. "Eu confesso."

"Você confessa coisas demais," Blaec comentou suavemente.

Observando-os, Dominique teve a impressão de que suas brincadeiras eram o que realmente demonstrava a afeição genuína entre eles; era muito evidente na maneira fácil entre eles e em seus olhares. Estes dois irmãos — estes gêmeos que não eram nada parecidos — compartilhavam muito

mais do que a concepção em um único útero. Pareceu-lhe que eles compartilhavam uma admiração

mútua um pelo outro. E ambos pareciam igualmente protetores um do outro.

Graeham riu com vontade. "Talvez, mas quem vai rezar pela tua alma, meu querido irmão? Você

está perdido sem mim," ele disse desembaraçadamente.

Os lábios de Blaec estavam ligeiramente curvados e ele deu uma risada. "Na verdade eu ficaria perdido," ele admitiu sem hesitação.

"AÍ ESTÁ, então," Graeham disse com bom humor, e então ele se dirigiu para Dominique. "Senhora Dominique! Traga uma taça de hidromel quente, temperada, para meu irmão cansado."

Dominique levou um instante para perceber que ela o estava encarando. Ela queria amaldiçoá-lo,

mas ele parecia ficar mais bonito cada vez que ela o via. Mesmo barbado como estava, ele estava deslumbrante. Não, não era uma beleza angelical, como a que seu irmão possuía, mas Alyss estava

certa... sem nenhuma dúvida ele era um homem com H maiúsculo. Na verdade, olhando para ele agora, era difícil acreditar que ele já tinha sido um menino, porque seus olhos eram de um homem

que já tinha testemunhado coisas demais. Eram os olhos de um homem que já tinha vivido muito, e

eles estavam em profundo contraste com algumas outras suas características juvenis.

Ela se perguntou quantos anos ele deveria ter, porque de algumas maneiras ele parecia tão antigo como o pecado. E de outras formas... havia algo profundamente carente em sua expressão que a fazia ansiar alcançá-lo... e confortá-lo.

Esses pensamentos eram muito perigosos — perigosos e imprudentes. Além disso, ele não

precisava ser confortado, ela estava certa.

"... nada dos malditos," ela ouviu Blaec dizer zangado. "Não havia nenhum sinal dos bastardos."

De uma vez por todas, Dominique tentou ficar livre de seus pensamentos e olhou para o jarro de hidromel que fervia. E então ela olhou para o recipiente vazio de *vin aigre* que ainda estava em sua mão. Ela deixou escapar um som estrangulado. Cristo, ela tinha esvaziado todo o *vin aigre* no jarro!

"Senhora Dominique?"

Deus misericordioso — todo o jarro. Com os olhos arregalados com a descoberta, Dominique

enfrentou o olhar curioso de Graeham, seu coração batendo forte, seu estômago parecendo que ia estourar. "M-meu Deus!" ela exclamou.

"O hidromel," Graeham exigiu. Suas sobrancelhas pálidas estavam unidas em desaprovação.

"Traga-o."

"Mas... mas, meu senhor!" A mente dela tentou achar uma desculpa.
"Eu ainda não acabei!"

"Absurdo!" ele disse. "Eu vi você ter cuidados extras nestes últimos vinte minutos. Se aquecer mais, não vai restar nada para beber. Traga-o agora."

Dominique cerrou os dentes. Ela teve que lutar contra o desejo de estreitar os olhos para ele, e

perguntar-lhe se ele gostaria de ver seu irmão morrer envenenado bem diante dele. Se ele queria que ela desse ao seu irmão hidromel rançoso então que assim fosse! "Muito bem, meu senhor," ela respondeu. Na verdade ela pensou que poderia ter um grande prazer de presenciar uma cena dessas.

Por todos os Santos! Eles mereciam um ao outro, esses dois irmãos!
Ela pousou o pote, e usando as

duas mãos, derramou o conteúdo, enchendo o copo até a borda.

Colocando em seu rosto seu sorriso mais doce, ela levantou-se e entregou a taça para Blaec, oferecendo-a para ele. Por um instante, ele simplesmente ficou olhando fixamente para ela, e os nervos de Dominique quase estouraram. O coração dela batia desenfreadamente, mas ela se recusou a

ser intimidada por ele, não desta vez.

Ela levantou seu queixo. "Meu senhor, talvez você queira que eu mexa com uma colher para você, também," ela sugeriu impertinente, piscando lindamente. Por Deus, ela gostaria de derramar a bebida pela garganta dele! Ela encontrou-se desejando ardentemente que Graeham d'Lucy não tivesse

nenhum irmão. Mais do que isso, ela desejava nunca ter colocado os olhos sobre este lugar amaldiçoado!

Ele recebeu a taça dela e Dominique imediatamente desculpou-se. Ela não era boba, e não tinha

absolutamente nenhuma intenção de permanecer e ver se ele caía no chão, agarrando sua garganta em

agonia. Graeham cedeu com um aceno, e Dominique correu em direção à porta.

"Aarrgghhh!"

Ouvindo o som estrangulado, Dominique congelou. Embora ela ordenasse seus pés para correr,

para fugir, ela não conseguia movê-los do lugar que ela tinha parado tentando salvar sua vida. Ela girou para enfrentá-lo e o encontrou engasgado, vomitando hidromel e segurando sua boca.

"MEU DEUS!" ele exclamou. "Isto é veneno!"

"Posso explicar," ela falou ao mesmo tempo.

Ele se virou para enfrentá-la, seu rosto furioso. "Por favor, tente, demoiselle!" Ele atirou o conteúdo do copo para baixo sobre o chão de madeira aos pés dela.

Dominique deu um passo para trás por causa do olhar ameaçador nos olhos dele. A expressão

dela enrolada. Sua voz estava vacilante. "Eu... Eu... foi um acidente," ela jurou.

"Outro acidente sangrento, demoiselle? Muito conveniente!"

"Eu juro é a verdade, meu senhor. Foi um acidente," ela insistiu. "Eu estava esquentando o hidromel quando..." Santa Maria, como ela podia explicar? Ela estava esquentando o hidromel quando ouviu a voz dele. O pensamento de vê-lo novamente era tão angustiante que ela tinha derramado todo o conteúdo da garrafa de *vin aigre* sem perceber. Ela preferia engolir piche fervente.

"Ótimo!" ela surtou. "Tentei envenená-lo, então! Acredite se quiser! Eu só desejava ter conseguido,"

ela cuspiu. E sem mais uma palavra, ela levantou a saia e correu para fora do quarto.

Em seus aposentos, Dominique ficou andando até que seus pés começaram a doer. Ela estava tentando matá-lo? Que vergonha! No momento, ela adoraria fazer mais do que tentar. "Não acredito que ele pode me acusar de uma coisa dessas, Alyss!"

"Estou certa de que ele não acredita nisso, Milady," Alyss disse razoavelmente.

"Não?" Dominique enfrentou a empregada, as bochechas vermelhas repletas de raiva impotente.

"Você não viu a cara dele. O homem está fixado em descobrir alguma culpa em mim de alguma coisa

— qualquer coisa. Eu esperava que uma vez que William fosse embora, ele cessaria suas acusações

de uma vez por todas — mas não!" Tem que ter uma maneira de acabar com essa farsa.

Talvez depois que ela se casasse com Graeham, tudo iria se resolver. Dominique não via uma maneira de terminar o noivado. Não quando o irmão dela estava tão determinado a ver esse casamento realizado, e Graeham já tinha concordado. Ela só não compreendia por que Graeham parecia tão cauteloso contra ela.

Talvez ele se sentisse desconfortável com as mulheres? Ele nunca tinha sido cruel com ela, não

realmente. Talvez ele simplesmente não tivesse noção de como falar com ela? Talvez ele ficasse muito envergonhado na presença dela?

De repente, ela sabia o que devia fazer. Assim que a inspiração veio até ela, ela percebeu que era a única solução. Se Graeham era tímido demais para vir até ela... então ela iria até ele.

Hoje à noite.

E se ele realmente não a quisesse...

Bem, então, ela descobriria isso também.

(13) Me ws - pe que na cas a re s ul tante de re forma de anti g os e s tábul os

(14) Açor - ave fal coní forme da famí l i a dos aci pi trí de os e ncontrada na Europa, Ás i a e Amé ri ca do Norte .

(15) Merlí - é uma pequena espécie de falção do hemisfério norte, com numerosas subespécies em toda a América do Norte e na Eurásia.

(16) Gyrfalcon - ave de rapina da família dos falconídeos

(17) Hírdrome - é o nome, em português, dado à bebida alcoólica cuja maior parte do seu açúcar fermentado vem do mel. Seu teor alcoólico varia normalmente entre 5% até 14%.

(18) Permalin - qualquer uma das diversas variedades de maçã, que tem casca vermelha (19) Vinagre - vinagre ou vinho azedo

18

Ela esperou até que todos tivessem dormido e, seguindo a trilha das tochas, se dirigiu para o quarto principal, o quarto de Graeham. Ela não estava vestindo nada além de sua *chainse* (20) de linho, e desceu correndo a escada da torre descalça.

Ninguém a impediu.

Ninguém estava acordado para fazê-lo.

Andando rapidamente através do corredor, ela abriu a porta maciça e deslizou rapidamente para

dentro do quarto. De uma única janela aberta, o luar se derramava no quarto, iluminando-o com um

brilho fantasmagórico. Como uma lâmina de prata, o luar caía em cima da cama, iluminando a figura

enrolada no lençol. A visão de Graeham deitado ali tão intimamente a fez parar, mas ela se recusou a permitir que os pés dela hesitassem.

Reforçando sua coragem, ela correu pelo quarto, mas quase perdeu a coragem, quando olhou para a cama onde dormia seu noivo.

Doce Jesus, mas ele era um homem bonito.

Seu cabelo loiro estava ainda mais pálido à luz da lua e suas feições impecáveis. Angelical, ela

pensou, não pela primeira vez. Mesmo assim, o próprio pensamento de se arrastar —

voluntariamente — para a cama dele era desconcertante na melhor das hipóteses. Ainda assim Dominique sabia que era algo que ela devia fazer. Ela não devia se deixar ter medo. Ela devia fazer isso. Ela não tinha escolha.

E ela tinha que ter sucesso.

Com um fôlego instável, ela cuidadosamente levantou a coberta e escorregou para baixo dela,

ao lado de Graeham, seu coração batendo tão descontroladamente que ela pensou que ele ia explodir

em seu peito. Cristo, como ele podia dormir com ele batendo tão alto? Tentando acalmar-se, ela se

deitou o mais perto da borda da cama quanto possível, tomando cuidado para não tocá-lo — ou tocar

qualquer parte dele.

Ainda não, ela disse a si mesma.

Em um momento, ela tocara.

Um momento passou, e então minutos se passaram, e a cada segundo, as batidas do coração de

Dominique tornavam-se mais dolorosas de suportar.

Pelo amor de Cristo, ela pensou histericamente, como é que ela ia seduzir um homem, que ela

não podia sequer suportar tocar?

Aproxime-se, ela pensou. Ela balançou a cabeça, congelando com o movimento, prendendo a respiração. Ela tinha se movido na cama? Ele tinha percebido a presença dela?

Ah, Deus! E se ele acordasse? O que ela diria para ele? Como ela explicaria seu comportamento

ousado? O que ele diria?

Ela realmente estava brava! E graças a Deus, pois caso contrário, ela nunca seria capaz de realizar um plano tão louco.

Mas ela não podia levar isso adiante, ela percebeu de repente.

Não importava que ela dissesse a si mesma que ela devia seduzir o homem deitado ao lado dela,

ela não conseguia mover-se. As polegadas entre eles eram tão longas como um abismo, e a realidade

de estar com ele em sua cama era mais angustiante do que ela poderia ter imaginado.

Fechando os olhos, Dominique moveu as mãos para tocá-lo, mas elas permaneceram, para seu espanto, firmemente fixadas no peito dela — como uma mulher morta! Ela pensou freneticamente.

Mexa-se! Ela ordenou a si mesma.

Sua respiração se acelerou, até que ela sentiu como se tivesse corrido mil degraus acima — e

para baixo outra vez! Apertando seus olhos fechados, ela moveu seus dedos e sentiu que o bater do

seu coração aumentou com este esforço insignificante.

Querido Deus, ela ia morrer aqui na sua cama! Seu coração parecia estar estourando agora!

Que idiota ela era!

O que ela podia ter pensado?

UM PÂNICO diferente de todos o que ela já tinha experimentado em sua vida, paralisou-a totalmente.

De repente, até mesmo o pensamento de levantar da cama parecia uma tarefa impossível, e se ela o

acordasse?

Mas ela tinha que se levantar! Ela era uma covarde! Uma pequena idiota covarde! E ela nunca em

sua vida teve tanta vontade de chorar.

Para seu espanto, um riso histérico apareceu acima das suas profundezas, explodindo de seus lábios contra a sua vontade, chocando-a — e acordando Graeham.

Com o som dos risos, ele deu um pulo para fora da cama e correu como uma criança fugindo de

um pesadelo. "Quem está aí?" ele perguntou.

Apesar de ela tentar, Dominique não podia parar de rir, nem mesmo para recuperar o fôlego. Ela

segurava sua barriga, paralisada com os risos.

Graeham correu para acender uma vela e então a segurou perto dela, olhando para baixo, pensando que ela estava louca.

E ela devia estar, porque ela não pôde parar de rir nem quando ele parou perto dela.

"Lady Dominique?" Sua expressão estava atordoada e um pouco desanimada.

Dominique não podia ter respondido nem para salvar sua vida.

"Pela luz santa de Deus!" ele exclamou. "O que você está fazendo na minha cama?"

Seu rosto assustado, iluminado somente de um lado pela luz, parecia totalmente sinistro de repente, se torcendo com a chama bruxuleante da vela, e era mais do que Dominique podia suportar.

As emoções dela balançavam como um pêndulo. Ofegante de susto, ela tentou sair da cama, só para

encontrar-se presa nos lençóis da cama.

Com um grito estrangulado, ela caiu no chão. E Deus foi misericordioso, porque as luzes piscaram e morreram.

Incapaz de acreditar em seus olhos quando ela caiu, Graeham correu para o outro lado da cama,

esperando pegá-la antes de ela cair no chão. Mas ele não foi rápido o suficiente. Ele chegou perto dela quando ela emitiu um suspiro final e caiu.

Apressadamente ele colocou a palma da sua mão contra a sua cabeça, testando sua respiração.

Viu que ela estava viva, e ele suspirou de alívio. Ele se preocupava em aumentar às hostilidades entre seu irmão e ele mesmo.

Ela estava mole como pano molhado quando ele levantou-a em seus braços e colocou-a em sua

cama. Ele voltou para pegar a vela e acendeu-a ao lado de sua cama.

Em nome de Deus o que estava acontecendo?

Quando ele olhou para baixo, para ela, havia uma palidez em seu rosto que o deixou enjoado, e

torceu seu estomago. Ele deu um tapa suave no rosto dela. Mais uma vez ele disse. "Lady Dominique!" Ela não respondeu. Deus sabia a verdade, que ele a achou linda nesse instante.

Muito bonita, embora ela não se mexesse.

Ele pensou que ele fosse capaz de fazer isso. Ele realmente esperava acabar com a rivalidade entre suas casas com esta união. Ele sabia agora que não era possível. A verdade tornou-se aparente para ele nos últimos dias. E ele tinha rezado sem sucesso. Parecia que Deus não queria ouvi-lo.

Quando ele a viu pela primeira vez... ele tinha pensado ser possível. Ele achou, de verdade, se uma mulher podia acender uma chama dentro dele, seria ela. Mas ela não tinha, e ele começou a pensar agora que nenhuma mulher poderia.

Uma vez ele tinha sido um homem... e uma camponesa por quem ele e Blaec tinham

compartilhado uma paixãoite entrou em sua vida. Quando Blaec tornou-se ciente do fato de que Graeham a cobiçava, ele nunca mais olhou para ela novamente. E Graeham pode tê-la, ficar com ela...

mas desde aquele dia, ele entendeu que ele estava destinado a pegar tudo o que seu irmão desejava.

Blaec sempre obediente ficava de lado, com o maior prazer, e este era o cerne do problema. Uma parte de Graeham não queria o que era roubado. Talvez Blaec não se importasse que Drakewich por

direito fosse seu por nascimento, mas Graeham se importava. Embora o corpo dele não se rebelasse

contra ele há muito tempo... mesmo ele sendo capaz de ter uma mulher... ainda haveria seu voto de celibato. Ele tinha há muito tempo considerado isso apenas uma penitência. Poderia ter sido diferente se ele não soubesse a verdade, mas ele sabia.

No leito de morte da sua mãe, ela confessou tudo a ele, pedindo-lhe para sempre manter seu irmão perto. Ela tinha contado tudo o que ele já suspeitava: seu pai tinha tanta certeza de que Blaec não era filho dele, por causa de sua tez escura, porque ele não parecia nada com o seu pai, nem com a sua mãe, e logo após seu nascimento Gilbert d'Lucy havia determinado que Blaec tinha sido mal concebido. E embora ele amasse muito sua mãe ele a colocou de lado, e Blaec tinha pagado o preço

das suspeitas de Gilbert — não importava que sua mãe tivesse negado até o fim de seus dias, não ter traído seu marido.

Para não envergonhá-la diante dos olhos dos homens, ele tinha dado a Blaec seu nome, Pelas costas deles, Blaec, filho mais velho de Gilbert d'Lucy, era um bastardo e nada mais. Não era amado.

Era indesejado. Tinha sido repudiado. Mas Graeham sabia a verdade. Não somente eles

compartilharam do mesmo útero, eles também compartilharam o mesmo pai.

Como uma lâmina invisível, a verdade perfurava o intestino de Graeham, e o tempo não ia curar

a ferida, embora a ferida não fosse dele. Embora Blaec não percebesse... que a ferida era dele. E

Graeham não podia viver com a culpa em suas mãos por mais tempo.

Ele tinha agüentado muita coisa injustamente.

Ele apertou-a suavemente. "Dominique."

Os olhos dela se abriram, e ela engasgou ao vê-lo pairando acima dela.

Ele balançou a cabeça, tentando entender. "O que você estava fazendo na minha cama?" ele exigiu saber, sem ser indelicado.

Ela não disse nada, apesar de seus lábios começarem a tremer. Uma única lágrima escorregou

de seus olhos e rolou pelo rosto pálido. Ela ainda estava olhando para ele, com os olhos arregalados, e ele lhe perguntou mais uma vez, com seu tom suave, para que ele não a assustasse ainda mais,

"Lady Dominique... o que estava fazendo na minha cama?"

Ela balançou a cabeça, evitando o rosto dele e começou a chorar baixinho. "Eu-eu não sei," ela chorou miseravelmente. Ela rolou para o lado, para longe dele, cobrindo o rosto com as mãos.

"Estou tão envergonhada!"

"Diga-me por quê."

Ele colocou uma mão sobre o ombro dela, e ela rolou para enfrentá-lo, seus olhos cheios de lágrimas.

"Porque eu queria te seduzir, meu senhor!" ela confessou.

As sobrancelhas de Graeham se levantaram em assombro. Deve ter havido alguma coisa que ele

tinha perdido. "Eu lhe asseguro, Lady Dominique," ele disse balançando a cabeça. "Qualquer coisa que você estava fazendo... você certamente não estava me seduzindo."

Quando ela ouviu isso, começou a chorar mais intensamente, e Graeham olhou nervosamente por cima do ombro, rezando para que ninguém tivesse ouvido. Isso era tudo o que ele precisava agora — todos saberem que ela estava em sua cama. Não haveria nada de negócios fora o noivado.

"Mas eu estava!" ela insistiu, sentando-se para enfrentá-lo. Ele não tentou não admirar as sombras escuras dos seus mamilos por trás do tecido de linho fino. "E eu estou tão envergonhada!"

ela falou num gemido.

Graeham evitou seus olhos, estremecendo, olhando para o teto. Na esperança de parar suas lágrimas, bem como tirá-la da sua linha de visão, ele estendeu a mão e pegou-a em seus braços.

"Pronto, agora você está bem," ele disse sem jeito. "Está tudo bem, Lady Dominique... Nenhum dano foi feito."

Ela balançou a cabeça freneticamente. "Eu não estava tentando envenená-lo," ela jurou veementemente.

"Eu sei," ele disse, acariciando suas costas. "Shhh... Fique caladinha."

Se ele antes duvidasse de sua inocência, agora ele já não o fazia. De alguma forma ele sabia que

a mulher em seus braços era inocente, ela era apenas um peão na política do seu irmão. Seus soluços eram muito sinceros para duvidar. O simples fato de que ela tinha sido tão honesta sobre tentar seduzi-lo, e que ela tenha tentado tão ridiculamente, só serviu para provar que ela era uma noiva desesperada, ignorada e confusa.

ELE DESEJAVA que ele pudesse seguir com sua promessa para o irmão dela — que ele pudesse se casar

com ela e tudo ficar bem. Mas ele não podia. Segurá-la em seus braços era a prova final. Deus, ele a tinha evitado em vão, dizendo a si mesmo que ele não queria ficar tentado, mas não tinha nada lá... ele não sentia nada. Embora ele pudesse cheirar a doçura dos cabelos dela, sentir o calor da sua carne...

ele não conseguia sentir nada.

Havia apenas uma solução agora.

E maldição, ele faria o que era certo.

Ele a afastou, de repente, limpou suas lágrimas e se levantou da cama, indo até a porta.

(20) Chai ns e – o anti g o chai ns i l (que s i g ni fi ca um te ci do fi no e branco, de l i nho ou de cânhamo) é uma ve s ti me nta fe mi ni na l ong a e fi na, mui to us ada nos s é cul os 12 e 13.

19

Ela não sabia que ele estava lá.

Nas sombras.

Ele viu quando ela passou por ele a caminho do quarto de seu irmão. Sua roupa fina plissada caía sobre seu corpo como o esboço de uma pintura, mostrando toda a sua forma graciosa embaixo

da sua *chainse*. Seu corpo era ágil e bonito, seus seios maduros... altos... redondos. A cintura dela pequena...

Um som estrangulado apareceu no fundo da garganta de Blaec com o pensamento torturante das

mãos do seu irmão em cima dela. Deus... por quê? Nunca em sua vida ele tinha invejado seu irmão.

Por que ela?

Por que agora?

Ele pensou que não poderia suportar.

Com certeza, ele teria que sair.

Ele levantou seu copo para seus lábios ressecados e o tirou com irritação, sacudindo-o. Ele viu

que estava vazio, e o deixou de lado.

Apesar de ter bebido muito, ele não tinha conseguido dormir, imaginando-a lá... nos braços de

seu irmão...

Bloqueando a visão de sua mente, ele se estendeu sobre a palete (21) dentro do quarto, olhando

para o teto, seu corpo tenso. Com um gemido baixo, ele fechou os olhos, juntando os dedos em sua

cabeça. Sua cabeça doía, mas ele não sabia se era da bebida ou se era tensão. Talvez pudesse ser os dois.

Enquanto ele imaginava, novamente, o que eles poderiam estar fazendo, a porta do quarto de Graeham se abriu com um estrondo e alguém gritou o nome dele. Graeham, ele pensou. Os olhos dele tentaram se fixar na silhueta em pé na porta. Graeham. Se levantando, Blaec se balançou levemente, metade dele esperando encontrar uma lâmina no peito do seu irmão.

"Sai do meu quarto!" Graeham exigiu.

Blaec balançou a cabeça, incapaz de compreender, pois Graeham estava lá ileso.

Zangado, mas ileso.

"Por Deus! Não me importo se você tenha que dormir em cima dela," ele rugiu, "tire-a daqui e a mantenha longe de mim!"

Dominique mal podia acreditar em seus ouvidos. Seu rosto inflamado em mortificação.

Por um instante, ela pensou que ele poderia estar falando com um guarda, apesar dela não ter visto nenhum em seu caminho para o quarto — certamente não perto do quarto. Ela teria notado...

O coração dela quase parou quando Blaec d'Lucy apareceu na porta, inclinando-se com os braços cruzados sobre o batente da porta. Ainda assim, apesar dele aparentar calma, seu olhar mostrava o contrário.

Seus olhos a acusavam mais uma vez, embora ele não dissesse nada.

Ele usava apenas uma calça curta, sem túnica, e seu cabelo estava desarrumado como se ele tivesse acabado de acordar. Na penumbra

sua pele era ainda mais escura, e brilhava com um leve suor, porque a noite estava quente.

Se ele estivesse estado lá o tempo todo?

Como ela não o tinha visto?

Ele a tinha ouvido passar?

Não importava, ela não ia a lugar nenhum com ele. Ele ficou parado, como se esperasse — bem,

ele poderia ficar uma eternidade. Ela não ia a lugar nenhum. Ele se mudou de repente, ficando atrás dela. "Não!" ela gritou histericamente. "Eu posso encontrar meu próprio caminho!" Ela saiu da cama, olhou para Graeham com um olhar magoado, correu para a porta, hesitando, pois ela seria forçada a

passar entre eles. O coração dela começou novamente a bater acelerado quando ela olhou de um irmão para o outro, reunindo sua coragem. Ela passou por eles de uma vez.

"Eu não preciso de escolta!" ela informou para os dois e orou para que ele não a seguisse.

SEM NENHUM ESPANTO, ela não chegou muito longe.

Blaec, o patife, em um minuto estava por trás dela — ela queria amaldiçoá-lo! — ele a levantou

e a colocou em cima do seu ombro. No espaço de segundos, Dominique ficou pendurada como um

saco de farinha jogado em suas costas nuas. Gritando indignada, ela batia em suas costas com os punhos, tentando não notar o calor de sua carne nua.

"Eu o desprezo!" ela murmurou para ele. "Liberta-me de uma vez, seu patife repugnante!"

Sentindo-se tonta como se ela fosse desmaiar novamente, ela colocou as palmas das mãos nas costas

dele e sentiu seus músculos se mexerem com seu toque.

Sem se importar com o insulto, ele não disse nem uma palavra enquanto a carregava pelos degraus da torre para o seu quarto. Nenhum pedido de desculpas — nada! E Dominique se sentia em

ebulição quando eles chegaram à antecâmara. Na sua maneira de pensar, ele estava gostando demais

de tudo isso! Bem, ele não ia simplesmente ir embora desta vez, porque ela não ia deixar! Não sem

arrancar os olhos dele!

Chutando para abrir a porta da antecâmara e então a porta do quarto, ele carregou-a para dentro

e a jogou em cima da cama, novamente como se não fosse nada mais do que um saco. Mas Dominique jurou que não ia ser tão fácil assim. Ela trançou seus braços sobre o pescoço dele, recusando-se a deixá-lo ir, com a intenção de arrancar os olhos dele, quando ela os tivesse ao seu alcance.

Gritando, puxou-o para baixo com ela.

Com um grunhido de surpresa, ele caiu por cima dela.

Dominique perdeu o apoio — assim como a respiração — com o impacto. Mas isso não a fez

parar. Ela tateou descontroladamente por uma mecha do cabelo dele, agarrando-a como se a alma dela dependesse disso — que

Deus amaldiçoasse sua alma podre! Iria lhe fazer bem se ela arrancasse todos os cabelos da sua cabeça!

Ao mesmo tempo sua mão subiu, agarrando o pulso dela, segurando-o firmemente. "Largue,"

ele rosnou.

"Nunca!" ela respondeu com veemência. "Seu bastardo arrogante! Eu quero arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça. Como ousa me tratar assim!"

Seu polegar pressionou com mais força o seu pulso, até que Dominique gritou de dor. Ainda assim ela se recusou a soltá-lo.

Ele soou como se não pudesse recuperar o fôlego, mas Dominique não sabia dizer, porque o quarto, apesar das persianas estarem bem abertas à noite, estava escuro. Ele emitia algum som, algo semelhante a um rosnado.

"O que diabos você fazia no quarto do meu irmão?" ele exigiu de repente.

"Como se fosse da sua conta!" ela murmurou para ele. "Seu bastardo arrogante!"

Ele estalou sua língua na escuridão. "Que linguagem... Você fala assim com Graeham, também?"

ele perguntou. "É por isso que ele jogou você para fora da cama dele?"

"Claro que não! E ele não me jogou —"

"Ele jogou," Blaec rebateu com calma. O tom sedutor de sua voz enviou um arrepio de alarme pelo corpo de Dominique, porque o punho que segurava seu pulso era somente sensível. "Você se

esquece que eu estava lá, demoiselle," ele a provocou. "Talvez seu irmão não tenha conseguido lhe informar, senhora Dominique... mas meu irmão gosta de suas mulheres castas."

"Por que, você!" Sentindo o brilho dos olhos dele, Dominique quis agredi-lo, mas ele segurou os pulsos dela com firmeza.

Ela se torceu embaixo dele, e ele resmungou como se estivesse em dor. "Eu não mudaria isso, se eu fosse você," ele avisou-a suavemente e depois balançou sua pélvis sugestivamente contra ela, deixando-a senti-lo. "Eu costumo ter prazer quando eles me são oferecidos."

Dominique ficou ofegante em choque e em ultraje.

EMBORA ela não pudesse vê-lo na escuridão do quarto, ela podia sentir seus olhos sobre ela, queimando sua alma... ela podia sentir sua respiração ofegante, quente e doce com o vinho... ela podia sentir sua masculinidade escandalosamente aninhada contra sua coxa.

Doce Jesus, ela podia senti-lo *mesmo* através de sua *chainse* e do tecido de sua calça. Ela não podia deixar de sentir!

Ela engoliu convulsivamente, tentando se acalmar.

Por um longo momento, nenhum dos dois se moveu.

Ele riu suavemente, um som triste, zombando-a. Ele se inclinou para sussurrar contra seu ouvido. "Eu vejo que finalmente tenho sua atenção."

Dominique parou de apertar o seu cabelo. Talvez ela não pudesse mover o resto do corpo dela,

mas ela podia fazê-lo se arrepender de cada palavra que ele tinha falado para ela!

Dor passou pelo couro cabeludo de Blaec, mas ele recebeu bem esta dor, pois isso o impedia de

se esquecer dele completamente. A sensação dela embaixo dele era uma distração muito forte. Como

uma alma penada, ele orou para que ela não se movesse e ao mesmo tempo orou para que ela se movesse — rezava para que ela o libertasse e sinceramente ele ficou aliviado quando ela não o libertou.

Incapaz de ajudar a si mesmo, ele moveu seu corpo e sentiu-se palpitar. Cristo... será que ele estava perdendo o controle...

"Dominique," ele falou, suplicando, e então já era tarde demais. Ele não podia parar mesmo que ele tentasse. Por muito tempo ele tinha ficado deitado sobre sua palete querendo isto.... e agora ela estava sob seu corpo... e não era um sonho...

Na noite anterior ele tinha acordado, movendo-se contra sua palete, pensando que era ela...

querendo que fosse ela.

E agora era, e ele estava arruinado.

Um braço deslizou por baixo de suas costas e ele abaixou a boca, infalivelmente, até os lábios

dela.

Assustada pelo calor inesperado de sua boca, Dominique ofegou em surpresa, abrindo-se para

ele. No mesmo momento, ele esticou a língua entre os lábios dela. Com um grito suave, ela largou o cabelo dele, deixando seus braços caírem em volta do pescoço dele, e o gesto impotente enviou uma

nova explosão de calor cantando nas veias dele, e encheu-o com um triunfo que não era seu direito

sentir.

Desde o primeiro instante, Dominique estava perdida.

Ela não conseguia pensar, só sentir... e o que ela sentia era muito requintado para meras palavras.

Era como se ela tivesse vivido uma eternidade somente para esse momento único. Todos os

pensamentos de negação fugiram de sua cabeça e do seu coração... e de seus lábios... e de seu corpo.

Tudo o que ela podia pensar era no calor de sua língua, na doçura da sua respiração... e a suavidade dos lábios dele enquanto ele rolava sua língua e provava sua boca.

Seduza ela.

O sabor dele era de vinho doce, ela pensou vagamente. Delicioso. De sua própria vontade, as mãos dela se enredaram nos cabelos dele... só que desta vez, os dedos dela eram suaves.

Esse sentimento... uma sensação incrível que a fazia querer viver — o mesmo sentimento que a

fazia ansiar desesperadamente em fechar as coxas dela contra ele — começou a se soltar do corpo

dela mais uma vez... fervendo... queimando...

Gemendo baixinho, Dominique se contorcia descuidadamente por baixo dele... precisando e

querendo mais. Ele respondeu com um gemido baixo, rouco e deslizou por baixo do corpo dela. Por

um instante, Dominique pensou que ele queria largá-la. Mas para seu choque e espanto, ela sentiu alívio apenas quando ela viu que ele ia permanecer, mordiscando e beijando a carne aquecida do seu pescoço. Ela se arqueou para lhe dar melhor acesso, totalmente feliz com o prazer que ele estava dando a ela, soluçando baixinho em sua própria lascívia.

Mas ela não se importava... ela não queria se importar.

Ela era filha da mãe dela.

"Perdoe-me," ele sussurrou.

DOMINIQUE SE QUESTIONOU se ele estava pedindo isso para ela... ou se eram suas próprias palavras... e então ela não quis saber de mais nada, porque a mão por baixo dela a levantou, e mudou-se para baixo dela novamente. Com um gemido baixo, seus lábios encontraram e se fecharam sobre o mamilo de um seio, brincando com ele, dobrando-o, puxando-o suavemente, sugando-o docemente como um bebê.

Dominique gritou de prazer, se enrijecendo, embora apenas por um instante, porque o choque que ela sentiu em sua intimidade, desvaneceu-se imediatamente com as incríveis sensações que entravam por ela, sensações despertadas enquanto ele sugava seu seio. Choramingando, ela se arqueou embaixo dele, se contorcendo, chorando com as emoções inconcebíveis que se abateram nela.

Ah, Deus, mas ela era má... muito má... terrivelmente má...

As mãos dela seguraram a cabeça dele, segurando-o para que ele continuasse a mamar o peito

dela, enquanto abaixo dele, o corpo dela começava a se mexer de acordo com a vontade dele. Ele se

mudou para o outro seio, alternadamente mordendo e beijando seus seios.

Em toda a sua vida, ela nunca se sentiu mais confusa... mais certa de qualquer coisa...

Ela precisava dele.

Blaec gemeu de prazer quando sentiu que ela o aceitava tão plenamente, levantando o peito para

ele. Ele a mamava, movendo-se contra ela em euforia, sabendo que ele deveria parar, mas incapaz de fazê-lo.

Era como se seu corpo não pertencesse a ele.

Ele se deliciava com o sabor de sua carne — delicioso mesmo com o tecido de linho de sua *chainse* — o calor de seu corpo, suas pernas comprimidas contra as dele.

Era demais para ele suportar.

Suas mãos, flexionadas, se deslizaram para baixo ao longo de suas curvas deliciosas,

lentamente, saboreando cada polegada dela, prendendo em sua memória... porque em algum lugar na

sua consciência, ele entendia... que isto não podia acontecer novamente.

Mas esta vez...

Ele não podia parar.

Ele não podia ficar longe dela mesmo que tivesse alguém em cima dele com uma espada na mão, pronto para mergulhá-la em seu coração.

Com prazer, ele morreria por este momento.

Deus podia golpeá-lo, mas ele não ia parar.

Dominique ficou apenas vagamente ciente que ele tinha levantado sua *chainse*, mas era isso o que ela queria... queria sentir sua boca na sua carne nua... suas mãos... embora com um desespero que a deixava consternada, ela lutou contra a separação de seus corpos, agarrando-se a ele como se pudesse morrer com a separação.

E Deus sabia... ela achava que podia morrer.

Incapaz de tirar o vestido dela, Blaec foi direto para o decote em vez disso, rasgando-o com barbárie, repuxando o vestuário que os afastava.

O choque do contato corporal era absoluto.

Ele gemeu em tormento com a sensação de seus seios nus se arqueando contra ele, seus mamilos

subindo e acariciando o peito dele... o calor dela, a maciez dela.

Como um homem possuído, ele se balançou contra ela, perdendo-se um pouco mais com cada

ondulação irracional. Ele mal podia vê-la, mas ele podia senti-la, e ela estava gostando.

"Linda," ele sussurrou. A sensação dela lhe dava êxtase. "Meu Deus, você é linda." E se ele não a tivesse de uma vez, ele pensou que pudesse ficar louco. Ele se atrapalhou com os laços das suas calças,

mas conseguiu se livrar dela. Descendo, ele passou seus braços para debaixo dos joelhos dela, levantando suas pernas.

ELA ERA UMA RAPOSA... a puta do irmão dela... e ela o incitava a loucura — melhor a verdade ser descoberta mais cedo do que mais tarde, ele disse para si mesmo. Por causa do seu irmão. A mulher

embaixo dele não podia ser pura. O fogo dentro dela queimava com muito ardor para que ele acreditasse que nunca tinha sido aceso antes.

Provavelmente seu irmão já tinha descoberto esse fato, e foi por isso que ele tinha ordenado que

ela saísse do seu quarto.

Com esse último pensamento, ele se posicionou em cima dela, segurando suas pernas para o alto, para seu prazer. Ele não se importava. Ele queria que ela o recebesse profundamente, o cobrisse totalmente. Ela gemeu abaixo dele em abandono, retorcendo-se na expectativa da sua entrada em seu

corpo.

Bem, ela não precisava mais esperar, ele pensou cruelmente.

Nem ele precisava.

Ele deslizou a ponta de seu pênis facilmente para a abertura dela e então entrou dentro dela, gemendo com o aperto requintado do seu corpo enquanto ele entrava.

Dominique chorou com a dor quando ele começou a entrar. O corpo dela começou a suar frio,

mas ela apertou os dentes, sabendo que o prazer viria novamente. Alyss tinha lhe dito.

E ela também sabia disso, instintivamente.

Acima dela, Blaec, também, ainda não se sentia completo.

"Dane-se," ele murmurou. Ao mesmo tempo, ele começou a retirar-se, mas a dor já estava desaparecendo, e Dominique não suportaria que ele a deixasse agora.

Agora, eles estavam apenas começando...

Agora ela estava apenas começando. ..

Ela pôs as pernas dela sobre a cintura dele, segurando-o num abraço de amante.

"Maldito seja eu," ele sussurrou. "Eu sou um maldito... maldição... que Deus me perdoe," ele

disse e se colocou acima dela, mais uma vez, balançando-a suavemente, deixando-a se ajustar ao seu tamanho, seus braços tremendo de prazer.

Os dedos de Dominique seguravam os tensos músculos dos braços dele. Instintivamente ela envolveu seus braços ao redor de seus ombros, acariciando suas costas, divertindo-se com a largura de seus ombros musculosos, com o calor do seu corpo. Sem pensar, ela abaixou a cabeça dele, dando-lhe beijos ferozes.

Ele respondeu de uma só vez, quando ele entendeu o que ela precisava. A língua dele começou a

passar em seus lábios, e Dominique abriu-se inteiramente para ele. Quando ele provocou sua boca,

ela sugou sua língua, oferecendo a sua própria em volta. A resposta dele foi um gemido baixo, gutural.

Com essa pequena vitória, ela choramingou baixinho, querendo que ele se movesse contra ela novamente... como ele tinha feito antes. Sem pensar ela se balançou contra ele.

"Dominique..." Ele acalmou o movimento de seus quadris com as mãos. "Pare," ele falou e mais uma vez tentou se retirar.

Dominique seguiu-o com as ancas, tentando forçá-lo mais profundamente dentro dela. Chorando

quando ele se retirou novamente, ela agarrou os lençóis e o seguiu teimosamente.

"Dominique," ele advertiu, se retirando mais uma vez, e somente a ponta de seu pênis era tudo o que restava. "Você não pode saber..."

"Sim," ela murmurou ofegante. "Eu posso..." Se sentindo totalmente desavergonhada, ela trancou as pernas dela sobre sua cintura e empurrou seu corpo para cima, clamando que ele a enchesse completamente. "Sim," ela sussurrou euforicamente.

Um calor reconfortante deslizou através de suas regiões proibidas, fazendo-a chorar em triunfo.

Ela nunca poderia ter imaginado que essas sensações eram possíveis.

Nunca tinha sonhado que fossem possíveis.

"NÃO POSSO PARAR," ele advertiu-a. "Eu não — posso!" Com um grito áspero, ele se retirou e foi em frente novamente.

"Sim!" ela gritou. Ela não queria que ele a deixasse. Ela nunca quis que ele a deixasse. Ela queria que isto nunca acabasse. Ela queria que ele a enchesse assim sempre.

Agora, não havia nada no mundo, só os dois.

Não havia nenhum noivado, nenhum irmão, não havia luz do dia.

Só os dois. E a escuridão.

O amanhã chegaria logo e ela poderia considerar essas coisas.

Esta noite ela só podia pensar nisso. Agora. Esta incrível sensação que a rasgava, levando-a a um

turbilhão de sentimentos inconscientes. Ela agarrou os lençóis da cama desesperadamente enquanto ele se movia para dentro dela, e Dominique chorou baixinho, recebendo-o.

Cristo... ele estava com raiva?

Ela era noiva do seu irmão.

Pelo menos, ele não podia derramar-se dentro dela. *Não faça isso*, ele comandou a si mesmo.

Seria a traição final — embora Deus o tivesse amaldiçoado, ele não podia parar!

Ela se entregou a ele com um abandono completo, e ele não podia parar.

Ele estava impotente para resistir.

Mais uma vez ele tentou em vão se erguer e foi vencido pela suavidade sedosa dela. Ele perdeu

todo o controle, em seguida, se empurrando selvagememente dentro dela, enchendo-a e se retirando.

Quando o corpo dela se apertou e se convulsionou sobre ele, ele arqueou a cabeça para trás, chorando, um som gutural, atormentado.

Embaixo dele, Dominique chorava com o prazer que ela estava sentindo, seu corpo em convulsão, solicitando sua semente, exigindo a sua rendição.

Com um último impulso poderoso, Blaec derramou-se profundamente dentro dela.

E ainda assim não foi suficiente.

Ele segurou suas nádegas, e pressionou-a firmemente contra seu corpo, ondulando mais uma vez e mais uma vez e mais uma vez, dirigindo sua semente para as profundezas do seu corpo.

E mesmo assim ele não podia parar.

Esta noite, contra toda moralidade, ela era sua... e ele não podia culpar o vinho.

Ele era fraco e sem honra.

E a culpa era inteiramente dele.

Amanhã, em plena luz do dia, o preço do seu pecado iria ser pesado.

Mas hoje, pela primeira vez desde a sua juventude, seus olhos tinham lágrimas. Com um grito

baixo, duro, ele caiu em cima dela, segurando-a firmemente... enterrando-se dentro do silêncio e da escuridão.

Que Deus o ajudasse, seu pai estava certo.

(21) Pal e te - pal avra de ori g e m i ng l e s a (pal l e t) que s i g ni fi ca um e s trado de made i ra.

Os raios da manhã fluíam através das janelas abertas, derramando uma luz dourada no rosto de

Dominique. Mesmo assim não foram os raios de luz que a despertaram. Da muralha chegaram gritos

e os sons de homens e cavalos, o barulho das armaduras, e o relinchar de cavalos inquietos.

A próxima coisa que ela ficou ciente foi a mão que embalava seu peito nu... e a dor entre as suas

pernas. Seu coração balançou com as imagens sensuais da noite anterior que vieram assolar seus pensamentos. Ela estremeceu, mordendo o lábio inferior e protegendo os olhos com uma mão, lançando um olhar sobre o outro ocupante da cama. Vendo-o deitado ao lado dela, ela sabia que não

tinha sido um sonho, e na mesma hora ela se encheu de emoções conflitantes — muitas para contar.

Os olhos dele ainda estavam fechados, e ele estava deitado sobre sua barriga com um braço jogado sobre ela, fixando-a na cama. A palma de sua mão em concha sobre um dos seus seios. Doce

Jesus, mesmo agora, sem nem mesmo tentar, seu toque agitava o corpo dela. Ela tentou não observar

os contrastes das suas peles, sua mão negra contra sua carne pálida — não tentou se concentrar sobre a sensação de suas mãos calejadas em cima de seu corpo suave.

Ela olhou, em vez disso, para o rosto dele. Enquanto ele dormia, a expressão dele perdia toda a

sua dureza. Mesmo a cicatriz no seu rosto ficava menos visível. Ela se perguntou novamente como

ele a tinha conseguido, sufocando a vontade de estender sua mão e tocá-la, com medo de que este momento mágico terminasse.

Ele iria acordar desprezando-a mais uma vez?

Ou os olhos dele olhariam para ela com ternura?

Ela tinha medo de descobrir a verdade. Medo porque ela sabia que, não importava o que ele sentisse por ela agora — mesmo que ele a desprezasse — ela não podia mais negar os sentimentos do

seu próprio coração. Ela tinha se dado livremente a ele ontem à noite, e a pior parte era o agora, a luz da manhã, quando ela nem mesmo podia encontrar arrependimento.

Ela não era diferente de sua mãe, amar um homem que ela não poderia ter.

Mas pelo menos agora ela entendia.

Com um gemido sonolento, ele enrijeceu a mão de repente, apertando seu peito, um gesto preguiçoso embora reverente. Dominique mordiscou seu lábio, suprimindo um gemido para não despertá-lo.

E então os olhos dele se abriram quando ele ouviu a pesada, porta da ponte levadiça se abrindo.

Em segundos, ele pulou da cama para a janela. Por mais que tentasse, Dominique não pode evitar em

olhar para a sua forma nua enquanto ele olhava através das janelas abertas. Ele era um homem deslumbrante, suas nádegas e suas pernas, tinham músculos bem definidos — assim como seu peito.

"Maldição!" ele disse furiosamente.

Ele se virou para enfrentá-la, totalmente desinibido em seu estado nu, seus olhos verdes atravessando-a. Pela sua expressão, Dominique sabia que a situação era grave.

Ela se sentou procurando seu vestido. Encontrando-o em pedaços, ela levantou o lençol de linho

até os seios. "O que está acontecendo?" ela perguntou com medo. Ele não respondeu, e veio em direção à cama. Ele tirou o lençol de cima dela, para procurar sua roupa.

Dominique podia sentir o sangue fugindo do seu rosto. "O que está acontecendo?" ela insistiu, lutando para se cobrir mais uma vez. "Você precisa me dizer! O que está acontecendo? Meu irmão?"

Ele voltou?"

Encontrando o que ele buscava — sua calça — ele a pegou, olhando para ela enquanto atava os

laços. Seus olhos verdes ardiam com desprezo — por ela? Por ele mesmo? De qualquer forma, ela

estava aflita por vê-lo assim, pois ela sabia que ele lamentava o que tinha acontecido entre eles na noite passada.

Ainda assim, ela não lamentava.

As bochechas dela ficaram mais quentes, pois ela viu seu olhar furioso para ela. Apesar disso,

seu irmão podia muito bem estar andando por aqueles portões e em breve podia descobrir a perfídia.

OS OLHOS dele estreitaram-se em desagrado. "Eles estão saindo," ele lhe informou.

Por um instante Dominique não conseguiu pensar claramente. Ela balançou a cabeça, sem

compreender, "Quem está indo embora?"

"Graeham," ele surtou. Com os cordões agora fechados, ele se virou para ir embora. "Seu noivo, não se esqueça."

O coração de Dominique se apertou com a acusação injusta. Deus sabia que ela não tinha participado sozinha. Ela queria gritar com ele, mas estava demasiado chocada para falar. Ele não se incomodou em olhar para ela e bateu a porta quando saiu do quarto.

Contendo um soluço, Dominique se arrependeu no instante em que ele saiu. Saltando da cama,

ela voou para a porta, golpeando-a uma vez com seu punho e gritando de raiva. Mas a raiva era mais dirigida mais para si mesma do que para Blaec, porque doce Cristo misericordioso, como ela podia

ter sido tão idiota ontem à noite?

Virando de costas para a porta, ela se inclinou contra ela, seu corpo tremendo. Nunca em toda

sua vida ela tinha se desprezado mais do que ela estava se desprezando naquele instante — nunca ela tinha se sentido mais idiota.

Ela amava um homem que não podia amá-la de volta... e por amá-lo, ela havia traído o homem

com quem ela estava prestes a se casar — para não mencionar o irmão dela, que ficaria furioso quando descobrisse o que ela tinha feito.

Sim, ela era uma idiota.

Como, em nome de Deus, ela tinha se envolvido tão profundamente? Será que Graeham os tinha

visto esta manhã enquanto dormiam? Dominique não podia deixar de pensar. E se irritado. Se ele os

tinha visto num abraço íntimo de amantes, como ela havia despertado esta manhã, ela não podia culpá-lo por desprezá-los. Sim e ela bem podia entender por que ele estava indo embora.

Jesus, o que diria William? Talvez tivesse sido para onde Graeham estava indo — se encontrar

com William. Essa possibilidade tanto a consternou quanto a encheu de esperança. Porque mesmo assim ela rezava que a aliança ainda pudesse ser feita. A aliança tinha que ser salva, ao contrário...

bem, ela não podia pensar em outra opção.

Parecia que Blaec estava se esforçando para evitá-la o resto do dia. Dominique sabia muito bem

que ele não tinha ido com Graeham para Londres. Ela descobriu que Graeham tinha ordenado que ele

permanecesse em Drakewich — uma ordem que o tinha enfurecido além da razão, ela sabia, porque

sua raiva conseguiu a atingir em seu quarto.

Retornando a cortesia, ela o evitava também — assim como Alyss, pois ela estava com vontade

de ficar sozinha. Ela tentou se ocupar com qualquer distração que ela pudesse encontrar — nada importante é claro. Se por acaso ela se tornasse senhora de Drakewich, ela assumiria os deveres de

castelã. Até este dia, ela não tinha o direito a ter as chaves — nem Drakewich precisava dela. Parecia que o *senescal* (22) realizava suas funções muito bem. Ela não era necessária aqui, nem eles a queriam aqui, era o que ela achava.

Sem nada melhor para fazer, ela saiu para o *mews* para admirar de novo os pássaros de Graeham e mais uma vez a riqueza acumulada nele a deslumbrou. Mas ali de pé, olhando o *gyrfalcon*, ela foi abraçada novamente por cada memória e emoção, que ela tentava tanto esquecer.

Saindo do *mews*, ela foi visitar seu palafrém nos estábulos, para se certificar que o animal estava recebendo os cuidados adequados e então, sem mais nada para explorar, ela voltou para o quarto —

aguardando, realmente sem saber o que.

Talvez ela esperasse que Blaec viesse até ela — e então, era mais provável que ela simplesmente

temesse ser confrontada com sua ira se ela o enfrentasse inesperadamente. Até o presente momento,

ela não estava certa sobre o que dizer para ele.

Certamente ele não podia culpá-la pelo que havia acontecido entre eles na noite anterior?

Dominique se culpava, mas *e/le* não tinha o direito de colocar a culpa exclusivamente nela — nem ela ia aceitar isso.

A CADA HORA que ela passava sozinha, sua fúria crescia. Assim, também, como sua angústia e confusão. Ela perdeu a refeição da noite, de propósito... mas ela não queria nada mais do que vê-lo.

Ela tentou dormir, mas não conseguiu fechar os olhos. Sempre que ela tentava, as lembranças da noite anterior voltavam para

atormentá-la.

Finalmente quando ela já não podia mais suportar, ela se levantou da cama, jogando longe a colcha, com a intenção de procurá-lo de uma vez por todas. Ela encontrou e acendeu uma vela contra a escuridão do quarto. Quando ela se levantou, ela se assustou, de repente, quase soltando o castiçal quando ouviu a porta da antecâmara se abrindo e se fechando.

Por um instante Dominique congelou incerta sobre o que fazer. Segurando o castiçal diante dela

com as mãos tremendo, ela se virou para enfrentar a porta, seu coração acelerado.

Era impossível se manter longe dela.

Mesmo sabendo que era errado.

Mesmo sabendo o preço que eles iriam pagar — que já podiam estar pagando — pois ele tinha a

certeza de que Graeham os tinha visto juntos.

Como um bêbado depois de tomar seu primeiro gole, Blaec se sentia forçado a procurar outro e

outro... e outro.

Ele tinha a intenção de passar a noite no quarto de Graeham, o mais longe que ele pudesse dela

— mas seus pés continuaram a subir os degraus da torre, desafiando-o, mesmo ele comandando-os a

voltar.

Caramba, ele podia ir para o inferno, mas ele não podia evitar.

E hoje ele não tinha nem o vinho para usar como desculpa. Ele estava indo com a mente clara e

por livre arbítrio e um sentimento de chumbo no fundo do seu ser que era a essência de sua traição.

Ao abrir a porta do seu quarto, ele a encontrou de pé descalça diante dele, apenas com a sua *chainse*. Seus cabelos ruivos estavam soltos, caracóis descontroladamente despenteados como se ela tivesse acabado de acordar. Ele tentou falar, mas a visão dela o deixou desconcertado. Ele esperava encontrá-la na cama — esperava, ou então era o que ele tinha dito a si mesmo — para que ele pudesse vê-la, satisfazer sua curiosidade e, em seguida, se virar e ir embora.

Mas ela não estava na cama. E ele sabia muito que bem ele não conseguiria deixá-la, mesmo se

ela estivesse dormindo.

Ela não disse nada, apesar de seus lábios se separarem para falar.

Se ela lhe pedisse para sair, ele não estava certo de que ele fosse fazê-lo.

A luz da vela iluminou seu lindo rosto... seus olhos de safira brilhantes e os seios, vestida com o pano branco mais diáfano que ele jamais tinha visto. Fino e plissado, caía aquém dos tornozelos dela,

dizendo que não era uma roupa nova.

Ocorreu-lhe de repente que ela não tinha vestidos novos — um a menos depois que ele tinha destruído um deles — a maioria de suas roupas estavam gastas e há muito tempo ultrapassadas.

Estava implícito que, apesar de todas as suas palavras bonitas, o irmão dela não a valorizava em demasia. O fato de que ele a tinha deixado, sem ficar para presenciar a cerimônia de casamento, parecia estranho na época... mas agora começava a fazer sentido. Não, William não a valorizava, ou ele teria permanecido — independente das hostilidades que existia entre eles.

Se ela fosse do seu próprio sangue, ele teria permanecido ao lado dela, até o último instante, guardando a sua honra.

Ele encontrou-se lamentando por ter destruído o vestido vermelho dela. Não admirava que ela o

tivesse usado tantas vezes — e não admirava que ela tivesse tanto orgulho do maldito vestido.

Provavelmente era a única coisa que o irmão dela tinha dado a ela em anos. Seu olhar foi atraído para os seus baús — apenas dois, confirmando suas suspeitas. Que ela devesse ter tão pouca bagagem para todas as suas posses era inconcebível. Seu estomago se torceu com esta realidade, e ele encontrou-se desejando que ele pudesse lhe dar vários outros vestidos. Ele se viu desejando que fosse seu direito fazê-lo.

Na verdade, ele se encontrou desejando que ela fosse sua noiva... que ele pudesse dar-lhe tudo o

que seu coração desejasse.

SEU OLHAR VOLTOU-SE para ela. Ela em pé, com orgulho, seus olhos estavam repletos de apreensão, e

ele não podia fazer nada a não ser se lembrar da maneira que ela tinha protegido o irmão dela, defendendo-o, mesmo quando o sacana não merecia isso — ou melhor, ele tinha visto o arco de William na floresta. Mas ele não tinha estado totalmente certo, então ele teve que deixar passar. Ainda assim, enquanto ele pudesse

acreditar que tinha sido um acidente — e até podia ter sido, embora ele dolorosamente duvidasse — ele sabia enquanto olhava para a mulher de pé diante dele que ela era inocente da traição do irmão dela.

Uma visão dela defendendo a honra do seu irmão contra suas insinuações e as acusações que ela

dirigiu para ele.

Por que esta luta era tão difícil de ganhar?

A pergunta o atormentava, pois ele falava para si mesmo. Ele limpou a garganta, olhando pela

janela. Deste lado da fortaleza, a lua era pouco visível. Uma vez mais, a noite estava escura, as estrelas estavam muito longe e poucas podiam emprestar sua luz. Ele estava feliz por que ela segurava um castiçal.

Esta noite ele queria vê-la.

Ela estava imóvel, seus olhos safira fixados nele... como se ela temesse o que ele faria em seguida... o que ele diria. Os seios dela subiam e caíam suavemente. Ele recordou a maneira que ele tinha acordado esta manhã, segurando sua carne macia sob a palma da mão.

"Aonde você vai a esta hora tardia?" ele perguntou com a voz rouca. Seu coração martelava contra as costelas.

Suas sobrancelhas se aproximaram e ela estremeceu apesar do quarto não estar frio. "Eu..." Ela olhou para longe, fechando os olhos, engolindo.

E ele sabia.

No entanto, como ele poderia culpá-la por algo que ele não podia controlar nem a si mesmo?

Ele pensou em colocá-la à vontade, e falou para ela. "Ontem à noite não aconteceu por sua culpa," ele disse sinceramente. "A culpa foi minha."

Ela olhou para ele, sacudiu a cabeça, os olhos dela cheios de lágrimas. "Não..." Ela evitou olhar

para a cama. "Se... se ao menos fosse assim," ela respondeu.

"Ontem à noite foi inevitável, Dominique." Como seria esta noite. Ele engoliu, porque traição não era mais fácil na segunda vez. Mas ele não podia evitar. "Eu..." Ele, também, olhou para longe, seu coração martelando. "Eu não podia me afastar," ele disse sem nenhum senso de auto desprezo.

Por um instante o silêncio tomou conta deles, os rodeava, um silêncio em que a batida de seus

corações marcava os segundos que passavam, atraindo-os para um período agonizante.

Sua feição mostrava angústia quando ela o enfrentou novamente, seus olhos brilhando com as lágrimas. "Eu — não quero que você se afaste," ela confessou com os lábios tremendo.

Blaec não precisava ouvir mais nada.

Dominique gritou suavemente com a intensidade em seu olhar. Ele se moveu na direção dela e

Deus sabia a verdade, ela pensou que ia desmaiar. Sem dizer nada, ele tirou o castiçal de suas mãos, depositando-o em cima do baú ao lado deles. A luz brilhou entre eles, lançando suas imagens distorcidas sobre o teto caiado de branco.

Ela engasgou em surpresa quando ele se ajoelhou aos pés dela, tocando sua bairha. Ele olhou para ela enquanto ele levantava sua *chainse*, silenciosamente implorando por seu consentimento. Ela deu-lhe um aceno espasmódico, e seu coração pareceu sair pela sua boca, quando ele se dobrou e tocou com seus lábios sua pele nua. Um calafrio se espalhou, como fogo, pelos braços dela. Os seios dela doíam pelo seu toque.

Com um grito suave, sua cabeça caiu para trás quando seus lábios começaram uma ascensão lenta ao longo de suas pernas, primeiro uma e depois a outra. Acima dela, a luz laranja do castiçal jogava cada movimento contra o teto. Erótico. Cada músculo do seu corpo estendido enquanto ele se

movia pelo comprimento do seu corpo, polegada por polegada, levantando apenas em centímetros sua *chainse*.

CÉU MISERICORDIOSO, ela pensou que fosse morrer com este prazer requintado!

A língua e os lábios dele, adoravam-na lambendo e beijando, mordendo a carne sensível da parte

interna das coxas dela até Dominique jurar que ela já não mais podia suportar.

Ela não podia falar nada para detê-lo, quando ele levantou sua *chainse* um pouco mais, até acima de suas coxas. As pernas dela tremeram traidoramente. Segurando o pano do vestido dela no seu punho, ele segurou a barriga dela e sua boca começou a explorar suas partes mais secretas. Ela engoliu convulsivamente.

Ao mesmo tempo, ela olhava para o teto, vendo suas sombras em movimento, o coração dela tropeçando descontroladamente.

Dominique sentiu suas pernas tremerem abaixo dela, mas ele estava lá para segurá-la. Chorando,

ela caiu de joelhos, de frente para ele.

Seus braços entrelaçados sobre ela, esmagando-a. "Devo continuar?" ele perguntou, seu sussurro áspero e duro.

Dominique não podia falar. Embora ela não tivesse certeza se ela podia suportar, ela assentiu com a cabeça e ele prosseguiu levantando sua *chainse* e tirando-a sobre sua cabeça.

"Eu quero ver você," ele sussurrou. "Todo o seu corpo... aqui, a luz das velas."

Dominique não podia recusá-lo, mesmo que ela quisesse. Mas ela não queria. E então ele levantou uma mão para o peito dela, tocando-o, embalando-o com reverência. E depois o outro.

Dominique engoliu, gemendo, incapaz de falar, incapaz de pensar quando ele a tocou com tanta ternura.

A respiração dela se acelerou.

Uma mão deixou seu peito, viajando por seu corpo, sua cintura, o quadril, como se estivesse a

medindo e então ele refez seu caminho para cima, explorando-a sensualmente e naquele momento Dominique queria vê-lo também, devolver para ele o que ele tinha dado a ela.

Com seu coração batendo, ela esticou a mão para tocar a bainha de sua túnica como ele tinha feito com sua *chainse*. Seus olhos se encontraram, e ele acenou com a cabeça, dando-lhe permissão.

O coração dela bateu mais forte com a sua ousadia, mas ela não ia parar. Seguindo sua liderança, ela ergueu sua túnica, por cima de sua cabeça, deixando-a cair ao chão ao lado da sua própria roupa descartada.

Antes que ela pudesse pensar em parar, antes que ela pudesse perder a coragem, ela se inclinou e

colocou seus lábios no seu peito suave. Ele gemeu, suas mãos na sua cintura para segurá-la, dizendo a ela sem palavras que ele aprovava. Como nunca antes em sua vida, Dominique estava cheia de euforia.

Ela queria agradá-lo. Queria amá-lo. Queria que ele a amasse. Ela queria lhe dar qualquer coisa

que ele desejasse, tudo o que ela tinha... sua mente, seu corpo, seu coração.

Lembrando de tudo o que ele tinha feito com ela na noite anterior, ela procurou e encontrou seus

mamilos, lambendo-os, beijando-os, um de cada vez. Os dentes se fecharam sobre um deles, e a cabeça dele caiu para trás, os músculos do pescoço dele revelando a firmeza do seu corpo. Mais uma vez, Dominique sentiu triunfo, mesmo que a resposta ao seu toque tenha trazido prazer para o seu próprio corpo. Em algum lugar profundo dentro dela, ela se deliciava com a sensação do seu corpo, e isso a despertou como ela nunca tinha pensado ser possível.

Ansiosamente ela explorou o peito dele com suas mãos e sua boca, regozijando-se da forma que

os músculos dele aproveitavam a cada toque.

"Dominique," ele disse. "Não posso suportar." Ele estendeu a mão, pegando a mão dela, levando os dedos dela onde ele mais queria — para os laços da sua calça.

O coração dela pulava com a solicitação silenciosa, Dominique obedeceu, desamarrando de uma

só vez. Elas caíram descartadas no chão, revelando-o para os olhos ansiosos dela. Outra vez o coração dela disparou, mas durante muito tempo, ela pode apenas olhar.

Ele era magnífico.

MAIS UMA VEZ, ele estendeu a mão, pegando uma das mãos dela. Trazendo-a entre eles, seus olhos nunca deixando os dela, ele desenrolou os dedos dela, um por um, até que ela ficou com o punho aberto. Trazendo os dedos dela nos lábios, ele os beijou um por um, sugando-os, molhando-os, e depois sem dizer uma palavra, ele baixou a mão dela para o seu pênis, guiando os dedos dela para

fechá-los sobre ele. Ela inalou agudamente, a batida de seu coração acelerou, mas ela não resistiu. Ela o segurou, seu corpo em convulsão com a sensação de seu pênis contra a palma da sua mão.

Ele também estava afetado, porque ele estava com os olhos fechados, e seu corpo tremia ligeiramente, e sua mão estava caída ao seu lado.

"Eu ansiei por isso —" ele engoliu visivelmente "— desde o dia que você me deu banho," ele lhe disse honestamente, e então ele olhou para ela mais uma vez, seus olhos resplandecendo como se ele estivesse com febre.

Dominique não podia encontrar sua voz para falar. Nem ela podia se mover. Ela continuou ajoelhada diante dele, sem saber o que ele desejava dela, seu peito arfando. Ele pareceu entender o seu dilema, porque ele riu suavemente, e o som para ela estava tão excitante quanto à sensação do seu pênis dentro de sua mão.

Sorrindo, o primeiro sorriso de verdade que ela já tinha visto em seus lindos lábios, ele se moveu dentro de seu punho, uma vez, duas vezes e então outra vez, e Dominique achou que estava morrendo de prazer. Seu corpo se impregnou com calor. "Por favor," ela gritou suavemente

ofegante.

Ele se retirou e estendeu a mão, devorando-a em seus braços. Ele a levantou, levando-a rapidamente para a cama. Embora, ao contrário da noite anterior, ele a colocou suavemente e então se levantou, olhando para ela, sem dizer nada. E então ele se deitou sobre ela, lentamente, encaixando seu corpo contra o seu próprio. Dominique gostou de sentir seu peso sobre ela, segurando os lençóis da cama, levantando os joelhos dela. Novamente ele riu, e o som era doce para os seus ouvidos.

"Mostre-me o que você quer," ele falou para ela suavemente, levantando-se e apoiando seu peso em cima de seus braços para lhe dar espaço.

A princípio Dominique não compreendeu muito bem o que ele tinha perguntado para ela, e então

ela compreendeu. Ela começou a mover-se embaixo dele, gemendo com as sensações extraordinárias

que rompiam através dela.

Ela queria que isto durasse uma eternidade, queria que nunca acabasse...

No início o ritmo era lento, e em seguida, embora ela tenha tentado se conter, ela acelerou ofegante, quando ele se juntou a ela em seus movimentos. Instintivamente Dominique envolveu as pernas sobre as coxas dele, trazendo-lhe mais para dentro dela, querendo que ele fosse ainda mais profundo.

Ela subiu seu quadril, deixando ele se enfiar ainda mais, e depois o ritmo se integrou quando seus corpos assumiram o ritual de acasalamento.

Chorando, choramingando, Dominique seguiu cada movimento dele, puxando-o mais

profundamente. Até parecia que ele tinha tocado sua própria essência. Nesse instante o corpo dela desfez-se em mil pedaços brilhantes.

E ainda assim ele não parou.

Ele fazia amor ferozmente, buscando sua própria libertação, e o coração de Dominique pulava

mais alto e mais alto com cada movimento. Até que ela pensou que ia morrer. Ele a trouxe para mais perto, e depois com um último impulso estimulante, ele jogou sua cabeça para trás, clamando selvaticamente.

Ele caiu em cima dela, enterrando seu rosto contra seu pescoço, e Dominique o segurou, acariciando suas costas, correndo os dedos pelo seu cabelo.

Com toda sua força, ela lutou contra o desejo de dizer-lhe que o amava

(22) Se ne s cal - anti g o mordomo-mor da cas a re al (Idade Mé di a).

21

À espera de sua convocação, Graeham andava no corredor do lado de fora dos aposentos do Rei

Stephen. Embora ele tenha chegado a Londres cedo no dia anterior, ele tinha esperado até o presente momento para ter uma reunião com o rei. Ele tinha a certeza de que Stephen nunca teria se negado a vê-lo, mas ele esperou por respeito, não querendo aparecer diante seu soberano, sujo da viagem.

Agora bem descansado e limpo, ele estava preparado para fazer seu pedido, nada convencional.

Ciente que Stephen acharia ele louco, ele, no entanto, estava decidido. Ele vinha pensando nisso

há muito tempo — na verdade, desde o dia da morte de sua mãe. Se ela estivesse viva, ele sabia que ela teria gostado.

Quando finalmente a porta se abriu, ele foi convidado a entrar. Dando uma respiração profunda,

ele seguiu o camareiro do rei para o salão onde o rei o esperava. E num salão cheio com as recompensas do seu reinado de vinte anos, Stephen o aguardava parado perto da janela e vestido com simplicidade, seu cabelo revelando alguns fios brancos.

"Senhor," disse o chefe de gabinete.

Stephen olhou por cima do ombro e comentou: "D'Lucy... Estou surpreso em vê-lo. Na verdade,

eu pensei que você estaria preocupado com sua nova noiva." Ele assentiu com a cabeça para o seu camareiro. "Deixe-nos agora," ele disse suavemente e então esperou pacientemente o camareiro sair.

Graeham endireitou os ombros. "Sim, bem, isso é precisamente o assunto que eu gostaria de discutir com você, meu senhor... minha, ah, noiva." Ele se mexeu inquieto sob olhar atento do rei.

"Sério?" Stephen levantou seu queixo, virando-se para encarar Graeham, adicionando bruscamente, "Você sabia, Graeham, que William Beauchamp está aqui na corte, também?"

Graeham foi incapaz de esconder sua surpresa. Suas sobrancelhas se levantaram. "Não, eu certamente não sabia, meu senhor."

"Sim, bem, ele está. Ele aguarda uma audiência comigo, embora eu ainda não tenha tido estômago para concedê-la. Imagine a minha surpresa em vê-lo aqui, também," ele disse quando parou diante de Graeham.

Em deferência, Graeham ajoelhou-se diante de seu soberano, mas Stephen acenou-lhe para se levantar. "Estamos sozinhos," ele disse. "Não há necessidade de tais formalidades. Diga-me o que o traz a Londres, meu amigo."

Graeham engoliu e olhou diretamente para Stephen. Uma vez considerado um dos homens mais

bonitos da Inglaterra, com 57 anos Stephen ainda tinha uma bela aparência. Graeham sabia que o brilho de tristeza em seus olhos vinha da perda de sua rainha há dois anos. Ela tinha sido sua companheira e aliada nos seus piores momentos, e ele nunca realmente iria superar sua morte. Isso e o simples fato de que ele não tinha nenhum herdeiro, para quem passar a coroa, o tinha levado a uma trégua com Matilda.

"Eu tenho um pedido esquisito para lhe fazer," Graeham falou, "embora seja um pedido muito importante para mim." Quando Stephen assentiu com a cabeça, ele continuou. "Gostaria que você confirmasse as terras do meu pai, tudo o que agora me pertence, para meu irmão Blaec."

Stephen ficou surpreso, e a sua expressão claramente revelava a sua surpresa. Ele fez um som

assustado e concordou, "Este de fato é um pedido muito irregular. Na verdade, eu nunca recebi esse tipo de pedido." Ele balançou a cabeça, incrédulo. "Embora eu gostasse de receber Blaec como

senhor de Drakewich, eu gostaria de saber, Graeham, por que você quer fazer uma coisa dessas. Na verdade, isto é uma loucura."

"Senhor... Eu percebo como isto deve soar, mas é muito simples. Blaec é meu irmão e ele é o legítimo herdeiro das propriedades do meu pai. Ele é o primogênito e como tal, merece o que lhe é

devido. Eu não gostaria de continuar como o senhor de Drakewich por mais tempo, pois sinto que não sou adequado para chefiar os meus homens — não como ele é adequado."

A EXPRESSÃO de Stephen ficou grave. Por um longo momento houve apenas silêncio entre eles. "Eu conheci sua mãe, Graeham," ele disse. "Conhecia-a muito bem mesmo, e estou ciente da infeliz verdade. E ainda assim... Quero lhe lembrar que seu pai lhe colocou como seu herdeiro, e não colocou Blaec. Ele ser o primogênito não lhe dá direito à sucessão. Não compreendo por que você

deseja alterar o desejo do seu pai. Eu detestaria descobrir, mas você não está sendo coagido a fazer isto ou está?"

"Não, meu senhor. Eu não estou. Simplesmente eu não sou o guerreiro que meu irmão é,"

Graeham disse, permanecendo firme. "Na verdade, você me conhece bem o suficiente para saber que eu não sou covarde em uma batalha, mas devo lhe confessar que não tenho estômago nem coragem

para continuar a chefiar meus homens por mais tempo."

As sobrancelhas de Stephen se levantaram com a sua resposta franca. "Eu entendo. Mas devo admitir que acho difícil acreditar que Blaec concordaria com uma proposta tão imprudente."

O rosto de Graeham ficou um pouco vermelho. "Sim, bem," ele disse, "a verdade é que Blaec ainda não sabe."

Stephen piscou os olhos, incrédulo. "Ele não sabe?" Ele balançou a cabeça. "Permita-me repetir isso para ver se eu entendi direito..."

Você deseja conceder suas terras para seu irmão, e ele desconhece esse fato?"

Graeham deu-lhe um olhar tímido. "Eu acredito que este é o âmago da questão, senhor."

"Por Deus, filho! Por que, pelo amor que você tem por Cristo, você desejaria fazer tal coisa? Se eu não lhe conhecesse bem, eu acharia que você está doente da cabeça! Estou certo em dizer que quando Blaec souber, Graeham, ele não somente vai recusar, mas assim como eu, vai achar que você

está completamente louco."

"Talvez." A expressão de Graeham permanecia sóbria. "Ainda assim devo insistir que você considere o meu desejo."

Stephen fez um som como um riso sufocado. "Devoção fraternal é uma virtude, d'Lucy, mas acredito que vocês a levam longe demais." Ele suspirou cansado, arfando em uma respiração. "Ah, bem, não posso dizer que eu entendo, mas se é o seu desejo, então que assim seja. Será feito."

Graeham ajoelhou-se no mesmo momento, segurando a mão do seu soberano, beijando-a

fervorosamente. "Obrigado, senhor! Muito obrigado!"

Stephen assentiu com a cabeça, recuperando sua mão e colocando-a sobre o seu queixo com perplexidade. "Uma coisa, Graeham. Digame uma coisa para me fazer compreender tudo isto. A tua noiva é tão horrível que você faria qualquer coisa para não se casar com ela?"

O rosto de Graeham ficou vermelho. "Não, meu senhor. Ela é bem razoável."

"O que, então, por favor?"

Graeham deu de ombros, à procura de uma razão plausível, uma que não fosse tão complicada,

ou embaraçosa, como a verdade. Ele balançou a cabeça. "Eu sinto um chamado da igreja," ele disse um pouco inseguro, sua expressão séria.

"Por Deus, homem! Você deve ter uma melhor razão do que esta!"

Graeham balançou a cabeça. "Receio que não, senhor."

Stephen suspirou e balançou a cabeça. "Muito bem, então, d'Lucy. Faça como quiser — mas desejo-lhe sucesso em convencer seu irmão, pois eu duvido que ele aceite tão bem quanto eu. "

Graeham sorriu. "Estou certo que saberei administrar, senhor."

Stephen deu uma gargalhada. "Sim — um bastardo de fala mansa como você." Mais uma vez, ele acenou para Graeham se levantar e então colocou um braço sobre os ombros de Graeham, levando-o

em direção à porta. "Diga-me, então... isto significa que vou ter outro homem de Deus lutando para salvar a minha alma?"

Graeham riu e dobrou a cabeça. "Talvez, senhor, embora eu lhe prometa não lhe dar mais penitências do que os padres da Imperatriz."

Stephen riu com vontade e acertou-o na parte de trás da cabeça. "Por Deus! Eu posso mandar te esquartejar," ele jurou enfaticamente. "Com certeza!"

O HUMOR de William estava negro — mais negro após a notícia que ele tinha recebido — nada menos, do que do rei! Embora ele tentasse manter a calma, ele saiu dos aposentos do rei, explodindo

na luz do sol, seu rosto uma máscara de pedra, e ainda bem que ninguém estava por perto para vê-lo.

Aquele d'Lucy filho da puta! Que razão teria o tolo para desistir de suas terras para o demônio

do seu irmão? Se ele tivesse ousado tocar em Dominique... ele iria estrangular o imbecil com suas próprias mãos. Se ele pensou por um instante que, tendo desistido de suas posses, ele ainda iria se casar com Dominique, então ele estava realmente louco!

Ele era um tolo! Como Stephen que lhe concedeu o pedido, porque a lealdade de Blaec estava salva com seu irmão. Seus interesses eram puramente dele próprio. E seu poder, enquanto ele estava sob a guarda do seu irmão, era incontestável. Agora que ele tinha que tomar conta do seu negócio,

não haveria limites para sua ganância.

E Blaec! Maldito homem, que ele fosse mandado para o inferno! William poderia estrangular a

própria Dominique, ao invés de permitir que o bastardo a tocasse. A última coisa que ele desejava era permitir que Blaec d'Lucy usurpasse o que era dele. Graeham, ele poderia ter suportado — Blaec era outra questão inteiramente diferente, pois ele podia muito bem recordar a maneira que Blaec tinha olhado para Dominique. Sem o menor pudor. Não, ele reconheceu luxúria quando o viu.

Maldito d'Lucy!

Tinha sido tudo o que William pode fazer para mascarar sua raiva quando falou com o rei —

Rei, bah! O homem não tinha nenhuma sabedoria para ministrar justiça. Nem ele tinha o estômago para governar como ele deveria. Será que a Inglaterra não tinha sofrido o suficiente nos últimos

dezenove invernos? Stephen era um idiota covarde, querendo agradar a todos e sem agradar ninguém. Pelo menos Henry soube escolher aliados. Stephen era pouco mais que um idiota.

Bem, maldição, se Stephen não podia ministrar justiça, então William era perfeitamente capaz de

fazê-lo — e estava mais do que pronto, também.

Talvez tudo não estivesse perdido... ainda. Sim, por acaso agora tudo o que era necessário era reverter os planos. Talvez Dominique pudesse ainda se tornar senhora de Drakewich. *Sua* dama de Drakewich.

Sim, talvez.

Mas então... se ficasse provado que Blaec d'Lucy a tinha levado para a cama... se ele nem mesmo

a tinha tocado... apenas veneno não seria a maneira correta para matá-lo. Pelo amor de Cristo, ele pessoalmente arrancaria as entranhas de Blaec d'Lucy e daria como alimento para seu amaldiçoado

urubu!

22

Tudo o que Dominique precisava fazer era entrar em uma sala para chamar a atenção — mesmo

vestida como ela estava com sua túnica azul comprida surrada, todos os olhos a seguiam. Seu cabelo sedoso, rico e cheio, caía em cascata nas suas costas quando ela levantou a saia e correu pelo corredor, ignorando a presença do administrador. Ela não o viu mesmo tendo passado por ele em direção a escada, e Blaec fez um esforço enorme para ouvir o relatório do administrador enquanto a

observava — assim como o administrador. O homem se esforçou para manter sua linha de pensamento, mas ele não conseguiu deixar de olhar para ela. Ainda assim o humor dele estava bom

demais para criticar o homem uma vez que ele próprio não conseguia parar de olhar.

Desculpando-se quando ela desapareceu de vista, ele a seguiu, correndo pelas escadas da torre,

seus passos rápidos silenciosos, porque ele pretendia fazer uma surpresa.

Ele rapidamente a alcançou, enganchando o braço sobre sua cintura, levantando-a e levando-a pelas escadas com ele. Ela deu um pequeno grito de surpresa. "Te encontrei," ele disse para ela, rindo.

Ele carregou-a para a porta mais próxima.

Dominique gritou indignada. "Aqui não!" ela exclamou.

Ele a colocou de novo no chão, sorrindo. "Ah, mas onde é o melhor lugar para a solidão?"

"Sim, mas aqui é o *guarderobe!*" (22) Dominique falou.

Ele levantou seu queixo, olhando com um olhar de surpresa para o pequeno aposento. "É isso o

que é?" ele perguntou, farejando. "Não tinha reparado."

"Ah, você!" Dominique riu e empurrou-o para longe, tentando escapar. "Por Deus, acho que você está louco!" ela disse com certeza.

Ele a pegou, colocando-a mais uma vez contra a parede. Seus lábios se curvaram

maliciosamente. "Louco por você," ele concordou prontamente, e arqueou uma sobrancelha.

Dominique riu suavemente. "Você é um homem mau, perverso," ela disse, repreendendo-o.

"Bem, agora você me conhece..." Ele passou os dedos pelo cabelo dela afastando-o para morder seu pescoço com os lábios. "E já que estamos aqui..."

Dominique engasgou. "Não acho que eu posso suportar o odor, meu senhor!"

Ela tentou escapar, mas ele colocou-a contra a parede, apoiando seus braços em ambos os lados

dela. "Eu só consigo sentir a fragrância de seu corpo," ele murmurou delicadamente, inclinando-se para ela, fazendo carinho em seu cabelo. Ele colocou um joelho entre suas pernas, levantando-se contra ela.

Dominique inalou profundamente com o gesto. "Não tenho certeza, meu senhor," ela disse com um suspiro, pendendo sua cabeça para o lado, "mas acredito que você agora me insultou..." Ele colocou uma mão sobre o peito dela, e ela murmurou suavemente.

A porta se abriu de repente e ela sufocou um grito de surpresa. O braço de Blaec prendeu a porta

antes que alguém pudesse abrir e encontrá-los. "Está ocupado," ele gritou.

Por um instante, houve apenas silêncio do outro lado. "Desculpe, meu senhor," respondeu uma voz masculina.

"Meu Deus, será que um homem não pode se aliviar em paz?" Blaec falou, sorrindo para Dominique.

Dominique sufocou um suspiro, os olhos se alargando com a sua crueza.

"Sim, meu senhor," veio à resposta do outro lado da porta e então eles ouviram o som de passos se afastando.

Ela ergueu uma mão para cobrir a boca dele, para que ele não falasse outra vez.

Blaec sacudiu a mão dela para longe, dizendo, "Ah, meu amor, mas eu estou me aliviando."

"Shhh! Meu Deus, ele vai te ouvir!" Dominique murmurou para ele. "Você está realmente louco!"

"Ele se foi," Blaec murmurou, levantando a bainha da túnica dela com um propósito. "Sim... Eu estou louco... louco de necessidade," ele disse para ela. "Deixe-me te amar, Dominique..."

E não esperou a resposta, mas inclinou-se e beijou os lábios dela. Ela se derreteu contra o seu

joelho, e seu cantarolar macio foi a resposta suficiente.

ELES ESTAVAM SENDO PERSEGUIDOS.

Nas últimas horas desde a partida de Londres, eles tinham sido seguidos por uma sombra. E

agora, em intervalos, o brilho de metal cintilava na frente deles, fazendo Graeham ver que eles estavam sendo levados para uma armadilha.

Suas sobrelhas estavam franzidas enquanto ele pensava quem poderia ser, mas na verdade ele

não tinha idéia de quem podia estar em seus calcanhares. Eram tempos sem lei na melhor das hipóteses.

Todo mundo era suspeito.

O instinto lhe disse que seus perseguidores estavam com eles desde o primeiro instante, apesar

de que ninguém ainda tinha ouvido os rumores e ninguém ainda sabia... que não mais ganharia nada

em desafiá-lo. Ele já não era mais o senhor das terras de seu pai, não mais. Não, não havia nada a ganhar... a menos que eles desejassem pedir um resgate... ou saldar uma dívida.

Ele olhou para Nial, montando orgulhosamente ao seu lado. Nial segurava seu estandarte bem alto, inconfundível com seus raios de ouro e seu dragão negro — um símbolo mais adequado para o

seu irmão, pois Blaec era o verdadeiro dragão de Drakewich. Mesmo sem as terras, Blaec já detinha

o título. Ele era o Dragão Negro.

Estranho isso... que as pessoas pudessem sentir um líder mesmo quando este líder jurava seguir

seu senhor.

Graeham nunca teve razão para duvidar de Blaec. Seu irmão sempre lhe dera fidelidade sem fazer perguntas ou se lamentar. A verdade era que Blaec iria provavelmente estrangular seus testículos quando descobrisse o que ele tinha feito. No entanto estava feito, e não havia nada que pudesse ser dito para mudar a mente e a vontade de Graeham. Deus sabia a verdade, que ele fez o que era melhor para todos, e pela primeira vez em seus vinte e cinco anos de vida, ele sentiu-se um verdadeiro homem — não um fantoche do pai dele.

Mais uma vez a cintilação metálica apareceu ao longe, mais perto desta vez. Nial viu também, Graeham notou, e ele assentiu ao fiel

escudeiro. "Vá e avise os nossos homens," ele ordenou.

Nial imediatamente concordou "Sim, meu senhor."

"Discretamente," Graeham disse, estudando os terrenos em volta com olhos ansiosos, "para que eles não saibam que já descobrimos."

Para a direita, não mais do que a distância de um *furlong*, a floresta era espessa, ideal para esconder um exército, no entanto seu instinto lhe dizia que não era lá que morava o perigo. Eles permaneciam a uma distância indistinguível — talvez mais longe agora, porque ele não conseguiu vê-los nos últimos vinte minutos.

No trecho imediatamente diante deles, a terra se inclinava para cima, escondendo o que estava além. À esquerda deles, o terreno era igual. O caminho no qual eles viajavam ficava entre duas colinas, e ao longo dele tinha uma passagem menor, mais estreita. Foi para lá que ele concentrou sua

atenção.

Para lá e para os caminhos estreitos da floresta por onde eles ainda tinham que passar. Ele contornou o caminho, exceto o último e foi forçado a tomar uma decisão, porque o último bosque

apresentava um dilema. Se eles passassem em torno dele, seriam forçados a ir pela direita, perigosamente perto da mata onde a floresta era mais espessa. Ainda assim eles teriam uma visão mais clara do vale assim que eles entrassem. Se eles passassem pelo bosque, poderia colocá-los em

perigo de uma emboscada, e então eles entrariam no vale sem visão. Se eles forçassem passagem pela esquerda então eles precisariam subir a colina, colocando-se também em perigo de um ataque na encosta e em seguida, novamente quando eles entrassem ainda mais para o vale.

Droga, droga, droga... era sempre quando Blaec não estava por perto que ele mais precisava dele. Mas era culpa dele, Graeham reconheceu irritado, seu irmão não estar com ele, pois foi ele quem tinha ordenado ele ficar para trás. Apertando sua mandíbula, Graeham deu uma parada, sua pele formigando, pois ele sabia instintivamente que este era o ponto de maior perigo.

E A DECISÃO ERA EXCLUSIVAMENTE DELE.

Embora ele mantivesse a calma, as palmas das suas mãos começaram a suar. Neste momento, sua atração pela igreja nunca tinha sido mais profunda. Esta não era o seu ponto forte, por Deus. Era de Blaec. Ele riu ironicamente. Que absurdo... Impulsionado pelo sentimento de culpa pelo o que seu pai tinha feito para o seu irmão, por sua própria participação nesta injustiça, ele tinha colocado sua vida em perigo muitas vezes... e agora se ele morresse... ele deixaria seu irmão com um legado muito pesado. Dificilmente ele poderia suportar.

Parecia que seus homens compreendiam seu dilema, porque um cavaleiro veio para frente, oferecendo-se para fazer o reconhecimento da colina. Ele ordenou que outro fosse para a direita do bosque. E outro fosse fazer o reconhecimento com ele. Embora inquietos, os três obedeceram, enquanto Graeham os olhava, suando como um porco sob o sol escaldante de agosto. Ainda que seu

rosto estivesse encharcado de suor, ele resistiu ao impulso de remover seu elmo, sabendo sem olhar que seus homens o observavam.

Tão logo os três saíram, logo foi revelado o ardil. O cavaleiro que cavalgava em direção ao bosque não teve tempo para recuar. Ele foi atacado pelos bandidos que correram para ele. Seu grito de dor pairou no o ar.

"Estou aqui!" Graeham trovejou. "Estou aqui!" Bastardos! Do bosque, eles devem tê-lo atacado por ambos os lados. Ainda se fosse a última coisa que ele fizesse, ele planejava acabar com o líder ignóbil dos bandidos. Seria a melhor coisa que ele faria com a espada do pai.

Com o confronto de metal, a batalha começou, e Graeham se viu, mais cedo do que o esperado,

frente a frente com o líder com o elmo de ferro.

Escondido atrás do elmo, com o rosto totalmente coberto, o demônio tinha deixado apenas os olhos expostos para revelar sua identidade, mas Graeham instantaneamente sabia de quem eram aqueles olhos: safira azul brilhante.

"Bastardo!" ele gritou enquanto sua montaria relinchava. Um riso cruel soou em seus ouvidos, assim como o som metálico dos primeiros golpes conflitantes.

(22) G uarde robe - como e ra chamada a pri vada na é poca Me di e val

23

Ela estava sozinha no telhado da torre. Outro momento de solidão, roubado.

Quando Dominique olhou para fora, por cima do muro, ela sentiu como se ela estivesse suspensa em algum lugar entre o céu e a terra. Desta grande altura, a terra se estendia muito abaixo deles, revelando o horizonte como ela nunca antes tinha contemplado.

Era de tirar o fôlego.

E ela jamais tinha estado tão delirantemente feliz.

Como um sussurro de Deus, dizendo-lhe que tudo ficaria bem, uma brisa suave chicoteava seu

rosto, seu cabelo, seu vestido, levantando o seu espírito como se ela estivesse nas asas de um anjo.

Ela estava enfeitiçada. Tanto que ela não ouviu Blaec quando ele chegou por trás dela, abraçando-a, o calor do seu corpo a aquecendo da sua nuca até a curva dos seus quadris. Ela ofegou quando suas grandes mãos se deslizaram sobre a cintura dela, e ela se deliciava com a maneira que ele a abraçava... como se ele a amasse.

Ele apertou-lhe suavemente, e ela sorriu, virando sua cabeça, os olhos dela irradiando o prazer

que seu toque a inundava. "A vista é bonita, não é?" ele perguntou. O olhar dela voltou para a paisagem, e os braços dele apertaram sua cintura. " *Você é linda,*" ele sussurrou com ferocidade.

Sorrindo, Dominique deitou a cabeça dela contra seu peito, olhando para o céu azul pálido, seu

coração inchado de alegria. Uma pomba voou passando por eles, pousando graciosamente no lugar

mais alto da torre, e ela olhou Blaec para ver se ele estava vendo. Ele estava. O perfil do seu rosto estava duro, mas de uma maneira bonita e suave. Os olhos dela caíram mais uma vez sobre a cicatriz na sua bochecha.

Desta vez, ela não conseguiu se segurar, mesmo se ela tivesse tentado. Ela estendeu a mão, acariciando, com as pontas dos dedos, o contorno pálido da cicatriz, seus olhos embaciados com a

sensação. Doía ela saber que ele tinha sofrido dor, e isto lhe trouxe à mente a verdade sobre ele.

Ele era um cavaleiro. Um guerreiro, fiel ao seu irmão e ao seu rei. E eles tinham que resolver os

obstáculos intransponíveis que havia entre eles, e sempre haveria a possibilidade de que a guerra o levaria para longe dela. Ela estremeceu incapaz de suportar o pensamento. Com um desespero de uma

pessoa que há muito tempo estava sem ar, ela queria respirá-lo para dentro dela, para que eles nunca pudessem se separar.

"Como você conseguiu isso?"

Ele sorriu, os cantos dos olhos se enrugando quando ele olhou para ela. "O quê?"

Ela franziu a testa, retirou a mão do rosto dele e colocou ambas em sua cintura. "Você sabe muito bem o que quero saber," ela o acusou petulante.

Seus olhos verdes cintilavam quando uma mão deslizou para apertar o peito dela. "O que é isso?" ele respondeu divertidamente, mudando de assunto sem esforço.

Dominique gritou com surpresa e rindo tentou soltar-se do abraço dele, mas ele segurou-a firmemente em seus braços, sem estar disposto a libertá-la.

"Não, não," ele disse. "Eu não vou deixar você ir."

"Então, diga-me," ela exigiu dele.

Os olhos se curvaram ligeiramente. "Se você quer saber... Eu fui cortado com um punhal por um barbeiro descuidado."

"Não!" Dominique estava incrédula. "Diga que não é verdade!"

Ele a abraçou, fazendo carinhos no pescoço dela. "Ah, mas é verdade," ele jurou, seu hálito quente contra o pescoço dela.

"Não foi o que me disseram." Ela colocou seu corpo contra o dele, sentindo a resposta de seus seios quando ele mordiscou seu pescoço, beliscando-a levemente.

O tom dele estava despreocupado. "Diga-me o que é que você ouviu, demoiselle." Ele levantou a mão para o peito dela, enquanto a outra explorava os contornos lisos da sua barriga, e seus lábios exploravam o pescoço dela.

A RESPIRAÇÃO de Dominique se acelerou. "Ouvi dizer..." E então ela riu. "Se você não parar, não vou conseguir falar," ela repreendeu-o, mas a cabeça dela caiu para o lado, dando-lhe um acesso melhor.

"Ouvi, senhor, que você recebeu a cicatriz durante uma batalha," ela cedeu, "durante uma grande façanha de valentia."

"Boataria," ele murmurou. Ele deu-lhe um aperto suave, segurando-a. "Embora eu prefira essa estória, minha senhora, eu lhe garanto..." Ele ficou em silêncio um momento e então suspirou condescendente, "Não foi nada tão nobre assim."

Dominique suspirou, também. "Algumas línguas não ficam dentro da boca" ela concordou feliz

por sua gentil atenção.

"Mmmmm... como esta?" Ele fazia cócegas no pescoço dela com a ponta da língua, e Dominique riu suavemente.

Ela estava espantada com a mudança dele nos últimos dias. Era quase como um menino travesso,

ela pensou. "Você, meu senhor," ela disse sonhadora, "é um homem... muito, muito mau."

"Hmmmmm." Ele assentiu com a cabeça, fazendo-lhe carinho. "Já me disseram, demoiselle. E

você me parece decepcionada... Você prefere que eu admita que eu tenha recebido a cicatriz durante uma batalha?" ele perguntou alegremente.

"Não!" Ela apertou com firmeza os braços dele sobre ela. "Você me confunde, meu senhor." E

então ela deixou escapar um suspiro melancólico, "que este momento nunca termine."

Ele não disse nada em resposta, e Dominique fechou os olhos, inclinando-se contra ele, querendo desesperadamente perguntar-lhe sobre o seu futuro.

Eles tinham um futuro juntos?

Eles teriam alguma coisa juntos?

Nos últimos dias eles de alguma forma tinham tido, e sem falar sobre o assunto, eles concordaram em não pensar nisso como uma traição — nem pensar em Graeham, ou como isto deveria terminar. Porque era mais fácil fingir...

À distância, uma solitária árvore balançava ao sabor da brisa, seus membros emplumados se arqueando aqui e ali, como uma dançarina graciosa sob os olhos atentos de Deus. O silêncio entre eles naquele instante era tão profundo que Dominique quase podia ouvir a brisa se mexendo através

de suas folhas verdes brilhantes.

"O que dirá Graeham quando ele voltar?" Ela mordiscou seu lábio inferior a espera de sua resposta.

Ele colocou o queixo em cima da cabeça dela, como se refletisse sobre sua pergunta e os pensamentos eram demasiado onerosos para suportar. Ela podia sentir seu maxilar se mexendo, os músculos retesados.

"Você acha que ele sabe?" ela insistiu.

"Meu irmão não é nenhum tolo," ele disse com certeza tranquila. "Ele sabia antes de sair."

Ele se virou para ela de repente, sua expressão sombria, procurando os olhos dela. Dominique

gostaria que ele visse o que estava em seu coração. Querida mãe de Deus, mas ela o amava! Quando ele olhou para ela, sua expressão era turbulenta e doce ao mesmo tempo, e ele colocou suas mãos nos ombros dela.

Lentamente, fechando os olhos, ele se inclinou para beijar sua boca, seus lábios trêmulos, seus

dedos apertando seus ombros. O olhar que ela viu no rosto dele fez o coração dela bater mais forte, a fez querer gritar de puro prazer, pois parecia que ele apreciava o próprio pensamento de beijá-la, tinha fome de seus beijos. Assim como ela.

Sua língua deslizava sedutoramente ao longo da curva de seus lábios, seu hálito tremendo enquanto sua língua explorava sua boca, abraçando-a. Sentindo o bater do seu coração se acelerar, ela se abriu para ele prontamente, suspirando com a alegria que ele trazia para ela. Querido Deus, ela amava este homem. Ela queria lhe contar. Ela realmente queria, mas ela não sabia como ele reagiria.

Ela sabia que ele a queria, sim... mas será que ele a amava?

PARECIA QUE ELE A AMAVA... Pelo menos ela se atrevia a ter esta esperança. E ainda assim... a sombra do seu irmão pairava sobre os

dois, assombrando-os neste momento.

Qualquer dia Dominique esperava que Graeham voltasse... qualquer dia... e, em seguida, o que seria dela? Deles?

Ela apertou seus olhos fechados, porque ela não queria pensar nisso agora, ela queria apenas pensar na sensação de seus lábios macios movendo-se como seda quente nos seus próprios lábios.

Ela se apegou a ele ferozmente, querendo que ele tirasse dela tudo o que ele queria.

Qualquer coisa.

Tudo.

Se ele quisesse fazer amor com ela, mesmo aqui, ela iria deixar. Sim... e ela ia amá-lo de volta...

com cada fragmento de seu corpo e coração. Se ele só quisesse beijá-la, então ela ia querer isso, também. E qualquer coisa que ele quisesse... ela queria também como se a vida dela pudesse acabar sem ele.

E ela tinha certeza que acabaria...

Através de uma neblina de prazer, Dominique ouviu, vagamente, o som de uma trombeta.

Blaec se afastou rapidamente, espreitando por cima do ombro dela, olhando para fora do muro

da torre, em direção ao portão. Dominique levou mais tempo para voltar a se controlar, embora ela

não tivesse certeza de que desejasse voltar à realidade.

Seu rosto ficou tenso, seus olhos se estreitaram.

Dominique se virou para olhar o grupo se aproximando. Da altura e distância que eles estavam,

pouco era distinguível além do campo dourado brilhante de seu estandarte. Quando ela viu, seu coração balançou.

Graeham.

"Algo está errado," Blaec disse com sua voz firme, suas mãos apertando o ombro dela. Ele a largou de repente. Se virando, ele correu para baixo pelas escadas da torre.

Por um instante, o coração dela trovejou dolorosamente, Dominique apenas ficou ali parada. E

então, tomando uma respiração profunda, ela correu atrás dele, dizendo para si mesma que tudo ficaria bem.

Tinha que ficar, porque ela não podia suportar a idéia de viver sem ele.

A ponte levadiça já estava sendo erguida quando Blaec atingiu o portão. O coração dele batia como o martelo de um armeiro, enquanto ele corria em direção ao portão.

"Abra a maldita porta!" ele gritou. "Mais rápido!"

Quando finalmente a ponte levadiça foi levantada, ele foi para o portão a fim de ajudar a soltar

as travas, e ele começou a abrir a porta com uma força que vinha do medo. Com a ajuda de seus homens, as dobradiças imensas da porta maciça começaram a ranger. O som abrasivo, agravado pelo

silêncio do outro lado da porta de ferro e carvalho, fazia com que o cabelo de sua nuca ficasse em pé.

Quando as portas finalmente se abriram, revelando seu irmão e apenas metade do contingente de

homens com quem ele tinha partido de Drakewich, o estomago de Blaec se remexeu violentamente.

Ele sentiu um rugido levantar-se dentro dele ao ver os homens, porque ele viu pela aparência manchada de sangue deles que eles tinham lutado. E Deus... e o primeiro pensamento que passou por

sua cabeça era que ele não estava lá para defender seu irmão. A culpa o estripou por dentro, rasgando-o em pedaços.

Enquanto Graeham lutava por sua vida, ele estava na cama com sua noiva.

Deus... este tinha sido sempre o seu maior medo. Que Graeham tivesse que lutar sem ele ao seu

lado. Que seu irmão pudesse morrer e ele não estar lá para salvá-lo.

Ele se sentiu dormente enquanto observava seu irmão cavalgar para dentro da fortaleza, sua montaria nervosa e espumando pela boca, as costas tão rígidas na sela que parecia que ele estava apoiado com uma lança na bunda dele... e mesmo assim a cabeça dele virou para o lado com um lamento doentio.

O SANGUE FUGIU do rosto de Blaec enquanto ele via Graeham andar em direção a ele, e ele balançou a cabeça querendo negar o que via, mesmo quando seus olhos eram testemunhas. Apressando-se para o

lado de Graeham, ele ficou aliviado ao descobrir que os olhos de Graeham estavam abertos e conscientes, porém com dificuldade. Ao vê-lo Graeham ficou mais rígido. Seus olhos brilhavam, e

ele tentou levantar a cabeça, como para tranquilizar Blaec e por um instante seus olhares se encontraram. Seus lábios rachados se separaram para falar.

Somente uma palavra: "Beauchamp." E então seus olhos de repente se fecharam, e ele desmaiou, deslizando de sua montaria incrustada de sangue direto para os braços do Blaec.

Vendo o rosto de seu irmão, Blaec mal podia falar. Sua garganta se apertou.

"Graeham," ele falou. Ele se ouviu dando um grito baixo e lamuriante, e então ele apertou a mandíbula e fechou a boca, sabendo que ele não podia revelar suas emoções.

Com um grito selvagem, ele levantou o corpo mole do irmão em seus braços, os olhos

vitricados e foi em direção a fortaleza, encontrando os olhos de safira-azul brilhantes quando ele se virou.

Sua raiva em uma espiral para as alturas, pois ele via apenas o rosto do irmão dela.

Ele estava vagamente ciente que alguém tentava ajudá-lo a carregar o corpo de Graeham, mas

ele afastou o homem, rosnando. "Se você tocá-lo eu acabo com você." Embora Graeham estivesse escorregando das mãos dele, ele não queria nenhuma outra mão o ajudando. Ele queria carregar o corpo dele sozinho. Ele *precisava* carregar o corpo sozinho. Se ele pudesse trocar de lugar com ele

— com prazer ele faria isso.

Nial apoiou seus braços que caíam para os lados. "Fomos emboscados," ele revelou cabisbaixo.

Sua cara de menino estava suja, o rosto cheio de suor e sangue, mas seus olhos estavam tristes como um homem que tinha testemunhado muita morte. Blaec sabia muito bem o que o rapaz tinha experimentado, ele se lembrava muito bem da sua primeira batalha. Muito bem. E se ele nunca se atreveu a esquecer, era porque ele só precisa fechar os olhos para recordar.

"Eles nos atacaram não muito tempo depois de termos saído de Londres," Nial continuou.

Blaec carregando seu irmão foi em direção a torre de menagem, sua expressão inflexível como

pedra. "Beauchamp?" ele perguntou com fúria mal reprimida. "Ele fez isso?" Ele queria ter certeza —

precisava ter certeza, porque tinha a intenção de rasgar a garganta do canalha.

Nial assentiu com a cabeça, evitando olhar para ele e lançando um olhar fulminante para Dominique.

Tentando desesperadamente acompanhar. Dominique tropeçou ao lado deles, o rosto dela

magoado sem acreditar no que ouvia.

Tudo isso por causa do irmão dela? Blaec se perguntou amargamente. Que ela fosse para o inferno! Certamente não Graeham.

"Não!" ela exclamou, seus seios arfando, o rosto dela distorcido com a notícia. "Não pode ser! É

mentira! Meu irmão nunca faria uma coisa dessas!"

Blaec deu-lhe um olhar penetrante por causa de sua defesa incansável do bastardo. Ao invés de

cuspir palavras em seu rosto, ele ignorou-a, incapaz de lidar com ela no momento — e com a traição deles contra o homem que estava tão indefeso nos seus braços.

O irmão dele.

Cristo... o irmão dele...

Que tipo de homem ele era, que permitia que seu irmão, seu sangue, seu soberano lutasse e morresse no campo de batalha, enquanto ele estava aqui... chifrando-o com sua noiva, a irmã de seu inimigo?

Ele olhou para o rosto do irmão e achou que seu peito podia se rachar em dois. "Meu Deus...

você não procurou um médico?" ele perguntou para Nial. "Ele parece estar sangrado há dias."

"Meu senhor," Nial tentou se defender, o rosto jovem cheio de culpa, "ele não queria que ninguém descansasse até que chegássemos aqui. Nós tentamos — verdade... nós tentamos argumentar

com ele, mas ele temia que Beauchamp viesse para cá, e ele não ficaria tranquilo até que você fosse avisado..."

Blaec se amaldiçoou severamente. "Quantos caíram em cima de vocês?"

"MUITOS PARA CONTAR," Nial respondeu rápido.

"Quantos morreram?"

"Perdemos nove homens," revelou o jovem. "Mas nós também matamos nove," ele disse com um pouco de dignidade, "e eu... eu

matei um homem," ele falou sem emoção.

Blaec ouviu o jovem falar, e muito pouco ciente de quem o seguia enquanto ele carregava Graeham para a fortaleza.

Entorpecido de tristeza e pesar e cheio de perguntas sem resposta, ele colocou seu irmão em cima da cama do seu pai e em seguida, colocou uma mão no seu queixo sombreado, e empurrou Nial

para fora, "Vá..." Sua voz quase falhando. Ele engoliu. "Vá, rapaz e procure o padre..."

24

Dominique estava desesperada para ajudá-los, se pudesse. Ela torcia suas mãos, se sentindo tonta

com os pensamentos que giravam em sua cabeça. William não podia ter feito isso... *ele não podia ter feito*. Ela se recusava a acreditar que ele tinha feito... Tinha que haver algum engano.

"Você... você deve permitir que Alyss cuide dele," ela suplicou. "Deixe o padre para aqueles que estão mortos."

Embora ela estivesse ciente de que todos os olhos caíram em cima dela, de repente, ela se sentiu

somente os dele.

Seu brilho condenando-a dilacerou seu coração.

"Alyss, saberá o que é melhor para ele," ela raciocinou, os olhos ardendo com as lágrimas quentes.

"Por que devo confiar na prostituta do seu irmão?" Blaec latia para ela, seus olhos verdes brilhavam friamente.

Dominique respirou profundamente, surpreendida por sua ira. Ela tentou respirar, mas um soluço veio a sua garganta. "Ela é..." Ela piscou as lágrimas, incapaz de encontrar uma resposta para a verdade. "Ela é hábil nos simples..." Ela evitou o seu olhar, lutando contra as lágrimas amargas. "Eu juro para você, meu senhor..." Sua voz vacilou e os lábios dela tremeram. Ela balançou a cabeça, cobrindo a boca quando encontrou seu olhar mais uma vez, rogando-lhe com os olhos. "Alyss não iria prejudicá-lo... ela o trataria como me trataria. Deixe-a tentar... por favor..."

Por um momento ele não disse nada, embora seus olhos estivessem fixos nela, e então ele disse,

"parece que há pouca escolha, demoiselle, uma vez que Drakewich não tem nenhum físico aqui na residência. Busque-a e rapidamente," ele falou.

Dominique assentiu e virou-se para sair, aliviada por deixar sua presença, pois seu coração estava se despedaçando e ela não queria ninguém para testemunhar sua dor.

Ele a culpava, ela sabia.

Ela podia ver nos olhos dele.

"Diga-lhe, senhora Dominique," ele a chamou, com frieza e malevolência mal velada em seu tom. "Se ele morrer pelas mãos dela... Eu colocarei a cabeça dela em cima de um poste ao lado do seu irmão. Diga-lhe, se quiser... e então, enquanto isso, demoiselle, reze para Deus pela a alma negra do seu irmão, porque é o sangue dele, que eu vou procurar na primeira luz de amanhã."

Os membros de Dominique ameaçaram abandoná-la, mas ela assentiu com a cabeça, contendo um soluço por causa de suas palavras de ódio. Pensar que só um momento antes eles tinham rido juntos... tinham falado palavras de amor. Angustiada, ela cobriu a boca com sua mão e fugiu do quarto.

Jesus, mas ela não podia suportar isso. Isto não podia estar acontecendo. O irmão dela não tinha

feito isto para Graeham! Ele não podia ter feito!

Porque ele deveria saber que iria colocá-la em risco com suas ações. E ele não faria isso.

Ou ele faria?

Não, mas tinha que haver outra explicação.

Com esta autoconfiança, ela afastou as lágrimas do rosto dela e jurou que assim que encontrasse

e informasse Alyss dos seus deveres, ela teria iria tentar descobrir a verdade.

Mesmo que isso significasse ir até William.

Não havia como ela pudesse ficar impassível e permitir que Blaec matasse o irmão dela. Ela tinha que avisá-lo.

Mais do que isso, ela tinha que saber a verdade.

"Ele está dormindo, senhor," Alyss disse, falando timidamente. "A ferida em seu peito é profunda, mas ele é forte e tem vontade de viver."

Alívio sugou a respiração de Blaec, sufocando quaisquer palavras que ele pudesse querer falar.

Embora ele tentasse, ele não podia encontrar sua voz. Ele assentiu.

DANDO UMA RESPIRAÇÃO VISIVELMENTE TRÊMULA, a empregada chegou com seu avental, hesitante e em

seguida, entregou um frasco para ele. "Eu..." Ela respirou ainda tremendo e então entregou o vidro para sua inspeção. "Você deve dar isto a ele... algumas gotas quando ele acordar," ela instruiu-o, olhando para ele com alguma dificuldade. "Mas não mais que algumas gotas..."

Blaec examinou o pequeno frasco cheio de líquido e depois voltou a olhar para ela, estreitando

os olhos com cautela. "O que é?"

Ela segurou seu olhar, observando-o, vacilando com a sua pergunta. "T-tintura de cicuta, m-meu senhor."

Blaec arqueou uma sobrancelha para ela, seus lábios se estreitando com esta divulgação. "Você anda com cicuta?" ele perguntou desconfiado. "Por quê?"

Seu rosto ficou vermelho com a pergunta, e ela evitou o seu olhar, encolhendo os ombros nervosamente e balançou a cabeça. E então, novamente, ela olhou para ele, levantando o queixo dela, seus olhos revelando o mesmo olhar encurralado que ele já tinha espiado antes... na noite que ele a tinha questionado sobre seus hematomas.

"Alguém me deu," ela respondeu suavemente, com culpa.

"Alguém deu para você?"

Ela fechou os olhos e estremeceu, acenando. "Sim, meu senhor. Alguém deu para mim."

Que Deus o ajudasse, ele compreendeu, e mais uma vez a raiva passou pelo corpo dele como um

raio.

"Maldito bastardo!"

Ele pretendia assassinar Graeham. Seus pensamentos fugiram de volta para a floresta... e depois

para o hidromel que Dominique tinha preparado... e ele estava com medo de ouvir qualquer outra coisa que ele não soubesse e não gostaria de saber.

Ainda assim... ele tinha que discernir a extensão da sua traição — tinha que ter certeza. "Foi William quem te deu Alyss?"

Ela não podia olhar para ele agora. "Sim, meu senhor."

Blaec se apoiou e então exigiu, "A sua senhora sabe disto?" Embora ele mesmo dissesse que seu coração estava endurecido contra ela, ele segurou a respiração para ouvir a resposta dela.

Ela acenou com a cabeça, encontrando seu olhar e disse com tranquilidade, "Não, meu senhor,

ela não sabe."

Ele sentiu a respiração deixar seus pulmões — ele queria acreditar nela. Queria muito. Por causa

de Graeham, ele não podia se permitir a continuar cego. Não quando a vida de Graeham dependia da

sua prudência. "E por que você me diz isso agora?" ele perguntou cético, sem entender os motivos dela.

"Porque, meu senhor..." Ela olhou para o corpo de Graeham, deitado em sua cama e depois de volta para os olhos dele. "Porque não posso fazê-lo — e ele vai precisar da tintura quando ele acordar, meu senhor. Cicuta é bom para a dor, mas em pequenas doses. Ainda assim..."

"Fale," ele ordenou com impaciência. "Agora não é hora para segurar sua língua, mulher."

"Sim... bem... uma porção pequena não servirá para nada... e uma grande pode deixá-lo coxo —

ou até mesmo matá-lo, como você bem sabe... e esta receita... está particularmente perigosa, eu-eu a preparei forte... e... e não quero arriscar... não se..."

Ele levantou uma sobrancelha. "Não se eu colocar sua cabeça num poste?" ele terminou para ela.

Ela piscou, mas não se virou para sair.

"Eu entendo." Com alguma reserva, ele entregou o frasco de volta para ela, seu rosto rígido como pedra. Ele foi para o lado do seu irmão, levantando o cobertor, como se para protegê-lo.

Os dedos dele demoraram-se na mão do seu irmão, a mão que ele tinha jurado lealdade.

ELA NÃO TINHA de lhe dizer nada, ele reconheceu. Ela podia ter simplesmente usado a tintura enquanto ele estivesse de costas... ou quando ele estivesse curado, mesmo... uma vez que ela já não estivesse em risco. "Você ama o bastardo?" ele lhe perguntou de repente, seu tom calmo, apesar de sua fúria raivosa.

Por um instante, ela não respondeu. E então, ela respondeu enfaticamente, "Não, meu senhor.

Ele... ele me batia frequentemente."

Ele sentiu que era verdade da forma amargurada que ela disse, mas ele exigiu saber, "foi ele, Alyss, quem lhe deu os hematomas que eu vi?"

Ele podia ver que era uma pergunta difícil para ela responder, porque ela hesitou, mas engolindo antes, finalmente falou. "Sim, meu senhor. Foi ele, mas peço-lhe para não contar para Milady. Ela não sabe. Ela acredita que ele é mais nobre do que ele é, e gostaria de poupar-lhe a verdade. Ele é tudo o que ela tem — tudo o que ela já conheceu."

"Eu entendo," ele disse. E então, "você quer a minha proteção, Alyss?" Finalmente, ele se fixou no olhar dela. Seus olhos estavam vidrados, e sua feição juvenil parecia ter envelhecido desde a última vez que ele tinha olhado para ela.

Ele viu uma esperança nos olhos dela. "Você faria isso, meu senhor? Você faria isso... para mim?" Ela mordeu o lábio, até que ele pensou que iria sangrar.

Por um momento houve um silêncio entre eles, e então ele disse para ela, "Sim... só faça o que for necessário." Ele olhou para seu irmão, seus olhos vidrados e feridos. Mais uma vez, ele encontrou os olhos dela. "Coloco minha confiança em você, Alyss," ele disse sombriamente, balançando a cabeça, seus olhos se estreitando. "Não falhe, e se ele não morrer, eu vou permitir que você permaneça em Drakewich."

A expressão dela estava emocionada. "Obrigada, meu senhor! Obrigada! Eu juro que eu não vou

falhar meu senhor!"

"Você me ouviu bem, Alyss... se ele morrer," continuou Blaec, querendo enfatizar cada palavra que ele estava prestes a dizer, apesar da suavidade do seu tom, "eu certamente vou colocar a sua cabeça no poste — melhor ainda, vou mandar você de volta para aquele maldito bastardo e dizer-lhe

que você traiu sua confiança."

Ela engoliu com medo. "Sim, meu senhor... Não vou falhar," ela prometeu. "Eu juro."

"Melhor você não falhar," ele avisou, e então ele saiu de perto da cama para deixá-la administrar o remédio para seu irmão, embora ele pretendesse vigiá-la a cada momento.

Ela veio para frente ao mesmo tempo, ansiosa, agarrando o vidro em suas mãos, e Blaec começou a orar silenciosamente.

25

Muito tempo depois que a empregada, Alyss, tinha caído no sono, à cabeça se aconchegando em

seus braços delicados, Blaec sentou, insone, na cadeira do seu pai, vigiando o sono do Graeham.

Amargura penetrava em seus ossos como uma névoa fria enquanto ele marcava cada respiração

que seu irmão dava com dificuldade. Se qualquer um deles devia estar deitado ali, sofrendo, devia ser ele, não Graeham.

Ele só podia ser grato a rapariga de olhos tristes que agora estava sentada cochilando ao lado do

irmão, porque ela tinha se dado fielmente e cumprido seu dever. Ele a tinha observado atentamente, embora não tivesse sido necessário, porque mesmo agora, quando ela estava tão cansada que mal podia manter a linda cabeça levantada, ela não tinha saído do lado de Graeham.

Provavelmente, ela temesse que ele mantivesse sua promessa para ela — que ele, na verdade, colocaria sua cabeça num poste. Ou talvez, ela simplesmente estivesse tão ansiosa para se ver livre de seu diabólico senhor que ela tinha resolvido ver Graeham curado. De

qualquer forma, Blaec só queria que ela tivesse sucesso em sua empreitada.

Se Graeham não vivesse... que Deus o ajudasse, alguma parte dele iria morrer também.

Tarde da noite, a tocha que ficava na cabeceira começou a piscar e depois gotejar, lançando o

quarto na escuridão. E mesmo assim Blaec continuou sentado, imóvel, ouvindo os sons da noite.

O luar se derramava para dentro do quarto, fluindo como prata fundida através das formas adormecidas de seu irmão e da empregada cansada. Enquanto ele ouvia o sussurro da respiração de

Graeham, sentindo conforto em cada respiração, ele não podia deixar de pensar sobre a mulher que

tinha cuidado do seu irmão.

Ela tinha falado eloquentemente, e timidamente, e Blaec apostava que ela não era nenhuma plebéia. Tudo, desde a delicadeza de seus membros até a equidade da sua pele e a gentileza de suas maneiras, mostrava que ela era uma jovem bem nascida. Ele encontrou-se imaginando como ela tinha

terminado nas garras de William — ele se encontrou pensando, também, como diabo Dominique podia ser tão cega às traições do irmão dela.

Ele tinha a certeza de que Dominique era totalmente inocente. Ele viu na expressão dela quando

ela tinha implorado para ele aceitar o serviço de Alyss. Cristo que ele fosse condenado — ele estremeceu só de pensar o que poderia ter acontecido se Alyss não tivesse vindo com o vidro e com a verdade.

E se ela a tivesse usado como William tinha mandado?

O provável resultado final torceu suas entranhas. E Cristo... ela podia ter feito... e ele podia nunca ter sabido. Ele teria simplesmente atribuído a morte de Graeham aos ferimentos.

Mas Alyss tinha se exposto e falado a verdade, e por isso Blaec estava em dívida com ela. Se William vivesse, ou não — coxo ou não — ele sabia que daria a garota autorização para permanecer

em Drakewich sob a sua proteção. Ele devia isso a ela.

Ainda assim, ele não conseguia realizar o tamanho da traição de Beauchamp.

Embora ele não pudesse ainda ver qual era o melhor caminho para Dominique, ele estava feliz,

pelo menos, ela não estava sob o mesmo teto do irmão esta noite.

Ele não tentou pensar nela — ele apertou a mandíbula com a força de sua determinação — não

tentou pensar em suas mentiras ditas em sua cama. Mas mesmo agora, ele mostrava ser o bastardo

infel que seu pai havia afirmado que ele seria, pois estava dividido entre querer permanecer ao lado de Graeham, a necessidade de permanecer ao seu lado... e o desejo de ir para o lado dela.

Mesmo agora que seu irmão estava novamente sob o mesmo teto, ele a queria. E sim, ele se odiava por isso, quando ele desejava passar sua dor, sua fúria, sua semente, para o corpo ágil e doce de Dominique. Como uma droga, ela estava em seu sangue.

A CULPA o impedia de subir — a culpa, o cansaço e a visão do irmão que ele amava tanto, deitado diante dele tão próximo à morte.

Por Deus, que bom irmão ele era — sim e que maneira traiçoeira ele tinha de mostrar sua afeição. Seu lábio se enrolou com auto-desprezo, pois ele tinha se atrevido a pensar, ele se atreveu a ter esperança, de que Graeham o tinha impelido a isso. Como um tolo, ele tinha se convencido de que seu irmão o tinha conduzido para a cama de Dominique... para dentro do seu corpo.

Que idiota ele era... um idiota sem fé e presunçoso.

Ele deveria ter ido procurar Graeham.

Seus pensamentos auto depreciativos persistiam, até que finalmente a fadiga começou a

aparecer, e ele relaxou na cadeira. Permitindo sua cabeça cair para o ombro dele, ele fechou os olhos... só por um momento... e caiu no sono.

Dominique ficou acordada a maior parte da noite esperando que Blaec viesse até ela,

ponderando sobre a decisão de ir até ele e saber da condição atual de Graeham. Ela esperou em vão, porque ele não apareceu, e seu coração sentiu como se ele fosse se rasgar em dois. E o fato de que ele não se preocupou em vir reforçou sua decisão de ir embora.

Ela tinha conseguido convencer a si mesma que ela queria que ele viesse uma última vez, porque

ela queria que as memórias a abraçassem até que eles por acaso se encontrassem de novo. Ela sabia

agora que depois que ela partisse de Drakewich, ela não iria retornar, e o simples pensamento de que ela nunca mais pudesse vê-lo novamente fez seus olhos arderem com lágrimas.

Ainda assim, ela sabia... até Blaec aceitá-la novamente dentro das muralhas de Drakewich — que

ela não tinha certeza de que ele a aceitaria, porque ela não tinha perdido a expressão em seu rosto, quando Nial tinha alegado que o irmão dela era o responsável — ele a culpou, e a julgar por seu olhar de desprezo, ela pensou que ele nunca mais poderia perdoá-la.

Mas mesmo que ele perdoasse... uma vez que seu irmão descobrisse isso — uma vez que ele compreendesse que os d'Lucys o acusavam, mais uma vez, sem proporcionar-lhe a oportunidade de

uma defesa — ele nunca permitiria que ela voltasse para Drakewich.

Além disso, o noivado tinha sido devidamente quebrado, pois ela nunca concordaria em se casar

com Graeham d'Lucy depois de ter amado Blaec.

Como ela poderia suportar se ela fosse forçada a isso?

Nem ela acreditava que Blaec iria permitir o casamento ser consumado. Agora não— não

quando a honra do seu irmão estava envolvida. Se ela quisesse saber de sua devoção ao seu irmão —

e ela não faria isso — o olhar dele enquanto transportava o corpo ferido de Graeham para a torre de menagem era prova suficiente.

Era o fim.

Com todo seu coração Dominique rezou para Graeham continuar vivo, rezava para Blaec

perdoá-la, mas ela não ia ficar para ver o resultado. Não e ela não podia nem dizer para Alyss sobre seus planos, porque Alyss ainda

não tinha saído do quarto de Graeham — e a última coisa que Dominique precisava era ver a cara de Blaec esta manhã.

Se ela o fizesse, então ela nunca teria forças para deixá-lo, para fazer o que ela devia fazer.

E ela *tinha* que descobrir a verdade.

Ela tinha sido fiel a cada manhã levando as ofertas do almoner para a aldeia, tendo a esperança de que as pessoas da vila, com o tempo, viriam a aceitá-la como sua senhora — e ela sentiu que tinha quase conseguido, pois se eles não confiassem nela totalmente, então, pelo menos, eles começaram a recebê-la calorosamente. Ela estava feliz agora que ela tinha realizado esta tarefa, porque agora tinha um motivo para deixar as paredes do castelo esta manhã. Com sorte, ninguém pensaria em questioná-

la — não quando ela estava realizando a mesma rotina a cada nascer do sol. Com um saco da cozinha

ela seria capaz de levar junto com ela alguns de seus próprios pertences, assim como alguns alimentos para a viagem de volta para casa.

Lar.

Santa Maria, onde era isso?

DOR RASGAVA SEU CORAÇÃO, entorpecendo-a com a pergunta. Ela nunca realmente tinha conhecido um

lar — e nunca conheceria, era o que parecia.

Ela estava condenada a viver no limbo.

Tentando seu melhor para não chorar, ela vestiu rapidamente sua túnica azul e então correu até a

cozinha, grata porque ninguém parecia notar sua presença. Ao contrário de todas as outras manhãs,

no entanto, ela não tinha se incomodado em pegar as rações, deixando-as, em vez disso, para o almoner. Se ela as levasse com ela agora, ela teria simplesmente deixá-las no seu quarto, e isso não seria bom para ninguém.

Ela encontrou os sacos com bastante facilidade, pegou um, juntamente com algumas sobras do

alimento a ser preparado para o café da manhã e saiu, correndo de volta para seus aposentos. Uma

vez lá, ela começou a escolher o que ia levar com ela — apenas alguns pertences. O resto, ela deixaria para trás. Ela era forçada, pois não havia como ela pudesse levar tudo sem chamar atenção para si mesma.

Quando ela estava finalmente pronta, ela desceu apressadamente as escadas da torre, o coração

batendo alto, rezando para não se encontrar com Blaec.

Ela deu um suspiro de alívio, assim que ela passou pelo corredor e se dirigiu para os estábulos.

Ela estava com sorte, pois seu palafrém já tinha sido cuidado esta manhã — e ela podia ver isso porque o animal já tinha sido alimentando quando ela chegou.

Mais uma vez, ninguém notou a presença dela, pois ela vinha todas as manhãs — só que hoje ela

não tinha a intenção de cavalgar para a aldeia... nem de retornar.

Ela encontrou sua sela, preparou o animal e sorriu nervosamente para um dos rapazes do estábulo que passou por ela. Ela fez um carinho suave no animal enquanto colocava o saco de farinha sobre suas ancas e o prendia, tentando parecer casual enquanto fazia tudo as pressas. Quando acabou, ela levou o animal para fora do estábulo, para a luz do amanhecer e montou.

Agora o céu tinha clareado consideravelmente, pintando o horizonte distante de rosa e violeta.

Com as palmas, suando, todos os seus membros tremendo e o coração batendo loucamente

dentro de seu peito, ela deu uma respiração fortificante e partiu em direção ao portão, dizendo-se que esta manhã nada pareceria diferente para o guarda do portão — embora o insistente martelar em sua

cabeça lhe dizia para não ter tanta certeza.

Esta manhã era diferente.

Como não poderia ser quando somente ontem o corpo do lord tinha sido levado para dentro, ferido — talvez fatalmente? Ela não podia esquecer que Graeham d'Lucy estava deitado no seu quarto, lutando por sua vida. Nem ela podia esquecer que seu irmão tinha sido acusado — ou o olhar que Blaec tinha lhe dado.

O guarda lhe permitiria passar?

Seu estômago se apertou enquanto ela se aproximava do portão. Mal conseguindo respirar enquanto enfrentava o soldado, ela não disse nada, apenas sorriu e acariciou o saco, que ela tinha prendido a sua montaria. Ele acenou de volta e começou a abrir os portões. Dominique estava grata

por estar a cavalo, porque ela pensou que se ela estivesse em cima dos seus pés naquele instante, as pernas dela teriam cedido e ela cairia no chão, tão nervosa que estava.

Enquanto esperava, ouvindo o rangido do levantar da ponte levadiça, ela rezou para que ninguém tentasse impedir a abertura dos portões — rezava para que ela tivesse a coragem de ir adiante, uma vez que o momento chegasse.

Quanto mais o tempo passava, mais o medo a sufocava, a paralisava. Ela tentou não parecer culpada, mas ela sentia a culpa até as suas entranhas.

Então, de repente, a ponte levadiça estava levantada, silenciosa, a tração liberada, e então finalmente as portas foram abertas. Com muito mais medo do que coragem, Dominique estimulou sua montaria para frente, e não ousou olhar para trás. Ela não se atrevia, pois em sua mente ela via Blaec passando pelo soldado, correndo em direção a ela, com uma vingança letal nos olhos dele.

SOMENTE DEPOIS QUE ela saiu pelo *barbacan* (23) e os portões foram fechados por trás dela, ela conseguiu suspirar de alívio. O som da tração foi substituído pela harmonia do céu acima e uma sentença de morte, porque se ela visse Blaec novamente, ela estava certa de que alguma parte dela deixaria de viver — assim que ela estava do lado de fora dos portões alguma parte dela já estava começando a morrer.

A fim de dissipar suspeita, Dominique cavalgou em direção a vila em primeiro lugar, seu coração batendo como um *aríete* (24). Somente quando ela estava suficientemente longe das paredes do castelo ela se sentiu segura, e foi em direção às árvores envoltas no nevoeiro e não parou até estar em segurança dentro delas.

E mesmo assim, ela não descansou. Antecipando os gritos de perseguição para alcançá-la a qualquer momento, ela foi em direção da floresta, lágrimas caindo silenciosamente pelas suas bochechas.

Nenhum som veio até ela a não ser o triturar das folhas sob os cascos da sua montaria e os ruídos da floresta em torno dela. Esses sons, e o som do seu coração se partindo.

Nem mesmo quando ela saiu da floresta e se atreveu a fazer uso da estrada velha ela não ouviu

ninguém a perseguindo, e Dominique não sabia se devia ficar aliviada ou triste.

Embora ela dissesse a si mesma que era o normal, seu coração sentiu estar apenas em segundo

lugar.

(23) Barbacan - muro avançado, construído e entre a muralha e o fosso, para proteger os pontos e estratégicos de uma fortificação; abertura feita em uma muralha, pela qual se observava os arredores da fortificação e se atirava flechas contra os invasores.

(24) Aríete - máquina de guerra com que se derrubavam as muralhas ou as portas das cidades sitiadas.

26

"Meu senhor!"

Blaec se esticou abruptamente na cadeira, segurando os braços de madeira esculpidos. Ele estava

sonhando, e a voz feminina frenética se intrometeu, acordando-o, como se estivesse tirando-o de uma nuvem.

"Acorde, meu senhor!" exclamou a empregada.

Vendo seu rosto embaçado vacilando diante dele, ele piscou, e limpou as teias de sua mente. Já

era de manhã, as persianas estavam abertas para a luz do dia e as tochas estavam apagadas. Ele tinha dormido.

"Ele chamou por você, meu senhor!" O rosto de Alyss estava animado, exultante, seus olhos escuros brilhando. "Ele chamou o seu nome!" ela disse animadamente, sorrindo.

Ele não conseguia acreditar em seus ouvidos — ele tinha medo de que ainda estivesse sonhando

— ele piscou novamente e com a voz rouca de quem tinha acabado de acordar, perguntou, "Ele perguntou por mim?" Ele limpou a garganta, inclinando a cabeça. "Graeham?"

Ela assentiu com entusiasmo e depois saiu de perto da cama, quando de repente ele deu um salto

da cadeira, quase caindo em sua pressa para deixá-la. O coração dele batendo mais forte, Blaec ajoelhou-se ao lado do seu irmão apenas para descobrir que os olhos de Graeham ainda estavam fechados. "Tem certeza?" ele perguntou, com decepção na sua voz.

"Sim, senhor," ela respondeu. Sua voz demonstrando coragem enquanto ela olhava para o rosto pálido de Graeham. Mas, não era assim que Blaec olhava para o irmão. Ele olhava apavorado para

Graeham. "Não uma, mas duas vezes ele chamou por você," ela lhe assegurou.

Blaec tocou o braço de Graeham com cautela, apertando-o suavemente, sentindo seu calor. E ele

ainda tinha medo de ter esperança. "Graeham?" ele chamou suavemente e prendeu sua respiração.

No início não houve resposta, e assim que ele chamou o nome de Graeham mais uma vez, Graeham abriu os olhos de repente. Vendo

Blaec, ele sorriu cansado, e Blaec respirou com alívio.

"Meu Deus," Graeham disse fracamente com dificuldade. "Será que um homem não pode descansar em paz?" Seus olhos brilhavam palidamente, desmentindo suas palavras.

As feições de Blaec se amoleceram com o gracejo do irmão, com o brilho familiar nos olhos

dele. "Seu filho da puta," ele disse, sorrindo de volta. "O que te faz pensar que você pode descansar sua cabeça idiota e dormir o dia todo?"

Graeham riu, embora com alguma dificuldade, fazendo uma careta de dor durante o esforço.

O sorriso de Blaec sumiu rapidamente. "Você foi longe dessa vez, não foi, Graeham?" Os dois entendiam muito bem o que ele estava falando. Quando Graeham não falou, ele disse, "Parece-me que você está determinado a se ver dentro de um túmulo."

A expressão de Graeham ficou sombria quando ele se esforçou para espreitar suas feridas enfaixadas. Quando encontrou o olhar de Blaec mais uma vez, ele balançou a cabeça. "Isto não é o que você acha Blaec." A expressão nos olhos dele era de arrependimento. "Eu tentei. Eu realmente tentei. Se eu verdadeiramente desejasse a morte... bem... nós não estaríamos nos falando agora," ele ressaltou. "Estaríamos?"

Blaec assentiu com a cabeça e suspirou. "Acho que não," ele cedeu. E então admitiu, "Eu temia te

perder, meu irmão."

Seus olhos se encontraram mais uma vez.

Graeham deu uma piscada rápida, seus olhos ligeiramente vitrificados. "Bem, você não me perdeu," ele respondeu tão desembaraçadamente quanto ele era capaz, "porque aqui estou eu em carne e sangue."

Os lábios do Blaec se curvaram. "Principalmente sangue."

Graeham tomou uma respiração profunda e então grunhiu de dor. "Aquele maldito filho da puta," ele murmurou.

BLAEC CERROU OS DENTES. "Beauchamp?"

Ele sentiu Alyss se retirar naquele instante. Ele ouviu os passos dela, quando ela se dirigiu para o outro lado do quarto para permitir alguma privacidade para eles e ele ficou agradecido, embora estivesse muito zangado para reconhecer o gesto no momento.

Graeham suspirou seguindo-a com os olhos. "Sim, Beauchamp — o bastardo — embora eu não

saiba por que ele fez isso." Um músculo se retesou na sua mandíbula.

"E você tem certeza que foi ele?"

"Nunca os meus olhos se enganariam tanto," afirmou Graeham. "Sim, foi ele — o filho da mãe!

Juro que se eu colocar as mãos no pescoço desse traidor —" ele segurou suas mãos juntas e então estremeceu. Ele assentiu com a cabeça na direção dos Alyss. "Ela fez isso?" Ele mostrou as bandagens.

Blaec assentiu com a cabeça. "Ela estava bastante ansiosa para ajudar." Ele olhou de volta por cima do ombro para a mulher em questão e depois seu olhar voltou para Graeham. "Talvez ela tema

perder a chance de montar no seu novo senhor?" ele disse em um tom baixo, para não lhe ofender.

Graeham riu, fechando os olhos, como se quisesse considerar a observação... mas depois não os

reabriu... nem parecia que ele respirava.

Os batimentos cardíacos de Blaec se aceleraram. "Graeham?" Seu rosto empalideceu.

Os olhos de Graeham se abriram e ele olhou para o lado da empregada mais uma vez. "Eu estava pensando se ela se importaria em montar o irmão do senhor, é tudo," disse ele, com um sorriso mais leve.

Blaec dirigiu seu olhar para a janela momentaneamente, odiando-se mais do que ele jamais tinha

se odiado. "O irmão do senhor não precisa dela," ele disse com culpa e amargura. "O irmão do senhor já arrumou alguém para montá-lo." Aquela que ele não tinha o direito de ter. Era tudo o que ele precisava para retornar o olhar para Graeham.

"Bastardo," Graeham disse sem calor, sem sentido, rindo baixo. "Fale por si mesmo. Se eu disser que o irmão do senhor está precisando de atenção, é porque ele está precisando." O brilho em seus olhos se intensificou. "Finalmente," ele acrescentou suavemente, quase num sussurro.

Confuso com a observação, Blaec franziu a testa e olhou para seu irmão mais novo. "Você deve

estar confuso," ele disse. "Você não está fazendo nenhum sentido..." Ele balançou a cabeça. "Não desde..."

"Eu já não sou o senhor de Drakewich," Graeham o interrompeu, sua expressão sóbria, embora seus olhos ainda brilhassem, como se ele estivesse com febre.

As sobrancelhas de Blaec se colidiram. "Sangue de Deus!" ele exclamou. "Beauchamp perturbou o seu cérebro! Que diabos você está dizendo, Graeham?"

O rosto de Graeham estava sério. "Eu disse... Eu não sou mais o senhor do domínio do nosso pai," ele repetiu, seus olhos sóbrios. "Eu acredito que falei claro o suficiente. Se não eu vou dizer de uma maneira mais simples... Drakewich não é mais meu. É seu" ele revelou sem arrependimentos.

Blaec ficou de pé, olhando carrancudo para Graeham. "Pelo édito de quem?" ele exigiu saber.

"Do Rei Stephen," Graeham respondeu com facilidade, embora ele tenha feito uma careta de dor.

"Eu não vou aceitar isso!" Blaec rugiu. "Que diabo ele pensa que pode tirar seu direito de primogenitura?"

"Não. O direito de primogenitura é seu, não é meu" Graeham rebateu suavemente, levantando seu queixo. "Isto nós dois sabemos muito bem."

A mandíbula de Blaec se apertou. Os dentes se cerraram.

"Tivemos muito tempo para aceitar a verdade," continuou Graeham, destemido.

Blaec balançou a cabeça furiosamente. "Pela cruz de Cristo, Graeham!" Ele ajoelhou-se novamente ao lado da cama, tentando fazer com que Graeham compreendesse, tentando compreender

a si mesmo. "Será que você não vê que eu nunca me importei com quem herdou esta terra? Você não sabe que eu nunca lamentei nada —" a voz dele estava trêmula, e seus olhos se fecharam. "Salvo uma coisa," ele emendou com sinceridade, encontrando os olhos de Graeham mais uma vez, não importava quão doloroso era o assunto. "Sabemos o que é esta coisa..."

GRAEHAM ASSENTIU LENTAMENTE. "Juntamente com Drakewich... ela, também, é sua." Seus olhos estavam úmidos de lágrimas.

A expressão de Blaec aparentava incredulidade. Seus olhos se estreitaram. "É isso o que se trata tudo isso?" ele perguntou. "É isso, Graeham? Por que se for —"

"Não," Graeham falou, agora com um tom mais firme. "Isto não é sobre Dominique. Isto é sobre qual de nós é o legítimo herdeiro." Ele fez uma careta, segurando seu peito enfaixado. "É sobre qual de nós tem a força para proteger esta terra. Isto é sobre —"

Blaec balançou a cabeça, seus olhos de vitrificados. "Jurei minha lealdade a você, Graeham!" O

tom dele estava cheio de emoção. "Você não acreditou em mim quando eu devotei minha vida para você?"

"Sim!" Graeham explodiu, perdendo sua voz com a explosão da emoção. Ele engoliu. "Maldito inferno, Blaec!" Suas narinas se alargaram. "Eu acredito em você, seu bastardo." Ele apertou a mandíbula, e sua expressão se entristeceu. "Será que você não entende que isto não é apenas sobre você? Isso é sobre mim, também! Eu não quero isso —" ele apertou ainda mais os olhos, como se estivesse com dor, gemendo.

Blaec estendeu a mão para colocar uma mão sobre o peito dele, para acalmá-lo, sua própria mandíbula apertada tão fortemente com a emoção que ele pensou que ia se partir ao meio. Ele balançou a cabeça. "Deus... Eu nunca quis isso," ele disse com a voz rouca, fechando os olhos, tentando fazer com que Graeham entendesse.

Graeham prendeu-o pelo braço, apertando-o furiosamente. "Eu preciso que você queira," ele disse, balançando o braço. "Eu preciso que você aceite! Será que você não entende?"

Blaec abriu os olhos. "E se eu não puder?" ele perguntou baixinho.

Graeham levantou o queixo, os olhos brilhando. "Então vou embora, Blaec — eu juro! Vou embora e nós dois vamos ficar sem nada, ele

disse teimosamente. "Pague para ver se eu não vou fazer isso," ele desafiou.

Os olhos de Blaec se estreitaram. "E o que você vai ter se eu aceitar este ato de loucura?" ele perguntou sombriamente. "Como posso tirar o que é seu, Graeham, quando jurei defendê-lo ao invés disso?"

"Tenho meu orgulho," Graeham respondeu seriamente, como se isso fosse tudo o que ele desejasse. "Mas tomar o que é meu... o que era meu sempre foi seu," ele ressaltou razoavelmente. "E o que é seu... Eu sei que você vai compartilhar com generosidade."

Blaec não disse nada, apenas olhou, seu rosto parecendo ser feito de pedra, sem estar ainda convencido.

"Em troca eu juro para você minha fidelidade."

Por um longo momento houve apenas silêncio entre eles. Um silêncio pesado, irreduzível, pois

eles estavam diante de um impasse.

"Você não sabe o que você está me pedindo," Blaec, finalmente, disse um músculo nervoso se mexendo em seu queixo. "Você está me pedindo para ir contra o meu juramento de fidelidade para você. Um juramento que jurei com minha alma," ele ressaltou irritado.

Mais uma vez houve um silêncio, teimoso e premente.

"Com a minha vida."

"Você o fez," Graeham disse desviando o olhar. "Não pode ser desfeito."

"Mas claro que não pode!"

O olhar de Graeham se voltou para a empregada que estava no canto do quarto, assistindo-os com olhos incrédulos. Ele assentiu

com a cabeça para ela. "Traga-me a minha espada," ele pediu para ela.

"Sim, m-meu senhor!" ela disse de uma vez, mas ela hesitou, olhando nervosamente para Blaec.

Quando Blaec não disse nada, ela trouxe para Graeham sua espada manchada de sangue, ainda manchada da batalha. Graeham pegou a espada do seu pai e entregou-a para Blaec. "Então a use agora," ele murmurou.

BLAEC NÃO TOCOU NA ESPADA, apenas olhou para Graeham, achando que ele estava louco.

"Não posso viver com essa culpa na consciência por mais tempo," Graeham disse com paixão.

"Deixe-me finalmente viver!" ele exigiu.

"Isto é loucura," Blaec gritou balançando a cabeça. "A culpa não foi sua, Graeham. Você não vê isso?"

Graeham impulsionou a espada para ele, seu rosto ficando vermelho em sua fúria. "Deixe-me viver, Blaec," ele insistiu. "Ou me deixe morrer! Termine o que Beauchamp começou!"

"Deus! Não há nada que eu possa dizer para fazer você ver a razão?" Blaec perguntou. "Não há nada que eu possa fazer?" Ele balançou a cabeça.

Graeham, também, balançou a cabeça. "Não, nada," ele afirmou. "Absolutamente nada. Você não pode entender Blaec, porque você não mora no meu corpo." Ele estreitou os olhos e se levantou da cama, esquecendo dos seus ferimentos em sua fúria. "Você não pode saber o que a retaliação do nosso pai contra você e nossa mãe me custou. Não tire isso de mim agora."

"Não tirar isso de você?" Blaec repetiu incrédulo. "Mas por Deus, você está me pedindo que eu leve tudo!"

"Sim, e você ainda vai me dar minha liberdade em troca," Graeham falou. Tremendo, ele caiu para trás em cima da cama, seu rosto transpirando do esforço e de dor que esta nova batalha tinha custado.

"Você está fraco e ferido e não pode pensar direito," Blaec disse. "Pense sobre isso —"

"Não! Não há nenhuma necessidade de pensar. Minha decisão foi tomada muito antes de deixar

Drakewich. Por que você acha que eu não disse para onde eu ia, Blaec? Por que você acha que eu não deixei você ir comigo? E sim, por que você acha que eu o empurrei sempre que eu pude?" ele afirmou, acenando quando os olhos de Blaec pareciam que iam voltar a interrogá-lo. "Você estava certo."

"Isso é loucura!" Blaec exclamou mais uma vez, vendo a expressão de Graeham.

"Talvez seja... mas eu quero que você pegue o que eu ofereço assim mesmo. Ou juro que vou

embora e deixo a nós dois sem nada."

"Onde?" Blaec desafiou. "Para onde você iria, Graeham?"

Graeham deu de ombros. "Para a igreja," ele disse sem fervor e em seguida apertou os olhos,

fazendo caretas.

"Dane-se!" Blaec passou uma mão pelos seus bigodes, com medo que Graeham tivesse se esgotado. "Completa e total loucura!" Ele

finalmente assentiu com a cabeça. "Sim, mas se te agrada, devo concordar com isso," ele cedeu, "embora com uma condição... que você aceitará de volta se você tiver vontade de ser o senhor de novo."

A mandíbula de Graeham se fixou teimosamente. Ele abriu os olhos sombreados, encontrando o

olhar de Blaec. "Eu nunca tive vontade de ser o líder," ele disse com honestidade. "Você sempre foi o líder aqui — mesmo quando você não tinha o título. Drakewich por direito é seu, meu irmão —

sempre foi — seu, você goste ou não — nunca foi meu. Esta é a minha vontade e a do nosso rei. Deus é minha testemunha, nunca vou querer de volta."

Blaec não sabia o que dizer. Sem conseguir falar por causa das palavras apaixonadas de Graeham, ele sentou, sua mandíbula trabalhando enquanto ele pesava a decisão mais difícil da sua vida. Alguma parte dele reconhecia a verdade das reivindicações de Graeham. Outra parte dele queria recusar pela honra.

Mas quem sofria a maior consequência da honra aqui?

Graeham, pois Blaec o conhecia muito bem. Se ele precisava fazer isto tão desesperadamente —

e parecia que ele precisava — que assim fosse. Ele não ficaria no caminho de Graeham. Ele assentiu para demonstrar que estava de acordo. "Muito bem, Graeham," ele cedeu com um suspiro, "como você quiser..."

"Sim," Graeham assegurou-lhe de uma vez. "Agora, finalmente, tudo será como sempre deveria ter sido —"

Uma batida na porta os interrompeu.

"EU ATENDO, meu senhor," Alyss declarou.

Com a intenção de dizer-lhe para não se incomodar, que ela já tinha ajudado bastante, e que ele

mesmo atenderia, Blaec virou-se, mas ela já estava correndo em direção à porta. Ele não teve coragem de impedi-la agora. Ela abriu, revelando a cara sóbria de Edmund, um dos cavaleiros mais

antigos em sua guarnição.

"O que está acontecendo Edmund?" O rosto de Edmund estava vermelho e ele pareceu hesitante em falar. Blaec levantou-se para enfrentá-lo, os pelos na parte de trás do pescoço se arrepiando instintivamente. "Edmund?"

O rosto do cavaleiro estava meio torto. "Meu senhor," ele começou. Sua sobrancelha arqueada.

"Não tenho idéia se é importante, ou não, mas eu pensei que eu deveria lhe dizer de qualquer maneira..."

Blaec ficou tenso. "Diga-me o que está acontecendo?"

"Bem, meu senhor... É a senhora Dominique..."

O seu sentimento de mal-estar se intensificou. "Fale homem!" ele ordenou. "O que tem ela?"

"Bem, veja, meu senhor... pode não ser nada... é só que... bem, quando ela apareceu no portão cedo esta manhã, não pensei muito nisso. Só mais tarde... quando o *almoner* veio e me pediu para deixá-lo passar, eu comecei a pensar."

Blaec franziu a testa. "Eu não entendo."

Edmund se endireitou. "Bem, meu senhor... Você está ciente de que a senhora Dominique leva as ofertas do *almoner* à aldeia todas as

manhãs?"

Blaec assentiu com a cabeça, seguindo até o momento. "Eu estou."

"Bem, esta manhã ela veio falar comigo da mesma maneira que os outros dias... e pensei... bem, meu senhor... não pensei em nada," Edmund admitiu, com o rosto vermelho. "E mais tarde o *almoner* veio, e eu comecei a me perguntar por que a senhora Dominique não tinha levado as ofertas da manhã — embora ela tenha saído com um saco," ele explicou. "Eu esperei, pensando que ela ia voltar a qualquer momento... mas ela ainda não voltou, e eu pensei que eu deveria vir e lhe dizer."

O estomago de Blaec começou a revirar. Ele se virou para olhar para Graeham e depois para Alyss — ela ficou nervosa sob seu escrutínio — e depois olhou novamente para Edmund. "Há quanto tempo ela saiu?"

Ele encolheu os ombros. "Há horas, meu senhor."

"Horas? E só agora você vem falar comigo?"

Edmund abaixou a cabeça. "O *almoner* voltou há pouco tempo," ele explicou, "e então eu pensei..." Ele olhou para Blaec. "Bem, eu hesitei em me intrometer," ele disse. E, em seguida, olhou para Graeham, "é muito bom vê-lo respirar de novo, meu senhor." Ele assentiu. "Muito bom mesmo."

"Obrigado, Edmund," Graeham respondeu. "É muito bom respirar novamente," ele confessou.

"Sim, bem..." O olhar de Edmund se voltou para Blaec. "Isto é tudo, meu senhor. Há alguma coisa que você quer que eu faça?"

"Vá atrás dela, Blaec," Graeham o instigou.

Blaec ficou um instante parado balançando a cabeça. Ele não podia deixar o irmão, e também não podia deixá-la ir embora. Só o pensamento dela estar de volta nas mãos do irmão o deixava gelado. Ele tinha que ir. Ele virou-se para Alyss. "Posso contar contigo, Alyss... para permanecer ao lado do meu irmão?"

"Sim, senhor," Alyss respondeu ao mesmo tempo, dando ansiosamente um passo à frente. "O

tratarei com lealdade," ela jurou.

Blaec assentiu e virou-se para Edmund. "Sim, Edmund, tem algo que eu preciso que você faça.

Prepare a minha montaria e reúna cinco homens para irem comigo. Envie outro para cá para cuidar

de Graeham." Ele virou-se para Alyss. "Não lhe peço desculpa, moça," ele disse para ela. "Eu não posso arriscar a vida do meu irmão."

ELA ASSENTIU COM A CABEÇA, aparentemente sem entender. Mas ela baixou a cabeça e disse, "Sim, senhor. Eu entendo. Eu faria o mesmo."

Ele assentiu com a cabeça com apreciação e virou-se para Edmund. "Vá," ele disse. "Vá rapidamente, e tenha as portas abertas e diga aos cinco homens que me juntarei a eles em breve."

Edmund se virou e correu para fazer o que seu senhor tinha lhe pedido.

Blaec virou-se para olhar para seu irmão. Ele olhou para ele por alguns momentos. Tantas emoções passavam por sua cabeça neste instante, muitas emoções para que ele conseguisse reconhecê-las. Ele era grato porque Graeham estava vivo, grato por sua afeição, grato por seus laços de sangue. "Faça-me um favor," ele propôs.

A testa de Graeham se levantou. "Outro?"

Blaec riu, mas os olhos dele estavam escuros com emoção. Ele balançou a cabeça. "Tente não morrer enquanto eu estiver fora."

"Não me atrevera," Graeham disse. E depois acrescentou, "você deve encontrá-la, Blaec... Não permita que ela volte para as mãos daquele diabo."

Blaec assentiu com a cabeça e disse com a voz rouca de emoção, "é o que eu pretendo Graeham." E então se virou para ir.

27

Dominique estava viajando há algumas horas sob o calor do sol. Ela olhava para cima, e viu pela

posição do sol que devia ser perto da *nones* (25). Embora ela não pudesse ter certeza da hora quando cada minuto parecia rastejar até o próximo.

Agora, o vestido dela estava encharcado com o suor do seu corpo, e conseqüentemente, preso à

pele como se estivesse encharcado de água. E o cabelo dela, como o vestido, agarrava-se em seu rosto em cachos indisciplinados, úmidos — deixando-a ainda mais irritada.

Ainda assim, ela se sentia grata de não estar sendo seguida até agora — pelo menos ela não achava que estava sendo seguida. Em alguns momentos seus ouvidos ouviam alguns barulhos, mas até agora seus medos eram infundados. Os sons não eram mais do que os barulhos normais das florestas: uma lebre corria até a sua toca, um roedor corria pelo mato, os pássaros voavam entre as árvores. Cada som parecia conspirar contra os nervos dela.

Não havia ninguém, ela disse para si mesma... ninguém a seguia... apesar de uma pequena parte

dela se atrever a ter esperança, mesmo ela rezando que não fosse ele.

Mais do que isso, porém, Dominique rezava para que Graeham estivesse vivo, pois se ele não

estivesse ela achava que não poderia suportar.

Jesus, e se foi, de fato, William que o emboscou?

O que ela faria se descobrisse que William tinha emboscado Graeham e seus homens e tinha deixado Graeham ferido para morrer? Ela estremeceu com o pensamento.

Certamente havia muito sobre o irmão dela, que ela não sabia. Depois de certa época, ele tinha se

fechado e se afastado dela. Ainda assim, ela não podia imaginá-lo capaz de tal vil traição. Não importava o quanto ela tentasse, Dominique não conseguia imaginá-lo capaz de tal violência, pois isso não fazia nenhum sentido. Afinal de contas, a razão de William negociar a união dela com Graeham d'Lucy era que os filhos de Dominique — sangue de William — acabariam governando estas terras em nome da Inglaterra. Se William matasse Graeham, como isso poderia possivelmente

servi-lo?

A menos que... ele tivesse planejado matar Graeham depois que ele e Dominique estivessem devidamente casados...

Dominique abanou a cabeça, recusando-se a acreditar que ele poderia planejar tamanha

atrocidade. O irmão dela não era um simplório. Certamente ele deveria ter considerado que se Graeham morresse... na melhor das hipóteses sua pretensão a ter Drakewich não teria valor — não

quando Graeham tinha um irmão gêmeo mais velho para contestar isso. E Dominique tinha certeza de

que Blaec contestaria.

Nem William iria ignorar o óbvio. Ele não ganharia nada em atacar Graeham antes da

cerimônia. E ela e Graeham ainda não tinham casado. Mesmo se ele estivesse planejando algo tão nefasto, ele teria esperado até depois do casamento.

Quanto mais ela pensava... menos sentido ela via nessa trama. E tudo se resumia em uma coisa:

William tinha pouco, ou nada, a ganhar com esta jogada. O irmão dela não podia ter feito uma emboscada para Graeham.

Ela simplesmente se recusava a acreditar nisso.

A cada minuto que passava, com toda lógica que ela estava usando, ela sabia que estava fazendo

a coisa certa em avisar William das suspeitas contra ele. Embora ela amasse Blaec ferozmente, William tinha o mesmo sangue dela, e ela não podia desconsiderar isso. Ela não podia permitir que o irmão dela sofresse injustamente.

Ela simplesmente tinha de lhe dizer do que eles o tinham acusado — e sim, ela tinha que ouvir a

negação dos seus próprios lábios.

Dominique continuou cavalgando, ignorando a sensação de fome e exaustão da melhor maneira

que ela podia. Quando ela chegou a um riacho, ela pensou em descer do cavalo e mergulhar, porque

estava insuportavelmente quente. Ela desmontou imediatamente e levou seu cavalo até a água.

Deixando o animal se refrescar por si só, e ela ficou de joelhos e jogou água no rosto e no pescoço.

Fechando os olhos, ela saboreou o alívio trazido pela frieza da água.

ELA ENTÃO COLOCOU suas mãos em concha para trazer a água até os lábios, bebendo profundamente e

desesperadamente. Quando a primeira porção de água acabou, ela trouxe outro punhado até seus lábios e outra, até que ela ficou totalmente satisfeita.

E então, como uma criança deitada na grama orvalhada, ela se sentiu tão repleta que estava incapaz de se mover. Ela olhou para o céu, julgando o tempo e a distância.

Por Deus, mas parecia que tinha sido muito menos tempo quando eles foram *para* Drakewich.

Com certeza ela agora estava perto de Amdel... Ela tinha que estar.

No entanto, ela ainda não via nada familiar.

Mas quantas vezes ela tinha deixado os muros de Amdel? O pai dela e depois seu irmão raramente tinham permitido que ela se aventurasse além deles. Ela tinha espiado a terra vizinha somente pela janela da torre. A única coisa que ela sabia com certeza era que

a terra de Amdel era muito menos verdejante do que a de Drakewich.

Ela ergueu a cabeça, olhando a paisagem. Havia muito menos vegetação agora. Até as florestas

que ela tinha deixado tinham menos árvores. E na sua frente, havia outro caminho; ele, também, era menos denso.

E Santa Maria, ela estava com fome.

Ela franziu a testa, levantou-se do chão, limpou seu vestido com as mãos, e acariciou seu cavalo,

antes de ir procurar o saco que ela tinha amarrado na sela. Ela encontrou tanto o pão quanto o queijo que ela tinha colocado, e como não tinha ninguém para observar suas maneiras, ela não se preocupou a mínima como ela comia. Como uma camponesa suja, com fome, enfiou os pedaços de comida dentro de sua boca, grata porque ela tinha pensado em trazer esta comida. Ela não se importava se ela estava velha, e não se importava em parecer uma louca consumindo-a.

Quando ela acabou, ela limpou as migalhas de seu rosto com a manga da blusa, se dobrou para

beber mais água do riacho, para em seguida, limpar seu vestido com as mãos. Com isto feito, ela pegou as rédeas de sua égua e começou a andar em direção ao bosque a sua frente, com a intenção de se aliviar. Embora fosse duvidoso ela ser espiada ela devia fazê-lo aqui, porque apesar de não haver nenhuma garantia de que alguém pudesse vir, ela não podia aguentar mais tempo. Embora as árvores

atrás dela estivessem mais perto, ela não desejava ir para trás mesmo se fosse apenas alguns passos.

Ela não sabia quanto mais ela podia suportar isso.

Nunca em sua vida ela tinha se sentido num estado tão desesperado. Mas tudo valeria à pena quando ela finalmente enfrentasse William, e ele lhe assegurasse de uma vez por todas que ele era inocente.

As trilhas foram se tornando cada vez mais frescas.

Blaec estimava que Dominique tivesse passado por este caminho não mais do que trinta minutos

antes deles. Longe de estar satisfeito com o progresso que eles estavam fazendo, ele estava

começando a ficar nervoso a cada minuto que passava. A cada milha que cobriam, eles estavam mais e mais perto de Amdel.

Será que ela já tinha chegado?

Esta possibilidade bateu como ácido em seu estômago. Ele apertou os dentes enquanto saía da floresta e então de repente freou sua montaria, exortando seus homens a fazer o mesmo, porque ele a viu ao longe e seu coração começou a martelar como o de um jovem imberbe.

O nó em seu estômago parou quando ele viu que ela não tinha alcançado seu irmão — ainda não.

Embora ela estivesse perto o suficiente do seu destino para fazê-lo sentir-se inquieto. A última

coisa que ele queria era que ela sentisse pânico agora. Se ela o visse e aproveitasse a oportunidade para montar ela veria que estava a poucas milhas de distância das torres de Amdel, e era a última coisa que ele precisava agora — ser espionado por homens do irmão dela — não quando ele estava

mal preparado para enfrentá-los.

POR UM INSTANTE, ele se sentou e assistiu totalmente alheio da presença de seus homens, ele a viu entrar no bosque à frente deles. Blaec esperou só mais um momento, e em seguida, exortando seus

homens para ficarem para trás, ele a seguiu sozinho. Ele desmontou, deixando seu *destrier* (26) para fora do matagal e depois entrou tão furtivamente quanto ele era capaz.

Levou apenas um momento para localizá-la, pois ele viu o topo da cabeça dela, muito pouco visível acima de um arbusto onde ela se agachou, não muito longe de onde ele estava. Mijando, ele

pensou, e cantando baixinho, e seu rosto se fechou com a má sorte do momento que ele tinha escolhido.

Ele tinha que sufocar o impulso de se virar e reprimir a privacidade que ela tinha procurado, pois ele não estava disposto a perdê-la de vista novamente. Por Deus, mas ele estava feliz por não ter trazido seus homens, ele decidiu, quando ele se agachou e foi em sua direção.

Bem, se ele esperava pegá-la desprevenida e despreparada para fugir dele... não havia nenhum momento melhor do que este.

A última coisa que Dominique não estava a fim agora era cantar, mas ela o fazia porque ajudava

a dissipar a melancolia. Ela cantava um verso de uma canção que ela vagamente recordava a mãe cantando e em seguida esqueceu as palavras quando ela estava na metade da música. Tentando não pensar no seu desconforto, ou no seu cansaço — ou no fato humilhante dela aliviar sua bexiga à vista de Deus — ela suspirou em desgosto e tentou mais uma vez:

"Meu marido é extremamente ciumento, arrogante, cruel e severo... mas ele logo será um corno

se eu puder encontrar um doce amante, um homem de requinte e charme. Veja, eu não me importo nem um pouco com maridos... porque eles não gostam de nada que valha à pena. Estou lhe dizendo:

nós devemos desprezar o cafajeste que está cheio de maldade!"

Ela assentiu com a cabeça, bastante satisfeita por ela ter se lembrado desta vez e continuou:

"Nem por todas as riquezas de *Citeaux* (27) deve uma senhora de coração alegre e adorável se casar, diz *Etienne de Meaux* (28); Ela deve ter um amante em vez disso... e vou acreditar nele e ter um amante! Ah... Estou lhe dizendo: nós devemos desprezar o cafajeste que é —"

"Cheio de maldade..."

Ouvindo o acompanhamento inesperado, Dominique gritou e ficou de pé, o rosto dela alarmado

quando ela empurrou sua saia para baixo.

Blaec limpou a garganta, franziu os lábios para suprimir sua risada. De pé diante dele, ela parecia mais uma órfã do que uma mulher em sua túnica azul surrada, com o rosto manchado de pó

— mas ah, que órfã linda que ela era.

Seu vestido úmido se apegava ao corpo dela, revelando cada curva deliciosa. E Cristo... ele se

lembrava muito bem das curvas. Sua boca ficou seca com desejo. Por Deus, ele estava feliz que seus homens tivessem permanecido

para trás, pois se ele encontrasse o olhar deles olhando para ela agora, ele achava que podia passar sua espada neles.

Ela estava atordoada sem palavras, ele podia ver, e ele levantou uma sobrancelha, sentindo seu

coração se iluminar de alívio por finalmente tê-la encontrado.

"Você!" Dominique, exclamou: reencontrando sua voz. E então mais irritada, "Você!" Ela voou para ele, como uma mulher zangada, esmurrando seu peito furiosamente com os punhos cerrados.

Rindo, embora tentasse parar, ele segurou seus pulsos. Entre sua expressão de alívio e sua expressão de enfurecido, ele pensou que a situação era hilária.

"Dominique!" ele rugiu. "Pare minha jovem."

"Nunca!" ela jurou. "Eu juro que vou matar você aqui e agora!"

"Sério?" ele perguntou a ela e então explodiu em outra risada enquanto tentava evitar as pernas dela enquanto ela tentava chutá-lo. "Apenas, antes de você conseguir... diga-me," ele disse, quando pode respirar um pouco, "onde você aprendeu uma música tão obscena como essa?"

"Minha mãe!" ela disse violentamente, lutando para libertar-se das suas mãos implacáveis. "Seu cafajeste sem educação!"

"Cafajeste?" ele disse, mais uma vez explodindo em gargalhadas. "Como a sua canção?"

"HÁ QUANTO tempo você estava escutando?" Ela exigiu, chutando sua canela.

"Ai! Cuidado com os pés, demoiselle. Eles são uma arma mais perigosa do que a minha espada."

"Há quanto tempo?" Ela exigiu, as bochechas totalmente rosadas.

"Por Deus, se eu pudesse ter previsto isso, estaria usando minha armadura, mulher! Apenas um

verso ou dois," ele cedeu, respondendo honestamente, tentando preservar as pernas de novos danos.

Ela se calou olhando para ele, seus olhos azuis brilhantes em sua fúria. "Oh! Você é vil!"

Ele levantou a sobrancelha, sorrindo. "Verdade?"

"Verdade!"

Ele deu-lhe um olhar ferido. "Você me machuca, demoiselle."

"Não posso acreditar que você veio me espionar aqui! Como se atreve!" ela gritou.

Seus lábios se curvavam. "A verdade demoiselle, é que não há uma única parte do seu delicioso corpo que eu não conheça intimamente."

Ele podia ver nos olhos dela que suas palavras a tinham afetado tanto quanto a verdade o tinha

afetado. Mesmo agora, ele estava excitado. Dolorosamente. Apesar do fato de que ele soubesse que

não tinha nenhuma possibilidade dele se aliviar aqui neste momento. Não aqui. Não agora. Embora se ela o chutasse mais uma vez, apenas um pouco mais alto desta vez, ele ficaria curado por toda a eternidade, ele pensou ironicamente.

"Na verdade, Dominique," ele continuou, num tom mais baixo e mais rouco, "as imagens estão ainda nítidas na minha mente."

O rosto dela ficou vermelho — vermelha de raiva, ele pensou, pois seus olhos de cor safira se

estreitaram. "Você não viu *isso!*" ela disse com veemência.

"O que?" ele perguntou, incapaz de deixar de incitá-la. "O que é que eu não vi?" Seu sorriso aumentou, apesar dele tentar segurá-lo.

Ela ficou tão corada que ele pensou que ela fosse gritar. "Você sabe muito bem," ela o acusou, recusando-se a esclarecê-lo.

"Oh", ele disse, ampliando seu sorriso. Ele assentiu com suas sobrancelhas subindo. "Entendo..."

Ele segurou os pulsos dela ainda mais apertado, para que ela não os usasse para surrá-lo novamente.

Lançou um olhar significativo para o chão onde ela tinha estado de cócoras. "Quer dizer você

mijando?"

Ela gritou indignada e esforçou-se ainda mais ferozmente para libertar-se. "Porco! Patife!

Imbecil! Não acredito que você disse isso para mim!"

Ele fechou a boca, resistindo à outra explosão de riso. Ele teve que lutar contra a vontade de trazê-la para perto e tocá-la, acariciá-la, beijá-la sem parar. Deus, como ele queria. Ele queria fazer amor com ela aqui e agora, queria marcar a pele dela com o amor dele, fazê-la dele por toda a eternidade. Ele queria dizer-lhe que não havia nada para atrapalhar o caminho deles, pois agora eles tinham a bênção de Graeham. Ele queria dizer tanta coisa. Com Deus como sua testemunha, ele não

sabia o que faria sem ela.

"Que linguajar," ele advertiu, seus olhos a acariciando, enquanto as mãos dele não podiam.

"Parece que terei de curá-la, de uma vez por todas, demoiselle," ele disse sobriamente. "Afiml, não podemos permitir que a senhora de Drakewich fale essas obscenidades."

Seus olhos azuis se tornaram sombrios. "Nós dois sabemos que eu não sou a senhora de Drakewich — e que nunca serei," ela o encarou. "E você é cruel me insultando com estas palavras!

Deixe-me ir!" Ela inclinou a cabeça, rogando-lhe.

"Nunca!" ele jurou, embora finalmente largando seus pulsos. "Por que você foi embora, Dominique?" ele perguntou.

Dominique simplesmente olhava para ele, a expressão dos seus olhos aparentemente

atormentada como suas próprias emoções. "Você precisa me deixar voltar para Amdel. 'É melhor para todos."

"CRISTO, Dominique..." Seu rosto aparentava tristeza. "Melhor para quem? Você não pode realmente esperar que eu simplesmente deixe você ir embora?" ele disse incrédulo e queria que ela visse a verdade em seus olhos — que ele não podia viver sem ela. Ele queria dizer as palavras, mas parecia que sua língua estava amarrada. Ela parecia não conseguir ler sua expressão de maneira nenhuma.

Ela levantou o queixo dela. "Por quê?" Ele viu o instante que ela tinha endurecido o coração dela contra ele. "Diga-me, meu senhor... você está com medo que eu vá dizer para meu irmão o que você planeja? Isso pode estragar a sua vingança? É isso?"

Seu rosto endureceu com a sua acusação, porque isso o forçou a considerar esta possibilidade.

Talvez fosse esta a intenção dela — traí-lo, como ele primeiro suspeitou que ela fosse fazer.

"Estou pensando sobre isso," ele disse, piscando, e apertando sua mandíbula.

"Bem, você pode voltar para Drakewich!" Dominique disse ferozmente. "Não vou voltar com você, afinal de contas." Ela se virou e foi em direção ao palafrém que ela tinha amarrado nos arbustos a alguns pés de distância.

Ela realmente achou que ia acabar assim?

Ela achou que ele era louco? Estúpido? Que ele ia desistir tão facilmente? Ele ficaria arrasado

por ter vindo até aqui, só para vê-la ir embora — não importava a intenção dela.

Mas ele não acreditava que ela não o queria. Nenhuma mulher que fez o amor como ela fez podia dizer que não estava apaixonada. Nem ele achou que ela queria traí-lo — embora se ela o fizesse, ele se sentiria amaldiçoado se a deixasse ir agora. "Sim?" Ela desafiou. "Bem, vamos ver."

Ele se mudou na direção dela de propósito.

Dominique sentiu seu avanço e fugiu, mas ela não foi rápida o suficiente. Ela gritou indignada

quando ele a levantou e a colocou por cima do ombro.

"Não acredito que você vai fazer isso de novo! Você é um imbecil! Você não tem educação? Não

vê que eu quero ir para casa? Deixe-me ir!" Ela exigiu furiosamente.

"Você deve, de fato, ir para casa, demoiselle."

Ela não o entendeu. "Gostaria de ir para casa agora! Não amanhã! Você está me ouvindo? Deixe-me ir!"

Ele bateu em seu corpo, e ela gritou irritada. "Isto é porque você tentou me chamar de simplório!" ele disse sem significado real.

"Oh! Você! Liberte-me de uma vez, seu cafajeste arrogante! Deixe-me ir," ela suplicou, se contorcendo descontroladamente. "Blaec!" ela gritou. "Deus é minha testemunha, mas eu farei você se arrepender! Ponha-me no chão!"

"Acho que não," ele disse arrastando-a para fora do matagal e levando-a para a sua montaria.

(25) None s - hora da qui nta pre ce (na i g re ja).

(26) De s tri e r – corce l .

(27) Ci te aux – e m l ati m Ci s te rci um, é uma al de i a, l ocal de uma famos a Abadi a, na re g i ão de Côte -d ' Or, Borg onha, na França, ao s ul de Di jon.

(28) Eti e nne de Me aux – compos i tor francê s de mús i ca fol cl óri ca da é poca me di e val .

28

Ele parou quando saiu da floresta para a luz brilhante do sol, e Dominique sentiu uma súbita tensão nos músculos dos braços e rigidez nas costas dele. Na mesma hora ela soube que algo estava errado e tentou se virar para ver o que tinha chamado a atenção dele, mas não conseguiu se virar para ver o que estava acontecendo. Ele não estava facilitando para ela, da forma que ele a estava carregando.

"Sugiro que você faça o que a senhora Dominique está pedindo," uma voz masculina familiar falou.

Mais uma vez, Dominique tentou se virar e foi impedida pela sacudida raivosa que Blaec deu nela. Ela sufocou o desejo de atacá-lo com seu punho fechado. Por Deus, no momento ela não queria nada além de colocar as mãos sobre o pescoço dele e estrangulá-lo. "Me — coloca — no chão!" Ela exigiu através dos dentes cerrados

"Faça o que ela pede, d'Lucy."

Embora relutante, ele assim o fez, finalmente, colocando-a lentamente no chão, e Dominique virou-se para ver de quem era a voz — Rufford, capitão do irmão dela.

E ele não estava sozinho.

Sete outros soldados armados do seu irmão os cercavam a cavalo. Seis cercaram os cinco soldados de Blaec e um se juntou a Rufford, parado diante de Blaec. Um dos homens tinha uma besta

apontada diretamente para o peito de Blaec.

O coração dela começou a martelar com força, não com medo de si mesma, mas com medo por

Blaec, porque os olhares em seus rostos diziam tudo o que ela precisava saber. Eles iriam matá-lo, ela percebeu e se afastou de Blaec no mesmo instante, indo para perto dos homens do seu irmão para que ele não ficasse tentado a contestá-los. Pelo olhar de Blaec, ela sabia muito bem que ele estava pensando em fazer isso, e ela queria deixar bem claro o que ela desejava.

Seus olhos estavam gelados quando encontraram os dela, e estava claro que ele pensava que seu

gesto tinha sido uma traição. Mas ela não podia evitar, ela disse a si mesma. Ela preferia que ele achasse que ela o tinha traído do que resistir e morrer.

"Você não tem que ir," ele murmurou baixo, um músculo vibrando em sua mandíbula. "Diga apenas uma palavra, Dominique, e eu não deixo eles te levarem."

Ele esperou por sua resposta, e Dominique dificilmente poderia falar porque a emoção estava presa em sua garganta. Ela balançou a cabeça e novamente se aproximou dos homens do seu irmão.

"Eu... Eu tenho que ir," ela disse. "Eu preciso saber a verdade — eu quero saber Blaec."

Seus olhos brilhavam de fúria. "Pergunte para eles," ele a incitou, indicando os homens do seu irmão. "Pergunte a eles, Dominique, e você vai saber!"

"Não!" ela se recusou, indo em direção aos soldados do irmão. Ela levantou a saia e correu, com medo que se ela não fosse agora, ela podia mudar de idéia e sentir vontade de ficar, porque o olhar dele rasgava seu coração em pedaços.

"Dominique!" ele a chamou.

O capitão do irmão dela levantou-a para sua montaria, tudo o que Blaec pode fazer foi ficar olhando para eles, seu olhar condenando-a como nunca a tinha condenado antes.

Ela não podia dar-se ao luxo de se arrepender. "Devo perguntar a William olhando na cara dele,"

ela disse para ele, rogando em seu coração que ele entendesse. "Você não pode ver que isso é a coisa

certa a fazer?"

Ele não disse nada, apenas olhou para ela, seu rosto inexpressivo.

"Você não faria o mesmo?" ela raciocinou.

Ainda assim ele não disse nada, e quando Rufford se virou, apontando para os outros sete, ela

viu Blaec estender a mão para seus próprios homens para permanecerem onde estavam, seu rosto parecendo uma máscara de pedra. Mesmo assim, ela suspirou de alívio, mesmo quando ela se engasgou com a tristeza dela.

"PERDOA-ME," ela implorou, pois ela dificilmente podia encontrar sua voz agora. E então, para que ele não visse as lágrimas que se seguiram, ela se virou na montaria enquanto Rufford incitava o cavalo para longe da clareira.

Ela podia sentir os olhos de Blaec queimando dentro dela. Ela não ousou se virar, pois não podia

enfrentá-lo novamente. Como tudo tinha acontecido, ela temia que nunca se esquecesse do seu olhar, pedindo-lhe para ficar. Não importava que ela quisesse isso desesperadamente, ela tinha que ir. E

sabendo que era a última vez que ela o via, ela não podia suportar recordá-lo essa maneira.

O coração dela se torcia de dor, ela chorava contra o peito de Rufford, sem se importar que ele

pudesse ouvi-la — nem mesmo se importava que sua armadura estivesse cortando sua bochecha. A

dor parecia insignificante em comparação com a dor que atravessava o coração dela.

Ainda assim, ela sabia... que essa era a coisa certa a fazer. Ele faria o mesmo por seu próprio irmão.

William estava sentado na cadeira do lord quando Dominique entrou no hall. Quando ele a viu,

sua expressão se iluminou e ele se levantou na mesma hora, primeiro parecendo feliz e então de repente desconcertado por vê-la.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, Dominique correu para abraçá-lo, precisando, em sua dor,

sentir os braços reconfortantes do irmão. Ela sentiu consolo em sua recepção e chorou, abraçando-o mais desesperadamente do que ela tinha abraçado Rufford.

"Nós a encontramos na clareira, meu senhor," Rufford relatou para William ao mesmo tempo.

"Ela estava fugindo do d'Lucy — o filho da mãe! Ele a tinha colocado por cima do ombro como um saco de comida."

"Eles foram embora?" O tom de William estava zangado, mas calmo. Ele a acariciava de volta com a palma de sua mão.

"Sim, meu senhor. Eles foram, mas ela está chorado assim desde que nós a resgatamos do d'Lucy. "

William ficou rígido. A mão acariciando suas costas. "Pode ir," ele falou para Rufford. E então ele esperou, certificando-se que ele tinha ido. "Dominique?" ele falou depois de um momento.

Dominique olhou para ele, o rosto manchado de lágrimas, os olhos inchados.

Seus olhos brilhavam como uma jóia, deixando-a surpreendida com a intensidade que ela viu.

"Ele magoou você?" ele perguntou baixinho, o maxilar tenso.

Dominique evitou seus olhos, incapaz de enfrentá-lo com a vergonhosa verdade — que ela tinha

caído de amor pelo d'Lucy errado. "Não," ela disse, contendo as lágrimas salgadas. "Ele não me magoou."

Seu corpo ainda estava rígido. "Por que, então, você chora?" ele perguntou para ela, sua voz dissonante agora.

Dominique abanou a cabeça, incapaz de falar, sentindo sua desaprovação, embora ela não pudesse discernir sobre o que. O que ela tinha feito? Ela pensou que talvez ele estivesse zangado porque ela tinha fugido de Drakewich. Mas se ele soubesse... se ele soubesse como o tinham acusado...

Ela balançou a cabeça, sabendo que era seu dever lhe dizer. "Oh, William," ela falou chorando.

"Eles estão te culpando pela traição contra Graeham — apesar de eu ter dito para eles que não podia ser. Eles foram —"

"Graeham está vivo?"

Dominique acenou com a cabeça. "Eu... Eu não sei," ela respondeu honestamente, seu rosto desanimado. Somente agora ocorreu a ela que ela nem sequer tinha perguntado para Blaec se seu irmão estava bem — em sua fúria, ela nem sequer se preocupou em considerar esta pergunta, e agora

se sentia atormentada. "Eu-eu saí assim que eu fui capaz," ela admitiu, "não pensei em perguntar..."

E, em seguida, outro pensamento ocorreu-lhe de repente e ela engoliu convulsivamente. William

tinha perguntado se ele estava vivo... sem surpresa e sem raiva que eles o tivessem acusado de algo tão errado. "Blaec não estava

zangado," ela raciocinou, "Então eu acredito que Graeham está vivo.

William," ela começou com cautela, "você não é responsável..."

ELA LEVANTOU seu queixo quando ele não respondeu. "Diga não," ela exigiu.

Seu rosto permanecia uma máscara ilegível, inexpressiva, embora seus olhos azuis

continuassem a brilhar friamente.

"William — Ah, não!" Dominique olhou para longe ao mesmo tempo, horrorizada com o seu silêncio. "Não! Não! Ah, Deus — não! Diga-me que não foi você!"

Seu rosto se torceu de repente, transformando-se diante dos seus olhos. "Por que você se importa?" Ele estendeu a mão, apertou o braço dela firmemente e a trouxe em direção a ele, seu rosto floreado em sua fúria. "O que ele é para você, minha irmãzinha — você levantou sua saia para ele?"

Levantou?" ele exigiu cruelmente.

Dominique arrancou-se das mãos dele e deu um passo para trás com horror, não querendo ouvir

mais nada. Ela tapou os ouvidos com as mãos, balançando a cabeça enquanto ele a seguia.

O coração dela quase parou quando ele a apoiou contra uma parede, colocando seus braços longe do seu rosto e fixando-os na pedra em suas costas. Ele esmagava impiedosamente suas mãos

sob as palmas das suas mãos.

"Sério?" ele exigiu. Ele empurrou o joelho, entre as pernas dela. Dominique começou a chorar de dor e de medo. "Você o deixou ficar

entre suas pernas, Dominique?"

Ela balançou a cabeça freneticamente, incapaz de responder.

"Responde-me! Fala! Maldita, sua imunda prostitua!" Ele começou a tremer, ferozmente, enquanto ele a forçava impiedosamente contra a parede — como se ele fosse enfiá-la dentro dela.

Como um menino, seus olhos se fecharam de repente como se ele chorasse — e ele ainda tremia

— e então de repente ele gritou e Dominique ficou dividida entre seu medo dele e seu desejo de acalmá-lo, porque não importava o que ele fosse, ele ainda era seu irmão. Ela olhou para ele com os olhos arregalados, sem entender o que estava acontecendo, mas desesperadamente tentando

compreender. Ele abriu os olhos e olhou para ela, a falta de reconhecimento em seu olhar era aterrorizante.

"William?"

Sem aviso, ele baixou a boca até os seus lábios. Dominique gritou e tentou desviar o rosto dela,

incapaz de acreditar que isto estava acontecendo com ela. Ela cuspiu, tentando loucamente se libertar, mesmo quando ele esmagou os dentes contra a boca dela. Ele a segurou pelos cabelos, batendo a cabeça dela contra a parede, deixando-a tonta com a força do golpe.

"Sua puta imunda!" ele a acusou, cobrindo sua boca mais uma vez.

Dominique estava muito tonta para lutar contra a invasão nauseante em sua boca. Ele esticou a

língua dentro dela, seus lábios estavam trêmulos quando ele a beijou. Dominique lutou para

recuperar o fôlego, para empurrá-lo, mas ele estava imóvel.

"Maldita," ele chorava como uma criança ferida, antes de explorar sua boca mais uma vez.

Recuperando-se, Dominique encontrou seu lábio entre seus dentes e o mordeu até provar seu sangue. Ele rugiu de dor e a empurrou, mas não antes de deixar a marca de sua mão no rosto dela.

Olhando para ela, ele colocou os dedos em seus lábios, encontrando seu próprio sangue, e então

deu um tapa nela mais uma vez. "Você é exatamente como sua mãe!" ele disse violentamente, como se eles não compartilhassem o mesmo sangue. "Uma mentirosa e uma puta imunda!"

Ele recuou, como se a visão dela o enojasse. "Eu poderia ter amado você, Dominique," ele disse.

"Eu teria adorado você com meu corpo e meu coração."

Dominique olhou-o com repulsa. Ela balançou a cabeça, engolindo a bÍlis que emergia como ácido na garganta dela. "O que você está dizendo, William?" Ela engasgou com um soluço.

"Eu poderia ter apreciado você," ele continuou, com seus olhos brilhando.

Ela passou a mão contra o rosto dela, tentando aliviar a dor do golpe — mas não havia nada que

pudesse aliviar a dor em seu coração.

Deus... Blaec estava certo. Graeham estava certo. William era um demônio. Como ela podia ter

sido tão cega? Como ela podia não ter visto a verdade? Ele a tinha tratado tão friamente todos esses anos... Doce Cristo... ela achou que ele não se importava com ela.

ELA BALANÇOU A CABEÇA, engolindo, seus olhos cheios de lágrimas o acusando. Ela não conseguia fazer nenhum som, por dentro ela estava dormente.

Só então, ele gritou chamando Rufford, assustando-a com a ferocidade de sua voz. Alguns momentos depois, Rufford chegou correndo no salão.

William olhou-a friamente e disse: "Leve-a para o quarto dela, Rufford, e deixe-a trancada..."

então eu quero que você envie uma mensagem para d'Lucy."

"Sim, meu senhor."

"Diga que ele pode vir pegar Dominique se ele se atrever. Mas se ele fizer... Tenho a intenção de

matá-lo com as minhas próprias mãos pela sua traição — você pode dizer a ele exatamente isto. E se ele não vier por ela... bem, então... Vou simplesmente matá-la... e servirei sua linda cabeça em cima de um prato."

Dominique pensou que ia desmaiar com a declaração. "William," ela resmungou, descrente do que tinha ouvido. Seus joelhos tremiam.

"Meu senhor?" Rufford disse em choque óbvio.

"Como pode você me desprezar tanto?" Dominique perguntou.

"Como você consegue?"

William..."

William balançou a cabeça em retratação de suas palavras, parecendo desconcertado por sua observação. Ele disse, quase com ternura, "Não, Dominique... você está confusa... Eu te amo."

Dominique deu um grito rouco, sua mão voando para a boca, sufocando um soluço histérico.

"Meu senhor?" Rufford perguntou novamente perplexo.

"O que diabos você está olhando?" William rugiu. Ele começou a ir atrás de Rufford, como se ele fosse golpeá-lo, a mão segurando sua espada. E então ele parou de repente, sua mandíbula trabalhando furiosamente, os olhos de um violento, turbilhão azul. "Saíam daqui — vocês dois! Leve-a — e saia daqui. Então vá e diga ao d'Lucy o que eu mandei dizer, a não ser que você queira terminar com a sua bunda no fosso junto com o resto das miudezas dos animais."

"Sim, meu senhor."

William fechou os olhos e rugiu novamente, "Vá — agora!"

Ela engasgou com horror quando Rufford veio em sua direção. Dominique podia ver nos olhos

dele que ele faria tudo o que William ordenasse, não importava quanto tempo ele a conhecia, não importava se ele fosse se arrepender. Seus joelhos se dobraram com esta verdade, e ela desmaiou mesmo antes de chegar ao quarto.

"Eu a perdi."

"O que você quer dizer com eu a *perdi*?" Graeham perguntou sentando-se na cama, sua expressão desnorteada. "Você a encontrou?"

"Sim, maldição, eu a encontrei — e então a perdi de novo."

Blaec veio para o quarto, batendo a porta atrás dele, lançando para Alyss um olhar murcho.

Embora ele não fosse destinado a ela, ele não podia evitar — a imagem de Dominique, agarrando-se

ao soldado do irmão ainda o atormentava. Como a imagem dela de pé diante dele, iluminada à luz das velas, nua em toda sua glória, esta nova imagem, também, aparecia vividamente em sua mente. Ele estremeceu com a potência de sua raiva, xingando abertamente.

"Devo ir?" Alyss perguntou timidamente, seu rosto pálido.

"Não," Graeham falou no mesmo instante. "Fique" ele ordenou para ela.

Blaec testemunhou a troca entre eles, embora ele se abastivesse de comentar qualquer coisa. Seu

humor negro como os olhos ansiosos da empregada, ele se sentou na cadeira do seu pai, arrasado como um homem cuja coluna tinha sido quebrada em duas — e tinha sido ele sabia.

Podia ter sido.

Ela o tinha recusado.

EMBORA ELE TIVESSE lhe pedido para não ir, ela tinha ido.

Parte dele se sentia doente com a noção de que ela estava de novo à mercê do irmão dela. E

embora ele dissesse para si mesmo que William não a machucaria, ele pensou que a alma do bastardo

era negra o suficiente para machucar até mesmo sua própria carne e sangue se lhe conviesse.

Ele não a tinha colocado em perigo quando a abandonou aqui em Drakewich? O filho da puta

não tinha nem se importado o suficiente para ver se sua irmã e Graeham tinham se casado. Ele a deixou à mercê das suspeitas de Blaec — para não mencionar sua luxúria.

Não, um homem assim não pode amar, ele decidiu.

Outra parte dele... a parte que ela tinha rejeitado por se recusar a voltar com ele, se sentia bem e traído. Ele tentou dizer a si mesmo que ele teria feito o mesmo... que com a lealdade dela ela não podia ter feito nada além de voltar para seu irmão. Sim, ele teria feito o mesmo. Mesmo assim ele não conseguia se consolar.

Ela o tinha recusado.

"Maldição!" Sem explicação, ele levantou-se da cadeira, acenou para seu irmão e saiu do quarto, incapaz de falar de suas emoções conflitantes até mesmo com Graeham... apesar de seu irmão ter lhe entregado tudo... tudo... ele sentia como se neste dia ele tivesse perdido tudo.

29

Graeham suspirou, e franziu a testa quando a porta se fechou.

"Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para aliviar a dor dele."

"Perdoe a minha franqueza, meu senhor... parece-me que você já fez muito..."

Graeham não disse nada por um instante e então afirmou categoricamente, "você não entende."

"Mais uma vez, meu senhor... se você perdoar a minha ousadia... Acho que entendo mais do que

você pensa. Parece-me que você valoriza muito o seu irmão."

Graeham soltou outro suspiro, acenando. "Sim."

"Isto é claro, meu senhor. E acredito que ele saiba. Parece-me que ele valoriza você, também. E

se me permite dizer, meu senhor, você deseja sofrer no lugar dele, fora todo o resto que você já lhe legou... você deve deixá-lo viver, de uma vez por todas... deixá-lo viver como ele deve e viver por si próprio. Ele vai descobrir o melhor caminho para ele. Deus vai tomar conta dele."

Suas sobrancelhas se uniram. "Você acha mesmo?"

Ela assentiu com a cabeça, e Graeham olhou para ela por um instante. Alyss estava ao seu lado

desde o primeiro momento que ele abriu os olhos, sempre vendo do que ele precisava, vendo quais

eram as suas necessidades. Ela foi a primeira coisa que ele via ao acordar e a última antes de fechar os olhos. Verdade fosse dita, ele gostava de tê-la ao seu lado e pensou que talvez ele não estivesse com tanta pressa para se curar.

"Você é uma sábia," ele finalmente disse.

Ela sorriu com os olhos, e Graeham encontrou-se uma vez mais fascinado pela incrível

profundidade deles, a maneira que eles brilhavam tão inteligentemente. "Sim, senhor," ela disse sobriamente. "Quer que eu continue agora?"

"Se você quiser." Sua voz soou estranha aos seus ouvidos.

Ela sorriu timidamente, corando enquanto ela se aproximava da cama mais uma vez. "Então você tem que virar de costas," ela falou.

Graeham o fez, e ela sentou-se novamente em cima da cama ao lado dele. Ele gostava de seu delicado peso deslocando o colchão, enchendo o espaço vazio ao lado dele. "Por acaso, onde você aprendeu a fazer essas coisas com as mãos?" perguntou-lhe casualmente, respirando profundamente por causa de sua presença, do óleo que ela tinha aquecido e colocado dentro de uma bacia sobre o

chão ao lado da cama.

"Minha mãe," ela disse-lhe, retornando ansiosamente para a sua tarefa. "Ela me ensinou sobre como satisfazer um homem."

Ele ouviu os sons de imersão de suas mãos no óleo. Antecipando o primeiro toque de seus dedos

em cima de sua carne, ele ali deitado, ainda como uma pedra.

"Sério?" ele perguntou com um suspiro de prazer. Ele se virou para ver o olhar dela como uma corça. "Sua mãe te ensinou isso?"

"Sim, meu senhor. A minha mãe."

"Quem é seu pai?"

Ela ficou em silêncio por um momento. "Meu pai era o senhor de Kester, vassalo de William Beauchamp e vassalo, antes dele, de seu pai." Seus olhos, profundos e escuros, eram tão convidativos como uma clareira sombria. Ela tinha retirado o curativo mais cedo a fim de dar-lhe banho, e agora

ela estava dando prazer a ele de uma maneira que ele nunca tinha concebido ser possível... de uma maneira que ele nunca tinha permitido considerar.

"Sua mãe te ensinou bem," ele disse com a voz rouca.

O riso suave de Alyss encheu o quarto. Com dedos ágeis e delicados, ela novamente começou a

massagear o óleo aquecido nos músculos das costas dele. "Obrigada, meu senhor," ela murmurou.

"Ótimo," ela disse. "Vire novamente, meu senhor."

O CORAÇÃO de Graeham batia descontroladamente. "Você ainda não acabou?" ele perguntou, desanimado com a perspectiva. Ele se virou quando ela mandou, continuando deitado na cama sob o

seu controle... ele se sentiu se agitar mais uma vez e se alegrou com a sensação. Já tinha passado tanto tempo...

Por um instante seus olhares se encontraram, e ela deve ter visto a decepção em seu rosto, pois

ela perguntou, soando como se estivesse sem fôlego, "Você deseja que eu continue meu senhor?"

A voz de Graeham ficou rouca, a respiração quase parou, sua boca estava ressecada demais para

falar. "Gostaria muito," ele disse. "Por favor..." Ele engoliu convulsivamente.

Ela assentiu com a cabeça, seu sorriso como o de um felino e começou novamente a acariciar

seu peito, evitando sua lesão, mesmo ela se atrevendo a segurar o seu olhar.

Graeham sentiu-se endurecer. "Você não deve..." Ele engoliu. "Você não deve me enfaixar de novo?" ele perguntou, deslocando-se na cama, incapaz de manter-se quieto uma vez que o sangue fervia em

suas veias. Ela sabia muito bem o que estava fazendo, provocando-o.

"Não, meu senhor," ela respondeu. "A ferida está costurada e não há infecção... Agora ela precisa de ar para curar." Seus olhos estavam fixados nele, e sob seu controle Graeham sentiu-se sem fôlego e fraco, como um bebê.

Ele se levantou, querendo ficar mais perto dela, querendo sentir o cheiro dela, querendo tocá-la,

e então ele fez uma careta, e voltou a deitar novamente na cama, frustrado, incapaz de fazer qualquer uma dessas coisas.

"Você perdeu muito sangue," ela disse, parecendo ler os pensamentos dele. "Por isso é que você se sente tão fraco," ela explicou. Seus olhos brilhavam quando ela começou novamente a trabalhar com seus dedos ágeis para baixo do seu peito... pela barriga dele... e em seguida começou a descer...

Graeham vacilou um pouco, sua mão indo na direção da mão dela, cobrindo-a com a sua própria.

Sua voz era gutural quando ela falou novamente, e um pouco mais ofegante. "Devo continuar, meu senhor?" perguntou com uma voz sedosa.

Por um momento Graeham não pode responder e então assentiu com a cabeça, apertando sua mandíbula. Ele fechou os olhos, sentindo que ia explodir com as sensações que subiam através dele

neste momento de total rendição, enchendo sua virilha com um calor que ele nunca tinha sentido. A

cabeça dele caiu no travesseiro quando ela abaixou o lençol do seu corpo nu, revelando-o totalmente diante dos olhos dela.

Ele ouviu sua suave respiração e abriu os olhos para espiar o olhar de apreciação no rosto dela.

Ele se encheu de alegria. Ela levantou o queixo e suas feições se suavizaram, e ele pensou que ela naquele momento era a mulher mais bonita que jamais tinha visto em sua vida. Ela era um anjo de Deus — seu anjo de Deus. Sua salvação. Seu rosto ficou rígido com a tensão, e sua mandíbula tremia com emoção. "Alyss..." Ele balançou a cabeça. "Você não tem idéia... Ah, Deus," ele disse quando os dedos dela encontraram seu pênis e se fecharam sobre ele de repente. Sentindo-se absolutamente desamparado, ele caiu mais uma vez para trás.

"Devo continuar, meu senhor?"

Graeham mal confiava em si mesmo para falar. Ele assentiu, lançando a cabeça contra os travesseiros quando ela acariciou sua carne que parecia queimar. Seu coração martelava contra as costelas. De repente ele pegou a mão dela, impedindo-a de continuar, não querendo se revelar, não querendo que ela soubesse que seria sua primeira vez, que ele ainda era virgem. Ele queria que durasse. Sim e ele queria dar prazer a ela, também.

"Eu machuquei você?" ela perguntou com preocupação. "Meu senhor?"

"Não," ele disse, sua voz rouca quando encontrou o olhar dela. "De jeito nenhum, Alyss. Venha cá," Ele ordenou. "Fique ao meu lado." Ela assim o fez, e ele estendeu a mão para pegar a mão dela.

"Gostaria de vê-la," ele disse ansiosamente.

ELA ASSENTIU COM A CABEÇA, sorrindo travessamente, enquanto se esticava para baixo para levantar seu vestido, e Graeham pensou que ele podia ter tido o prazer de despi-la Ele mal podia suportar.

Quando ela finalmente ficou nua diante dele, ele a atraiu em sua direção e tocou seu quadril levemente, pressionando-a delicadamente para que ela se sentasse em cima dele.

Ela parecia compreender tudo o que ele queria sem ele precisar dizer uma palavra, e ele se deitou em supremo prazer quando ela o montou, levantando os quadris dela acima de sua pélvis, onde ele se levantou para encontrá-la. Com um suspiro, ele a guiou para baixo para o seu pênis, recebendo o prazer mais doloroso que ela trazia para ele.

Como uma entidade pagã, ela começou a se mover em cima dele, se balançando, e Graeham sentiu-se finalmente no céu. Ele soltou um suspiro, colocando sua cabeça para trás, permitindo-se pela primeira vez em sua vida saborear os prazeres da carne sem nenhuma culpa.

"Alyss," ele gemeu. "Ah, Deus... doce Alyss..." E depois ele já não podia mais falar coerentemente, e os sons que escapavam de seus lábios eram como uma melodia erótica aos seus ouvidos, atraindo-o para a borda do prazer total, estimulando-o.

Sentindo uma nova explosão de energia, ele rolou para o topo dela, pressionando-a sob seus pés, recusando-se a ficar deitado à sua mercê, por mais tempo. Ele queria amá-la como um homem

deve amar uma mulher. Ele queria dar prazer a ela, também.

Mas ele estava perdido com o primeiro impulso, perdido no prazer carnal. Ele se deitou por cima dela, fundindo seus corpos juntos em um lento e erótico ritual de acasalamento. Seus corpos, escorregadios com o óleo que revestia a sua carne, se torciam em cima da cama, bombeando lentamente e depois mais rápido, rolando, balançando, até que, com um grito rouco de triunfo, Graeham finalmente gozou.

Ele não se importava que o seu grito chegasse ao telhado; ele gritou para todos ouvirem.

Com um grito selvagem, Alyss se juntou a ele, segurando-o contra seus seios exuberantes, murmurando palavras de amor em seus ouvidos.

Graeham rolou mais uma vez, levando-a com ele, consciente de sua ferida — embora se ele morresse esta noite, ele disse para si mesmo, eles o encontrariam sorrindo na luz da manhã.

Cristo, ele pensou delirante... ele realmente tinha pensado em se comprometer com a Igreja?

Stephen, ele temia, simplesmente teria que rezar por sua própria alma, pois parecia que o projeto de Deus era que ele recuperasse o tempo perdido.

Começando agora...

Blaec estava deitado em sua cama, um braço jogado em cima do rosto, ouvindo os sons de sexo

que vinham de baixo e por um instante os ruídos o assustaram. Descobrendo o rosto, ele olhou para a escuridão, ouvindo, porque apesar do ruído ser sedutoramente familiar, era estranho para seus ouvidos. Nenhum homem dormindo dentro do salão faria um barulho desses por respeito a ele e Graeham. Esses sons só podiam vir de Graeham — e por Deus, embora ele nunca tivesse acreditado

que seu irmão fosse celibatário, ele nunca tinha ouvido tal tumulto em toda a sua vida.

Poderia ser? Poderia Graeham ter permanecido virgem durante todos estes anos?

Não... Sua sobrancelha se arqueou. Era inconcebível. Nem ele podia entender por que ele desejaria isso. Embora Blaec não acreditasse em libertinagem, ele também não acreditava em auto-tortura. Abstinência todos estes vinte e cinco anos teria sido mais do que

qualquer homem poderia suportar. Ele estremeceu com este pensamento.

Ainda assim... durante todo esse tempo ele se lembrou que nem uma vez ele tinha testemunhado o

irmão no ato — nem ele se lembrava de Graeham falando sobre isso. Mas seus ouvidos não o estavam enganando. Os sons eram reais e eram de Graeham, e por Deus, era a primeira vez que ele

ouvia.

Ele estava satisfeito pelo irmão — atordoado, mas satisfeito.

E PELO SANGUE DE CRISTO, podia ter demorado vinte e cinco anos para Graeham perder a virgindade,

mas ele estava fazendo isso com abandono e saboreando os momentos. Ele deu um aceno silencioso

de agradecimento e em seguida com um gemido torturado, se virou de barriga para cima, dolorosamente excitado e pensou em Dominique.

Ele precisava dela — Deus, ele precisa dela.

30

William estava embriagado.

Dominique podia dizer pelo jeito que ele arrastava suas palavras. Ele falou com ela pela porta

do quarto enquanto ela estava sentada na cama, abraçando os joelhos contra o peito e tremendo de medo. Se ele quisesse, não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo de entrar no seu quarto.

Nada. Nenhuma tranca poderia mantê-lo do lado de fora. Sim e ele era o senhor aqui, e os desejos dela, que nunca tinham representado muito antes, certamente não seriam considerados agora.

"Desculpe-me, Dominique... Eu não queria machucá-la," ele bateu com o punho contra a porta, sua voz soando torturada e ela queria confortá-lo, mas tudo o que ela precisava fazer era se lembrar de tocar seu rosto inchado, e seu lábio cortado.

"Perdoe-me," ele implorou.

Dominique não ousou falar, nem mesmo para negá-lo. Ela olhou para fora da janela do seu quarto, fingindo dormir. Se ele entrasse... e a encontrasse deitada na cama...

Ela sufocou um soluço, rezando para que ele não pudesse ouvi-la acima de seus próprios gritos

cortantes. Ela não sabia mais o que ele iria fazer... talvez ela nunca tivesse sabido do que ele era capaz.

"Dominique," ele resmungou. "Juro que não quis te machucar."

Dominique estremeceu, e continuou em silêncio. E então o trinco da porta mexeu e o coração dela balançou dolorosamente. Em pânico com a possibilidade de ele encontrá-la na cama, ela se levantou e, moveu-se rápida e silenciosamente, o mais rápido que foi capaz. Vigiando a porta intensamente, se agachou no canto mais escuro do quarto. Ela ficou ali, olhando para a porta fechada, rezando para que ela não abrisse — rezando para que ele fosse embora. Que Deus a ajudasse... a lembrança de sua língua dentro de sua boca e de sua barba... arranhando o rosto dela, a revoltou, e a deixava envergonhada.

Fazia ela se sentir violada.

Ele disse que ia matá-la.

Será que ele poderia fazer uma coisa dessas?

Seu próprio irmão? Como ele poderia a querer *dessa* maneira?

O retorno de suas atenções após todos estes anos tinha sido uma blasfêmia, afinal de contas —

uma coisa das trevas. Que Deus tivesse piedade de sua alma, pois ela o desprezava — seu próprio sangue — mesmo tendo pena dele.

Para seu alívio, a porta não se abriu. Em vez disso, parecia que ele tinha retirado sua mão da trava da porta.

"Dominique," ele implorou uma última vez, e quando novamente ela não respondeu, ele finalmente se distanciou da porta. Ela ouviu os passos dele se afastando do quarto, mas ainda assim ela não encontrou força ou vontade de se mover de onde estava sentada.

Mesmo quando o silêncio a alcançou, ela pareceu se envolver num casulo seguro, sentando-se

no canto do quarto, o rosto dela torcido pela dor.

Ela não pensou que fosse possível alguém ter o coração mais partido do que o dela naquele momento. No espaço de um dia, ela tinha perdido tanto... *tudo*.

Chorando lágrimas silenciosas, ela apoiou a cabeça dela sobre a parede e pensou em Blaec... O

que será que ele estava fazendo? Será que ele estava pensando nela?

Fechando os olhos, ela desejou que ele soubesse o que se passava em seu coração — que ela o amava, ela sempre o amaria. Se apenas ela pudesse ter a oportunidade de contar isso para ele...

Será que ele viria até ela?

Deus lhe daria força para resistir... ela orava fervorosamente que ele não o fizesse. Ela não poderia suportar se William o machucasse por causa dela.

Mas ela também não poderia suportar se ele escolhesse não vir buscá-la, pois isso significaria

que ela não significava nada para ele — menos que nada.

ELE JÁ TINHA VINDO ATRÁS dela uma vez...

Sim, mas uma pequena voz interior disse para ela, mas só porque ele tinha tentado impedi-la de

avisar William.

Não, ela não podia esquecer o jeito que ele tinha olhado para ela dentro da clareira — traído.

"Eu te amo," ela sussurrou e sim ela o amava com cada fibra do seu ser. Ela rezou para que, de alguma forma, Deus levasse sua mensagem para o coração dele. Sim, ela o amava... mais até do que

sua própria vida. Se ela morresse aqui para salvá-lo do mal, então teria vivido pelo menos por algo.

"Deus conceda-me força," ela rezou baixinho, "para fazer o que for preciso. Não o deixe vir... por favor... por favor... não o deixe vir..."

O mensageiro chegou antes do meio-dia no dia seguinte. Blaec recebeu a carta com uma raiva

mal contida, olhando para o mensageiro com malícia. Tudo o que ele não podia fazer era arrancar o

coração do jovem que estava a sua frente.

Beauchamp, era um bastardo sábio, tinha enviado uma criança com suas ameaças — se o

mensageiro fosse um homem adulto, Blaec não teria permitido ao tolo partir de Drakewich com vida.

Então desta maneira, o menino falou com lábios trêmulos e a face que alardeava seu medo.

Quando Blaec se levantou abruptamente do seu lugar na mesa, o jovem tropeçou para trás, quase

tropeçando em seus próprios pés em sua pressa de ficar distante dele. Ele não disse nem uma palavra para o rapaz, apenas acenou com a cabeça para Nial, ordenando-lhe tacitamente para mostrar a porta da rua para o pobre coitado, e então foi procurar os conselhos de Graeham.

Ele sentou-se inquieto na cadeira do seu pai, de frente para a cama, colocando uma mão tensa em

seu queixo, esperando Graeham comentar sobre a notícia que ele tinha transmitido.

"Pode ser um ardil," salientou Graeham.

"Estou ciente disso," disse Blaec, "mas eu não consigo jogar com a vida dela."

Graeham sentou-se na cama, sua expressão sóbria. "Eu não confio nele, Blaec, nem acredito verdadeiramente que ele faria mal a sua única irmã — muito menos matá-la. Pense nisso, se puder..."

Blaec balançou a cabeça, incapaz de pensar. Ele apertou sua mandíbula, porque como de costume, ele era o único prudente aqui. De alguma forma, no que dizia respeito à Dominique, ele não era capaz de raciocinar direito. Foi por isso que ele tinha procurado os

conselhos do seu irmão. Com toda a fúria que ele sentia, por sua vontade ele agora estaria a meio caminho para Amdel, sem pensar em estratégia, ou até mesmo no bem-estar de seus homens.

Ele obrigou-se a considerar a possibilidade de uma artimanha da parte de Beauchamp... mesmo

assim ele não podia suportar o pensamento de colocar Dominique em risco. Ele a queria de volta...

sob o teto dele... em seus braços. Seu peito doía com o pensamento — com a perspectiva dela poder

estar sendo machucada.

"Se ele tocar em um..." Ele balançou a cabeça, incapaz de falar, uma imensa dor consumindo-o.

"Ele apenas quer que você acredite que ele vai acabar com ela. Pense bem, Blaec... na única refeição que compartilhamos... Você não se lembra como ele ficou com raiva quando pensou que você tinha insultado sua irmã?"

Blaec fechou os olhos... mas apenas Dominique aparecia na sua mente... a maneira que ela o tinha encarado na mesa... estudando o rosto dele... a angústia dela, enquanto analisava a cicatriz dele. Ele tinha ficado dividido entre escondê-la de seus olhos curiosos, mas querendo lhe assegurar que ela não mais doía — pelo menos a carne não doía.

O coração era outro assunto inteiramente diferente, e Dominique tinha de alguma maneira, contra a sua vontade, entrado em seu coração e o preenchido, até que a dor se tornou suportável. Mas ele não podia esquecer... já não parecia doer tanto que ele tivesse lutado para ganhar o afeto de seu pai... e tivesse falhado. De alguma forma a parte dele que tinha procurado por aceitação... já não procurava mais.

Mas agora ela tinha ido embora, e ele não podia suportar o pensamento de estar sem ela.

"Você a ama?"

BLAEC FOI SURPREENDIDO PELA PERGUNTA. "Amor?" Ele balançou a cabeça. "Ela é uma jovem insolente."

"Não perguntei o que você pensa dela, Blaec. Perguntei o que você sente por ela."

"Eu não sei o que sinto por ela, Graeham," Blaec respondeu com sinceridade. "Eu só sei que não posso permitir que ela continue com Beauchamp. O pensamento de que ela está com ele agora me queima por dentro."

Graeham assentiu com a cabeça. "Foi isso o que eu achei desde o primeiro momento," ele disse.

Mais uma vez Blaec engoliu sua culpa, um nó que ameaçava asfixiá-lo. "Eu tentei não gostar dela," ele jurou.

"Eu sei," Graeham falou. "Eu sei. Se te aliviar saber... Eu, na verdade, nunca a cobicei como minha noiva — nem sequer na primeira vez que a vi."

As sobrancelhas de Blaec se uniram. "Eu gostaria de saber — mas por Deus, você me enfureceu."

Eu estava totalmente preparado para honrá-la como sua esposa, Graeham, mas você a jogou para mim novamente e novamente e novamente."

Graeham suspirou. "Sim, bem... apesar de eu achá-la adorável o suficiente, ela falhou de eu desejar ser seu marido, mas não de ser sua esposa. Eu estava incerto como proceder para me libertar do

laço que eu tinha colocado sobre minha garganta, e você foi a solução mais óbvia. Era evidente

desde o primeiro dia que você lhe tinha agradado. Eu pensei que meu único dilema era convencer Beauchamp em concordar com isso... convencer você... e quando eu resolvi que Drakewich deveria ser seu — como há muito tempo eu desejava — já não era mais um dilema. "

"Sim, bem..." Blaec olhou para ele severamente, levantando uma sobrancelha. "Quanto a essa matéria... Quem me dera você reconsiderasse."

Graeham balançou a cabeça. "Não. Eu não quero reconsiderar."

Blaec riu, um som sem alegria. "Estranho que nós dois valorizamos esta propriedade... e ainda assim nenhum de nós realmente a deseja."

"Não acho estranho," Graeham debateu. "Não, quando você considera o preço que foi pago e a que custo. Você," ele disse, "Eu valorizo você muito mais do que minha própria vida. Drakewich é seu, irmão."

Emoção surgiu na garganta de Blaec, nublando os olhos dele. Embora ele mal pudesse falar, ele

continuou olhando para Graeham. "Assim como eu, você vale mais do que minha própria vida," ele disse, seus olhos úmidos. "Quanto a Drakewich... enquanto eu respirar, o que é meu é seu," ele jurou, deixando as mãos oscilarem entre as pernas. A cabeça dele seguiu, deixando-se cair cansadamente para a frente.

"Beauchamp está mentindo," Graeham jurou. "Eu não consigo acreditar que o mesmo homem

que parecia preparado para estrangulá-lo com suas próprias mãos por sua ofensa à sua irmã possa mudar de idéia e a prejudicar."

"Sim... bem... quanto a isso... Lembre-se, também, que ele a abandonou aqui, sob a nossa custódia

— e ao mesmo tempo ele planejou uma traição contra você. Ele devia saber Graeham, que ela sofreria se sua perfídia fosse descoberta."

"Verdade. Mas você esquece que ele nunca pretendeu ser descoberto. Ele usava o capacete mais

estranho que eu já vi Blaec... um que cobria grande parte do rosto. Na verdade, eu nunca o reconheceria se não fossem os olhos." Graeham de repente, deu um suspiro e colocou a mão seu peito. "Isso é o riso," ele deu uma careta. "O filho da puta é perverso — e eu juro nunca vou me curar."

Blaec sorriu, embora o sorriso não atingisse os olhos por causa do seu coração tão pesado.

"Não se você continuar a agir da maneira que você agiu na noite passada," ele concordou. Ele levantou uma sobrancelha, lançando um olhar significativo em direção a Alyss.

Alyss saltou para frente como se esperasse por sua oportunidade de falar. "Ele é mau, meu senhor!"

Tanto Blaec quanto Graeham se viraram para olhá-la. Ela fitou os olhos de Blaec, os seus próprios olhos suplicando.

ELA TORCIA AS MÃOS DELA. "É por essa razão que você deve ir atrás dela, meu senhor." Ela lhe implorava com os olhos. "Eu juro a você que a senhora Dominique é inocente da vilania do seu irmão. Ela vai morrer nas mãos dele."

Graeham acenou-lhe para vir para frente, oferecendo sua mão. Ela veio para frente, atendendo-

lhe prontamente e disse-lhe suavemente, "ninguém tem dúvidas da honra de Lady Dominique. Sua devoção a ela é louvável, Alyss, mas eu não posso concordar com o seu julgamento — não desta vez.

Eu tenho que acreditar que a ameaça de William é uma armadilha para Blaec e nada mais. Não consigo ver como ele poderia prejudicar a própria irmã."

"Mas você não entende, meu senhor." Alyss abanou a cabeça com veemência. "Veja, eu tenho provas..."

"Que provas?" Blaec a interrompeu.

Alyss ansiosamente passou a língua em seus lábios. "Ele jurou que me mataria se algum dia eu

revelasse isso, mas eu devo..." Ela olhou para Graeham e seu olhar voltou para Blaec, e ela inalou profundamente, como para sufocar seu medo.

"Alyss," Blaec pediu, "Eu já lhe garanti a minha proteção... Se souber de algo que possa nos ajudar, você deve falar isso de uma vez."

Ela assentiu com a cabeça. "Sim, meu senhor eu devo." Ela inalou uma vez mais, profundamente, fechando os olhos dela, quando ela revelou, "seu pai não matou Henry Beauchamp."

As sobrancelhas de Blaec colidiram. "O que você disse?"

Ela acenou com a mão e seu rosto empalideceu visivelmente. "É a verdade de Deus, o que eu estou dizendo," ela sussurrou. "Eu não estou mentindo."

A cabeça de Blaec começou a martelar com esta divulgação. Ele lançou um olhar para Graeham

e viu o rosto de Graeham atordoado espelhando perplexidade. Os seus olhos retornaram para Alyss.

Ela estava de pé diante dele, olhando como se ela fosse desmaiar, no entanto, ela não voltou atrás com a sua alegação.

"Mesmo se fosse assim, Alyss," ele falou, "como você poderia ter conhecimento disto? Você não me parece velha o bastante —"

"Eu tenho vinte e dois anos, meu senhor — mais velha do que pareço — e eu sei por que eu

testemunhei o assassinato com meus próprios olhos."

"Como isso pode ser verdade?" Graeham perguntou incrédulo.

"Como você pode ter testemunhado? Henry Beauchamp e meu pai lutaram por quase nove anos..."

"Nós estávamos lá, moça," Blaec a aconselhou. "Nós vimos o que aconteceu naquele dia entre nosso pai e o pai de Beauchamp — e não, não foi assassinato, pois o desgraçado se revoltou contra

meu pai alguns momentos depois deles declararem uma trégua entre eles. Ele pretendia matar meu pai pelas costas. A verdade é que o meu pai apenas se defendeu — e só depois eu o avisei com os meus próprios lábios da traição de Beauchamp."

Os olhos de Alyss começaram a tremer. "Sim, meu senhor... mas há outra estória."

A testa de Blaec se franziu. "Então, por favor, diga," ele ordenou para ela, lançando outro olhar sobre Graeham. Ele encontrou a expressão do irmão tão incrédula quanto a sua.

Alyss assentiu com a cabeça, olhando para baixo para seus pés. "Sim, bem... Henry voltou para Amdel, ferido... embora sem perigo de morrer de seus ferimentos. Eu sei..." Novamente, ela encontrou seu olhar. "Eu sei por que eu fui convocada para cuidar dele. Meu senhor Henry estava bem ciente do fato de que eu tinha aprendido a arte da cura com a minha mãe."

Ela parou um instante, engoliu e depois continuou. "Eu tinha treze naquele ano, meu senhor e tinha chegado recentemente a Amdel. Lord Beauchamp havia solicitado que eu fosse para Amdel, dizendo que seu filho, William, tinha gostado de mim após uma recente visita a Kester, e que ele desejava que eu fosse para fazer companhia para sua filha... e também que... quando à hora chegasse, eu deveria me casar com William. E como era vontade do meu pai que eu fosse... Eu fui... mas nada

disso nunca chegou a ser concretizado."

"O FILHO DA PUTA!" Graeham cuspiu.

Blaec não disse nada, apenas ouvia tudo com um sentimento doente na barriga dele.

"Fiquei tão contente quando Lady Dominique recebeu a notícia de seu casamento," Alyss continuou, "e eu a segui com prazer. Eu mal podia esperar para ficar longe de William... ou ver a senhora Dominique distante dele, segura. A minha crença é que ele a cobiça para ele mesmo."

Blaec engoliu sua bile. "Você não pode estar dizendo..."

"Sim, senhor, eu estou. Você deve ter visto o modo como ele a olhava quando pensou que ninguém pudesse vê-lo. E mais de uma vez... ele falou o nome dela enquanto nós..." Ela balançou a cabeça, trêmula, fechando os olhos, incapaz de falar a obscenidade.

Ela não precisava.

Blaec entendeu o que ela quis dizer sem ela ter falado. Seu estomago se apertou, e ele apertou

sua mandíbula. Querido Deus, ela estava lá com ele agora. Ele estremeceu e pensou, irracionalmente, que desejava que Deus pudesse lhe dar asas para voar, pois ele queria loucamente estar lá com ela.

Nunca ele tinha se sentido mais indefeso em sua vida. "Maldito filho da puta!" ele disse, sentindo-se enojado.

"Por que você não avisou ao seu pai, Alyss?" Graeham perguntou confuso.

Ela levantou seu queixo orgulhosamente, endireitando a coluna, seus olhos escuros brilhando.

"Meu pai morreu naquele ano, meu senhor. Nunca tive oportunidade. Sabendo que ele viria até mim...

e minha mãe..." Ela baixou a cabeça. "Bem, eu desejei não lhe angustiar mais do que a morte do meu pai já tinha. E então ela, também, morreu no inverno seguinte."

"Não havia mais ninguém?" Graeham persistiu.

Ela balançou a cabeça tristemente. "Só meu irmão, mas ele é leal a Beauchamp."

Blaec inalou agudamente. "E o assassinato que você falou de..."

Alyss engoliu visivelmente. "Eu estava no quarto de dormir, meu senhor, cuidando do pai de

William, quando William chegou... Podia ver em seus olhos..."

"Ver o que em seus olhos?" Blaec perguntou.

Alyss assentiu com a cabeça de uma maneira boba. "A sua intenção. Enquanto seu pai dormia, eu o vi caminhar para o seu lado, dar-lhe um beijo na face... e então colocar um travesseiro em seu rosto para asfixiá-lo... com muito calma e friamente... e então ele levantou sua espada, e com ela reabriu a ferida que seu pai tinha recebido pelas mãos do seu pai. Diante dos meus olhos ele matou o próprio pai — eu juro para você, com Deus como minha testemunha."

Blaec deu um pulo ficando de pé, praguejando profusamente. "Esse filho da puta permitiu a todos acreditar que nosso pai o tinha golpeado de morte."

Alyss vacilou, movendo-se com cautela para longe de sua raiva. "Veja meu senhor... é por isso que eu acho que ele é capaz de matar Dominique. Não importa o que ele sente por ela. Se ele diz que vai fazê-lo, então ele fará."

Pavor correu pelo corpo de Blaec, os braços e as pernas começaram a formigar.

E se já for tarde demais? Seu estômago se torceu.

"Se você se importa com ela, meu senhor... você deve ir atrás dela e trazê-la de volta em segurança."

O rosto de Graeham revelou seu choque. "Se o que você diz é verdade..."

"Desgraçado!" Blaec explodiu mais uma vez. "Eu estou indo agora atrás dela," ele disse, finalmente tendo resolvido.

"Sim," Graeham concordou. "Devemos."

"Não!" Blaec negou-lhe ao mesmo tempo. "Você fica, eu vou. Não podemos os dois nos colocar em risco, além disso, você está ferido."

GRAEHAM ASSENTIU COM A CABEÇA, condescendente, embora com relutância. "Talvez você esteja certo... embora eu ache que antes você deva reunir alguns homens sob a nossa bandeira para acompanhá-lo até Amdel. Não temos nenhuma maneira de saber quantos homens Beauchamp já reuniu. Como você sabe, eu levei comigo dezenove homens para Londres e pensei que conseguiria me defender bem com eles, mas ele tinha pelo menos duas vezes mais."

"Não há tempo," disse Blaec, recusando-se. "Vou levar quantos homens de Drakewich eu consiga e não mais."

"Blaec," Graeham advertiu, "Não pode ter mais do que os nove que voltaram comigo de Londres... talvez dez, se Langford não tiver retornado para sua esposa..."

"Ele se foi," disse Blaec. "Não importa... nove terá que ser bastante."

Um silêncio fatídico encheu a sala.

"Vá, então... se for preciso," Graeham cedeu. "Eu —" sua voz falhou. "Eu desejo-lhe boa sorte e um retorno seguro, meu irmão."

"Meu irmão," Blaec foi até a cabeceira da cama de Graeham, estendendo o braço. "Deus nos concedeu o mesmo útero," ele disse, "e eu sou grato por isso, pois tenho orgulho de compartilhar seu sangue."

"Eu só desejava que nosso pai pudesse ter visto a verdade... que realmente nós temos o mesmo

sangue." Eles se abraçaram por um momento constrangedor. E então, incapaz de se esquivar, Blaec se ajoelhou e abraçou Graeham como eles faziam quando eram crianças, um abraço que anunciava uma

lealdade feroz.

"Faça-me um favor," Graeham disse ríspidamente "Tente não morrer."

Blaec deu uma risada. "Eu nem pensaria nisso," ele jurou.

31

Uma hora depois Blaec saiu de Drakewich com um contingente de nove homens — Nial ao seu

lado, tendo seu estandarte alto contra o sol do meio-dia, com seus raios dourados brilhando ferozmente.

Ainda com um humor taciturno e feroz.

Embora a distância de Drakewich para Amdel fosse apenas uma jornada de três horas e meia, ele

sentia como se estivesse viajando a várias horas. Seus pensamentos o deixavam maluco e ele empurrava seus homens para irem mais rápido, sem dó nem piedade.

Não haveria nenhuma misericórdia para Dominique se ele não chegasse a tempo.

Ele tentou não pensar nela — em vez disso refletia sobre as maneiras que ele iria torturar Beauchamp. Nunca ele tinha tido tanto prazer na perspectiva da morte de um homem, mas realmente

pretendia que Beauchamp pagasse por todas as suas traições.

Antes do sol se por, ele jurou para si mesmo, um deles estaria se contorcendo nas chamas do inferno.

"Lady Dominique... por favor... Destranque a porta..."

Ouvir a voz de Rufford em vez de William fez Dominique ir até a porta, falando através da fenda. "Por quê?" ela perguntou com cautela. "O que é que você deseja Rufford?"

Ela tinha se trancado por dentro na véspera e tinha jurado morrer de fome em vez de sair e enfrentar seu irmão novamente. E neste momento, ela se sentia como se esta fosse uma possibilidade, porque a barriga dela estava resmungando durante a última hora. Ainda assim, ela se recusou a abrir.

"Lady Dominique..." Ele parecia tão desanimado como Dominique, mas ela não se importou. Ela não podia se importar. Se ele servia seu irmão nos seus ditames hediondos, ela não se importava a mínima da punição que ele iria ter.

"Eu não vou abrir a porta," ela disse. "Se você vier aqui dentro... "só se for pela força, porque eu não vou abrir a porta por vontade própria."

"Mas você não pode ficar aí para sempre, senhora... Você vai ter que comer algum dia."

Dominique fungou. "Por quê?" ela perguntou sem nenhum tipo de histeria. "Ele planeja me matar de qualquer jeito, Rufford. O que importa se eu comer, ou não?"

Silêncio encontrou a sua proclamação. E então, "Eu não acredito que ele realmente faça isso, Milady... Ele está somente com raiva, eu acho."

Mais uma vez, Dominique fungou. "Sim? Bem, eu não acreditava que ele fosse capaz de fazer o

que ele fez comigo, e ainda assim ele fez. Como você pode saber o que William pretende? eu não vou sair. Eu teria —"

Houve uma comoção repentina do outro lado da porta, e Dominique se afastou, esperando para

vê-la voar para dentro do seu quarto. Quando isso não aconteceu, ela voltou para perto da porta, colocando a orelha contra ela para ouvir melhor. "Rufford?" ela gritou.

Ela podia ouvi-lo falando em um tom baixo e frenético com alguém — quem, ela não podia dizer, mas ele não respondeu... e então ele falou. "Senhora" ele disse firmemente, batendo sobre a porta. "Insisto que você desbloqueie a porta. Meu Senhor William... ele quer que eu leve você para as muralhas do castelo."

"Por quê?" Ela exigiu saber.

"Blaec d'Lucy..."

O coração de Dominique começou a bater violentamente ao ouvir seu nome. Deus — Blaec. Ele

estava aqui. Com as mãos tremendo, ela destrancou a porta no mesmo instante.

"Você não é bom o suficiente, Beauchamp!" Blaec gritou. Seu cavalo empinando sem descanso, bufando com impaciência. Ele tinha chamado o bastardo para um desafio e sabia que o maldito não

iria recusar. Ele esperou, negociando os termos, enquanto traziam Dominique diante dele. "Eu quero ela aqui embaixo!" ele exigiu, apontando para o chão. "Eu quero que ela venha aqui onde eu possa ver por mim mesmo que ela está ilesa — que ela não está entre as suas paredes amaldiçoadas por Deus,

Beauchamp!"

UM PESADO SILÊNCIO se alastrou pelas muralhas.

"Ora, Beauchamp," Blaec falou, removendo seu capacete e olhando para cima, para a silhueta de William no parapeito. Filho da puta arrogante! "Você não pode ter medo de me enfrentar?" ele zombou. "Ou pode ser que o poderoso Beauchamp seja apenas uma fraude?"

"Medo de você?" William gritou. "Difícilmente, d'Lucy! Apenas gostaria de saber por que eu deveria te dar alguma vantagem. Olhe ao seu redor. Posso fazer o que quiser com um único comando, não se esqueça."

"Sim, mas então você deverá tomar Drakewich pela força. "Uma tarefa difícil na melhor das hipóteses," ele lembrou. "Assassinar-me sem rodeios não vai fazer você entrar pelos portões e, além disso, você vai ganhar à ira de Stephen."

"Stephen é um maricas!" William gritou para ele, rindo ruidosamente com a perspectiva de ganhar a ira do rei.

Blaec não podia argumentar quando ele também achava que seu rei era um pouco vacilante.

Embora ele não fosse covarde, ele também não era uma força assustadora, e a justiça nunca era iminente. Foi-lhe dito abertamente, na verdade, que Cristo e seus santos dormiam enquanto Stephen se sentava no trono da Inglaterra. "Não obstante," ele persistiu, "aceite o meu desafio e você terá testemunhas. O que tem a perder? A menos que você tenha medo de mim, Beauchamp?"

"Medo de você?"

"Traga-a para baixo," Blaec insistiu, "ou vou embora agora e você vai perder sua chance de ganhar Drakewich."

Novamente silêncio.

"Pense nisso, William... Se você me bater no combate corpo a corpo, eu me comprometo a ficar

em suas mãos — sou eu em troca da liberdade de Dominique. Este é um pequeno preço a pagar."

Blaec podia dizer pela sua postura, que ele estava hesitante. "E você está me dizendo que Graeham está morto?" William cedeu finalmente.

Desta vez era a vez de Blaec fazer silêncio, embora ele não tenha hesitado por muito tempo.

Uma mentira, para o bem de todos.

"Sim," Blaec respondeu laconicamente, "meu irmão está morto," ele mentiu. Se essa mentira levasse sua alma para o inferno por toda a eternidade, que assim fosse. Se William pensasse que Blaec era o último obstáculo entre ele e Drakewich, então isto lhe serviria muito bem. Ele duvidava que William pudesse ter alguma outra idéia, pois ele não tinha nada a ganhar, a não ser matá-lo — e ele poderia fazê-lo com bastante facilidade, de onde ele estava. Como ele tinha dito, ele só precisava dar o sinal para seus homens e as flechas choveriam sobre ele.

Não, desta forma, se Beauchamp pensasse que Graeham estava morto, e acreditasse em sua vaidade, ser capaz de derrotar Blaec, então ele teria o incentivo adicional de proteger as testemunhas a fim de levar seu caso diante de Stephen. Embora muito pouco facilitasse para ele conseguir

Drakewich, mas poderia lhe poupar muita dor no final — ou então ele achava que poderia.

Mas Blaec não pretendia perder.

Se houvesse alguma malandragem aqui neste dia, então seria a sua própria, e ele não sentiria nenhuma desonra em usá-la, pois ele nunca tinha alegado ser um santo; esse papel era de Graeham.

Ele só sabia como sobreviver.

"Desça Beauchamp... e se você tiver sucesso em matar-me," ele desafiou "então Drakewich será seu finalmente. Não é isso o que deseja?"

"É meu direito ser o senhor de Drakewich," William falou num tom amargo. "Meu direito! Você me ouve? A propriedade foi roubada do meu pai!"

A mandíbula de Blaec se fechou. "Sim," ele gritou de volta. "Eu te ouvi, Beauchamp. Agora desça," ele desafiou mais uma vez. "Venha, ou você vai ser chamado de covarde que é o que você é

—"

AS PALAVRAS MORRERAM na sua boca quando a figura de uma mulher apareceu sobre o parapeito, seu

cabelo uma massa ardente de cachos, brilhando vermelho contra o sol minguante. Ela foi arrastada

para frente de William, apenas para olhar para Blaec parado embaixo.

Dominique.

Blaec vacilou na sela, porque seu coração se apertou ao vê-la. Ele não podia ver seu rosto de onde ele estava, mas ele via seus ombros levantados com orgulho, e tudo o que ele queria era envolver seus dedos sobre o pescoço do Beauchamp e apertá-lo até que ele desse seu último suspiro.

A própria irmã.

Este pensamento o fazia ficar doente.

"Você queria uma prova," William chamou-lhe. "Bem, aqui está, d'Lucy... Faça com que seus olhos se banqueteiem sobre ela agora, porque hoje você morre — assim como ela, quando eu terminar com você."

Uma fúria subiu através dele. "Não!" ele rugiu. "Eu quero ela aqui diante de mim," ele gritou, começando a perder a paciência. Seus joelhos apertaram sua montaria com tal ferocidade que o cavalo protestou, relinchando e quase o derrubando. "Que diabos!" ele disse. "Traga-a aqui para baixo, Beauchamp! Faça isso agora! Ou o negócio está desfeito," ele jurou.

William riu. "Muito bem," ele finalmente cedeu e aparentemente ficou satisfeito com a reação de Blaec com as suas palavras. "Acho que me serviria muito bem que ela o visse morrer bem de perto."

Dito isso, ele a empurrou, fazendo-a caminhar pela muralha. Blaec podia ver que ela resistiu, tropeçando, mas William a levantou e a impulsionou para andar diante dele. Eles desapareceram da

visão de Blaec.

Blaec esperou o que pareceu uma eternidade, quando o portão foi desbloqueado, adrenalina surgindo em suas veias. Então, finalmente, ele quase ficou sem respiração com a visão dela.

Beauchamp — o covarde — apareceu com metade da sua guarnição atrás dele, mas ele não viu ninguém, só ela.

Seus olhos se extasiaram com a visão dela. Ela usava a mesma túnica azul de quando ele a tinha

visto pela última vez, apesar de agora estar amassada e despenteada. O cabelo dela era selvagem, seus cachos estavam despenteados. E o rosto dela — ele assistiu a abordagem do Beauchamp com uma raiva mal reprimida — estava inchado e machucado, seus lábios cortados e com sangue.

Praguejando profusamente, Blaec desmontou cheio de vingança, incapaz de suportar a visão dela, tão abusada. Cristo, mas ele ia matar o desgraçado!

Sem preâmbulo, ele colocou seu capacete sobre sua cabeça e então começou a andar na direção

deles, emocionado, indiferente por sua ira estar sendo manifestada no seu rosto. "Eu vou matar você,

seu filho da puta imundo!" ele exclamou, sem hesitar. Ele desembainhou a espada e foi na sua direção.

Vendo sua intenção, Beauchamp empurrou Dominique a afastando para os braços de seus

homens e então foi para o lado direito, para longe dela, para perto de Blaec, seus olhos alegres. "Faz meu coração vibrar de alegria ver você tão enfurecido," ele disse, rindo, saltando para trás enquanto pegava sua espada de sua cintura.

"Maldito bastardo!" Blaec explodiu, e atirou-se contra ele, cortando a distância entre eles com tal força que o ar pareceu cantar. Mas em sua fúria cega, ele errou.

Beauchamp riu novamente, de um modo terrível. "Vale a pena morrer por ela, d'Lucy? Será que

minha irmã prostituta mente tão bem quando está embaixo de você?" Ele falou histericamente.

Blaec rosnou para ele, mais uma vez, cortando a distância entre eles, seus olhos brilhando friamente e desta vez ele chegou bem perto de Beauchamp. Blaec viu o instante em que o humor de

William mudou, pois ele reconheceu o olhar de apreensão súbita em seus olhos. Com esse conhecimento, passou-se alguma coisa dentro dele, e ele foi impelido a proteger aquilo que ele valorizava. *Amor.*

Ele amava Dominique — e ele iria protegê-la com sua vida!

"Diga-me," Beauchamp zombou para provocá-lo ainda mais, "quem vai protegê-la quando você virar comida para os vermes"?

BLAEC SENTIU que algo mudava dentro dele e sentiu-se se transformando por causa da raiva. Com um

grito de guerra infernal, ele se posicionou e rodou com sua espada, colocando a força do seu corpo no balanço, enquanto ele se mudava numa velocidade cega. Beauchamp não foi rápido o suficiente para evitar sua lâmina. Blaec ouviu o retalhamento da sua armadura e sentiu o cheiro do sangue.

Beauchamp gritou, caindo para trás com o impacto, fazendo seu capacete se mover. Ele o arrancou a fim de ver se Blaec iria atacá-lo novamente. Ele levantou-se, evitando outro golpe da espada de Blaec. De pé novamente, ele levantou a espada e desferiu um golpe.

Blaec encontrou sua espada com a sua própria.

O confronto de metal abraçou o ar.

Blaec e William continuavam lutando até que ambos estavam suando com o esforço, e Blaec continuava implacável.

Até que ele por acaso olhou e viu o olhar de horror no rosto de Dominique... Ele se demorou

olhando para ela e não conseguiu evitar a espada de William, recebendo um corte em cima do ombro.

Ele sentiu o calor de seu próprio sangue descendo pelo braço. O cheiro dele, juntamente com a expressão angustiada de Dominique, o fez cambalear. Com o próximo ataque, ele caiu para trás, afastando os golpes de William com força e com fervor que vinham do desespero. O capacete saiu

voando, assim como seu adversário, sem proteção contra um golpe na cabeça.

Mas ele não tinha intenção de morrer — ou colocar sua cabeça ao alcance da espada de William.

Se Dominique o repelisse por isso, então que assim fosse, mas ele não podia permitir que ela permanecesse nas mãos vis do irmão dela. Se isso significasse que ela iria desprezá-lo por toda a eternidade, ele não poderia evitar. Ele pretendia matar o bastardo, de uma vez por todas — por causa da traição de Beauchamp contra Graeham e contra seu pai, bem como suas ofensas contra Dominique.

Com um grito de guerra implacável, ele avançou na direção de William, deixando-o fora de equilíbrio com o impacto e depois meteu a espada acima da cabeça e rolou, ficando de pé com facilidade, apesar do peso da sua armadura e a dor de suas feridas. Nem ele podia mais sentir o sangue escorrendo pelo braço.

Com renovada determinação, ele foi em direção de William, cortando o ar entre eles. Mais uma

vez, girou, clamando, e desta vez ele conseguiu pegar a espada de William, cortando-a ao meio com a força de seu golpe. A ponta de sua própria espada saiu voando por causa do impacto.

Murmúrios assustados enchiam o ar sobre eles.

Com ambas as espadas destruídas e William de mãos vazias, Blaec colocou sua própria espada

de lado e foi atrás dele. Gritando em indignação, ele mergulhou nele, e com o impacto atirou-o para trás sobre o chão. Com um rosnado, Blaec fechou suas mãos sobre o pescoço de Beauchamp e começou a apertar.

Juntos eles rolaram pelo chão, cada um lutando para dominar o outro. Primeiro Blaec ganhou

vantagem, então William, apesar de Blaec ainda estar apertando seu pescoço, ficou tão feroz que mesmo quando Blaec estava por cima, ele quase não pode manter a vantagem. Ele tentou alcançar sua espada, mas com o esforço perdeu o equilíbrio.

Mais uma vez, Blaec rolou, puxando Beauchamp juntamente com ele e então montou nele. Seus

olhos queimavam de raiva, ele segurava o pescoço de Beauchamp mais apertado, pressionando o polegar para o meio de sua garganta, sentindo que a pulsação da vida dele batia contra sua carne.

Que Deus o ajudasse, mas seria muito fácil esmagá-la.

Tão fácil.

William tossiu, vomitando, com urgência, buscando ar, e naquele instante de hesitação, Blaec ouviu os gritos de Dominique atrás dele. No entanto, ele continuou a apertar até os olhos de William se arregalarem e seu rosto ficar escarlate e em seguida azul.

E ainda assim os gritos dela furavam seus ouvidos, levando-o a ficar distraído.

"Pare!" ela estava chorando. "Por favor — por favor, pare!" ela gemia em suas costas.

ELE TENTOU, mas não podia, tão feroz era a fúria dentro do seu corpo e da sua mente. William estendeu a mão, tateando e em seu desespero arrancou o capacete da cabeça de Blaec.

E ela continuava a gritar e seu grito pairava no ar.

Com um grito selvagem, ele largou a garganta de Beauchamp, incapaz de acabar com o bastardo

com Dominique testemunhando e gritando histericamente.

Caramba, mas ele não podia fazê-lo!

Xingando com nojo de si mesmo, ele prendeu a cabeça de Beauchamp em vez disso, batendo-a

repetidamente, ferozmente, contra o chão duro até os olhos de William rolarem para trás e em seguida, se fecharem, e então Blaec ficou de pé, xingando, ofegante.

Ele se virou para olhar Dominique, sua expressão assassina, e viu os homens do irmão dela, segurando-a enquanto ela lutava para se libertar.

Ele espiou o rosto dela novamente, e uma raiva potente, enchia as veias dele. "Tire suas mãos sujas dela!" ele lhes ordenou, e como um homem possuído, ele foi atrás deles, vingança queimando seus olhos.

Os dois se abraçaram, suas expressões alarmadas quando se separaram.

Mais uma vez Dominique começou a gritar, mas ele não conseguiu parar; ele continuou. Ele levantou a espada do chão com a intenção

de cortar o coração de cada homem que ousasse tocá-la.

Como uma louca, ela balançou a cabeça freneticamente, gritando e agitando os braços, e ele fez uma pausa, cambaleando por causa da reação dela. Pareceu por um instante que ela estava gritando porque estava com medo dele, e ele abanou a cabeça, incapaz de suportar.

Será que ela não entendia que ele fazia isso por ela?

"Não!" ela gritou seu rosto pálido, sem sangue. "Não! William! Não!" ela gritou e acenou seus braços, correndo em direção a ele, e naquele instante, Blaec entendeu.

Ele se virou e deu de cara com William Beauchamp.

William tinha conseguido se levantar, seu rosto estava inchado, e ele estava um pouco tonto, metade de sua espada estava no ar, e ele praguejava.

Blaec não teve nenhum momento de indecisão. Apertando sua mandíbula, ele pegou sua própria

espada em parte destruída e a levou em direção a William, colocando sua lâmina irregular com um

único golpe no peito de William. Ele ouviu o barulho de fragmentação das costelas, e ainda assim ele não se sentiu satisfeito. Com outro grito selvagem, ele empurrou o corpo de William para trás, fixando-o com toda a sua força no chão.

Por um instante ele assistiu a tudo com uma fascinação mórbida quando o sangue de William começou a se infiltrar no chão infértil, envenenando-o completamente.

"Tal pai, tal filho," ele cuspiu. "Só que desta vez eu estou vendo você morrer!" ele jurou. "Diante dos meus olhos vou ver você dar seu último suspiro, Beauchamp!" Com isso, ele mais uma vez, colocou o

peso do seu corpo para o impulso final, aprisionando o corpo de William no chão.

"A propósito," ele acrescentou com grande satisfação, "Eu menti." Ele queria que Beauchamp ouvisse a verdade antes de morrer, queria que ele se contorcesse no inferno, sabendo que ele não havia conseguido nada. "Graeham está vivo," ele disse com prazer, e então sorriu ferozmente.

Os olhos de William queimaram com ódio que combinava com os seus próprios olhos, embora

apenas por um momento e, em seguida, com um som borbulhante, sua cabeça caiu para trás com um

olhar vitrificado para o céu. Naquele instante, Blaec apenas sentiu uma satisfação sinistra, pois tudo o que importava era que o bastardo finalmente estava morto.

Ainda em seu estado selvagem, sua mente reconheceu que os gritos de Dominique tinham

finalmente terminado. Ele se virou para olhá-la e viu que ela estava nos braços de Nial. Nial a abraçava, olhando para ela em silêncio, seu próprio rosto totalmente inexpressivo, como estavam os dos homens à sua volta — assim como o seu próprio rosto e o de Beauchamp.

ENQUANTO ELE ESTAVA PARADO, percebendo o pleno impacto de suas ações — que ela tinha testemunhado o assassinato de seu próprio irmão, por suas próprias mãos — seu rosto ficou pálido.

Por que ele tinha lutado tanto para ganhar o que ele não podia ter? A velha pergunta voltou para

assombrá-lo.

Ainda assim ele não teve nenhuma resposta. Ele só sabia que não importava o que seu pai tinha

feito para ele; ele tinha procurado o amor de Gilbert até o fim, e quando ele morreu, ele lamentou —

tanto quanto qualquer outra pessoa.

E com esse conhecimento, outra pergunta o perturbava: será que Dominique poderia perdoá-lo?

32

Dominique não se lembrava quando ela tinha chorado tanto ou com tanta intensidade.

Embora ela dissesse a si mesma que tudo tinha terminado da única maneira que podia ter acabado, e que há muito tempo seu irmão tinha escolhido seu caminho, ainda assim ela sofria por ele.

E a culpa — a rasgava como punhais.

Quando os homens de William foram atrás deles, ela viu que eles iriam interferir, e então ela tinha lutado com eles descontroladamente, gritando para conscientizar Blaec da presença deles. Mas alertar Blaec do avanço fatal do seu irmão era outra coisa inteiramente diferente. Parecia ser a traição final.

Mesmo assim se ela tivesse que fazer tudo de novo... ela faria. Tão difícil quanto foi ver seu irmão morrer tão violentamente diante dos seus olhos, teria sido três vezes pior ver Blaec sucumbir à espada traidora do irmão dela. Por Deus, ela não poderia nunca ter suportado isso.

Eles tinham voltado para Drakewich imediatamente, chegando no início da noite, e Dominique

na mesma hora tinha se acomodado no quarto de Blaec. Ela tinha dormido durante a maior parte da

manhã e da tarde, cansada por suas emoções e também de fadiga. E então ela evitou a refeição da noite, pois ela estava sem apetite — cada vez que ela pensava na batalha sangrenta do dia anterior, ela sentia seu estômago se revolver.

Ela manteve a esperança de que Blaec viesse vê-la, pois ela não tinha energia para procurá-lo.

Por Deus, mas tudo o que ela desejava era que ele a abraçasse... mas ele não veio. Quando ela ouviu uma batida suave logo após o fim da refeição da noite, ela olhou com nervosismo para a porta, dizendo para a pessoa entrar, na esperança de ver Blaec.

Ela foi surpreendida ao se deparar com Graeham. Ele entrou, olhando para ela sem nenhuma preocupação, e seu coração se aqueceu ao vê-lo olhar para ela desta maneira.

"Não tenho nenhum desejo de incomodá-la," ele disse.

"Não," ela chorou, as lágrimas escorrendo por seu rosto. "Por favor, entre!"

Ele entrou, fechando a porta atrás dele, e Dominique observou a maneira que ele segurava o peito enquanto andava, uma careta em seu rosto enquanto ele ia em direção a sua cama. Culpa a atormentou mais uma vez, embora não tivesse sido ela que o tivesse ferido, mas seu irmão certamente era o responsável. Ela não sabia como ele podia suportar olhar para ela.

"Posso?" ele perguntou, acenando com uma mão para a cama enquanto se sentava.

Desta forma, ambos os irmãos eram parecidos — ambos faziam o que bem entendiam, mas

Graeham, pelo menos, parecia inclinado a pedir licença. Dominique engasgou-se com uma risadinha

cansada sobre a observação.

"Perdoa-me, senhor," ela disse, sentando-se para enfrentá-lo, "mas me parece que você já se sentou."

Graeham riu. "Meu irmão tem razão... Você é uma rapariga insolente".

As sobrancelhas de Dominique se uniram cabisbaixas. Seus cílios se abaixaram. "Ele disse isso, verdade?"

"Entre outras coisas," Graeham cedeu, os olhos brilhando. Ele suspirou, ela achou por causa da reação dela. "Eu vim, senhora Dominique, falar o que penso, e depois vou deixá-la em paz."

Dominique preparou-se, sabendo que ele tinha todo o direito de desprezá-la por tudo o que a

família dela tinha feito a sua. Alyss havia revelado tudo, tinha chorado com ela, segurado e acariciado o rosto dela, dizendo-lhe que a culpa não era dela... mas Dominique achava o contrário. "O

que é que você veio me dizer?"

"Duas coisas... entre elas uma estória simples," ele disse enigmaticamente.

Dominique viu seu olhar cauteloso. "Primeiro, gostaria de pedir desculpas pela forma que eu tratei você quando você veio para Drakewich..."

ELA MAL PODIA ESCONDER seu choque. Ela respirou profundamente, torcendo seu rosto e abanou a cabeça

veementemente. "Oh, não, meu senhor — por favor! Sou eu quem deve pedir o seu perdão! Eu

nunca quis..."

Ela evitou seus olhos, de repente e novamente balançou a cabeça, incapaz de falar as palavras.

"Nunca quis traí-lo com Blaec," ela terminou.

"Por Deus... você não teve culpa. Isso..." Ele balançou a cabeça, como se considerasse a melhor maneira de como proceder. "Você vê... isso é precisamente o que eu queria te dizer.

Dominique... você deve confiar em mim quando digo que nada aconteceu sob este teto que eu não estivesse inteiramente ciente."

Dominique franziu a testa sem compreender.

"Verdade," ele assegurou-lhe, "tudo passou como eu pretendia. Na verdade, é para você e Blaec que devo pedir minhas desculpas — e isso eu falo sinceramente — não havia nenhuma outra maneira

de realizar o que eu sentia que devia ser feito." Era a vez dele parecer agitado. Ele evitou seu olhar momentaneamente. "A verdade é que dadas as mesmas circunstâncias, eu faria tudo de novo. Ainda

—" o olhar dele encontrou e se fixou no dela "— seria tudo em vão se você não o amasse..."

Dominique sentiu as lágrimas começarem de novo. Ela abriu a boca para falar, mas ele levantou

a mão, pedindo-lhe para não fazê-lo.

"Antes de responder... permita-me dizer a segunda coisa que eu vim dizer."

Lágrimas nasciam nos olhos dela, Dominique assentiu com a cabeça, sentindo a emoção se erguendo como um nódulo na garganta dela. Ele não sabia? Ele não podia ver nos olhos dela o que

ela sentia por seu irmão? Ela estava perdida sem ele.

Ele sorriu cansado. "Era uma vez," ele começou com os olhos brilhando, "um homem e uma mulher que se apaixonaram profundamente... mas a mulher estava prometida para outro e eles não podiam amar um ao outro abertamente. E então o noivo da mulher foi morto na guerra, e a mulher

ficou livre para amar, a quem ela quisesse... e ela e o seu amor estavam livres para se casar. E foi isso que eles fizeram, e não demorou muito antes da mulher ficar grávida..." Ele continuou. "Ela teve filhos gêmeos. Um claro como seu pai e sua mãe... o outro escuro..." Ele engoliu visivelmente.

"Escuro como o noivo morto na guerra."

Dominique piscou entre lágrimas. "Blaec?" ela perguntou com a voz rouca, começando a compreender a história.

Graeham assentiu com a cabeça, e Dominique podia dizer que contar esta estória doía-lhe consideravelmente. "De qualquer forma... O pai dos rapazes ao mesmo tempo começou a contar os dias desde as suas núpcias e achou que era muito pouco tempo para a mulher engravidar. Ele achou

também, que os dias coincidiam com o último dia que a mulher tinha visto pela última vez o prometido, e embora ele a amasse... ele não conseguia parar de pensar. Mesmo que ela negasse veementemente, ele se sentia atormentado. Mas um filho, ele não podia negar, pois ele era muito parecido com ele. O outro..." Sua mandíbula se apertou. "O outro ele evitava."

Por um momento houve silêncio entre eles, pois Dominique não sabia o que dizer. "Ele nunca

aceitou Blaec?"

"Sabe a cicatriz que Blaec tem em seu queixo?" ele perguntou-lhe por meio de uma resposta.

Dominique assentiu com a cabeça.

"Foi feita por meu pai," Graeham revelou. "Blaec queria tão desesperadamente que nosso pai ficasse orgulhoso quando ele foi nomeado cavaleiro, e quando meu pai entrou em cena para lhe ministrar o título, os olhos de Blaec brilhavam."

Ele respirou fundo, fechando os olhos com a lembrança, e quando ele os reabriu, eles estavam

brilhando com as lágrimas. "Se meu coração estava cheio de alegria e orgulho porque meu pai finalmente ia aceitá-lo, Blaec estava perto de estourar. Meu irmão ajoelhou-se, os ombros em linha reta, a cabeça levantada, orgulhosamente, esperando pacientemente, incapaz de esconder o prazer nos olhos dele quando meu pai retirou a espada de sua cintura."

A MANDÍBULA de Graeham se mexia sem parar com a emoção dele revivendo o momento. "E então

meu pai levou seu braço para trás, e o golpeou com o punho — com toda a força do seu corpo. Por

Deus..." Sua voz trêmula. "Eu pensei que ele ia quebrar todos os ossos do rosto do Blaec. Blaec caiu para trás com o golpe e então, recuperou-se. Mesmo assim não fez nada, mas se ajoelhou novamente

diante de nosso pai, ainda se recuperando do golpe. Deus... ele se ajoelhou, sangue fluía de sua ferida e seus olhos estavam sombreados com dor enquanto eu assistia, mas ele levou aquele golpe como um

homem."

As lágrimas escorriam pelo rosto de Dominique. Ela não conseguia falar, imaginando ele espiritualmente, quebrado. "Ele mentiu para mim sobre a cicatriz," ela disse se engasgando com as palavras. "Ele mentiu quando perguntei..." O coração dela estava partido pelo menino que ele tinha sido — ela queria voltar no tempo e segurá-lo, e dizer-lhe que ela o amava.

Graeham assentiu com a cabeça. "Não me surpreende, pois ele nuncaalaria sobre isso." Ele sorriu tristemente. "Até você chegar, as emoções do meu irmão eram poucas. Ele não as mostrava —

nem raiva, nem alegria. No entanto, desde que você chegou aqui em Drakewich, eu vi os dois sentimentos em sua face... começando a partir do momento que você entrou pelo portão. Você devia

ter visto a cara dele... Sim, ele te ama, Dominique," ele disse. "Agora eu pergunto mais uma vez...

você o ama?"

Ela riu nervosamente, encolhendo os ombros. "Ele é um bruto dominador."

Graeham riu da resposta dela. "Engraçado você dizer isso, mas eu não te perguntei o que você

acha dele," ele debateu, "Perguntei o que você sente por ele..."

Dominique suspirou profundamente. "Sim," ela cedeu, seus olhos brilhando com as lágrimas que jorravam de seus olhos. "Sim,

Graeham... com cada pedaço do meu coração e da minha alma. Eu o amo."

Os olhos dele se fecharam. "Então você deve ir até ele, pois ele não virá até você. A filosofia de Blaec é que ele não deve perseguir o que talvez ele não possa ter. A não ser que um prêmio caia em seu colo, ele não conseguirá ver."

Dominique assentiu com a cabeça, e Graeham levantou-se para ir.

"Ele está no corredor abaixo se você for procurá-lo," ele revelou. "E agora, infelizmente, vou voltar para a cama mais uma vez." Ele piscou para ela, sorrindo maliciosamente. "Não quero que Alyss me veja de pé e decida não mais cuidar de mim."

Dominique sorriu. "Obrigada, meu senhor."

Ele ficou olhando para baixo por mais um instante e disse, "Vá até o meu irmão com a minha

bênção, senhora Dominique." Seus olhos brilharam mais uma vez. "Meu irmão dominador vai fazê-la feliz," ele a incitou, "diga o que está em seu coração. Ele receberá isso bem, garanto-lhe." Dito isso ele se virou para ir, deixando Dominique considerando suas palavras.

Mas ela não as considerou por muito tempo. Ela levantou da cama determinada, recusando-se a ter pena de si mesma por mais tempo. O que foi feito foi feito, e nada podia reverter o passado. E a última coisa que ela pretendia era perder também o homem que ela amava.

Não querendo que ele a visse com o rosto manchado de lágrimas, ela o lavou rapidamente e em

seguida escovou o cabelo solto, deixando-o fluir sobre seus ombros — não havia mais nada que ela

pudesse fazer com a massa desenfreada. E então depois de encontrar e acender uma vela, ela desceu

as escadas, travando bruscamente os pés para não cair.

Ela o encontrou facilmente, embora ele estivesse sentado no escuro, pois a sala estava deserta.

Os servos já tinham terminado seus trabalhos, e tinham se dispersado. Apenas uma tocha permanecia

acesa, apoiada sobre a parede; sua luz na sombra fazia formas torcidas em suas costas. Ele estava sentado desanimado, a cabeça em suas mãos, meditando.

Vendo-o ali, ela sentiu seu coração voltar a vibrar. Dominique não queria que ele sentisse a culpa, não queria mesmo. Ela queria colocar seus braços sobre ele e abraçá-lo, e acalmá-lo.

Ela queria correr até ele.

33

Ele a ouviu antes de vê-la.

Buscando o som, Blaec tirou a mão do rosto, colocando-a sobre o queixo, quando ele a viu chegando pelo corredor, o coração dele pareceu querer sair por sua boca. Como um anjo ela vinha

na direção dele, seu vestido marfim balançando sobre seus pés, uma vela acesa na mão. Ela colocou a mão dela sobre a chama, protegendo-a para que ela não apagassem, e isso refletiu em seu rosto.

Como na noite em que ele tinha feito amor com ela à luz de velas, ela congelou quando seus olhares se encontraram, parecendo que ela fosse correr se ele abrisse a boca para falar. Um brilho vacilante

iluminou os olhos dela e seu cabelo cor de cobre que fluía sobre seus ombros. Como a neve diante do calor do sol, seu coração derreteu-se dentro dele.

Ele engoliu, pois era a primeira vez que ele a via desde seu retorno a Drakewich. Por Deus, ele

temia olhar para dentro de seus olhos, pois não queria espiar o ódio e a repulsa que deviam pairar por lá.

Ele não poderia suportar.

Ainda assim ela se aproximava — embora ele pudesse espiar as provas das suas lágrimas no vermelho dos seus olhos e no seu narizinho rosa — ele não viu nenhum desses sentimentos, e o pulso dele começou a martelar como o de um jovem inexperiente quando ela veio perante a mesa do senhor.

"Dominique," ele começou, mas sua língua parecia muito pesada para continuar, e a boca muito seca para falar.

Eles ficaram se olhando, um para o outro por um momento — embora apenas por um breve momento, porque de algum lugar acima deles veio um som ímpio.

As sobrancelhas de Dominique se levantaram, e os lábios se curvaram nos cantos. "Parece que

Drakewich foi habitada por espíritos na minha ausência," ela disse atrevidamente.

Blaec riu baixinho, olhou para o teto, seus próprios lábios se curvando. "É Graeham..."

"E Alyss... Eu sei," ela disse, abaixando a cabeça e sorrindo.

Pela luz da vela, ele viu seu rosto ruborizar e a cor se espalhando por sua garganta e seus seios.

"Reconheço os sons," ela confessou, rindo baixinho, aprofundando o rubor de seu rosto. Ela encontrou seu olhar mais uma vez. "Na verdade... Quando eu era mais jovem, eu costumava acreditar que ela e William estavam brigando."

Blaec levantou uma sobrancelha. "Percebo por que," ele disse.

"E mais tarde... bem, para dizer a verdade sempre me espantou que alguém tão tímida e tranquila como Alyss pudesse ser tão violenta... er... fazendo amor..." Ela assentiu com a cabeça. "Bem, você sabe, meu senhor..."

Ele sabia, e riu por causa desse comentário. Ainda assim ele não compartilhava sua delicadeza.

Na verdade, o pensamento desta palavra despertou-o. *Ela o tinha despertado.* "Parece que meu irmão é um amante barulhento também..." Ele inalou agudamente e ficou sombrio de repente, balançando a cabeça. Ele inclinou-se na sua cadeira. "Todos esses anos... e eu nunca soube..."

"O quê"?

Ele balançou a cabeça, sabendo que Graeham não queria que ele compartilhasse seus assuntos privados, nem mesmo com Dominique. "Nada," ele se rendeu. "Nada importante."

E mais uma vez houve silêncio entre eles.

Dominique engoliu visivelmente e separou os lábios para falar. Ele esperou.

"Eu..." Ela olhou para fora, e depois de volta para ele, olhando um pouco desconcertada.

"Lamento por sua ferida," ela disse, finalmente, com seus olhos azuis tristes. "Está doendo?"

Blaec deu de ombros. "Não é nada." Sua voz amaciou seu olhar desanimado, tranquilizando-a,

"verdade... Alyss cuidou da ferida em menos de cinco minutos."

Ela olhou para a vela nas mãos dela, escondendo o rosto dele, ainda que só conseguisse revelar

o brilho de lágrimas em cima de seus cílios. Sua mandíbula se cerrou ao vê-las. Ele queria poupá-la de lágrimas o resto de sua vida.

"SIM... bem, acho que devo te agradecer por ter ido atrás de mim," ela disse, sua voz ligeiramente vacilante. "Apesar de eu não culpar você se tivesse me deixado lá." Olhos azuis se voltaram para ele.

"Eu nunca deveria ter ido."

O coração de Blaec sentia dor por ela.

Ela merecia coisa melhor. Bastardo! Ele criticou William silenciosamente. Deus... ele queria compensar tudo o que o filho da puta tinha feito para ela. "Desculpe-me, também," ele disse.

"Embora principalmente eu me desculpe porque você foi forçada a testemunhar a sua morte," ele disse com sinceridade. "Você pode me perdoar, Dominique?"

"Meu senhor, não há nada para perdoar. Eu sabia que alguém iria encontrar a morte," ela disse.

"Eu só rezava não fosse você."

Alívio sacudiu o corpo dele. Ainda assim, apesar das palavras dela o terem confortado, ele também se sentiu lesado, porque ela devia ter

sofrido nas mãos dele e por isso ela pôde absolvê-lo tão facilmente do assassinato do seu irmão? "Ele magoou você?"

Ela acenou com a cabeça de uma vez. "Só meu coração," ela admitiu com o olhar aflito. "Ele...

ele..." Seus olhos fecharam, e Blaec achou que lhe pouparia tristeza não contar nada agora. Ele podia ouvir outra hora... quando ela estivesse pronta para falar.

Caso ela não o deixasse. Ela não era obrigada a ficar. Stephen certamente a receberia como sua

protegida — aproveitaria a oportunidade, na verdade, para oferecer tanto Dominique quanto Amdel

para um homem de sorte.

E qualquer homem teria prazer em aceitá-las.

Sobre seu cadáver.

Ele cerrou os dentes. "Eu já sei, Dominique," ele disse suavemente. "Alyss contou-me tudo."

Ela assentiu com a cabeça e parecia estar lutando contra suas emoções. "Blaec," ela começou.

"Você não precisa dizer," ele tranquilizou-a.

Os olhos dela brilhavam com as lágrimas. "Eu te amo."

Ele fungou. "O que você disse?"

"Eu... Eu disse que te amo." Ela falou as palavras como uma criança em pé nas sombras, com medo do escuro.

Alegria rolou através dele como um trovão. Ele engoliu convulsivamente. "Você me ama?" ele perguntou, engasgando com a pergunta.

Dominique assentiu incerta, voltando a piscar com os olhos cheios de lágrimas.

Sua voz estava rouca com emoção. "Vem cá, Dominique."

Ela fez como ele ordenou, hesitando apenas um instante antes de rodear a mesa e parar ao lado

dele. Sem dizer uma palavra, Blaec removeu o castiçal da sua mão e pôs-o sobre a mesa, deslizando-o para longe do caminho deles. Ele então a levantou e a sentou sobre a mesa diante dele.

Ela ofegou em surpresa, mas fez apenas um pequeno protesto, porque ela estava um pouco confusa.

Ele fitou seus lindos olhos azuis e se dobrou para agarrar os tornozelos dela balançando-os diante dele. Embalando-os, ele alisou a carne dela suavemente com o polegar e em seguida transferiu-se para acariciar seus mamilos sob seu vestido, elevando-os ligeiramente no processo.

"Você sabe o quanto eu gosto de fazer isso desde a primeira vez que eu os vi expostos?" ele lhe perguntou, acariciando as pernas dela. "Você se lembra, Dominique... quando você pegou seu vestido rasgado?"

Dominique sentiu como se seu coração parasse com o seu toque. As suas carícias nunca deixaram de roubar sua respiração. Ela assentiu com a cabeça muda, seu coração tropeçando quando

ele moveu os dedos ligeiramente superiores.

"Agora repita o que você disse momentos atrás," ele exigiu docemente, "para ver se eu entendi bem..."

A RESPIRAÇÃO de Dominique se acelerou. Ele era escandaloso e dominador... e oh, tão forte... e ainda assim possuía um toque suave. "Por Deus, mas você é um bruto arrogante," ela disse.

"Eu sou?" ele perguntou. Ele levantou seu vestido para sua coxa. "E..."

"E eu te amo, mesmo assim," ela cedeu finalmente, franzindo a testa para ele enquanto ela se esforçava para abaixar o vestido dela. Ela bateu na mão dele por debaixo do vestido dela, rindo.

"Você é incorrigível," ela jurou veementemente.

Ele sorriu, piscando e seus olhos cintilavam diabolicamente. "Desde quando?" ele perguntou, abrindo as pernas dela de repente e colocando-se entre elas.

"Blaec!" ela engasgou e franziu a testa para ele, escandalizada porque ele tomava tais liberdades aqui no corredor. "Não aqui!" ela falou baixinho e olhou por cima do ombro dele.

"Ninguém está vendo, Dominique. De qualquer forma, só quero te abraçar," ele a tranquilizou, seu tom tão inocente como o de um menino quando ele envolveu seus braços sobre a cintura dela.

"Agora me diga, quando soube?"

Ela estremeceu dentro de seus braços, amando a sensação dele tão perto. Havia algo delicioso sobre a maneira como ele se aconchegava entre as coxas dela. "Desde o momento em que me apaixonei por você, é claro!" ela respondeu levianamente, entrelaçando-se os dedos dela dentro de seu cabelo sedoso.

Ele olhou para ela, persistindo, "E quando foi isso?"

Dominique suspirou ofegante, seu coração acelerado com sua proximidade. "Na floresta... Foi quando eu descobri," ela confessou, sua voz rouca e um pouco atrapalhada. Ele mordeu suavemente o peito dela e ela engasgou. "Você é um homem perverso, insaciável," ela o acusou, mas ela enrolava as pernas dela sobre ele.

Ele inalou bruscamente e puxou-a para baixo para se sentar no colo dele. Dominique gritou, rindo. "E você é uma provocadora," ele retornou, inclinando-se para colocar o calor de sua boca na dela. Parecia que quando seus lábios se encontraram, um coro tinha ecoado na cabeça de Dominique,

uma sinfonia de vozes celestiais que a deixavam surda e seu coração repleto de alegria.

"Fique comigo, Dominique," ele pediu, "seja minha noiva... por Deus eu amo você, também," ele murmurou contra a boca dela.

Quando ela ouviu sua jura de amor, o coração de Dominique floriu com uma alegria diferente

de todas as que ela já tinha conhecido. "Eu fico," ela disse, envolvendo seus braços sobre seu pescoço, abraçando-o, agarrando-se à promessa de suas palavras. "Apenas diga-me, meu senhor," ela se aventurou, "quando você soube?"

"Soube o que?" ele brincou.

"Que você me ama, é claro!"

"Oh... eu disse que te amo?" Ele olhou nos olhos dela, com malícia.

Dominique riu e bateu na sua nuca com a palma da mão aberta — e não tão suavemente. "Há alguns minutos!" ela repreendeu-o.

"Sim! Agora me lembro," ele disse, alcançando-a de volta e esfregando a cabeça dele. "Cuidado, demoiselle, que eu sou um

homem ferido!" ele acrescentou melancolicamente, mas riu ricamente.

Riso borbulhava nas profundezas de sua alma.

"Quando eu primeiro soube que te amava?" Ele repetiu a pergunta, suspirando. "Bastante simples." Ele sorriu, pegando a sua cabeça e segurando-a ainda mais perto. Ele apertou os braços sobre ela e baixou a cabeça, aninhando sua bochecha contra o pescoço dela, ouvindo o ritmo acelerado dele próprio. E por um instante ele apenas segurou-a assim, saboreando o prazer simples

de segurar a mulher que ele amava dentro de seus braços. Ele suspirou então e cedeu "lá, também, na floresta... era uma vez um beijo..."

Dominique perguntou arrogante. "Está certo que não foi antes?" ela perguntou suas sobrancelhas se levantando. "Graeham me disse que foi desde a primeira vez que você me viu."

ELE RIU SUAVEMENTE. "Ah... bem, ele sabe mais do que eu? Isso, eu temo, foi apenas uma dose saudável de luxúria."

Ela engasgou indignada, abaixando o lábio. "E como é que você sabe a diferença agora, meu senhor?" ela perguntou petulante.

"Simples," ele revelou com a voz rouca. "Porque eu ficaria contente em te abraçar assim, Dominique... o resto da minha vida." E então ele prosseguiu para provar sua teoria, embora ele tivesse outros projetos para esta noite.

E ainda assim ele a segurou contra a luz suave da vela que queimava a seu lado; duas figuras entrelaçadas, compartilhando a mesma batida de coração.

Ao longe, no topo da escada, na escuridão, duas figuras indistinguíveis assistiam a cena. E então, os dois sorrindo, viraram e

subiram os degraus da torre.

"Você trabalhou bem, meu senhor," uma pessoa sussurrou.

"Sim," a outra pessoa concordou. "E agora eu mereço minha recompensa..."

Havia um sorriso na voz feminina suave quando ela respondeu, "outra vez, meu senhor? Você ainda vai se matar."

"E morrer como um homem feliz," ele falou.

Um riso silencioso passou por eles, mesmo com seus ritmos acelerados para cima, deixando os

dois abaixo seguirem suas próprias buscas amorosas.

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby já figuraram em diversas listas de bestsellers, incluindo as do New York Times e do USA Today.

Conhecidos pelos enredos carregados de sentimento e humor e repletos de personagens imperfeitos, seus livros vêm recebendo elogios dos leitores e comentários entusiásticos da crítica. Tanya vive como marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais no norte de

Michigan.

Per maggiori informazioni:

[@tanyaannecrosby](https://twitter.com/tanyaannecrosby)

[tanyaannecrosby](https://www.tanyaannecrosby.com)

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com

Table of Contents

Title Page

Direitos Autorais

Dedicatória

Elogios ao livro

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Sobre a Autora

Document Outline

- [Title Page](#)
- [Direitos Autorais](#)
- [Dedicatória](#)
- [Elogios ao livro](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)

- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Sobre a Autora](#)